



BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

ELIZABETH ADLER

AUTORA DE VERÃO NA RIVIERA · ENCONTRO NA PROVENÇA · REGRESSO A ITÁLIA

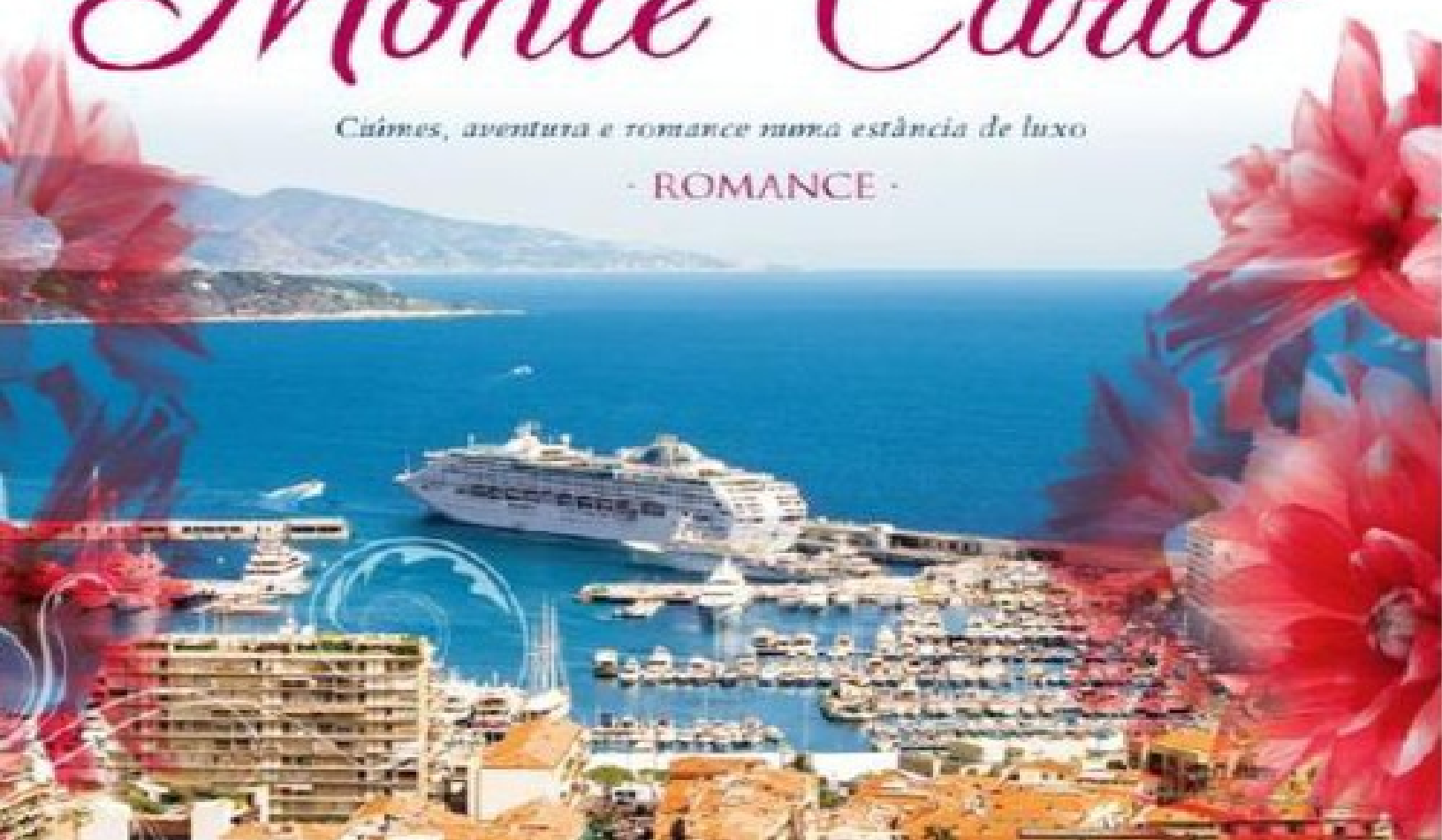
Intriga em Monte Carlo

ELIZABETH ADLER

100.000
LIVROS
VENDIDOS
EM PORTUGAL

Cúmes, aventura e romance numa estância de luxo

· ROMANCE ·





Ficha Técnica

Título original: It All Began in Monte Carlo

Autor: Elizabeth Adler

Tradução: Inês Castro

Revisão: Domingas Cruz

Capa: Maria Manuel Lacerda/Oficina do Livro, Lda.

ISBN: 9789897260704

QUINTA ESSÊNCIA

uma marca da Oficina do Livro — Sociedade Editorial, Lda

uma empresa do grupo LeYa Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide — Portugal Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Elizabeth Adler, 2010

e Oficina do Livro — Sociedade Editorial, Lda.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leya.com

www.quintaessencia.com.pt

www.leya.pt

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.

Para Richard

*A confiança é muitas vezes um sentimento descabido.
Como o amor.*

MAHA MONDRAGON

Prólogo

Paris.

24 de Dezembro.

Uma véspera de Natal fria. As luzes cintilam nas árvores sem folhas, as montras das lojas caras brilham com os seus tesouros. É quase hora de fechar quando o *Bentley* preto para à porta da joalharia da moda, La Fontaine. Saem três mulheres, envoltas em casacos de peles, botas altas, cabelos loiros compridos a ondular, óculos escuros, apesar de o crepúsculo ser já cinzento; malas grandes *Hermès*, sacos de compras de luxo.

Vendo-as caminhar pelo passeio, na sua direção, o guarda uniformizado repara que o *Bentley* já se encontra atulhado de mais sacos de compras. As mulheres aproximam-se a rir-se, cabeças juntas, rostos ocultos. Ele sorri-lhes e abre-lhes a porta.

Depois uma arma luzidia com silenciador comprime-lhe as costas.

Uma voz feminina ordena-lhe que entre sem pôr as mãos no ar. Com rapidez, as outras retiram armas de dentro dos seus casacos de peles. A arma crava-se mais contra a sua espinha.

— Anda normalmente — exige a mulher.

O guarda faz o que lhe dizem.

Na loja, as duas últimas empregadas estão já a arrumar, a verificar os expositores, arco-íris de luz a refletirem-se dos diamantes. Levantam as cabeças quando o guarda entra seguido pelas três mulheres. Suspiram, está a fazer-se tarde, é véspera de Natal e querem ir para casa, ter com as famílias. Mas vendas são vendas e mulheres como aquelas, endinheiradas e envoltas em casacos de peles, poderão gastar bastante. Mulheres tão ricas como aquelas comprem por impulso. E, afinal, é Natal.

O gerente ergue a cabeça, sorri. As empregadas cumprimentam: — *Bonsoir, mesdames. Bon Noël.*

Atrás do guarda, as outras duas mulheres apontam as suas armas. Atiram para trás os cabelos loiros compridos e revelam máscaras bizarras de Marilyn Monroe, lábios vermelhos repuxados no famoso sorriso. Uma delas dá um tiro na câmara de vigilância, outra monta guarda. A primeira ordena ao

gerente, de forma brusca, que abra os mostruários e o cofre. E depressa.

Ele hesita. O riso da mulher é abafado pela máscara.

— Não pense sequer no alarme, *monsieur*. Morreria antes de qualquer polícia aqui chegar. E tenho a certeza que quererá ver os seus filhos neste Natal. Afinal, o Pai Natal tem de trazer presentes para todos, incluindo nós.

O gerente apressa-se a abrir os expositores da loja bem como os que se encontram na montra. A primeira ladra cobre-o com a arma enquanto as duas empregadas aterrorizadas vacilam atrás dele, como se fossem fantasmas, a tremer. Os lábios de uma delas mexem-se numa prece. A mais nova enterra a cabeça nas mãos, incapaz de olhar.

A segunda ladra arranca as joias do expositor da montra, passando a mão pela caixa, empurrando anéis, brincos, pulseiras, colares deslumbrantes para uma grande mala *Hermès*. A terceira guia o gerente, com a arma, para o cofre.

Ele abre-o. Ela tira as joias, muitos diamantes não encastoados de muitos quilates. La Fontaine é famoso pela qualidade dos seus diamantes.

Agora todas as joias estão ou na grande mala *Hermès*, ou enfiadas num saco *Dior*, ou num saco de compras da butique Eres.

As ladras, com as suas máscaras, alinham o pessoal e o guarda atrás de um balcão. Duas caminham às arrecuas para a porta, armas apontadas. A outra mulher, a que manda, aproxima-se do pessoal aterrorizado. Aponta a arma para cada um deles, à vez.

— Deem-me as chaves da loja e os vossos telemóveis.

Obedecem. A ladra disfarçada para em frente da empregada mais nova. Fita-a durante um longo momento. A rapariga ergue a cabeça, encontra o olhar por trás da máscara. Rapidamente, a mulher levanta a arma e ouve-se um estalido de osso a partir-se na face da empregada.

— Cabra — diz ao afastar-se.

As três ladras saem com os seus casacos de peles caros e as malas de estilistas recheadas com o saque. A primeira mulher fecha a porta atrás dela.

O pessoal continua imobilizado, à espera de ver chegar o seu fim.

Lá fora, não as aguarda nenhum *Bentley*, mas uma carrinha cinzenta. As portas deslizam, abrem-se, as mulheres entram e a carrinha acelera, misturando-se com o trânsito da véspera de Natal.

O assalto demorou talvez uns cinco minutos. O saque valeu muitos milhões de dólares. Era a segunda vez que atacavam naquele mês.

1

Los Angeles. Véspera de Natal

SUNNY ALVAREZ embarcou no voo da Air France com destino a Paris.

Custara-lhe todas as suas preciosas milhas aéreas e uma grande quantia de dinheiro, mas se ia ser infeliz seria em primeira classe. Com estilo. E sozinha.

Não usava maquilhagem, nem sequer o elegante batom vermelho da praxe.

Óculos de lentes coloridas e sem armação ajudavam a disfarçar os olhos, inchados de chorar. Alta, esbelta e com uma cascata de cabelo escuro que lhe balançava por cima do rosto, parecia mais nova que os seus trinta e seis anos e, de algum modo, vulnerável. Vestia calças de ganga justas enfiadas em botas altas pretas de carneira da marca *UGG*, uma camisola de gola alta preta de caxemira, um casaco curto assertoado preto, que agora despiu e entregou ao comissário de bordo, antes de se atirar para o assento confortável de pele que se podia reclinar para mais tarde poder dormir estirada a todo o comprimento.

Se conseguisse encontrar o «sono» outra vez. O voo era longo. Onze horas.

Onze horas sem Mac Reilly.

O noivo era o famoso detetive da televisão com o seu programa próprio, *Os Mistérios de Malibu de Mac Reilly*, um homem bem-parecido naquela sua forma um pouco desgastada, descontraída, autoconfiante...

Não, raios! Mac era mais do que isso. Era *sexy*, atraente, com olhos azuis que olhavam para os seus com paixão quando fazia amor com ela... *Não!*

Deveria dizer quando faziam amor *juntos*. Porque fazer amor com Mac Reilly, a sensação das mãos dele no seu corpo, a forma como a pele dele se alisava sob as suas próprias mãos, a forma como a sua pele parecia fundir-se sob as dele, o choque elétrico que os lábios dele nos dela sempre lhe provocavam, como que fazendo uma ligação direta, criando-lhe tremuras por todo o corpo até não conseguir pensar senão em sexo, sexo com ele...

Conhecera Mac numa festa de imprensa para o dito programa televisivo. Ele contara-lhe que reparara logo nela na outra ponta da sala. «Como podia

deixar de notar, com essa indumentária?» fora o que na realidade dissera.

Vestia na altura uma camisola de gola alta preta, uma minissaia branca minúscula e as botas da moto, tipo rapariga durona, porque viera a guiar a sua *Harley*. Mac batera-lhe ao de leve no ombro e ela vira-se a olhar para um tipo vigoroso de calças de ganga e *T-shirt*, cujos olhos de um azul intenso a admiravam como se fosse a melhor coisa que vira a noite inteira.

Perguntara-lhe como se chamava e ela dissera que sabia quem ele era. Nenhum deles estava a beber porque iam guiar, mas ambos tinham tido aquela sensação extasiada de se acharem noutra planeta onde até o barulho da festa parecia de repente abafado. Mais tarde, Mac contara-lhe que reparara em primeiro lugar nas suas botas pesadas e Sunny explicara que reparara nos braços muscudos dele e que desejara logo que ele a abraçasse ali mesmo, não interessava quem estivesse a ver.

Claro que eram opostos completos: Mac subira a pulso das ruas de Boston e da envolvente criminal de Miami até chegar a detetive privado e à personalidade televisiva que era agora; e ela fora a criança selvagem, meio latina, que crescera num rancho, bela, muito inteligente e meia desmiolada, mas neste momento com um curso de gestão de Wharton e determinada a ser uma mulher independente.

Fora, como tinham dito um ao outro tantas vezes, amor à primeira vista.

Olhares que se cruzavam nas duas pontas de uma sala ou talvez um pouco mais perto.

E era assim que as coisas eram. E tinham sido. Até agora.

Para! Sunny endireitou-se na sua cadeira de avião, empurrou o cabelo comprido e escuro para trás, apanhou-o num rabo-de-cavalo com um pauzinho de madeira e aceitou o copo de champanhe que o comissário de bordo lhe oferecia.

Fitou o copo que tinha nas mãos sem na realidade o ver. Já não era a noiva de Mac. Estavam juntos há quatro anos e deveriam casar-se no próximo mês, mas ele alterara de novo os planos. Mac também concordara que se casariam no ano anterior e umas duas vezes antes disso. Sempre que a ocasião se aproximava, surgia qualquer outra coisa.

Outro mistério que tinha simplesmente de aceitar. Não conseguia dizer que não.

Exceto, ao que parecia, a Sunny.

Desta vez fora a última gota, ela até já comprara o vestido, creme, branco

não parecia tão bem no inverno. E de renda, embora não fosse por norma uma rapariga dada a rendas. Elegante, justo ao corpo bastante perfeito, pois, mesmo sendo ela a dizê-lo, *era* um bom corpo.

Um corpo *fantástico*, fora o que Mac sempre dissera.

Sunny esticou as pernas compridas nas botas confortáveis de carneira, pelo joelho, fitando-as, mas, de novo, não as vendo. Estava a observar o anel de noivado com o diamante cor de rosa em forma de coração que deixara em cima da almofada de Mac, acompanhado de um pequeno bilhete de despedida. *Vou deixar a tua vida*, escrevera. *Não há lugar para mim, só para o teu trabalho.*

Boa sorte. Assinara-o apenas com a inicial S.

Ouvira-se um ganido na mala *Vuitton* para cães. Olhou para a pequena *chihuahua*, a espreitar para fora com ar pesaroso. *Tesoro* pesava quilo e meio.

«Um demónio de quatro patas», chamava-lhe Mac e tinha razão, a *chihuahua* já lhe ferrara os dentes e as garras em muitas ocasiões, além de intimidar o próprio cão de Mac, o rafeiro maltrapilho só com um olho e três pernas que Mac adorava e cuja vida salvara e que dava pelo nome de *Pirate*.

Fora a rixa de *Tesoro* com *Pirate* que impedira Mac e Sunny de viverem juntos, embora agora Sunny pensasse que talvez até tivesse sido bom. Deixar uma casa que tivessem partilhado, a casinha excêntrica de Mac na praia de Malibu, teria sido duas vezes mais difícil.

Preparavam-se para a descolagem.

Prendeu *Tesoro* na sua mala num assento adjacente, recostou-se para trás, sentiu o esticão quando o avião descolou.

Acabara-se. Partira.

Uma lágrima gotejou-lhe pela face. Ia a caminho de Paris. *Sozinha.*

2

— FELIZ NATAL.

O homem à sua esquerda erguia o copo numa saudação.

— É véspera de Natal, sabe? Mesmo com as nove horas de diferença horária ainda é véspera de Natal em Paris.

Sunny assentiu de forma distante. Não queria conversar. Naquele momento nem sequer conseguia falar com um amigo, muito menos com um desconhecido.

Fora-se embora por impulso, comprara o bilhete de avião *online*, enfiara algumas coisas numa mala, acondicionara *Tesoro*, deixara o bilhete para Mac, apanhara um táxi para o aeroporto. Não fazia ideia de para onde iria quando chegasse a Paris.

Assaltou-a uma onda de pânico. Quis sair do avião, voltar para Mac. *Não sabia como ser «Sozinha».*

Controlou-se. O homem ainda olhava para ela, com um sorriso impreciso nos olhos. Sunny conseguiu dizer «Obrigada.

Feliz Natal para si também», mas os lábios pareciam perros, como se não estivesse habituada a falar. Bebeu um pequeno gole de champanhe num esforço para os descolar.

— Vai passar o Natal em Paris?

Aquele tipo não desistia. Será que não percebia que ela não queria falar?

— Não — mentiu.

— Eu também não — retorquiu o homem, sorrindo e esticando as pernas compridas.

Parecia tão à vontade, tão confortável consigo próprio e com a sua vida que Sunny, de repente, detestou-o.

Examinou-o pelo canto do olho, por trás dos seus óculos *Silhouette* de tonalidade cor de âmbar e sem aros. Era atraente.

Alto, corpo anguloso, cabelo de um loiro-escuro que caía como seda por cima de olhos escuros. Seriam azuis ou castanhos? Cor de avelã, talvez? Não conseguia perceber por causa da sombra que deslizava sobre eles. Nariz forte, boca cheia, uma boca *sexy*, não estava assim tão acabrunhada que não fosse

capaz de reparar nisso. E onde teria arranjado aquele bronzeado? Não na Califórnia naquele inverno, isso de certeza. O tempo estivera frio e húmido.

— Demasiado frio para Paris — disse o homem. — Estão a prever neve.

— Neve? — repetiu Sunny, espantada.

Pensara em «frio» talvez, mas não «neve».

— Para si não há problema, no entanto, está vestida para isso.

Sorria, a olhar para as botas dela.

Sunny adorava aquelas *UGG*. Era como se fossem as pantufas mais quentes e mais cómodas, a pele de carneira enrolada à volta dos dedos dos pés entorpecidos de forma tão suave, tão terna. Raios, nunca mais usaria outra coisa senão aquelas botas. Nem sequer as novas, deslumbrantes, que comprara na semana anterior, a antecipar uma série de festas de Natal, diversão e alegria; uma árvore; uma lareira acesa; talvez até um beijo debaixo do azevinho.

Não ponderara no que fazer mal chegasse a Paris. Nem sequer marcara um hotel, não pensara nisso. Entrar no avião fora só o que conseguira fazer.

Bem, agora tinha outras dez horas para resolver as coisas.

O desconhecido aceitou um segundo copo de champanhe que o comissário de bordo lhe oferecia junto com uma pequena bandeja de *hors-d'oeuvre*.

Sunny fez o mesmo.

Um grande gole de champanhe não a fez sentir-se melhor. De novo pelo canto do olho, viu que o homem a fitava, o sorriso divertido a repuxar-lhe agora os cantos da boca. A boca *sexy*, pensou com amargura. Porque havia de ter uma boca *sexy* que lhe recordava Mac?

Porque não poderia ter sido um homem de negócios normal com o nariz enterrado nalguns documentos importantes que tinha de ler para uma conferência no dia seguinte em Paris?

Oh! Esquecia-se. Amanhã era dia de Natal. Os «homens de negócios» já se encontravam em casa com as famílias.

Porque não estava *este*?

— Vejo que gosta de champanhe. — O homem bebeu um pequeno gole do seu copo quase cheio. O dela já ia pela metade.

— Às vezes — retorquiu com brusquidão.

Ele suspirou, mas o seu sorriso alargou-se.

— É uma bebida para festividades.

Talvez possamos celebrar o Natal juntos?

Sunny não respondeu e ele encolheu os ombros, olhando em volta. Só havia mais duas pessoas em primeira classe; um casal, com as cabeças coladas, a vários lugares de distância. Sunny ouvia-lhes o riso baixo. Tentou desligar os ouvidos para não o escutar. Não era justo que eles fossem felizes e ela se sentisse a morrer por dentro.

— Calculo que vá a caminho de casa, para junto da sua família? — perguntou, emborcando a outra metade do copo de champanhe. Desejou de imediato não ter feito uma pergunta tão pessoal. Mas tinha. Bem, que diferença fazia?

— Não. Estou sozinho nestes dias de férias.

Fitou-o, a sério, pela primeira vez.

Ele devolveu-lhe o olhar, solene.

— Eu também — retorquiu.

Pressentiu que, como ela, aquele homem possuía uma história atrás dele que não lha ia contar. E ela também não.

Encontravam-se num voo de onze horas para Paris; temporariamente, o resto do mundo não existia. Naquele momento, já não se achava «Sozinha».

Tesoro ganiu na sua mala transportadora e Sunny puxou-a para fora. Apertou a minúscula cadela castanha, beijou-a com ternura, sorrindo pela primeira vez ao dizer: — Chama-se *Tesoro* e é bastante feroz.

— Aposto que é.

O homem estendeu as mãos e Sunny passou-lhe a pequena cadela com o coração na boca, pois conhecia a tendência de *Tesoro* para uma mordidela rápida. O homem levou a cadelinha ao rosto, olhos nos olhos. *Tesoro* nem sequer se retorceu. Não ganiu. Não latiu.

O homem pousou-a no seu colo e ela enroscou-se, cauda passada por cima de um pequeno flanco, a fitar Sunny como se dissesse: bem, o que esperavas?

Deixaste-me naquela estúpida mala durante uma hora e agora este homem está a dar-me imensa atenção.

Talvez devesse aprender alguma coisa com a cadela, pensou Sunny, fitando o homem com novo respeito.

— Vamos apresentar-nos? — perguntou ainda a olhar para ele.

Ele sorriu.

— Trate-me apenas por Príncipe Encantado.

Sunny percebeu que sorria também.

Um sorriso aguado, mas ainda assim um sorriso.

— Nesse caso, eu devo ser a Princesa — respondeu.

Não pensava em Mac há pelo menos três minutos.

3

Malibu. Véspera de Natal

MAC REILLY ainda se encontrava no grande estúdio de televisão, tipo hangar, em Santa Monica, na Califórnia.

Sabia que as lojas fechavam cedo na véspera de Natal e ainda não comprara um presente para Sunny. Ou meia dúzia de presentes, que era o seu estilo habitual. Adorava amimá-la com o inesperado. Não se lembrava com exatidão do que lhe comprara no Natal passado, mas recordava-se de se sentir muitíssimo tentado por um belo gatinho siamês, oferecido por um criador bastante conhecido. A imagem *online* mostrara uma pequena beldade em tons creme e chocolate com olhos enormes de um azul-claro tão brilhante que ele, amante de cães, se apaixonara. Por fim, porém, fora obrigado a ser prático. O seu cão, *Pirate*, sem dúvida que se teria apaixonado também pelo gatinho, mas quanto à *chihuahua*... nem pensar.

Tesoro faria frente a um urso se este se aproximasse de Sunny. Um pouco como o próprio Mac. Acabara por lhe comprar brincos de diamantes, tão pequenos e delicados como as belas orelhas dela.

À tarde, depois da escolha e da compra do presente terem sido, esperava, completadas com rapidez, Sunny e ele iriam até ao parque de estacionamento de Malibu onde vendiam árvores de Natal e onde, sem dúvida, ela escolheria, como sempre acontecia, uma árvore tão alta que ele juraria não caber na sua pequena casa. E, como sempre, teria razão e acabaria por serrar o topo da árvore que Sunny amarraria então ao corrimão do deque que dava para a praia e transformaria numa miniárvore de Natal com luzes de muitas cores, nada dessa coisa afetada de tudo branco para a sua namorada, e sempre com uma estrela em cima improvisada a partir de papel de alumínio. A seguir iriam ao supermercado buscar o peru com todos os acessórios; ele poria uma carga de lenha no carro e, na loja de vinhos, escolheria uma garrafa de *Porto* para depois do jantar, porque, de alguma maneira, isso parecia-lhe sempre muito natalício.

Mais tarde, aconchegados debaixo de cobertores lá fora no deque com os cães, que, esperava, estariam satisfeitos e a depenicar os ossos que Sunny

pedira no talho, partilhariam uma garrafa de champanhe. Pendurariam as meias por cima da lareira, as meias dos cães também. E, quando o relógio batesse as doze, assinalando o início do dia de Natal, beijar-se-iam. Um beijo de amor profundo porque sabia Deus que a amava e sabia que ela o amava. Iriam para o quarto e aninhar-se-iam por baixo do edredão de penas, que a deixava sempre com frio e o fazia suar a ele, e ou fariam amor ou adormeceriam nos braços um do outro. Ou se calhar ambas as coisas.

Um sorriso iluminou o rosto de Mac ao pensar nos prazeres que aí vinham.

Mal filmassem aquelas últimas cenas.

Não percebia porque não podiam ter terminado no dia anterior, mas, de algum modo, parecia ser sempre a mesma coisa.

Olhou para o *set*, mas ainda estavam a deslocar coisas e o realizador encontrava-se mergulhado numa conversa e troca de opiniões com o tipo da iluminação, todos amigos de longa data de Mac e todos, sabia, tão ansiosos por sair dali quanto ele. Entediado, consultou o *e-mail*. Nada de importante, o que significava nada da parte de Sunny.

Mac entendia que Sunny ficara muito perturbada com a questão de adiar o casamento, «mais uma vez», como dissera num tom meio incrédulo, meio entristecido, de uma forma que lhe trespassara o coração, mesmo que estivesse a tentar fazê-la compreender que tinha compromissos com todas aquelas pessoas que contavam com ele para a manutenção dos seus próprios empregos, bem como com as que tinham assassínios por resolver ou desaparecimento de seres amados e que precisavam dele para conseguirem alguma paz de espírito. Só que desta vez Sunny não se importara com a paz de espírito de outras pessoas e, lá no fundo, Mac sabia que o que ela dissera era verdade.

Ele simplesmente nunca conseguia dizer que não a alguém que precisasse da sua ajuda.

A palavra Paris chamou-lhe a atenção nos títulos noticiosos. *Paris*. Um sítio que, no ano anterior, os deliciara aos dois, Sunny e ele. Recordou o quarto no Ritz que ela conseguira que o diretor do hotel lhes reservasse quando Paris se encontrava esgotada; a cama deslumbrante, a banheira para dois, o corpo belo dela, o seu exuberante cabelo comprido e escuro, húmido do chuveiro onde tinham feito amor... Mas este *flash* noticioso não tinha a ver com a Paris dos dois. Tinha a ver com um assalto temerário a uma joalharia

da moda, três loiras com máscaras e um ato sádico de violência que deixara uma jovem empregada de loja com o rosto partido.

O assistente chamou-o de volta ao *set*.

«Mais outra meia hora e terminamos, meu», disse-lhe com um sorriso agradecido e, esquecendo Paris e o roubo, Mac regressou ao trabalho. Meia hora e ficaria livre para fazer as suas compras, livre para estar com Sunny no Natal. Talvez naquela noite, depois do jantar, até vissem a reposição de *White Christmas* na televisão. Ou o título do filme seria *Holiday Inn*? Bem, era aquele em que Bing Crosby diz qualquer coisa do género, « *Okay*, miúdos, vamos montar um espetáculo» e salva a velha estalagem da bancarrota. Era um dos seus favoritos, e de Sunny também, quase sabiam os diálogos de cor. Viam-no juntos todos os natais e sabia que este ano não constituiria exceção.

4

Véspera de Natal

O ZUMBIDO BAIXO DOS MOTORES do avião era afogado pela voz de Leonard Cohen nos auscultadores do *iPod* de Sunny, meio a cantar, meio a dizer a sua história de amor perdido; amor recordado; amor que nunca seria recuperado. Sunny cantava em silêncio com ele. Sabia todas as letras de todas as suas canções dos tempos de faculdade quando ele fora a alma gémea de todas as raparigas que conhecia.

Todas tinham sentido o que ele sentia, tinham tido desgostos como ele, saído do desespero do amor para o júbilo do amor. Leonard Cohen era, tal como Van Morrison e, para as que estudavam francês, como Serge Gainsbourg, o seu favorito. Conhecia-as. Compreendia-as.

Porquê, perguntavam todas, nunca tinham encontrado um homem como Leonard Cohen?

A canção era «Dance me to the end of love». Quando terminou, passando com mansidão para «Chelsea Hotel No. 2», Sunny abriu os olhos e ficou chocada por ver de repente os do seu atraente vizinho, o Príncipe Encantado.

— Leonard Cohen é maravilhoso — disse ele. — Quando canta parece um velho amigo.

— Também sente isso? — Sunny estava espantada.

Depois percebeu que, se ele conseguira ouvir, o *iPod* devia ter estado demasiado alto. Ele abanou uma mão, não atribuindo qualquer importância à questão.

— Não há problema — retorquiu com aquele sorriso suave. — Só apanhei uns acordes e, de qualquer maneira, gostei.

O comissário de bordo dispôs umas pequenas mesas à frente deles e cobriu-as com toalhas de linho de um azul-acinzentado pálido.

Uma jovem assistente de bordo, elegante na sua blusa também de um azul-acinzentado e saia direita azul-escuro, com um pequeno lenço

estampado atado com desenvoltura ao pescoço, ofereceu mais champanhe, que Sunny teve a sensatez de recusar. Preferiu examinar a lista de vinhos. Já lhes tinham oferecido a ementa e já haviam escolhido.

Agradeceu aos céus por não estar a viajar na Delta, porque sabia que não teria conseguido declinar o gelado deles. O gelado, salpicado de vários extras e com molho de chocolate, mais nozes e natas e qualquer outra coisa que lhes apetecesse despejar em cima poderia ter aliviado algum do sofrimento pelo menos durante os cinco minutos que teria levado a devorá-lo.

Em vez disso, provou o *Borgonha* branco que escolhera.

Era espantosamente bom e, sem querer, a sua mente voou para Mac, um homem que apreciava bom vinho.

— Esta coisa das bebidas está a tornar-se um hábito — disse ao Príncipe Encantado, que beberricava um *Bordeaux* tinto que devia com certeza ter sido destilado a partir de rubis muito antigos e muito preciosos. — Vou sair a cambalear deste avião.

A risada dele iluminou-lhe o rosto todo. Sunny pensou outra vez onde teria sido que ele arranjava aquele bronzeado.

— Não se preocupe. Eu seguro-a. — Atirou-lhe um olhar traquina. — Pode dar jeito estar um pouco tocada — acrescentou. — Bem, durante um dia.

Porque é só o que isto é, não?

Sunny ficou a pensar no que ele queria dizer.

— Suponho que sim. — Mostrou-se prudente. — Em geral não bebo, sabe?

Quero dizer, não sou o tipo de pessoa que bebe — acrescentou, sentando-se mais direita, com formalismo, querendo que ele percebesse que não se comportava sempre daquela maneira.

— Ei, um par de copos de champanhe, um par de copos de vinho, onze horas...

— Três — corrigiu-o. — Três copos de champanhe. Bebi um na sala de espera.

Ele sorriu.

— Okay, você é que está a contá-los.

Bebeu outra golada do *Borgonha* branco, dizendo consigo própria que era demasiado bom para se beber às goladas, mas, que diabo, o Príncipe Encantado tinha razão. *Onze horas era muito tempo. Onze horas sem Mac.*

Onze horas sozinha... oh, Deus...

— Onde arranhou esse bronzeado? — Mais uma vez, as palavras voaram-lhe da boca para fora. Não devia ter feito uma pergunta tão pessoal; ele era um desconhecido e era óbvio que se queria manter assim.

O Príncipe Encantado ergueu o copo, tocou no dela num brinde silencioso; bebeu um gole.

— Na realidade, Taiti. Uma semana na praia.

— Sozinho?

Merda, voltara a fazer a mesma coisa.

Mas as palavras dele tinham-lhe trazido à cabeça a imagem de uma praia comprida de areia branca fina, uma baía azul tranquila, o ruído leve de ondas minúsculas, o calor suave do sol, a macieza de corpos a brilhar de protetor solar e o aroma doce de suor e sexo.

Aquilo surgira-lhe simplesmente na mente sobrecarregada.

— Princesa, vou confessar-lhe. Sim, estava sozinho.

Pela primeira vez, Sunny percebeu que o Príncipe Encantado tinha um ligeiro sotaque. Não era de certeza americano.

— Por opção? — perguntou, agora com mais ousadia.

— Sem dúvida que por opção.

Sunny permaneceu em silêncio enquanto o comissário de bordo servia o primeiro prato.

— O vinho tinto não vai combinar com o salmão fumado — afirmou depois, mirando o prato dele.

— Então vou ter de provar o seu branco.

Estava a fitá-la nos olhos, um olhar íntimo. E ela correspondia. Caramba! Estaria maluca? O que estava a fazer!

Ele sorriu.

— Não vou pô-la à prova — disse chamando o comissário de bordo e pedindo o vinho branco.

— Como sabe se vai gostar?

— Se aprovou, então também vou gostar.

O sorriso de Sunny surgiu por fim.

— Sabe que mais? — Inclinou-se, tocou com a mão na manga da camisa dele, uma manga de camisa de um algodão azul, enrolada de forma a mostrar um antebraço bronzeado com uma camada de pelos dourados. — Gosto de si.
— E ambos se riram.

O Príncipe Encantado disse: — Na realidade, confessarei outra coisa. Oh, oh, agora ia revelar um segredo, contar-lhe tudo; no final de contas, era apenas um *flirt*, estava a atirar-se a ela.

Sunny cortou um bocadinho do salmão fumado, mastigou-o com lentidão e forçou-se a engolir. Porém *tinha* de lhe perguntar.

— O quê?

— O quê, o quê?

— O que vai confessar agora? Que é o assassino do machado? Uma estrela de cinema? Uma lenda do *rock* de que nunca ouvi falar porque sou demasiado jovem?

O riso dele ressoou alto, fazendo com que o casal à frente virasse as cabeças.

— Na realidade, ia confessar que estou apaixonado.

Sunny baixou os olhos para a comida não desejada. O que lhe interessava que ele estivesse apaixonado? Era apenas um colega de viagem, encurralado ao lado dela num voo de onze horas.

— Com quem? — inquiriu.

— Quer dizer «por quem»?

O Príncipe Encantado terminou o seu salmão. Pousou o garfo e a faca com cuidado no prato no ângulo correto e depois bebeu um gole do *Borgonha* branco. Empurrou para trás o cabelo loiro-escuro, muito liso e ligeiramente comprido de mais e voltou a fitá-la nos olhos.

Sunny encolheu os ombros com indiferença exagerada.

— Está bem então, *por* quem?

— Na realidade, estou apaixonado por Paris.

— Está?

— Sem dúvida.

— *Na realidade*, sem dúvida.

— Quê?

— Diz muitas vezes *na realidade*.

Ele assentiu.

— Na realidade, tenho a certeza que sim. É um hábito, mas desta vez parecia adequado à situação.

O comissário de bordo retirou os pratos, serviu um pouco mais de vinho, trouxe novas garrafas de *Evian*, sorriu-lhes, perguntou-lhes se tinham tudo o que precisavam, se estavam confortáveis.

Depois de ele se ir embora, Sunny, com uma estranha palpitação de alívio, perguntou ao Príncipe Encantado, *porquê* Paris?

— Porque é simplesmente a cidade mais bela do mundo. Sobreretudo na altura do Natal, a brilhar ao escuro e ao frio, como uma mulher envolvida em crepes negros e a cintilar de diamantes.

— Então é um romântico?

— Com certeza.

— Sempre pensei que era difícil bater Nova Iorque no Natal, mas também nunca tentei Paris. — Depenicou a salada à sua frente, beberricou o vinho que deslizava como se fosse néctar. Quem diria que uma companhia aérea servia vinho tão bom? — Vivi em Paris durante um par de meses quando era muito nova — acrescentou. — Uma sabática da faculdade. Mas depois tive de enfrentar a realidade e ir trabalhar.

— Não tenho permissão para lhe perguntar o que faz? — Não tocava na sua salada, observava-a.

— Não, mas vou dizer-lhe. Trabalho em relações públicas. Vender pessoas ao público, se quisermos ver as coisas dessa forma. Ou, pelo menos, vender o que elas fazem. Atores, artistas, qualquer pessoa a necessitar de uma imagem, um estímulo público da sua autoconfiança. *Na realidade* — ofereceu-lhe um sorrisinho dengoso induzido pelo vinho —, estive em Paris no verão passado. Também acho que é a cidade mais bela. — Fez uma pausa, a pensar naquilo e acrescentou com tristeza. — Quando estamos com alguém que amamos.

O rosto do Príncipe Encantado mostrou compreensão solene, mas não disse nada.

— Esta viagem foi um impulso do momento. — Sunny escondeu rapidamente a sua tristeza. — Decidi apenas que precisava de ver Paris... Atirei algumas coisas para uma mala, arrumei a cadela, comprei o bilhete *online* e fui diretamente para o aeroporto.

— Sem sequer parar para pensar?

— Sem sequer parar para pensar.

— Às vezes é melhor assim. E sabe onde vai ficar, em Paris?

As saladas foram substituídas por um risoto de cogumelos.

— Por favor, não pense que lhe estou a pedir para me dizer onde, Princesa — acrescentou apressadamente. — A sua privacidade é completa.

Lágrimas súbitas brotaram dos olhos de Sunny quando recordou Mac e o

Ritz, a vista dourada dos telhados de Paris no verão, da janela do quarto, a grande cama, a história do estranho colecionador de arte que investigavam juntos, o delicioso restaurantezinho mais tarde, com a comida fantástica, depois o passeio de regresso ao hotel através das ruas estreitas e *boulevards* orlados de árvores e, oh, Deus, toda a magia que era Paris e o amor. E agora estava Sozinha e não sabia como lidar com *Sozinha*.

O Príncipe Encantado pegou-lhe na mão. Não tentou estancar-lhe as lágrimas, não se atarantou nem lhe disse para não se preocupar que tudo ia ficar bem. Esperou apenas.

Passado um bocado, Sunny enxugou o rosto com o guardanapo.

— Desculpe — disse.

— Compreendo. Mas, Princesa, deixe-me perguntar-lhe uma coisa. Acha que Paris é o sítio ideal para si agora? Está frio, vai nevar, a cidade inteira vai parar. Ficarà encurralada num hotel qualquer, os seus *bistros* favoritos estarão fechados, não acontece nada em lado nenhum, toda a gente está com as famílias.

— Oh, céus. — Parecia tão deprimente.

Sunny lançou-lhe um sorriso aguado.

— Há sempre Monte Carlo — retorquiu ele, apertando-lhe a mão.

Porém, não se estava a atirar a ela, era mais uma coisa tipo consolo.

Sunny lançou-lhe um súbito olhar desconfiado.

Porque não se estava a atirar a ela?

Estaria com um aspeto tão horrível que nem sequer se sentia um bocadinho atraído por ela?

— Monte Carlo?

— Na realidade, está mais calor na Riviera, existe mesmo uma forte possibilidade de o sol brilhar. Os hotéis são bons, a comida é maravilhosa e com toda a probabilidade vai encontrar boa companhia, pessoas que também querem escapar durante um tempo.

— Monte Carlo — repetiu Sunny.

Recordou o Sul de França, como fora maravilhoso no ano anterior com Mac e aquele grupo de inadaptados internacionais que se tinham tornado seus amigos. Mac e ela quase se tinham casado lá. Certo, era a história da sua vida! Não fora *ela* que o recusara daquela vez? Mesmo assim, talvez o Príncipe Encantado tivesse razão, Paris estaria fria e deserta. Tal como ela.

Monte Carlo estaria animado, cheio de pessoas e distrações que poderiam

até fazer com que uma mulher deixasse de pensar nos seus problemas.

— *Okay*, vou pensar nisso — disse com cautela.

— Deixe-me então ajudá-la com a reserva de um hotel num sítio que conheço. — O Príncipe Encantado ligou o portátil. — Só uma coisa. Preciso de saber o seu nome.

Assim, Sunny disse-lho, mas não lhe perguntou o dele.

Queria que permanecesse, muito simplesmente, o «Príncipe Encantado».

Bem, com todo aquele vinho, a angústia e o seu coração partido, no avião obscurecido, Sunny sentiu que os olhos se fechavam. Logo adormeceu. Só queria esquecer.

5

Malibu. Véspera de Natal

ERA AINDA APENAS HORA DE ALMOÇO

e Mac Reilly encontrava-se sozinho. O bilhete de despedida de Sunny estava amachucado no seu bolso, tinha o telefone ligado em permanência para o número dela, as suas mensagens prementes não tinham obtido resposta.

Não via Sunny desde a discussão do dia anterior sobre aquela questão de adiar o casamento... *mais uma vez* como Sunny dissera com amargura. E Mac sabia que ela tinha razão. Não era que não a amasse, era apenas porque havia trabalho que tinha de ser feito. Existiam pessoas, por vezes pessoas desesperadas, que dependiam dele.

Como podia adiar *isso*?

De qualquer modo, sempre acreditara que Sunny e ele estavam bem como estavam. Eram as pessoas certas um para o outro. Amavam-se apaixonada, completa e maravilhosamente. Só havia uma mulher para ele e essa mulher era Sunny Alvarez.

Tirou o bilhete amachucado do bolso, leu-o de novo, pensou no diamante cor de rosa em forma de coração que ela escolhera com tanto prazer quando tinham ficado noivos. Ele *pedira*-a mesmo em casamento? Ou teria sido sempre apenas um «noivado», do tipo que muitas pessoas «comprometidas» uma com a outra tinham e cujas vidas continuavam, tranquilas, sem todas aquelas complicações? Caramba, não havia dúvida, ele *amava* Sunny.

Ela acabaria por cair em si, disse consigo próprio, à procura de um lugar para estacionar no centro comercial de Cross Creek. Comprar-lhe-ia uma coisa de que ela gostasse mesmo para o Natal.

Depois iria até casa dela e pediria perdão. Fariam as pazes, ela cozinhará o peru na sua *cottage*, tomariam umas bebidas no deque que dava para o Pacífico, bem agasalhados em camisolas, sempre a sua velha camisola de caxemira porque Sunny dizia que cheirava a ele, abraçados um ao outro, isto é, se *Tesoro* o permitisse sem lhe abocanhar os calcanhares ou outras partes

mais íntimas. Bem, até aturaria as mordidelas da *chihuahua*, se isso significasse ter Sunny outra vez nos seus braços.

Depois de fazer as compras de Natal, iria até casa dela; ela abriria a porta e vê-lo-ia ali de pé, com os presentes empilhados nos braços e amor nos olhos. A sua Sunny nunca o abandonaria.

Rodou com rapidez para um lugar de estacionamento, mal dando ao carro anterior tempo para sair e superando o condutor irado de um SUV. Era cada um por si nos parques de estacionamento em época de Natal.

O cão mal-amanhado de Mac, *Pirate*, encontrava-se no assento dianteiro do *Prius* híbrido vermelho, já de pé e à espera, a cabeça espetada pela janela, ansioso por liberdade. O cão amava Mac e Mac amava aquele cão.

Descobrira *Pirate* numa noite escura, há alguns anos, quando guiava pelo Malibu Canyon, uma forma batida e ensanguentada no meio da estrada. Mac erguera-o, a pensar que estava morto, mas então o cão abriu um olho e fitara-o, agradecido. Claro que nessa altura Mac ficara impressionado. Despira a camisa, embrulhara nela o animal e conduziu até ao hospital veterinário em Santa Monica com o cão quase morto no joelho. O veterinário amputara uma perna, resgatara um dos olhos e salvara a vida do cão. E, desde então, *Pirate* transformara-se no melhor amigo de Mac.

Mac abriu a porta e o cão saltou lá para fora, cambaleando por causa da perna traseira em falta e abanando o pelo áspero de um castanho-acinzentado.

O único olho castanho-claro piscou de prazer quando coxeou satisfeito ao lado de Mac, que examinava as montras à procura não sabia bem de quê. Com certeza que haveria alguma coisa ali que Sunny adoraria.

Parou para admirar um vestido exposto na boutique Madison. Vermelho.

Com aspeto sedoso. Delicado, elegante, com um decote grande e muito Sunny.

Havia um par de botas altas pretas ao lado de pele macia e saltos altos e finos.

Conseguia imaginar Sunny naquele conjunto. Era a sua cara.

A vendedora sorriu quando ele entrou.

Reconheceu-o e, além disso, Sunny fazia ali compras muitas vezes.

— Lamento — disse quando ele perguntou. — Vem demasiado tarde.

Sunny esteve cá a semana passada. Já comprou aquele vestido. *E* as botas. Mac desanimou.

Pensara ter encontrado a prenda perfeita, uma coisa que agradaria mesmo

à sua noiva e Deus sabe que queria agradar-lhe.

A vendedora mostrou-lhe outros vestidos, camisolas, casacos, mas nada parecia certo.

Dirigiu-se à Tiffany, a válvula de segurança para um homem à procura de uma prenda para uma mulher. A Tiffany teria sempre sucesso, com alguma coisa dentro daquela bonita caixa de um azul ovo de pisco, atada com uma fita branca.

6

Monte Carlo. Dia de Natal

ERAM SETE DA TARDE e Sunny encontrava-se no bar do hotel luxuoso onde, via *e-mail*, o Príncipe Encantado lhe reservara um quarto.

Contente por lhe fazer um favor, dissera de forma educada, quando se tinham despedido no aeroporto Charles de Gaulle, em Paris.

— Paris não é sítio para uma mulher sozinha na época do Natal — acrescentara. Tinha agarrado os ombros de Sunny ao mesmo tempo que se olhavam nos olhos. — O seu voo parte dentro de uma hora. Boa sorte, Princesa.

E beijara-a ao de leve, dois beijos, um em cada face, e depois mais um porque, explicara, eram sempre três para amigos «especiais».

Sunny vira-o afastar-se a passos largos e perder-se na multidão, mais alto do que a maioria, bem-parecido no seu sobretudo preto. *Tesoro* soltara um ganido pesaroso que o Príncipe Encantado devia ter ouvido porque virou a cabeça, sorriu, acenou com a mão e desapareceu. E Sunny ficou sozinha. Outra vez.

Nem sequer ficara a saber como se chamava, quem era o seu salvador.

Salvador não era propriamente a palavra correta. *Mentor*, talvez? E agora, vendo-o partir, nunca saberia.

Empurrando a sua mala e com *Tesoro* ainda a ganhar, galopou através do aeroporto imenso, chegando mesmo à justa à porta de embarque.

O voo para Nice era curto, mas estava a nevar quando saíram de Paris e foram fustigados por ventos fortes que aterrorizaram a cadela e Sunny também.

Perguntou-se porque teria feito aquilo.

Devia ter ficado em Paris, ido para um hotel e ter-se deitado na cama e escondido debaixo dos cobertores.

Ofereceu comida seca a *Tesoro* que a cadela vomitou logo. Sunny pressentiu que não eram muito populares junto dos assistentes de bordo e com certeza também não junto dos colegas passageiros. Ficou aliviada

quando aterraram por fim em Nice e se enfiaram num táxi a caminho do Grand Hotel em Monte Carlo.

A ideia de uma cama, enroscar-se debaixo das cobertas, dar comida a sério a *Tesoro*, fez com que a viagem interminável quase valesse a pena. E, além disso, o sol brilhava ainda que envergonhado: raios frágeis de claridade, não propriamente bastante amarelos para constituir luz do Sol, não propriamente transparentes, o suficiente para pozinho de perlímpimpim. E, naquele momento, Sunny ansiava com todo o seu ser por algum pozinho de perlímpimpim.

O que encontrou foi um hotel belíssimo: uma árvore de Natal colossal a cheirar a pinheiro no vestíbulo, tetos altos abobadados, iluminação suave, decoração elegante, sofás e cadeirões de camurça cinzento-escuro, enormes ramos de flores e um quarto bonito, não demasiado grande, mas sem dúvida com espaço suficiente para a «uma» pessoa que era agora. Cortinados de seda dourados, uma cama estilo império macia, de um verde-menta, um daqueles sofás de camurça cinzento-escuros, uma mesinha de café, uma secretária, uma televisão de ecrã plano a passar uma reposição francesa da missa do galo em Roma, uma casa de banho de mármore pálido, de morrer, e serviço de quartos para cães. Sunny não tinha fome.

Às sete da tarde, após uma pequena sesta agitada, dirigiu-se para o bar luxuoso do hotel que estava enfeitado com grinaldas natalícias de pinheiro e luzinhas a brilhar. Empoleirou-se numa cadeira alta com a cadelinha ao colo.

Um empregado de bar, de cabelo grisalho, que parecia condizer com a decoração cinzenta suave, preparava um *martíni*. Oh, Deus, como detestava o Natal!

Tentara apresentar-se com o seu melhor aspeto, embora, com a combinação de stresse e fadiga, fosse coisa difícil de manter. Envergava o vestido vermelho novo, mas estabelecera a fronteira nas botas altas de pele e enfiara os pés nus nas confortáveis *UGG* rasas, menos sofisticadas. Claro que já não tinha o seu diamante cor de rosa de noivado e não usava joias. O comprido cabelo preto caía-lhe para o rosto, escondendo-a de olhares indiscretos, ou escondendo-a de si própria, não sabia definir bem.

De qualquer modo, não precisava de se ter incomodado, pois não havia mais ninguém no bar. Bom, só uma pessoa.

Outra mulher, também sozinha.

— Onde está toda a gente? — perguntou ao empregado quando este lhe

serviu o martíni.

— *Madame*, é dia de Natal. Toda a gente está em casa com a família.

Claro que estava. Isto é, toda a gente exceto ela. E a mulher enfiada no canto, uma mulher tão vulgar que, para além do cabelo de um ruivo brilhante, era quase invisível. Sunny lançou-lhe uma rápida olhadela por cima do rebordo do copo de martíni.

O cabelo da mulher era daquele ruivo demasiado vivo que traía as suas origens no corredor do «faça você mesmo» do supermercado e usava um vestido camiseiro azul com os três botões inferiores desapertados, expondo bastantes centímetros de coxa rechonchuda aos olhos de alguém que passasse. Claro que não estava ninguém a passar, por isso Sunny calculou que não tinha qualquer importância. A mulher calçava sapatos pretos de salto muito alto e tinha, bem à vista, uma mala clássica *Chanel* preta no colo. Os brincos pendentes mostravam *DIOR* a branco. Tinha o ar de uma mulher de classe média a tentar, com demasiado esforço, sair da sua obscuridade suburbana.

Sunny disse para si que estava a ser mazinha por pensar aquilo. Mesmo assim, arriscou outra espreitadela. Uma franja disfarçava uma testa proeminente por baixo da qual pequenos olhos predadores azuis fitavam agora Sunny.

Havia nela uma intrepidez que pôs Sunny nervosa e, além disso, aparentava uma espécie de ar de «engate», com o vestido desabotoado e os sapatos de saltos muito altos.

Então, diante dos seus olhos, a mulher pareceu transformar-se. O seu olhar tornou-se suave, íntimo, como se Sunny e ela estivessem a partilhar a sua solidão. Ergueu o copo e desejou-lhe baixinho um feliz Natal. Falava inglês, mas com um sotaque que Sunny pensou ser provavelmente eslavo ou russo.

A RUIVA CHAMAVA-SE KITTY RATTE e encontrava-se no bar à procura de «companhia». Infelizmente, era Natal e qualquer «companhia» que pudesse ter encontrado estava em casa com a família. Não que Kitty fosse uma prostituta de luxo; era demasiado velha e vulgar para isso. A única coisa que atraía o olhar para Kitty era o flamejante cabelo ruivo. Passara alguns anos como loira, mas decidira há pouco tempo que o ruivo era a sua cor e os homens, a sua «companhia», pareciam gostar. Claro que o ruivo só existia nos seus cabelos.

Não havia mais pelos no corpo de Kitty; tratava ela própria disso com faixas de cera que doíam como tudo, mas que funcionavam e resolviam o problema de poder não condizer no corpo todo. Kitty era uma mulher prática.

Estava sozinha no bar quando Sunny entrou. Claro que Kitty não sabia como ela se chamava, não fazia ideia de quem era, mas, para uma profissional como ela, o facto de a mulher se achar sozinha num bar de hotel na noite do dia de Natal significava problemas. E não havia nada que Kitty mais gostasse do que problemas.

Reparou que a mulher que entrara usava um vestido caro, mas, de forma estranha, com botas velhas de carneira.

Não tinha anéis, embora o olho de águia de Kitty detetasse o esguio círculo mais claro no famoso dedo da mão esquerda.

O marido deixara-a? O namorado encontrara outra pessoa? Kitty esvaziou o *Red Bull* que lhe dava uma pedrada permanente de cafeína, pediu outro e serviu-se de um terceiro copo de vinho tinto.

A mulher que entrara tinha ar de dinheiro, um ar que Kitty ansiava por alcançar. Até agora só conseguira comprar uma mala *Chanel* em segunda mão no eBay e um par de sapatos altos *Louboutin* num saldo. Kitty não possuía nenhum anel de diamantes, nem sequer um pequenino; nem sequer os pequenos brincos de diamantes que constituíam um símbolo simples do sucesso de uma mulher; e de certeza também não aquele *Rolex* de ouro caro. Kitty nem sequer possuía um apartamento próprio. A idade apanhara-a de surpresa e com ela surgira uma necessidade desesperada de dinheiro e de uma

carreira nova.

Kitty Ratte era uma predadora. A sedução era o seu ramo, homem ou mulher. E era boa nisso, sempre a desempenhar o papel de amiga subserviente, de aspirante a amante que promete oferecer tudo o que sempre se quis a nível sexual, e ainda mais, que conseguia fazer com que um homem sentisse que tinha outra vez vinte anos.

Confessava que tinha quarenta e nove anos, pelo menos era o que dizia ao amante atual, Jimmy, o contabilista inglês fracassado e vendedor de carros usados, casado e a viver no Surrey suburbano, em Inglaterra, onde, claro, se encontrava de momento. De facto, o número verdadeiro de anos incluía mais doze e agora o corpo estava a começar a refletir a mentira. Não havia sapatos altos que conseguissem disfarçar as coxas de celulite e nenhum sutiã chumaçado que pudesse dar aos seios o adorável movimento ascendente da juventude, nem eliminar as pregas entre eles que se tornavam todos os dias mais evidentes. Fingir estava a tornar-se cada vez mais difícil. O tempo escasseava.

Quase tivera a sua hipótese de ganhar o pote de ouro. E não há tanto tempo assim. Ele era casado, claro. Não eram todos? E velho. Setenta e tal anos. Mas era rico. No final de contas, porque dormiria uma mulher com um homem velho senão por causa do seu dinheiro?

Seduzira-o, pavoneando-se à sua frente de biquíni padrão leopardo e sapatos muito altos. Dissera-lhe que o amava e o pobre velho idiota acreditara.

Era maravilhoso, afirmara-lhe. Tão atraente e tão *sexy*. Como é que a mulher *não* o queria? Ooh, ele adorara aquilo.

Tinha-o pelo beicinho. Claro que o fizera prometer nunca a trair, nunca falar no seu nome à mulher, ou a outra pessoa qualquer, porque não queria ser citada no divórcio. Ameaçou-o que se devia manter em silêncio, que, se referisse o nome dela, o seu amante «verdadeiro» se certificaria que o homem e a respetiva mulher sofreriam como ele nem sonharia. «Nunca falarei em ti, nunca te traiçoearei», prometeu ele com ardor.

«Vamos fugir juntos», disse-lhe Kitty.

«Para Paris, Saint-Tropez. Só tu e eu.

Como vai ser maravilhoso. Amo-te tanto.»

O homem dissera-lhe que desistiria de tudo por ela. Mas primeiro tinha de voltar, resolver a situação financeira.

«Que situação financeira», pensou Kitty?

Mesmo assim, ganhara. Ele deixou a mulher, a família, a casa, até os três cães. Não tinha nada.

O que afinal era verdade. Ele não tinha mesmo nada. A mulher é que tinha dinheiro.

«O que faço com um homem velho como tu, sem dinheiro nenhum?», perguntou ela quando ele tentou abraçá-la e dizer-lhe que tudo ficaria bem, amavam-se um ao outro, ele divorciar-se-ia, estariam juntos e era só isso que interessava. «Volta para a tua mulher», replicou-lhe com desdém. «Ela recebe-te outra vez. Fazem-no sempre.» E tinha razão. A mulher recebeu-o. E fora assim.

Pelo menos, fora mais ou menos assim. Ele ainda prometeu que deitaria as mãos ao dinheiro. Metade era dele, afirmou. Por isso, Kitty aguentou a tortura por via das dúvidas. Além disso, queria magoá-lo por a ter enganado em relação à questão financeira.

«Espera», suplicou ele.

Assim Kitty esperou. A mulher que se lixasse. Agora Kitty queria a vida *da mulher*; queria *ser* a mulher que a esposa dele era; queria o respeito e o dinheiro que a acompanhavam. Queria ser *ela*.

Deixara-lhe uma mensagem no telemóvel pessoal pré-pago de que só ele e ela possuíam o número. Dissera-lhe que ia voltar. Precisava dele, queria-o, só a ele. Desistiria do amante dela por ele. Tinham de ficar juntos.

O tipo estava de férias, mas telefonou-lhe quando recebeu a mensagem e combinaram encontrar-se. Marcou um quarto no hotel habitual e ela foi lá ter.

Afirmou-lhe que ainda o amava, mas não podiam ficar juntos sem o dinheiro. Ele tinha de o arranjar. Ela tinha hábitos caros; só hotéis de cinco estrelas para ela. Levou a coisa até ao limite.

«Eu arranjo-o», garantiu ele, desesperado. «Ficaremos juntos. Nunca te trairei. Amar-te-ei sempre.»

E o pobre idiota se calhar tê-la-ia amado para sempre, se a mulher, devastada pelo desgosto com o fim do casamento longo e dedicado, não o tivesse morto com um tiro e depois virado a arma contra si mesma.

Primeiro, no entanto, matou os três cães.

Kitty pensava que era uma pena, os cães. Mas era uma psicopata, não queria saber de ninguém senão dela própria. As suas necessidades vinham primeiro.

Os acontecimentos deixaram-na num dilema financeiro.

A idade não facilitava nada as coisas no seu trabalho como acompanhante. Não estavam a escolhê-la nos anúncios que incluía no Craigslist e no Eros.com, nem a engatavam em bares ou discotecas.

Havia mulheres mais novas e sem dúvida mais sexy que a «ruiva russa madura» que afirmava ser nos seus anúncios e a verdade dos factos era que Kitty não era uma mulher sexy. Nem sequer gostava de sexo, só do sentimento de controlo que obtinha. E, claro, do dinheiro. Agora, o dinheiro era o cerne dos seus problemas.

Ela e o amante inglês, Jimmy, tinham concebido um novo plano. Chantagem.

Tinham-na tentado com sucesso várias vezes, usando comprimidos *Ecstasy* e a droga de violação em homens de negócios de menor importância, que vinham à cidade para algum congresso, mas até agora só haviam conseguido pequenas quantias. E as despesas eram imensas, sobretudo o custo da câmara de vídeo, tão precisa que conseguia captar todas as expressões e tão minúscula, do tamanho da cabeça de um prego, que se escondia com facilidade num canto do seu teto, na conduta do ar condicionado.

A compensação não era suficiente e agora Kitty andava desesperada. Já devia três meses de renda. Tinha de arranjar alguma coisa. Alguma coisa em grande.

MIRANDO A AMERICANA DE CABELO ESCURO sentada sozinha no bar, Kitty reconheceu-lhe a vulnerabilidade.

Estava perturbada e Kitty apostava que era por causa de um homem. Além disso, parecia ter dinheiro. Aquele vestido era caro. Kitty puxou a saia para baixo e enfiou os velhos sapatos *Louboutin* por baixo da cadeira, as solas vermelhas a faiscarem. Apostava que aquela mulher não tinha de comprar bons acessórios em segunda mão. A acrescentar a isso, apesar de não estar a usar nenhum anel, apostaria também que tinha um marido rico. Sabia-se lá, poderia existir ali uma oportunidade. E, além disso, Kitty estava aborrecida sozinha no bar do hotel no dia de Natal.

Chamou o empregado e pediu outro *Red Bull*, o terceiro, adorava a excitação da cafeína, e outra garrafa de vinho tinto. Jimmy dizia que ela bebia de mais, mas e então? O que tinha a perder?

8

NESSE MOMENTO, outra mulher entrou no bar, uma indiana, exótica num sari de um dourado pálido que cintilou quando se encaminhou de forma confiante para uma mesa e pediu uma garrafa de bom champanhe.

Era bela: cabelo preto lustroso puxado para trás de forma tão severa que deixava exposto o perfil puro de uma deusa: nariz aquilino, lábio superior pequeno, boca cheia, olhos escuros imensos, franjados de pestanas pretas grossas, verdadeiras. Não existia qualquer artifício nesta mulher. Ao contrário da ruiva, nem sequer tinha de se esforçar.

O olhar rápido da mulher indiana examinou Sunny, depois Kitty. Não manifestou qualquer emoção.

O empregado trouxe-lhe a garrafa de *La Grande Dame* que pedira num balde prateado embaciado de gotas geladas.

Ela pediu pistácios numa voz clara, delicada e melodiosa. E cinquenta gramas de caviar *Beluga*. Recostou-se para trás no seu cadeirão de camurça cinzenta enquanto o empregado servia o champanhe num fino copo de cristal.

Bastara-lhe aquele rápido olhar avaliador para perceber com exatidão em que situações se encontravam as outras duas mulheres.

*

Embora pudesse ter desempenhado o papel da aristocrata num musical de Bollywood, Maha Mondragon crescera numa horrível pobreza, sem nenhuma família, nas ruas mais pobres, cruéis e esquálidas de Bombaim. Quando fizera sete anos, não havia nada que Maha não soubesse sobre a vida «real» e o seu único desejo era escapar a essa realidade, onde a violência era diária, bem como a brutalidade e o homicídio.

Treinada nessas ruas horríveis, Maha conseguia detetar a maldade como um segundo sentido. Conhecia a corrupção por experiência própria. E

pressentiu-a agora na ruiva Kitty Ratte, cujos olhos de serpente se cruzaram com os dela através da sala.

Virando a cara, Maha beberricou o seu champanhe e examinou a mulher bonita sentada no bar sobre a qual Kitty assestava agora aqueles olhos duros. A intensidade do olhar da ruiva era como uma corrente elétrica a percorrer a sala e, olhando para Sunny, Maha detetou-lhe a inocência e a vulnerabilidade.

Pressentiu também que estava perturbada. Uma vítima como nunca vira outra igual.

As pulseiras de ouro cravejadas de esmeraldas e rubis de Maha tilintaram quando pegou no copo. Sentiu os olhos de Kitty fixos nela de novo, sabia que a mulher observava o seu colar de ouro valioso, ornamentado de esmeraldas em cabuchão. Recusou cruzar olhares com Kitty. Não queria ter nada a ver com ela.

Maha era conhecida pelo seu tipo particular de joalheria feita no Rajastão por artesãos que tinham aperfeiçoado a sua arte ao longo dos séculos, os colares grossos de ouro entrançados à volta das esmeraldas que davam fama à zona, bem como rubis, safiras e pedras preciosas menores como topázios e turmalinas.

Eram um prodígio de trabalho artístico.

Vendia as peças para butiques e lojas da especialidade na Europa e, em breve, expandir-se-ia para a América. Maha estava na mó ascendente e não deixaria que nada se interpusesse no seu caminho.

Percorrera um longo caminho, desde a época daquela menina de sete anos aterrorizada e avassalada pela pobreza, sozinha nas ruas sórdidas e mais perigosas de Bombaim. Mas nunca esquecia as suas origens e as lições que aprendera.

CURIOSA, SUNNY tentou não olhar fixamente para Maha. Agora estava arrependida por não ter pedido champanhe. Porém, qual era o interesse em pedir uma garrafa só para uma pessoa?

Uma angústia súbita por se encontrar sozinha, por sentir saudades de Mac, dilacerou-a. Desesperada, chamou a atenção do empregado, pediu, de qualquer maneira, a garrafa de champanhe. Nada de caviar, no entanto.

Costumava ser o miminho deles, de Mac e dela, na véspera de Ano Novo: caviar e salmão fumado vindo do Harrods em Londres e lagosta do Maine; com muita frequência comidos na cama com os dois cães enroscados em

cima do cobertor, muito atentos a restos. Porém, nunca esperavam que a bola caísse em Times Square. Estavam demasiado excitados um com o outro para se preocuparem com o resto do mundo.

Oh, Deus, o coração estava a partir-se outra vez. Não devia estar a pensar em Mac. De repente, sentiu a cabeça tão vazia como um balão de ar e ela era o balonista em pânico. O que estaria Mac a fazer naquele preciso instante? Já devia ter encontrado o bilhete dela, talvez estivesse à sua procura, talvez lhe tivesse comprado um presente de Natal, qualquer coisa suficientemente extravagante para a fazer voltar para os seus braços... aqueles braços fortes e acolhedores que a faziam sentir tão segura, tão amada, quando a cingiam...

Conteve as lágrimas com um esforço enorme. As lágrimas eram como chuva, pensou. E parecia chover sempre em Malibu, no Natal.

A CHUVA CAÍA NA CABEÇA DE MAC, gotas grandes, um aguaceiro puxado a vento e cortante. *Pirate* olhou para ele com ar patético. *Pirate* não gostava de se molhar e Mac pegou nele ao colo; não era um cão grande, mas pesava mais do que esperaria. Mesmo assim, mostrou-se tão contente, aninhado debaixo do seu casaco, que Mac não se importou.

Embora fosse o princípio da noite em Monte Carlo, ainda era a manhã do dia de Natal em Malibu e Mac caminhava pela praia à chuva a pensar em Sunny, a pensar onde se encontraria, com quem estaria; se estaria a usar aquele belo vestido vermelho e as botas sexy. Estava a dar em maluco sem ela. Telefonara a toda a gente, tentara os sítios todos.

Ninguém sabia nada ou, se sabiam, não lhe contavam. E, aliás, não devia ele, o famoso Detetive Particular, ser capaz de encontrar a mulher que fugira dele?

Chuva. Se Sunny ali estivesse, teriam deitado mais lenha na lareira, teriam tomado uma bebida festiva, o cheiro delicioso do peru sairia do forno.

Agora, porém, aquele peru ainda estava no mercado e não havia nenhum cheiro bom de cozinhados, nenhuma lareira a arder, nenhuma bebidas festivas. A vida, tal como Mac Reilly a conhecia, terminara.

Com *Pirate* nos braços, voltou para a sua *cottage*, uma cabana de madeira dos anos trinta, plantada, de forma estranha, mesmo na ponta da fila de casas de praia elegantes de Malibu. Trepou os degraus de madeira até ao deque e ficou ali um longo momento a fitar o mar.

Por fim, virou-se e entrou em casa.

Deu de comer a *Pirate*, preparou um *bourbon* com gelo e sentou-se sobre

a manta cheia de pelos de cão no velho sofá que era a peça de mobiliário mais confortável que alguma vez possuía e de que, apesar das reclamações de Sunny, recusava desfazer-se.

Pirate foi sentar-se ao lado dele. O cão soltou um ganido ansioso e, de forma automática, Mac estendeu o braço e passou-lhe uma mão pelo pelo áspero.

Olhava em frente para a lareira vazia.

Para a sua vida de repente vazia.

9

Monte Carlo, bar do hotel.

Ainda a noite de dia de Natal

UM HOMEM, com um casaco branco de *smoking*, estava a tocar piano, nada «festivo», graças a Deus, pensou Sunny, apenas o bom do velho Cole Porter e Jerome Kern, com um pouco de bossa nova brasileira. A música fluía com suavidade no silêncio. Com o vestido vermelho e as botas de carneira, Sunny nunca se sentira tão pouco rapariga de Ipanema. Talvez devesse ter apanhado um avião para o Rio em vez de para Paris. Não estava calor lá, nesta altura do ano? Ali no Sul de França, um vento frio sacudia as palmeiras à beira-mar, levantando as saias das mulheres, despenteando-lhes os cabelos.

O empregado do bar serviu-lhe o champanhe, de forma tão perfeita, que mal havia espuma no rebordo da *flute*, apenas essas preciosas bolhinhas que em geral a encantavam tanto.

Sorumbática, arrependeu-se de o ter pedido. Perguntou-se se um coração partido poderia transformar uma mulher numa alcoólica.

Chegou um criado com uma travessa de *amuse-bouche*, essas pequeninas entradas que atenuavam a fome e acompanhavam o champanhe. Estaria com fome? Importar-se-ia se nunca mais comesse?

Reparou que a ruiva, no canto, com a saia a deslizar para cima, nas coxas rechonchudas, as faces cor de rosa a chocar com o cabelo de um vermelho metálico, parecia estar também a beber bastante. *E* encontrava-se sozinha.

Chamara o empregado, dando um piparote despreocupado à saia sobre os joelhos nus, e pediu uma garrafa de vinho e também um *Red Bull*. Sunny pensou qual seria a história dela.

Porque, como Mac sempre dizia, toda a gente tinha uma história.

Desviou o olhar para a bela mulher indiana. As três ainda eram as únicas clientes do bar naquela noite de dia de Natal.

O pesado colar de ouro da mulher indiana estava enfeitado com grandes esmeraldas em cabuchão e usava ainda uma dúzia ou mais de pulseiras

tilintantes de ouro e com pedras preciosas. Sunny apostaria que eram verdadeiras. Observou-a a espalhar as gotas de um preto-acinzentado do caviar caro em minúsculos *blinis*, viu-a fechar os olhos de prazer quando os saboreou.

O pianista mudou para «Smoke gets in your eyes», cantando amores perdidos e lágrimas disfarçadas atrás da desculpa do fumo de cigarro.

Repentinamente o ar pareceu tremer quando outra jovem irrompeu pelo bar.

Envergava um vestido de noiva curto e justo de cetim, um reflexo de cristais.

Nada de véu, um ramo de lírios, um pingente de jasmim preso atrás de uma orelha com uma estrela de diamante.

Emanava cólera.

As lágrimas deslizavam pelo rosto bonito e indiferente. De onde estava sentada, Sunny conseguiu sentir o aroma dos lírios e do jasmim.

As três mulheres e o empregado fitaram-na, alarmados.

A noiva içou-se para um banquinho de bar, bateu com os lírios no balcão.

— Martíni. Com gelo — vociferou.

Depois acrescentou, com humildade: — S'il vous plaît, monsieur.

As lágrimas tombaram-lhe do alto das maçãs do rosto. Ficou sentada a olhar em frente enquanto o empregado misturava o martíni.

Pouco à vontade, Sunny virou a cabeça. Cruzou olhares com a mulher indiana, que ergueu um ombro e suspirou.

A noiva emborcou o martíni em duas goladas, agarrou no ramo de flores, deslizou do banquinho do bar, alisou o vestido de cetim de seda e saiu a passos largos do bar, cabeça para cima, queixo erguido com determinação.

Todos os olhos a seguiram.

— Pobre rapariga.

O comentário veio, de forma inesperada, de Kitty Ratte.

— É triste estar envolvida de forma tão profunda com um homem que nos faz a vida num inferno.

Os grandes olhos escuros de Maha observaram-na primeiro e depois viraram-se para Sunny.

— Com toda a probabilidade aquela rapariga descobriu a verdade sobre o noivo, mas é demasiado tarde para recuar. Tem de seguir com o casamento.

Vai sofrer toda a vida.

— Ou divorciar-se rapidamente —retorquiu Sunny, não querendo pensar em noivas induzidas em erro.

— Pode sempre arranjar um amante. —Os dentes salientes de Kitty destacaram-se quando o maxilar descaiu num risinho. Fez um movimento com a mão para chamar outra vez o empregado. —Sabem, para aliviar o fardo. — Pediu outro *Red Bull*, emborcou-o com rapidez e depois voltou à garrafa de vinho tinto.

Sunny viu-a engolir o *Red Bull*.

Talvez estivesse também a afogar as mágoas. De alguma maneira, no entanto, a ruiva não parecia do tipo de se entregar ao sofrimento.

Maha recostou-se para trás no seu elegante cadeirão de camurça cinzenta e fitou Kitty.

— Presumo que fala por experiência própria?

Kitty inclinou o queixo, um olhar recatado por baixo das pestanas.

— Oh... na realidade não... isto é, ouvi dizer que é a melhor coisa a fazer, a melhor forma de agarrar um homem.

Os pequenos olhos azuis desapareceram nas faces quando se riu e disse para Sunny: — De qualquer modo, não me deixa com um ar tão triste como o seu.

Chocada, Sunny endireitou-se. Raios partissem se ia mostrar ao mundo, bem, a estas mulheres, que se sentia devastada. O seu foco de atenção mudou quando três outras pessoas entraram no bar, dois homens e uma mulher alta com cabelo escuro muito curto e sobrancelhas em asa sobre olhos tão verdes que Sunny reparou na cor do outro lado da sala. Usava um saia-casaco preto simples com uma saia pela altura do joelho, obviamente de estilista, e as únicas joias eram um par de brincos de diamantes.

Os dois homens que vinham com ela estavam também elegantemente vestidos e, para Sunny, habituada ao estilo «chique descontraído» da Califórnia, muito estilo europeu com os seus fatos de executivo às risquinhas, obviamente feitos à medida.

Sunny era conhecida por ser um pouco vaidosa no vestir, quando estava nessa disposição, e sabia o que eram bons sapatos. Os da mulher eram uns *Jimmy Choo*, de cetim preto, atados à volta do tornozelo. Sunny experimentara-os no Neiman's. Sabia também que os dos homens eram feitos à mão e, apostaria, da marca *Berluti*. Ali de pé, na entrada do bar, os três emanavam um ar de «dinheiro não é problema».

Autoconfiantes.

Sofisticados.

E relativamente atraentes, daquela forma muito europeia.

Acenaram para a mulher indiana, encaminharam-se para ela e sentaram-se à sua mesa. Maha fez sinal ao empregado a pedir mais champanhe, mais caviar. Veio com celeridade e todos ergueram os copos num brinde.

Maha lançou uma olhadela a Sunny.

— *Bon Noël*, feliz Natal — disse a sorrir.

— O mais feliz — replicou a mulher dos belos olhos verdes, em inglês.

— Para todos nós.

Sunny já não aguentava mais estar num bar. Sozinha. Lembrou-se de repente. A sua amiga Allie Ray Perrin vivia ali em França. A muitos quilómetros do sul, mas, ainda assim, ali naquele país. De facto, tanto ela como o marido Ron eram bons amigos quer de Sunny quer de Mac; tinham passado por muita coisa juntos, demasiado para alguma vez se esquecerem.

Ligou o número de Allie do seu *BlackBerry* global e ouviu o estranho som de «bipe» que era o «toque» de telefone francês. Tocou muitas vezes.

Teriam ido para fora no Natal, talvez para as montanhas? Allie era uma esquiadora entusiasta. Não aguentaria se não conseguisse falar com ela.

Por fim o toque parou e a voz familiar de Allie disse que não podiam atender o telefone de momento, mas para deixar, por favor, uma mensagem que ligariam mais tarde.

Sunny falou em voz baixa para ninguém ouvir: — Allie, é Sunny. Estou desesperada.

Deixei Mac. Acabou, não vai haver casamento nenhum. Oh, Allie, estou a morrer por dentro. Onde *estás*? Preciso de falar contigo, minha bela amiga.

Estou em Monte Carlo. Mac não sabe onde estou e, por favor, por favor, se ele por acaso telefonar à minha procura, não lhe digas. *Por favor*, Allie, é importante.

Tens o meu número de telemóvel.

Adoro-te.

Fechou o telemóvel, ergueu a cabeça e olhou a direito para os olhos de Kitty Ratte. Encontrava-se no banquinho de bar ao lado dela. *Tesoro*, que estivera a dormir, mostrou os dentes numa rosnadela e Sunny pediu rapidamente desculpa.

— Oh, mas eu adoro animais — retorquiu Kitty. E, com o rosto a cintilar de

compreensão, estendeu o braço e deu uma palmadinha na mão de Sunny. — Sinto que precisa de falar — continuou com suavidade. — Chamo-me Kitty Ratte e vivo aqui.

— Vive aqui sozinha?

Sunny não devia ter feito aquela pergunta, mas «sozinha» era a primeira coisa que tinha na cabeça e saiu-lhe. No entanto, a mulher não pareceu importar-se e, no final de contas, fora *ela* que se acercara e iniciara aquela conversa muito pessoal.

— Em geral, estou sozinha — respondeu Kitty. — Parte do tempo vivo com uma pessoa. — Encolheu os ombros num gesto de «quem não vive». — Mas ele viaja muito e dependo muito de mim própria.

Quando ele cá está, há muitas coisas que gostamos de fazer juntos.

Depois acrescentou com um sorriso misterioso: — E há muitas coisas que gosto de fazer sozinha. Mas, para si, percebo que é tudo recente, tudo novo, esta coisa do «sozinha».

Abanou a cabeça, oferecendo a Sunny um sorriso de entendida. As facetas dentárias toscas dos dois dentes da frente cintilaram, brancas. A seguir inclinou-se e deu outra vez uma palmadinha na mão de Sunny.

— Acredite, *chérie* — disse Kitty Ratte, a destilar solidariedade feminina. — Já passei pelo mesmo.

10

Noite do dia de Natal

ALLIE RAY PERRIN, mais conhecida apenas por Allie Ray, uma das estrelas de cinema mais destacadas do mundo e a típica menina americana loira, com olhos de um azul-turquesa, tão ternos que derretiam qualquer coração, e cabelo loiro muito liso que lhe ultrapassava os ombros delgados, de pernas compridas e com todos os predicados exigidos a qualquer estrela de cinema de grande sucesso, caminhava pelo seu vinhedo francês, algures entre Bordeaux e Bergerac, envergando apenas umas velhas calças cinzentas de ginástica, uma camisola grossa azul-escura e ténis. Levava pela mão a sua amiga Prudence Hilson, que chorava.

Prudence estava a chorar desde que chegara, logo de manhãzinha.

Allie conseguiu detetar o brilho prateado das lágrimas de Pru no repentino feixe de luar que espreitou por trás das nuvens escuras de tempestade.

Pensou que era de espantar que não congelassem no rosto de Pru, a noite estava tão fria. Tremeu, apertando mais a mão de Pru, como se para emprestar força à amiga. No escuro, à sua frente, ouviu a cadela, *Lovely*, uma *labrador* preta que substituíra o pobre *Querido*, embora nenhum cão pudesse substituir verdadeiramente *Querido*, o rafeiro que recolhera junto à autoestrada francesa e que fora o seu amigo «mais querido».

Nem sequer *Frankie*, o cachorro que Mac lhe dera, mas que, de algum modo, nunca se habituara à vida rural francesa.

Pru largou a mão de Allie e dobrou-se para fazer uma festa a *Lovely* que viera a correr por entre a comprida fila de videiras como um foguete a partir para o espaço, sem ligar nenhuma às duas mulheres que lhe barravam o caminho.

Allie sabia que os *labradores* eram assim; ou se saía da sua frente ou ia-se parar ao chão. Cambaleando quando *Lovely* lhe bateu nas pernas, Allie riu-

se e, para sua surpresa, Pru também.

— Estás a ver — comentou Allie, com uma súbita sensação de triunfo por a sua amiga inconsolável ter conseguido rir pela primeira vez desde que chegara. — Está tudo bem. A vida continua. Podes ser «tu» outra vez, Pru. Só tens de tentar.

A fungadela de Pru ecoou pela vinha silenciosa, fila atrás de fila de ramos nus, a meses das pálidas folhas novas da primavera e mais distantes ainda dos cachos pesados de uvas gordas que Allie esperava lhe proporcionassem, num dos próximos anos, a sua própria *Appellation d'Origine Contrôlée*, ajudando os seus vinhos muito recentes a subir no mercado muito competitivo dos vinhos.

— *Silent Night* — disse Pru com tristeza.

— Isso foi a noite passada, na véspera de Natal.

Allie examinou uma roseira debilitada na extremidade de uma fileira de vinhas, ali plantada para ser a primeira planta a apanhar possíveis pulgões, para poderem detetar atempadamente quaisquer pragas, antes de atacarem as uvas.

— Oh, meu Deus, esqueci-me, ainda é dia de Natal.

Pru começou outra vez a chorar, um som alto e dilacerante que fez Allie estremecer e trouxe a cadela de volta a correr, ansiosa, atirando-se a Pru para lhe lambe o rosto.

— Os *labradores* são como mães preocupadas — elucidou Allie. — Sempre disponíveis para nos consolarem quando caímos. E tu caíste, Pru, mas não é o fim do mundo.

— Oh, é sim. — Pru parou e lançou uma olhadela míope a Allie. — E a culpa é minha.

— Bem, não na totalidade — retorquiu Allie com cautela, embora tivesse de admitir que Pru estava com mau aspeto: com excesso de peso, desleixada no vestir, sem maquilhagem e com ar deprimido.

Por um culposo minuto, não pôde censurar o marido por trocar Pru por alguém que, de facto, a própria Pru dissera ter o aspeto que ela tivera não há tantos anos atrás.

— A culpa foi minha — gemeu Pru outra vez. — Ele estava fora tantas vezes, eu estava tão sozinha, sem filhos, nem sequer um cão como *Lovely*.

— Tinhas amigos — insistiu Allie.

— Amigos *dele*. Quando o divórcio chegar, adivinha lá onde ficarão

todos.

Allie sabia do que ela estava a falar.

— Assim ele dormiu com ela e eu comi para tentar superar a coisa — disse Pru com uma voz monótona que admitia o seu problema e que não existia solução.

— Comi até não caber nas minhas roupas, a seguir comprei outras novas e a seguir maiores. De tal maneira que nem conseguia vestir roupa interior normal e tinha de ir a uma loja especial para comprar aquelas grandes, sabes as cuecas da avozinha de que sempre nos ríamos quando éramos raparigas.

— Mas sempre foste *bonita* — retorquiu Allie com lealdade.

Pru era sua amiga desde a escola secundária e era uma época em que Allie já não queria pensar. Tivera de travar as suas próprias batalhas para chegar onde chegara, deixar para trás Mary Alison Raycheck, a miúda pobre do Texas e transformar-se em Allie Ray, a estrela de cinema, e depois ter a força de desistir de tudo, toda aquela fama, todo aquele sucesso, todo aquele dinheiro. Tudo tem um preço e Allie pagara o seu. Mas agora encontrara outra vez aquela miúda, encontrara outra vez o marido, encontrara paz e amor e a vida calma que lhe convinha. Lançou uma olhadela a Pru, ainda a fitar com uma expressão vazia a noite natalícia, e percebeu que tinha de a ajudar. Era um dado adquirido. Allie era uma boa amiga.

— Escuta — disse, passando um braço à volta dos ombros amplos de Pru e virando-a em direção à casinha onde Ron e ela tinham investido uma vida nova, bem como uma grande quantia de dinheiro e as suas brigas por vezes acrimoniosas, mas agora, sempre, com amor. — Escuta, Pru Hilson, vais voltar ao que eras e é tudo. Nada de te empanturrares para esconder o sofrimento, nada de fingir que o marido é fiel, nada de continuar sozinha. *Tu* é que és responsável pelo teu destino, não ele. Estou a dizer-te, Pru, juntas conseguimos fazer isto.

O beiral do telhado da *cottage* estava realçado com luzinhas brilhantes de Natal e o pinheiro em frente cintilava com os flocos de neve gelados do dia anterior, bolas espelhadas e velas a fingir. O aroma daquele peru da tarde persistia na soleira da porta e *Lovely* passou como um furacão, atirando-se desta vez a um homem baixo de ombros largos que, era óbvio, se mantinha em boa forma. O cabelo era espesso e escuro com um ligeiro ondulado, as sobrancelhas uniam-se por cima do nariz afilado e a boca era cheia e sensual. Era atraente de uma maneira desusada que atraía a jovem e bela Allie, há

anos, que a fizera suspirar pela sua força subjacente, embora muitas vezes ele se tivesse comportado como um criminoso e cumprira até pena por isso. Com tempo passado na prisão ou não, Ron era o seu amor e sempre seria. E sabia sem sombra de qualquer dúvida que Ron Perrin a amava.

— Olá — disse Ron, encostando-se ao frigorífico de aço inoxidável, de braços cruzados, uma perna dobrada por cima da outra, examinando-as às duas.

Nunca vira uma mulher com um aspeto tão mau como Pru Hilson, mas não deixou que ela detetasse o que estava a pensar. A sua expressão não se alterou.

Carne macia fazia pregas junto ao pescoço, cobria-lhe os seios, implodia por cima do estômago e coxas.

Envergava um género de cafetã de uma tonalidade horrível de vermelho, como se em tributo ao facto de ser dia de Natal. O cabelo castanho caía-lhe escorrido e não encaracolado até aos ombros e o rosto era o de uma lua cheia cor de rosa.

Caramba, pensou Ron, mas não o disse em voz alta. Pelo contrário, perguntou: — Que tal um copo de brande, meninas? Parece que agora nos saberia bem a todos.

Pru ergueu a cabeça, inspecionando pela calada os restos do peru, ainda sobre a tábua de cortar.

— E talvez uma sanduíche de peru? — sugeriu, farejando como *Lovely* as sobras da carne.

Ron cruzou olhares com Allie. Esta assentiu, dando a sua permissão.

— *Okay* — retorquiu. — Allie vai buscar o brande, eu arranjo a sanduíche.

— Obrigada.

Pru sentou-se à mesa da cozinha, simples com a sua toalha de oleado aos quadrados azuis e brancos — fácil de limpar, contara-lhe Allie, sujamos um bocado, Ron e eu. Chegou para o lado a poinsétia no seu vaso de terracota, para poder observar Ron.

— Com maionese, por favor, e um pouco de molho. Se ainda houver, claro.

— Claro.

Ron atarefou-se a cortar peito de peru.

Não sabia o que pensar desta amiga de Allie, uma mulher da sua

detestada infância lúgubre, uma mulher por quem obviamente sentia alguma coisa. Ou teria sentido no passado. Quando Pru telefonara no dia antes da véspera de Natal e perguntara se poderia vir ter com Allie, Ron opusera-se. Queria que passassem o Natal os dois sozinhos. Era a altura mais tranquila na vinha, nenhuma tarefa a fazer até à primavera.

Tinham até pensado em partir de férias, embora duvidasse que o tivessem feito, estavam muito satisfeitos ali os dois.

Quem teria pensado há alguns anos que as coisas seguiriam aquele caminho?

Deus fora bom para eles e agora Ron julgava que Allie sentia necessidade de retribuir e ajudar esta mulher do seu passado.

— Perdão — disse Pru.

Ron ergueu os olhos do peru.

— Por invadir o vosso Natal. Não devia tê-lo feito. Vou-me embora amanhã, deixo-vos em paz.

Não respondeu, voltou ao seu trabalho de trincar o peru, cortou um par de fatias de pão bom, espalhou maionese numa camada grossa, calculou que fosse assim que ela gostasse; distribuiu o peru, aspergiu um pouco de molho, colocou por cima a outra fatia, comprimiu-a com a palma da mão e depois cortou a sanduíche na transversal em quatro triângulos volumosos. Tal e qual o raio de um profissional, pensou, recordando a época, há tantos anos, antes de se tornar o manda-chuva que costumava ser; a época em que era rapaz e a vida era difícil e trabalhara nalguns cafés, hotéis de verão, alguns clubes de praia, e agora estava ali, a preparar uma sanduíche para uma mulher que com toda a certeza não precisava da comida.

O que necessitava era de comida para a sua alma.

Allie voltou com uma bandeja com copos e a garrafa de brande e uma *Coca-Cola Diet* para si. Pousou-a sobre a toalha aos quadrados azuis e brancos e Ron aproximou-se e colocou o prato com a sanduíche em frente de Pru. Num ápice, *Lovely* saltou por cima do joelho de Pru, agarrou num triângulo da sanduíche, engoliu-o, agarrou noutro, fugindo quando Ron berrou e Allie desatou, sem querer, às gargalhadas enquanto Pru fitava, consternada, os restos do seu petisco.

— Credo — exclamou, impressionada —, que cadela tão rápida!

— Acabou de te fazer um favor comendo metade da tua sanduíche.

Recorda-te disso — retorquiu Allie. — Porque amanhã tu e eu vamos

organizar um novo regime para ti.

— Mas vou-me embora amanhã, não posso ficar e ser um fardo para ti, nem para mais ninguém. Tenho de resolver a minha vida.

— Oh, para com isso. — Allie fitou-a, exasperada.

E então Ron disse: — A propósito, Allie, o telefone tocou quando estavas lá fora. Só apanhei o final da mensagem. Não a verifiquei, mas sei que era Sunny Alvarez. E pareceu-me que estava com problemas.

11

Monte Carlo. Noite de dia de Natal

O BAR DO HOTEL ESTAVA SOSSEGADO, só a mulher indiana com os seus amigos elegantes e Sunny com a sua nova aspirante a amiga cujo cabelo de um ruivo brilhante caía numa franja fofa por cima dos olhos azuis pequenos e dissimulados.

Kitty pousou a mão sobre a de Sunny.

— Já passei por isso algumas vezes —disse com aquele sorriso recatado de dentes salientes, queixo para baixo e olhadela para cima que, pensou Sunny, parecia ser a sua imagem de marca.

Não tinha a certeza se gostava de Kitty Ratte, não tinha a certeza se queria que ela a consolasse, não tinha a certeza se queria ser «amiga» de alguém só porque estava sozinha e desesperada em relação a Mac e a sentir-se num inferno e, na realidade, a pensar que poderia morrer.

Mesmo assim, lá retorquiou através de um grande gole de champanhe, feliz afinal por estar simplesmente a falar com *alguém*: — Olá, chamo-me Sunny Alvarez.

Allie não se encontrava do outro lado do telefone; o Príncipe Encantado desaparecera em Paris e Mac... bem, com toda a probabilidade, Mac estava em Malibu, a fitar o oceano Pacífico, a pensar onde ela se teria metido e por que diabo o deixara, quando ele apenas lhe dissera que não podia casar com ela e fora tudo.

— Ele disse-me que não podia casar comigo — declarou sem rodeios.

Kitty Ratte pareceu interessada e compreensiva ao mesmo tempo. O empregado do bar voltou a encher o copo de Sunny e esta indicou que precisava de um segundo copo para a sua amiga. O empregado do bar não olhou para Kitty quando lhe pôs um copo à frente, o encheu e voltou a colocar a garrafa dentro do balde de gelo prateado.

Sunny reparou na atitude dele.

— O empregado do bar conhece-a?

— Ooh, venho cá de vez em quando. É conveniente, um lugar agradável para uma mulher sozinha. Uma mulher pode estar à sua vontade aqui, beber o que quiser, pensar o que quiser.

— E isso quer dizer o quê, exatamente?

Os pequenos olhos azuis de Kitty enrugaram-se para pontinhos quando se riu.

— O que penso? Ou o que quero?

— Ambas as coisas. — Sunny beberricou o champanhe, de repente muito interessada no que Kitty Ratte tinha a dizer. Para uma mulher insignificante, parecia achar-se bastante importante.

— Bem — retorquiu Kitty com lentidão, como se refletisse nas perguntas de Sunny. — Gosto de ser livre. Tenho sucesso no negócio dos modelos. Tenho um apartamento em Cannes. Muitos amigos. Divirto-me.

— Trabalha? — Sunny, muito prática, perguntava-se de onde vinha o dinheiro para financiar um apartamento em Cannes e uma vida sozinha.

Kitty encolheu os ombros, inclinando-se mais para Sunny. O V do decote do vestido abriu-se, revelando um sutiã azul muito chumaçado. Como mulher de Los Angeles que era, Sunny pensou por que razão, se Kitty Ratte era assim tão bem sucedida, não fazia uma plástica aos seios. E, além disso, porque não corrigira aqueles dentes salientes? E os dois da frente tinham facetas dentárias baratas e horríveis, demasiado brancas.

Era óbvio que, fosse o que fosse que Kitty fazia, não estava a conseguir dinheiro suficiente para igualar os seus vizinhos de Monte Carlo.

— Tenho um «companheiro» — explicou Kitty. — Não um marido, sabe, apenas alguém com quem tenho um «acordo».

— Quer dizer que é uma amante?

O riso forçado de Kitty era um pouco irritado.

— Suponho que me possa chamar isso — replicou de forma rígida. — Prefiro chamar-lhe, como fazem os europeus, um «arranjinho». Ele viaja muito, mas, quando cá está, há muitas coisas que gostamos de fazer juntos. Coisas especiais — acrescentou com um pequeno sorriso de recordação. — Mas, por outro lado, há também muitas coisas que prefiro fazer sozinha. Então e você, Sunny Alvarez? Porque não me conta a sua história? Estou aqui só para si, só para ouvi-la.

— Oh, meu Deus — exclamou Sunny, de repente tão agradecida por ter

alguém, uma pessoa qualquer, com quem falar, que a história extravasou simplesmente: sobre Mac Reilly, o detetive estrela televisiva. Tudo. Toda a dor. Todo o sofrimento. Todo o amor. — E tudo para nada.

— Mas é tão maravilhosa, tão bela — ofegou Kitty com admiração. — Como pôde Mac *não* querê-la?

Sunny abafou mais lágrimas. Escondeu o rosto no pelo já molhado de lágrimas de *Tesoro*, consciente de que os olhos da bela mulher indiana estavam também pousados nela.

— Mas agora diga-me, Kitty — disse, falando como sempre fazia mal o pensamento lhe surgia na mente. — Com todos os seus amigos, o que está aqui a fazer, sozinha num bar de hotel no dia de Natal?

Os olhos de Kitty adquiriram de novo aquela expressão dissimulada.

— Estou a caminho de uma festa. Em Cannes. De facto, tenho de partir já.

— Uma festa de Natal? — Sunny sentiu uma ponta de inveja daquela mulher desconhecida.

— Disse-lhe que tenho muitos amigos.

E agora, consigo, talvez tenha encontrado uma nova amiga.

Compreendo o que está a passar. Porque não almoçamos amanhã? Vamos às compras? Sabe, só para nos divertirmos, conversa de mulheres, esse tipo de coisa?

A solidão era como uma doença, avassala-nos em momentos de fraqueza e Sunny percebeu que concordava quase com demasiado entusiasmo.

Kitty deu-lhe outra vez uma palmadinha na mão, tão solidária que Sunny se sentiu agradecida. Agarrando a mala preta *Chanel*, e com um faiscar de coxa nua, desenganchou-se do banquinho do bar.

— Amanhã então. Venho buscá-la ao meio-dia.

Sunny viu-a afastar-se, com um pequeno passo apressado estranho, de joelhos juntos, nos sapatos de pele preta *Louboutin*, com as suas solas vermelhas, que eram demasiado altos para ela e não condiziam com o vestido camiseiro banal, que, reparou, estava desabotoado até meio das coxas.

Pensou, durante um rápido instante, se Kitty não seria uma prostituta, mas depois pôs a ideia de lado. Era apenas demasiado vulgar.

Maha viu Kitty sair. Não sabia qual seria o plano dela, mas sabia que não era bom e pressentia também que Sunny estava muito vulnerável. Levantou-se e aproximou-se de Sunny. Olhou para a cadelinha refastelada no colo dela.

— Teria pensado que era francesa –disse com a sua voz doce e melodiosa. –Os franceses têm sempre os cães com eles. Mas, pela sua postura, vejo que não é. Deve ser americana.

— Sou — admitiu Sunny com cautela.

— Desculpe interromper e permita-me que me apresente. Chamo-me Maha Mondragon.

— Sunny Alvarez.

Maha lançou-lhe um olhar penetrante e avaliador. Depois disse: — Achei necessário vir aqui avisá-la.

Cuidado com aquela mulher.

Referir-se-ia a Kitty Ratte? Perplexa, Sunny ficou a olhar para ela.

— Algumas pessoas como eu conseguem pressentir a corrupção. Tem um aroma particularmente inconfundível.

Permeia a atmosfera. Acredite no que lhe digo.

Atordoada e incapaz de falar, Sunny bebeu um pequeno gole nervoso de champanhe.

— Minha querida, tenho outra coisa importante a dizer-lhe. Recorde-se disto. Não deve rezear o futuro.

Aproveite as oportunidades que a vida poderá oferecer-lhe.

A mão de Maha pousou ao de leve no ombro de Sunny.

— Acredite no que lhe digo — afirmou outra vez.

Depois, com uma pequena vénia da cabeça bela, voltou à sua mesa e ao trio de amigos que a esperavam. Não olhou para trás e saíram juntos, dirigindo-se, calculou Sunny com uma lâmina de desolação a apunhalar-lhe o peito, para um maravilhoso jantar juntos. Afinal, era dia de Natal. E *ela* encontrava-se sozinha num bar de hotel.

Aí entrou o Príncipe Encantado.

12

SUNNY SENTIU UM PESO SER-LHE RETIRADO DO PEITO.

— Como chegou aqui?

— Magia.

Pegou-lhe na mão entre as suas, dobrou-se e beijou-a. O cabelo loiro-escuro raiado do sol deslizou-lhe para cima dos olhos quando levantou a cabeça e olhou para ela.

— Já lhe disse que é muito bela?

Mesmo com essas botas horríveis?

— As botas que me consolam.

— Agora que aqui estou, já não vai precisar delas.

O olhar dele era esperançoso. E Sunny tivera razão, os olhos dele eram de uma tonalidade de avelã esverdeada.

Engraçado, não fazia ideia de quem ele era, o que era, de onde vinha, o que fazia. E não estava preocupada. *Ele* preocupara-se o suficiente para a procurar de novo. *Ele* estava ali. E Mac, o famoso detetive particular que conseguia descobrir um criminoso a cinquenta passos, não estava. Apesar de ter duas dúzias de chamadas não atendidas dele no seu telemóvel.

De qualquer modo, não era com certeza altura de estar a pensar no homem que a deixara no altar. Bem, quase. Além disso, o que fora que Maha Mondragon acabara de lhe dizer, que não devia ter receio de aproveitar as oportunidades que a vida lhe pudesse oferecer? O Príncipe Encantado era sem dúvida uma dessas «oportunidades».

Envergava um casaco de caxemira preto e uma camisa de linho branca aberta no pescoço. Os punhos franceses estavam soltos e arregaçados sem quaisquer botões de punho. A pele tinha aquele brilho do bronzeado resultante do *surf* e do mar e, embora fosse uma rapariga dourada da Califórnia, Sunny sentiu-se uma pálida desgarrada do inverno por comparação. Não perdia um único pormenor dele: os olhos cor de avelã, o

cabelo loiro-escuro, a boca firme, o queixo forte, a cadência leve de um sotaque estrangeiro. Ainda não sabia nada sobre ele e, de alguma maneira, isso contribuía para o encanto.

— Venha comigo — disse o Príncipe Encantado e Sunny deslizou do banquinho, enfiou a cadela debaixo do braço e lá foi.

Não estava a pensar em Mac, não estava a pensar em nada. Tudo o que sabia era que se encontrava em Monte Carlo, sentada ao lado daquele homem atraente numa banqueta de camurça cinzenta, num restaurante meio vazio, no final do dia de Natal. Por agora não tinha de pensar em Mac e no facto de terem acabado. Não estava «Sozinha».

O Príncipe Encantado era tudo o que precisava. Alguém com quem estar «de momento».

— Deve ser mágico. Descobrir-me, transformar por completo o meu dia, a minha *vida*.

O sorriso dele era fatal.

— Lamento, mas sou um mero mortal.

Não há «magia» nenhuma envolvida nisto. Sabia onde estava. Segui-a desde Paris, não aguentei estar sozinho.

Sunny assentiu.

— Sozinho é demasiado doloroso.

— Então *quem* é afinal, princesa mágica? — perguntou quando o empregado serviu um vinho dourado pálido para copos em forma de tulipa.

— Podemos dizer a verdade agora?

— Eu sei que posso. Está a olhar para Eduardo Johanssen, conhecido geralmente como Eddie, meio brasileiro, meio sueco. Escolha a metade de que gostar mais.

— Nome interessante — retorquiu.

Olharam um para o outro durante um longo momento, em silêncio, lado a lado na banqueta de costas altas.

— Brindemos a si, Sonora Sky Coto de Alvarez. — Tocou com o seu copo no dela.

— Já sabe o meu nome.

— Não conseguia esquecer-lá, a dormir no avião. Tão vulnerável, tão magoada, com as manchas das lágrimas ainda nas suas faces. Não sabia se era daquele champanhe todo ou se eu a aborrecera e fizera dormir. Só sabia que precisava de descobrir.

— Sabe *porque* estava sozinha e a chorar?

— Se quiser contar-me, terei muito prazer em ouvir.

Prometo que entenderei.

Algures por entre a conversa, tinham pedido comida e agora o empregado colocou-lhes taças fumegantes de *soupe au pistou* à frente. O aroma do manjerição flutuou no ar. Nenhum deles pegou na colher.

— Mas sabia que eu tinha fugido?

— Era evidente, pelo que me disse no avião: comprar um bilhete no último minuto, atirar algumas coisas para dentro da sua mala, pegar na cadela, não saber para onde ia quando chegasse a Paris. E o facto de ser tão óbvio que estava perturbada.

— Os olhos vermelhos, suponho.

— Vermelhos, mas belos.

Desta vez, Sunny riu-se.

— Claro que tinha razão, estava a fugir.

Ainda estou. Estou a fugir de uma casamento que já não acontecerá.

— Ele deixou-a no altar?

Foi a vez de Sunny encolher os ombros e, desta vez, o decote em V do vestido, ao contrário do de Kitty Ratte, revelou uma ponta de seios redondos e firmes. Nada a ver com implantes de Hollywood, Sunny vira-os crescer, para seu desgosto, com a idade de treze anos, quando era louca por cavalos e uma maria-rapaz e detestava ser do sexo feminino. Claro que, entretanto, mudara de opinião, desde que descobrira o poder dos seios, o que faziam a um homem e sem dúvida o que faziam a uma mulher, sob o toque de um homem, em especial Mac.

— Mac tinha trabalho importante a fazer, cancelou o casamento. Não foi a primeira vez, mas foi a última.

— Porém ainda o ama.

— Não sei — retorquiu Sunny numa vozinha estrangulada.

— Sabe sim. Faz parte do que sucedeu, quem é, que tipo de mulher.

Aposto que não desiste com tanta facilidade do amor, Sunny Alvarez.

A cabeça dela descaiu no pescoço comprido, o cabelo, sedoso e preto, rodou para a frente para lhe esconder o rosto.

— Sabe que mais? — Eddie puxou-lhe com suavidade o cabelo para trás da orelha, desemaranhando uma madeixa que ficara presa no brinco de diamante que, claro, eram os que Mac lhe oferecera no último Natal. —

Temos histórias semelhantes.

O olhar deslizou para ele. Conteve as lágrimas. À justa.

— Vivo em Estocolmo, mas o meu trabalho leva-me a todo o mundo.

Demasiadas viagens.

Demasiadas separações. Por fim, a minha mulher não aguentou a solidão.

Encontrou outra vida. Agora estamos a meio de um divórcio.

— Ainda a ama?

— Amarei sempre.

— Então porque está a deixá-la ir?

— Porque, minha doce Sunny, ela merece a sua liberdade com um homem que a pode fazer mais feliz do que eu alguma vez consegui.

— Devem ter sido felizes no início?

— Os inícios são sempre felizes.

Amor, paixão, desejos loucos um do outro.

Os seus olhos fixaram-se nos dela.

Sunny reconheceu aquele olhar e sentiu aquela palpitação de aviso, aquela palpitação deliciosa e perigosa na barriga. *Não vás por aí*, avisou-se a si própria, *não vás por aí, Sunny, estás demasiado vulnerável, demasiado «Sozinha»...*

Ele deu-lhe uma palmadinha na mão, virou-se e falou com o empregado que trouxera uma tigela de frango cortado para a cadela que dormia, serena. Sunny ainda pensava no que Eddie dissera.

Sabia que era melhor mudar de assunto.

— Então o que faz, Mister Johanssen?

— Estou no ramo dos transportes marítimos, navios-cisterna, contentores, esse tipo de coisa. Muito aborrecido para uma pessoa ligada ao mundo do espetáculo em Hollywood.

Sunny riu-se.

— Nunca ninguém lhe contou a verdade sobre Hollywood? Que com muita frequência é ainda mais aborrecido do que expedir contentores e mais ou menos tão banal.

— Mas gosta.

— Admito que gosto. Adoro a Califórnia, adoro Malibu e a minha casa na marina com vista para todos os barcos nos quais sonhei viajar.

A vibração do telemóvel fê-la sair do transe em que estava a cair. Era Allie.

Atendeu.

— Allie, oh, Allie... — disse.

— O que se passa? *Na realidade?*

Quero dizer, deixaste mesmo Mac?

— Sim. E preciso de ti. Posso passar aí amanhã?

— Onde estás?

Sunny contou-lhe.

— Vou eu ter contigo. Chego aí amanhã à noite, não creio que consiga sair daqui mais cedo. Ouve, reserva-me um quarto, um duplo.

— Então Ron vem contigo?

— Não, vou levar uma amiga dos meus tempos de escola. Não a via há anos e telefonou-me mesmo antes do Natal a dizer que precisava de ajuda. Não fez mais nada senão chorar desde que aqui chegou e tenho receio de a deixar sozinha. Bem, conto-te a história quando aí chegarmos. Fica só a saber que não és a única a precisar de ajuda neste momento.

— Oh, Allie, falas como o teu novo *Eu*.

Sei que vais resolver todos os nossos problemas.

O riso de Allie teria sido familiar para milhões de espetadores de cinema.

— Ei, recordas-te de te perguntar, há apenas alguns anos, *Sunny, já alguma vez sentiste o coração partido?*

Respondeste que achavas que não. Mas eu sim, minha querida Sun. E recordo qual é a sensação. Vou ajudar-te, seja de que maneira for.

Sunny fungou, a recordar-se. Olhou para Eddie. Era óbvio que estava a tentar não escutar.

— Obrigada, Allie. Sabia que podia contar contigo.

Desligar Allie era como soltar uma tábua de salvação. A «realidade» voltou em toda a sua força. Sunny fitou o desconhecido com quem jantava. O homem que viera procurá-la. O homem com magia nos olhos e, sabia-o de algum modo, com magia no toque das suas mãos. Sabia que era melhor partir.

Ir para a cama. *Sozinha*. Aquela palavra temida que aquela noite teria de enfrentar. Pediu desculpa, disse que devia ser do *jet-lag*, mas que de repente se sentia exausta e precisava de se ir deitar.

Oh, meu Deus, esperava que ele não pensasse que era um convite. Há alguns minutos, no entanto, talvez tivesse sido. Era uma mulher num ponto vulnerável da sua vida, com sentimentos, emoções.

Eddie fez sinal ao empregado, assinou a conta, pegou-lhe no braço, saiu com ela do bonito restaurante de iluminação dourada.

Sunny não acreditava que ele fosse tão simpático, tão atencioso. Tão atraente. E tão sexy. Lá estava aquela palpitação na barriga de novo.

— Tenho muito que lhe agradecer, salvar-me duas vezes.

Ele sorriu.

— Talvez noutra ocasião possamos tentar de novo. Amanhã tenho de partir para Paris.

— Mas vai voltar? — Lá estava ela outra vez, aquela voz impulsiva, ansiosa agora, a dizer exatamente o que estava a pensar.

— Sim, voltarei.

Contra todo o bom senso, Sunny inclinou-se para o beijar. A boca dele atraiu-lhe docemente os lábios. Um beijo prolongado e suave.

— Volto logo que puder — prometeu ele. Depois afastou-se, atravessando o grande vestíbulo, e saiu pelas portas de vidro.

Pouco tempo depois, enfiada naquela enorme cama de um verde-menta, com *Tesoro* bem acomodada em cima das almofadas, Sunny, exausta, adormeceu instantaneamente.

Os seus últimos pensamentos acordada foram para Mac.

E Eddie Johanssen. Contudo, de forma estranha, não sonhou com nenhum dos dois homens. Foi Kitty Ratte que lhe ocupou a mente e o estranho aviso de Maha Mondragon. E Maha a dizer-lhe que devia aproveitar as oportunidades que a vida lhe oferecia.

13

ERA O «caso» mais importante da sua vida e Mac Reilly, superdetetive, estava atrapalhado. Não fazia ideia nenhuma de onde Sunny se encontrava.

Acabara de falar ao telefone com a mãe de Sunny, um encantadora *hippie* que se chamava Flora, usava flores de hibisco no cabelo loiro e comungava com a natureza sob a lua de Santa Fé.

Costumava vaguear por entre os catos do deserto, a vida selvagem, os coiotes e as cobras cascavel, que, ao que parecia, não a achavam ameaçadora e a deixavam em paz. E, claro, falara com o pai de Sunny, o atraente rancheiro mexicano que parecia um ator latino num filme de cobóis, com o seu cabelo espesso grisalho, bigode aparado e pele tisonada e luzidia.

Tinham apoiado sempre Sunny e Mac: a mãe de forma mais imaterial; o pai de forma mais terra-a-terra e direta. E ficaram preocupados quando Mac perguntou se sabiam onde se encontrava a filha de ambos.

— Quer dizer que não está *contigo*? — Flora parecia espantada. — Mas ela disse-nos que ia para fora, para um sítio qualquer especial, durante o Natal.

Disse que era um segredo.

— Presumimos que seria contigo. — A voz do pai ressoou, alta.

— Claro que tiveram uma discussão. — As mães sabiam sempre o que se passava.

— Mais ou menos, bem não foi propriamente uma discussão; chamemos-lhe um desacordo.

Geralmente, Mac não estava com tantas evasivas, mas não queria inquietá-los e sem dúvida que não queria contar-lhes que a filha desaparecera.

— Não se preocupem — disse em tom confiante —, sei para onde terá ido.

Depois ligo-vos.

— Façam as pazes, estás a ouvir? — A voz de Flora era cortante. —

Deixa-me dizer-te uma coisa, Mac Reilly, tu e Sunny estão demasiado bem os dois juntos para deixarem que as coisas vão por água abaixo. Acredita em mim, quando a coisa corre assim tão bem, nunca a deixes morrer, porque existe uma lei no amor que diz que nunca encontrarás outra vez o que tens agora.

Mac desligou o telefone. Ainda era dia de Natal em Malibu.

O mar batia nas rochas lá fora e a chuva crepitou no vidro da janela, fazendo com que *Pirate* erguesse uma orelha curiosa. Um pequeno brasido tremulava de forma hesitante na lareira, não o suficiente para aquecer a sala e sem dúvida não o suficiente para trazer o calor do Natal ao coração de Mac.

Passou um braço por cima de *Pirate* que se aninhou melhor na curva do seu corpo. Pensou para onde poderia ter ido Sunny. Talvez para um *spa*? Mas o que poderia ser mais deprimente do que um *spa* no Natal, uma festividade que Sunny adorava? Uma ilha das Caraíbas? Não era o tipo de mulher que fosse para St. Bart e havia tantas outras ilhas. Paris, onde tinham sido tão felizes há apenas alguns meses? Mas Paris ficava muito longe para se fugir assim; seria mais fácil ir para Las Vegas ou Napa Valley.

Mas Sunny não tinha amigos nesses sítios e tinha uma amiga, uma boa amiga em França.

Sem sequer considerar a diferença horária de nove horas, Mac agarrou no telefone e marcou o número de Perrin.

— Sim? — A voz de Ron Perrin tinha mais do que apenas um traço de fadiga e Mac sentiu-se logo culpado. — Devia ter calculado que eras tu — acrescentou Ron.

— Porque demoraste tanto, detetive?

— Queres dizer que Sunny está aí?

Ron soltou um suspiro.

— Ouve, não sei o que se passa, só que Allie disse que Sunny te deixou. Mac, arranjaste outra mulher ou quê? *Okay, okay*, não tens de me dizer porquê, seu grandessíssimo idiota. Afinal o que se passa contigo? Endireitas toda a gente, mas não consegues pôr a tua vida em ordem, *além* de que, por acaso, tens uma das melhores raparigas do mundo inteiro e uma das mais bonitas. E sabes o que te digo, enquanto te tenho aí no telefone, Mac Reilly, se não queres casar com ela, então, porra, diz-lho, não continues a intrujá-la dessa maneira. E ainda te digo mais, pá. Ela não vai ter de esperar muito, outra pessoa qualquer vai agarrá-la e nunca mais a vais ver.

Estava a dizer a verdade. Mac passou uma mão absorta pelo cabelo, os olhos encarquilhados de desespero. Ao lado, *Pirate* ganiu com emoção.

— Perdão — disse Mac.

— Não *me* peças perdão, sua besta —vociferou Ron. — Pede-lhe *a ela*.

— Como posso? Nem sequer sei onde está.

Ron suspirou outra vez.

— Está bem, estúpido. Eu não devia fazer isto, mas, em nome da amizade e de tudo o que vocês dois representam para mim e para Allie, tudo o que fizeram por nós...

— Salvei-te a vida — recordou-lhe Mac, pressionando-o.

— *Incluindo* isso, bem vou fazê-lo.

Sunny telefonou a Allie numa grande angústia. Está num hotel em Monte Carlo. Allie vai ter com ela e vai também levar outra amiga, do seu tempo de escola, que está desesperada e que, de facto, parece um caso para aquele programa *Extreme Makeover*, mudança radical. Assim, vão as duas a caminho para salvar Pru e para salvar Sunny.

Disse-lhe o nome do hotel e depois perguntou: — Em nome dos velhos tempos, queres que mande o meu avião buscar-te?

— Obrigado pela oferta, mas consigo, se calhar, apanhar o voo da Air France que parte esta noite. Ninguém viaja no dia de Natal.

— Pensa na pegada de carbono que me estás a poupar — replicou Ron com um sorriso na voz. — E, escuta lá, seu sacana, vê se desta vez tomas a atitude correta. Está bem?

NA MANHÃ A SEGUIR AO DIA DE NATAL, Sunny acordou com um feixe de luz do Sol que vinha de uma abertura que deixara de propósito nas cortinas. Deixara também uma nesga da janela aberta, só o suficiente para que a brisa fresca entrasse. Ao contrário do Pacífico, no Mediterrâneo não havia aquele estrondo das ondas a bater. Era um mar quase sem vagas, azul como o céu, às vezes ainda mais azul, sobretudo à noitinha, mesmo depois de o Sol se pôr, quando o mar e o céu se fundiam e o próprio ar parecia ter o mesmo brilho azul-néon.

Saiu para a pequena varanda e olhou lá para baixo para a armada de iates brancos que atulhavam a marina; para o mar esmaltado a cintilar de pontinhos de luz diamante, para as palmeiras e os plátanos e o bulício de atividade perto do famoso casino de cúpulas gémeas.

Tesoro acercou-se dela, a ganir.

Vestindo à pressa um par de calças de ginástica e uma *T-shirt*, Sunny enfiou um boné de baseball por cima do cabelo emaranhado, agarrou na cadela e apanhou o elevador para o vestíbulo.

Os paquetes sorriram, os porteiros disseram *Bonjour madame, et ça va la petite?* O que, visto que passara uma temporada no Sul de França no ano anterior, Sunny sabia que significava «como vai a pequenina?». A cadela adorava a atenção que os franceses lhe dispensavam e abanou todo o traseiro, encantada.

Atravessaram a praça a correr e seguiram para a *promenade* junto aos iates. Porque seria que Mac não a tinha encontrado? Procurara-a ao menos? O medo de o perder ardia de forma igual à fúria dentro do seu peito. Ninguém sabia, pensou com tristeza, que «um desgosto de coração partido» era exatamente o que significava: era tão físico que conseguia sentir as duas partes do seu coração, pesadas como chumbo.

Quando saíra do hotel, nem pensara em ver que horas eram, nem trouxera

um relógio e estava simplesmente a apreciar o calor do sol do inverno nas suas costas enquanto caminhava com a cadela. Então avistou um relógio. Eram onze e trinta e Kitty Ratte vinha buscá-la ao meio-dia para irem às compras.

Parou para olhar para um iate onde membros da tripulação lavavam os decks e sacudiam almofadas, pondo tudo a brilhar para a chegada do respetivo dono. Pensou se Eddie estaria em Paris e quando regressaria. Como se respondendo à deixa, o *BlackBerry* tocou.

Era ele. Apertou o telemóvel contra o peito. Não devia atender. Era tudo demasiado difícil e, sabia, demasiado perigoso. Virando-se, voltou a correr para o hotel.

Quinze minutos depois, de duche tomado, cabelo quase seco, um toque de *blush* no rosto pálido, um brilho do seu batom para o dia, *British Red* da *L'Oréal*, nos lábios, de calças de ganga brancas, *T-shirt* preta, camisola de caxemira branca passada pelos ombros, à francesa, pés enfiados em *mules* pretos, argolas de ouro nas orelhas como única joia e com *Tesoro* à espera na trela, permitiu-se por fim escutar a mensagem de Eddie. Era breve: «No bar. Logo à noite. Oito e meia.»

Sunny apertou outra vez o *BlackBerry* contra o peito. Deveria ir ou não? era a questão, quando apanhou o elevador lá para baixo para ir encontrar-se com Kitty.

*

KITTY ESPERAVA FORA DO HOTEL num pequeno *Fiat* branco com matrícula espanhola.

Conhecia todos os hotéis, todos os bares na Côte d'Azur onde procurava os seus alvos; homens ou mulheres. Até agora, no entanto, a chantagem não tivera êxito suficiente para se reformar em Marbella, na Espanha, com aquele bar que ambicionava ter. Nem sequer possuía um apartamento próprio e devia três meses de renda. Além disso, precisava de *Botox* e *Restylane* e pagar ao seu dermatologista. Não havia tempo a perder.

Monte Carlo ficava muito distante de Viena, a capital da Áustria, onde Kitty Ratte nascera, mas isso fora há muito tempo, mais anos do que queria admitir.

Vivera a maior parte da juventude na costa do Báltico, a enregelar de frio

enquanto o homem com quem a mãe vivia, o casamento nunca fora uma opção, pescava qualquer tipo de peixe meio congelado que saía daquele mar gelado. A primeira recordação de Kitty era de ter frio. A segunda de odiar a mulher a quem chamava mãe. E a sua recordação favorita era do dia em que partira daquele porto do Báltico, à procura de uma vida nova com um jovem que dizia estar loucamente apaixonado por ela e a quem, com quinze anos, oferecera a sua virgindade, embora não a sua inocência, porque Kitty nunca fora «inocente».

O ato do «amor», como o jovem cujo nome já esquecera lhe chamara, não significara nada para Kitty. Era apenas um produto para a levar do ponto A ao ponto B e, quando alcançou esse ponto B, à custa daquele jovem, depressa prosseguiu sem sequer o informar que ia partir.

Nessa altura tinha dezasseis anos.

Acabados de fazer.

Um rasto de homens, jovens, velhos, bem-parecidos e ávidos, ou gordos e casados, não interessava, marcara o progresso de Kitty pelos clubes de acompanhantes e clubes de sexo desses países do Báltico, passando pela Polónia e Ucrânia, Hungria e Croácia e, por fim, até Paris, onde começara a andar com um docente de ciências médicas no hospital onde conseguira, através de mentiras e referências falsas, um emprego como assistente na farmácia. Nessa altura, já tinha o cabelo castanho pintado de ruivo, embora não tão vivo como atualmente. Com as faces rosadas e sorriso de dentes salientes, ainda sem as duas facetas dentárias baratas à frente, os braços e coxas fortes de camponesa, aliados à sua extrema juventude e óbvia disponibilidade sexual possuía uma certa atração.

Ficara com o professor durante seis meses, fugindo depois para Londres sozinha à procura de melhores hipóteses. Levara com ela vários frasquinhos dos fármacos conhecidos como drogas de violação, os quais, aprendera com o docente, que era um bom professor, podiam pôr qualquer pessoa em estado semicomatoso e altamente suscetível a abuso sexual. De facto, a «vítima» ficaria incapaz de qualquer raciocínio construtivo e impossibilitada de qualquer ação física para se defender, incapaz de se mexer ou pensar. Enquanto nesse estado de sedação, era possível fazer-lhe qualquer coisa.

Kitty nunca estava sexualmente satisfeita, mas agora a utilização desses fármacos conferia-lhe uma sensação de poder que era ao mesmo tempo inebriante e assustadora. Podia matar uma pessoa nesse estado de sedação.

Seria fácil. Kitty não tinha sentimentos por ninguém, senão por si mesma. Sabia o que lhe dava prazer. E matar talvez desse.

Naquele momento, sorriu com entusiasmo quando Sunny se encaminhou para ela, compreendendo por instinto a sua vulnerabilidade. Com uma mulher tão vulnerável como aquela, tudo era possível.

— Oláá. — As facetas dentárias de Kitty cintilaram, muito brancas, num sorriso insinuante.

Sunny não percebia por que razão a mulher não fizera nada em relação àqueles dentes.

— Olá — respondeu, correndo pelos degraus abaixo, entrando no carro e sentando-se ao lado de Kitty, que envergava um vestido de malha cor de rosa que se amarfanhava por cima das coxas brancas.

— Acho que está com melhor aspeto hoje — disse Kitty, atirando a Sunny um olhar rápido e acelerando. — Espero que tenha dormido bem?

— Na verdade, sim.

— E ele telefonou? O amante ausente?

— Telefonou muitas vezes.

Kitty carregou a fundo no travão num sinal vermelho, fazendo chiar os pneus.

— Mas não atendeu?

Sunny abanou a cabeça.

— Não.

— É bonito, o seu amante?

— Acho que é.

A cabeça de Kitty girou para Sunny ao mesmo tempo que fintava o trânsito.

— E as outras mulheres acham-no atraente?

— Não pergunto às outras mulheres o que pensam sobre ele.

Sunny não estava a gostar do rumo da conversa. Não queria falar de Mac com aquela mulher com as suas perguntas contundentes. Porém, não era por essa razão que ali estava? Para tentar falar sobre aquilo, libertar-se daquilo, tirar Mac da cabeça, tentar decidir o que fazer, em que ponto se encontrava?

Tentar lidar outra vez com aquela coisa do estar sozinha, após quatro anos inteiros na companhia de Mac?

— Suponho que sim, que acham — admitiu. — Mac é uma celebridade por causa do seu programa televisivo. Tem aquele ar atraente e um pouco duro

que os detetives na ficção devem ter: olhos azuis penetrantes, cabelo preto despenteado, sempre em pé porque lhe passa muitas vezes a mão. E tem mãos maravilhosas, esguias, bronzeadas...

— Um corpo firme? — perguntou Kitty.

Surpreendida, Sunny admitiu que sim, que Mac tinha na realidade um corpo firme.

— Então deve estar com saudades dele.

Deve sentir falta do sexo com ele, quero eu dizer. — Kitty lançou uma olhadela de lado a Sunny quando estacionou no parque do Gray d'Albion em Cannes.

Riu-se, num tom malicioso. — Se está a sentir-lhe a falta dessa maneira, então sei muito bem como resolver isso.

Quero dizer, uma mulher não pode passar sem sexo só porque deixa um homem. Ora, não há razão para isso, não é?

— Na realidade, não pensei nisso. — Sunny tinha as costas retesadas de embaraço. Mal conhecia aquela mulher.

O que queria dizer com aquilo de que *sabia como* resolver isso?

— Bem, cá estamos — disse Kitty. — Vamos começar pela *Gucci*. Estão todas aqui. Há outras lojas perto do *boulevard* principal, podemos entrar nelas todas e almoçar qualquer coisa entretanto.

Ajustando os óculos de sol brancos, Kitty pegou no braço de Sunny e avançaram para o sol. Deambularam pelas lojas, mas a cabeça de Sunny não estava nas compras. Pensava em Allie, que devia chegar nessa noite, e também em Eddie e como iria lidar com a situação com ambos ali. Allie nunca entenderia a questão de Eddie. De facto, nem ousava contar-lhe.

A resposta surgiu quando o *BlackBerry* apitou.

— Temos pessoas para jantar hoje, não posso cancelar. Ficas bem se nós formos amanhã? — perguntou Allie.

— «Nós» quem?

— Vou levar Pru Hilson, uma velha amiga dos meus tempos de escola. Já te falei dela. Vai precisar da nossa ajuda de peritas para uma mudança de visual à Hollywood.

— E que tal mudar o visual do meu coração?

— É essa a minha prioridade, querida.

Até amanhã. Porta-te bem. Adoro-te.

Sunny acabou por almoçar com Kitty na esplanada do Hotel Martinez.

Beberricou um copo de *rosé*, atacou um substancial frango assado e depois, porque mal comera na noite anterior e percebeu de repente que estava cheia de fome, seguiu-o com queijos deliciosos, um *Banon* de pasta mole embrulhado em folhas de castanheiro; um *Saint-André*, o seu favorito; e um queijo de ovelha duro que sabia a alecrim, servido com uma baguete de côdea dourada, do tipo com que Mac e ela às vezes sonhavam, no seu deque de Malibu, a desejar estarem em França. Oooh... como queria que Mac ali estivesse agora, a comer aquele *fromage de Saint-André* e o *Banon*, um contraste de macieza e elasticidade que, embora simples, de algum modo atingia a plenitude da satisfação.

O cabelo ruivo flamejante de Kitty cintilava à luz do Sol quando deu uma dentada pouco elegante num hambúrguer. As suas mãos rechonchudas de camponesa agarraram-no como patas e sorriu para Sunny enquanto mastigava.

— Tãão bom — observou. — Não tinha percebido que estava com tanta fome.

Fitou Sunny por trás dos óculos escuros brancos com os Gs entrelaçados da *Gucci* nas hastes em dourado. A mala *Chanel* repousava na cadeira ao lado e os brincos *Dior* balançavam como sinais nas orelhas.

— Tenho tanta pena de si — disse dando uma palmadinha suave no joelho de Sunny. — Está a passar por tanto e eu tinha esperança que esta pequena distração a ajudasse a esquecer. Bem, *esquecer* talvez não, mas ajudá-la a não pensar no que sucedeu, pelo menos durante algum tempo.

Disse-o de forma tão simpática que Sunny se sentiu comovida. De facto, para além de um fraco por lojas de luxo e gosto por conversas sobre sexo, Kitty Ratte era inócua. Contudo, lá no fundo da mente de Sunny continuava o estranho aviso de Maha Mondragon. *A corrupção tem o seu aroma próprio.*

Kitty largou-a no hotel com um beijo em cada face. Deu a Sunny o seu número de telefone, esperou que Sunny o gravasse no *BlackBerry* e depois disse: — Talvez nos vejamos mais tarde.

Poderei ter de passar pelo hotel, nunca se sabe.

Mas os pensamentos de Sunny já saltavam para o seu encontro com Eddie nessa noite. Iria ou não iria? E Mac estaria sequer a tentar encontrá-la? Bem queria que Allie chegasse e a salvasse.

EDDIE JOHANSEN não recebera resposta de Sunny a concordar com o encontro. Claro que devia ter ficado em Paris, tinha trabalho a fazer, mas havia uma força atrativa, uma ligação, que o trouxera de volta a Monte Carlo.

A verdade, pensou Eddie, sentado no bar do hotel nessa noite, quinze minutos antes do seu esperado encontro com Sunny, era que nunca conhecera uma mulher que expusesse os seus sentimentos de forma tão perigosa. A maior parte das mulheres que conhecia só se preocupava consigo própria: com o seu aspeto, com o que vestiam, apoquentando-se com todos os pormenores. Incluía a sua futura ex-mulher nessa categoria. Jutta era uma mulher que amara muito outrora e que, de algum modo, ainda amava, embora já não conseguisse viver com ela. O divórcio acabara por se tornar feio, com acusações e reivindicações da parte de Jutta em relação às quais Eddie estava decidido a não se defender. Deixá-la ficar com o que quisesse era o seu discurso junto dos advogados, embora, claro, eles insistissem em protegê-lo.

Agora as coisas encontravam-se num estado bastante inflamável, com Jutta apostada em depená-lo e em manter a custódia dos dois filhos.

Eddie achava-se também num ponto vulnerável da sua vida. Sentindo-se solitário, estava emocionalmente sensível à aparência suave, à beleza escura e delicada, à *confiança* que Sunny Alvarez depositara nele, desde aqueles primeiros momentos no avião.

Era bom ter uma mulher a tratá-lo daquela maneira; uma mulher que fugia de um homem, adivinhara-o de imediato; e uma mulher que confiara o suficiente para se deixar adormecer a seu lado.

Houvera outras mulheres na sua vida para além de Jutta, claro. Mas nenhuma como Sunny.

O bar do hotel estava animado. Os saldos a seguir ao Natal tinham começado e grupos de mulheres empoleiravam-se nos cadeirões de camurça

cinza rodeadas por sacos de compras, a beber martinis de um rosa pálido, soltando exclamações sobre as pechinchas adquiridas, rindo com a satisfação que apenas as compras pareciam trazer às mulheres. A bela indiana elegante em que Eddie reparara na noite anterior encontrava-se sozinha numa mesa de canto, o empregado servia-lhe champanhe. *La Grande Dame*, observou Eddie. Um bom vinho.

Esperava que tivesse alguém com quem partilhá-lo. Durante um segundo os olhos dela, os seus belos olhos escuros, cruzaram-se com os dele e depois afastou o olhar, deixando-o com a impressão enervante que lhe conseguia ler a mente. Mais... que o *conhecia*.

Noutro canto, reunia-se um grupo de homens, cabeças baixas, a escutar com atenção o esquema de negócios que se debatia. Naquele dia havia dois empregados de bar: o mesmo de cabelos grisalhos da noite passada e um homem mais novo, alto, magricela, os pulsos a destacarem-se das mangas quando agitou mais alguns daqueles martinis de meninas.

Eddie remexeu a vodka com gelo que pedira, mais porque se encontrava sozinho no bar do que porque precisasse de álcool. Já se sentia suficientemente embriagado com a ideia de estar com Sunny. Lançou uma olhadela ao relógio.

Oito e vinte e cinco. Desapertou a gravata, amarela-escura com um padrão esbatido e desabotoou o botão superior da camisa azul. Usava o mesmo casaco de caxemira do dia anterior e o cabelo loiro-escuro ainda estava húmido do duche. Para as mulheres sentadas naqueles cadeirões de camurça cinza, observando-o interessadas por cima das bordas dos copos, tinha um aspeto bem interessante.

Desta vez, Sunny deixara a *chihuahua*, exausta, a dormir em cima da cama e vinha sozinha. Entrou no bar quando o ponteiro dos minutos passou para a meia hora.

O rosto de Eddie iluminou-se quando a viu e ela avançou, com aquela passada adorável de pernas compridas, para ele.

Mesmo no momento em que irrompeu uma balbúrdia à porta do hotel. Guinchos de sirenes da polícia, de carros de bombeiros; mais polícia.

Assustadas, as mulheres perguntaram umas às outras: «São terroristas? Uma bomba? Com certeza não aqui em Monte Carlo.»

Sunny correu para Eddie, ele abraçou-a e ela encostou-se a ele, nervosa. Não era a entrada que contara fazer; pensara que estariam sozinhos e

poderiam conversar, sossegados. Fazia tenção de dizer a Eddie que, embora se sentisse atraída por ele, não queria vê-lo outra vez. Dir-lhe-ia que ele era o seu salvador, que lhe proporcionara sanidade mental naqueles últimos dois dias, dir-lhe-ia que tinha muita sorte por o ter conhecido e muita sorte por terem tido aquele beijo. O seu único e verdadeiro beijo. Dir-lhe-ia que nunca esqueceria esse beijo, nem o esqueceria a ele.

Suspiros de alívio flutuaram pelo bar, quando as sirenes se extinguiram. A mulher indiana fez sinal ao empregado para lhe servir um segundo copo de champanhe.

— O que achas que aconteceu? — perguntou Sunny, sem fôlego por causa do aroma da pele de Eddie, beijando-lhe a face.

— Se calhar algum falso alarme.

Não queria que ela pensasse em terroristas nessa noite. Queria que pensasse nele. Estava sentada a seu lado na cadeira alta do bar, adorável num simples vestido preto. Em vez das botas, usava sandálias altas de cetim com um laço atrevido à frente. Os tornozelos pareciam frágeis como os de um cavalo de corrida e os pés deliciosos para serem beijados. Perguntou-lhe o que queria tomar e quando ela disse champanhe, pediu o *Grande Dame*.

— Extravagante — observou Sunny quando o empregado abriu o vinho.

— É uma noite para extravagâncias. — Ergueu o seu copo, fitando-a nos olhos.

— Não esqueci aquele beijo a noite passada. De facto, Sonora Sky Coto de Alvarez, foi essa recordação que me fez voltar.

Sunny inspirou fundo; a coisa estava a intensificar-se quando o que ela pretendia fazer era pôr-lhe um travão, antes que na realidade comesse.

— Não posso garantir mais beijos — replicou com rapidez.

Ele assentiu.

— *Okay*. Então onde gostarias de jantar? Conheço um restaurante japonês maravilhoso em Cannes ou podíamos experimentar o restaurante de peixe na praia em Golfe Juan. Ou, se estiveres cansada, aqui mesmo no hotel outra vez.

O telemóvel soltou um «bipe» surdo, ele pediu licença e afastou-se.

O empregado jovem serviu o champanhe e disse para Sunny: — Houve um roubo na joalharia La Fontaine.

— Franziu o sobrolho, preocupado. — Cresci aqui em Monte Carlo, coisas como esta não costumavam acontecer. É por isso que as pessoas vivem

aqui, não têm medo, como acontece em sítios como a cidade do México ou São Paulo.

Sunny virou-se quando Maha Mondragon a cumprimentou.

— Recorda-se de mim, Madame Alvarez — perguntou Maha —, falei consigo a noite passada?

— Claro. — Como poderia Sunny esquecer o misterioso aviso e o conselho para o seu futuro?

— Isto pode parecer estranho, *madame*, mas permita-me que explique. Sinto-me atraída por si, porque vejo que está perturbada. A sua vulnerabilidade recorda-me como eu própria era, há muitos anos. É uma situação perigosa, aquela em que se encontra, em termos emocionais.

Deixe-me dizer-lhe, Madame Alvarez, que, se precisar de ajuda, então eu, esta *desconhecida*, poderá dizer, ajudá-la-ei.

Sunny fitou os olhos belos, viu alguma coisa que sabia ser bondade, bem como mistério. Maha Mondragon interpretara a sua situação na perfeição; sabia que Sunny estava com problemas; sabia que se encontrava em terreno perigoso com Eddie; e também com Kitty.

— Não sei o que dizer, exceto... obrigada — murmurou.

— Embora não nos conheçamos, pense em mim como uma amiga em quem pode confiar. — Maha falou em voz meiga.

— Mas *quem é?* — perguntou Sunny.

— Sou *designer* de joias.

Maha fez um gesto para o colar fabuloso, uma peça pesada cravejada de rubis entrançados a ouro e de diamantes minúsculos, como estrelas à volta de planetas. Era espetacular.

— As minhas joias são únicas. São feitas à mão por magníficos artesãos indianos, cujas famílias trabalham neste ofício há um século ou mais e acredite que são verdadeiros artistas. Vendo para lojas exclusivas na Europa, mas agora o meu negócio está a expandir-se e preciso de alguma ajuda. Recorda-se de lhe dizer a noite passada para agarrar as oportunidades que a vida lhe oferece?

Bem, esta noite, *madame*, vou oferecer-lhe essa oportunidade.

Ainda ao telefone, Eddie ergueu uma sobrancelha de desculpa para Sunny, tornou a pedir perdão e voltou à sua chamada.

Maha continuou: — Estou a olhar para si e vejo uma mulher perturbada, uma mulher em dificuldades. Mas vejo também uma mulher digna de

confiança. É por isso que lhe ofereço um emprego. Vai ser muito diferente do que está habituada, mas também bastante excitante porque envolve viagens frequentes à Índia.

Sunny retorquiu, espantada: — Mas eu já tenho um emprego. Tenho uma empresa de relações públicas para gerir. Devia voltar para Los Angeles...

— Isto não lhe consumirá o tempo todo.

Com certeza que consegue combinar as duas coisas. Apenas se quiser aceitar, claro — acrescentou Maha, com um sorriso que mostrava dentes brancos perfeitos. — Terei de ficar na Europa durante períodos mais longos e o que preciso é de um intermediário de confiança, alguém que vá buscar as joias ao Rajastão; não se preocupe, tudo é declarado na alfândega, é tudo perfeitamente legal. E que devolva também outras peças que não estão perfeitas, ou que talvez não se estejam a vender bem, para as joias poderem ser recicladas em novos modelos.

Naturalmente que todas as peças são muito caras, embora se calhar não tão caras como os diamantes que foram roubados de La Fontaine, como acabei de ouvir dizer.

Maha fitou o rosto atónito de Sunny e riu-se.

— Vejo que a confundi. E o seu companheiro está à espera. Lamento ter perturbado a sua noite, mas prometa-me uma coisa, Madame Alvarez, prometa que vai considerar a minha proposta. E, em troca, prometo-lhe que será lucrativa, além de excitante. — Os belos olhos escuros cruzaram-se com os de Sunny. — Além disso — acrescentou com suavidade —, sei que estou a olhar para uma mulher ansiosa por alguma excitação na sua vida. Acredite, encontrá-la-á em Bombaim.

Com um afago da mão sedosa no braço nu de Sunny, Maha voltou para a sua mesa, deslumbrante num sari de *chiffon* azul-escuro, debruado a contas verde-água que deslizava pelo seu corpo quando andava. A beleza era Maha Mondragon.

16

ALLIE E PRU tinham conseguido chegar no dia que haviam planeado ao princípio e iriam fazer uma surpresa a Sunny.

— Escuta, Pru — disse Allie, arrastando a amiga pela mão através do aeroporto de Nice. — Estás no Sul de França. Vais conhecer a minha amiga mais querida, uma mulher que não há muito tempo me salvou a vida quando um assassino me perseguia.

— Li isso no *The New York Times* — retorquiu Pru, sem fôlego e a arquejar enquanto Allie a apressava. — Por amor de Deus, Allie, abranda.

Allie abrandou para uma passada normal em vez do galope rápido que adotara há anos, num esforço para deixar os paparazzi para trás. No entanto, ainda a apanhavam, mesmo agora, quando já não era uma «estrela de cinema». Bem, exceto aqui em França onde desempenhara um par de papéis em pequenos filmes franceses de cujos guiões gostara e com realizadores que admirava. De forma estranha, para ela eram os filmes mais gratificantes da sua carreira, embora a sua vinha fosse agora o seu verdadeiro «amor». Tal como Ronnie.

Querido Ron Perrin, o seu marido, que estava preparado para largar tudo e todos para a fazer feliz, para cuidar dela, para a amar. Ronnie era o único homem que conseguia fazê-la sentir-se uma rapariguinha de novo, aquela rapariga que ele conhecera e ajudara a subir os degraus da fama há mais de vinte anos. Era uma sacana, mas amava-o.

Falara com Ronnie que, porque o seu *Cessna* estava a ser reparado, alugara de imediato um pequeno avião para as levar diretamente a Nice. Dissera que não valia a pena usar o avião grande para uma viagem tão curta, embora o pudesse fazer se Allie quisesse. Allie não quisera. Só queria chegar a Sunny o mais depressa possível. E agora ali estavam elas, mais cedo do que Sunny contara.

Continuava a pensar que o que sucedera não podia ser verdade; que Sunny nunca deixaria Mac. Mac e Sunny formavam um par, um duo, verdadeiros amantes no melhor sentido da palavra.

Sunny era desorganizada, divertida e inteligente; guiava uma *Harley*, tinha um curso tirado em Wharton, geria a sua própria empresa bem sucedida de relações públicas. E amava Mac Reilly até à morte. Desde que se tinham conhecido numa festa em Malibu, após uma troca de olhares na sala, esse tipo de coisa. E Mac apaixonara-se desde esse momento. Amava a sua Sunny, ainda mais do que amava o cão, *Pirate*, o que era dizer muito. Mac teria morrido por Sunny, mas não desistiria das suas «investigações», ou lá como lhes chamava, ajudar vítimas, encontrar assassinos, reconciliar almas perdidas no seu programa televisivo... resolver crimes que outras pessoas tinham desistido de resolver, incluindo, em muitos casos, a polícia. Para Mac, isso vinha primeiro, como viera sempre na sua vida.

— Creio que é um homem com receio do compromisso — comentou Allie para Pru, quando saíram e se dirigiram para a zona onde vários motoristas erguiam placas com os nomes dos clientes.

— Quem? — perguntou Pru, grata por terem parado um minuto.

Aumentara tantos quilos nos últimos meses que já não se sentia ela. Habitava o corpo de outra pessoa. Até o cabelo já não parecia ser o dela. E o rosto assemelhava-se à lua cheia que entevia lá fora, brilhando sobre a Riviera.

O que estava *a fazer* aqui na Riviera?

Terra de biquínis e brasas, mulheres atraentes e homens ainda mais atraentes?

Porque não dissera simplesmente a Allie que ficava em casa para não ter de andar pela cidade chique de Monte Carlo, apenas com um cafetã sem graça para vestir? Mesmo um cafetã com alguma graça, talvez macio e aveludado, ou fino e esvoaçante em cambraia rosa leve ou algo do género seria sempre um cafetã.

E ela continuaria a ser a amiga com excesso de peso da deslumbrante estrela de cinema.

Mas fora por isso, para começar, que Pru telefonara a Allie. Percebera, intuitivamente, que Allie era a única pessoa que seria capaz de a ajudar.

Allie fora sempre bela, mesmo quando adolescente, na escola secundária, já era um espanto. E como Allie detestara aqueles rapazes desprezíveis de cidade pequena a atirarem-se a ela, a falarem dela, dizendo coisas grosseiras que Pru sabia que eram mentiras. Allie era tão «pura como a neve», como se costuma dizer. E depois contraíra um mau casamento com um homem rico

mais velho e, mais tarde, humilhada e entristecida, divorciara-se e seguira com a sua vida. «Esperemos», dissera Pru na altura, «que para melhor.» No caso de Allie, após mais do que apenas algumas adversidades na sua carreira e com os homens, bem como com Ron, isso concretizara-se. Porém não no caso de Pru.

— Lá está ele.

Allie acenou para o motorista que segurava a placa que dizia Perrin e o homem apressou-se a pegar-lhes nas bagagens. Uma pequena para Allie, uma maior para Pru. Os *flashes* dos *paparazzi* dispararam-lhes no rosto e Allie agarrou outra vez na mão de Pru e correram.

Pru entrou agradecida no carro, ajeitando a saia comprida por baixo das pernas que, de forma estranha, eram a única parte do seu corpo que continuara magra. Ainda tinha boas pernas, embora agora estivessem escondidas, como tudo o resto nela. Detestava aquele cafetã encarnado; a ideia era ter a ver com o Natal, mas agora só lhe lembrava molho de framboesa. E não dizia nada bem com a sua tez que, não sabia como, se tornara demasiado cor de rosa.

— Amanhã vamos arranjar-te umas roupas novas — declarou Allie, virando-se para a fitar.

— Ah! Uma manta para cavalo estaria bem, creio eu.

— Pelo menos, será uma manta para cavalo chique.

Allie riu-se e Pru, sempre à beira das lágrimas de autocomiseração, percebeu que se ria com ela. Pru baixou o vidro da janela e farejou o ar.

— Jurava que me cheira a jasmim.

— E cheira — concordou Allie.

Pru inalou de novo.

— Mas estamos em dezembro.

— E estamos em Nice, uma das grandes capitais de flores do mundo. Crescem aqui coisas que nunca encontrarias nos Estados Unidos nesta altura do ano. Oh, Pru, este sítio, a Riviera, a Côte d’Azur, como lhe queiras chamar, é especial.

Tem uma magia que consegue curar todos os males. Juro que consegue, como dizem na Bíblia, *recuperar a tua alma*. Acredita, Pru, e acredita em ti mesma, porque vais sair daqui uma mulher nova.

Pru abanou a cabeça. Agora era cautelosa. Nada de grandes voos para ela. O seu homem tinha-a enganado, abandonara-a por outra mulher, e, naquele

momento não tinha qualquer esperança de encontrar outra pessoa que a amasse, porque estava com tanto excesso de peso e tão pouco atraente.

Oh, meu Deus, nunca mais ninguém a amaria! Nunca mais dormiria nos braços de um homem, nunca mais conheceria a intimidade de um corpo duro contra o seu.

— Não vai acontecer — declarou redondamente.

— Confia em mim.

Allie fitou-a, mas sem lhe tocar. Não queria que Pru desatasse outra vez a chorar. Não agora quando o carro parava em frente do hotel e jovens envergando uniformes brancos se apressavam a abrir-lhes as portas.

— Bem-vindas a Monte Carlo — disse o porteiro. — Bem-vinda de novo, Miss Ray.

— Madame Perrin. — Sorrindo, corrigiu-o. — E obrigada.

Não houve necessidade de fazerem o *check-in*. O próprio diretor do hotel de fato preto e laço, veio pessoalmente cumprimentar Allie.

— Reservámos-lhe uma suíte de cobertura, Madame Perrin.

É encantadora. Creio que vai gostar.

— Ora, foi muito amável da sua parte.

— Allie sorriu, mostrando o seu agradecimento. Ainda era tratada como estrela de cinema, apesar de se ter «reformado» de Hollywood.

— Vi o seu último filme, o francês, *Les Étrangers sur la Plage*. A sua atuação foi muito emocionante.

Allie tornou a assentir, agradecendo.

— Fico muito contente por ter gostado.

A luxuosa suíte Rei Sol era magnificente disse Pru, olhando em volta, assombrada.

— Devia viajar mais vezes contigo — comentou, saindo para a varanda que rodeava a suíte de canto.

Os sons insistentes das sirenes da polícia e das ambulâncias estilharam de novo o silêncio. O diretor do hotel pediu desculpa.

— Uns problemas em Monte Carlo esta noite, um roubo numa joalheria. Lamento imenso, isto nunca acontece aqui.

— Já estive em Nova Iorque — disse Pru. — Estou habituada.

Mas Allie não. Allie era agora uma rapariga do campo, a verdadeira rapariga do campo que sempre quisera ser. Adorava o silêncio absoluto de uma noite campestre; um silêncio que, se nos mantivéssemos quietos e

escutássemos apenas, se enchia de ruídos: o restolhar nas ervas; o arrulhar de uma rola; o vento numa árvore, a agitação das folhas a rodopiarem para a terra. «O campo», afinal, nunca se achava verdadeiramente em silêncio.

Allie pediu ao diretor do hotel o número do quarto de Sunny. Ele deu-lho e comentou que pensava que Madame Alvarez se encontrava no bar.

— Com um acompanhante.

Allie ficou a pensar quem seria o acompanhante. Teria Mac chegado antes dela? Nesse caso, Ron devia ter-lhe contado. Raios, Ron *não* devia ter feito isso. Precisava de falar primeiro com Sunny; agora as suas hipóteses de descobrir a verdade estavam arruinadas.

Virou-se e olhou para Pru, ainda na varanda, ainda vestida com aquela horrível vestimenta cor de framboesa que, de facto, daria para uma mulher com o dobro do seu tamanho. Pru trouxera uma mala que, sabia Allie, devia conter roupas enormes semelhantes, suficientes para um mês.

Encolheu os ombros, não tinha tempo para discutir roupas naquele preciso momento.

— Vamos, Pru — chamou. — Empoa o nariz e penteia o cabelo. E veste isto.

Passou-lhe um xaile de gaze muito leve, tecido em caxemira tão fina que devia ter sido feito com a cardação das cabras mais pequeninas, de um cinza pálido que, esperava, atenuasse o cafetã cor de framboesa e a tez rosa de Pru.

— Onde vamos? — Pru fitou, duvidosa, o xaile cinza. Estava a apetecer-lhe um duche e telefonar para o serviço de quartos.

— Não há tempo para discussões — retorquiu Allie, vestindo um casaco de malha preto por cima da *T-shirt* e abotoando-o até ao pescoço. Com o cabelo loiro puxado para trás, calças pretas e sapatos rasos de bailarina, quase parecia ter dezoito anos. — Vamos até ao bar.

DE VOLTA À SUA MESA NO BAR, Maha lançou uma olhadela ao relógio e depois à entrada. Uma pequena ruga arrepanhou a testa perfeita. De onde se encontrava conseguia ver parte do vestíbulo, além das portas para o restaurante, e também vigiar Sunny sentada no bar com o homem muito atraente, cujo nome, descobrira, era Eduardo Johanssen.

Maha lia na perfeição a linguagem corporal de Sunny enquanto esta se inclinava para ele. Interessada, mas contida. Pensou porque estaria tão contida com um homem tão atraente.

Talvez Eduardo fosse casado e aquilo fosse um encontro secreto, um *rendez-vous* de inverno, no Sul de França.

Achou que era interessante, mas, tinha esperança, não suficientemente interessante para arruinar os seus planos para Sunny.

A sua assistente, Sharon Barnes, entrou a passos largos no bar. Sharon era australiana, mais de um metro e oitenta nos seus saltos altos, com o aspeto chamativo de uma modelo, o que fora num momento anterior da sua vida.

Agora, no entanto, estava a chegar aos quarenta. Não o parecia, mas era ainda assim demasiado velha para modelo, que nunca na realidade fora, ou pelo menos apenas durante uma época, o sucesso da *passerelle*. Depois, Sharon viajara por vários lados, trabalhando nos países do leste europeu, organizando pesquisas de modelos, dirigindo a sua pequena empresa em Praga. Porém, não tivera muito êxito até que conheceria Maha há três anos.

Não se poderia chamar bela a Sharon, com as suas feições fortes, o corte de cabelo muito curto, os membros magricelas demasiado compridos, mas tinha olhos lindos, verde-escuros, com sobrancelhas em asa.

Sharon lançou um olhar a Maha e, sem sequer um olá ou um beijo, atirou-se para uma cadeira e fez sinal ao empregado.

— Uísque escocês — grunhiu. — Com gelo. E duplo.

Maha não disse nada.

A mão de Sharon tamborilou de forma nervosa no braço da cadeira.
Maha continuou a não dizer nada.

— Então? — perguntou Sharon por fim, uma sobrancelha erguida.

O empregado trouxe o uísque e serviu mais champanhe. Champanhe era o único vício de Maha. Além de dinheiro, claro.

— Então. Está tudo bem — retorquiu Maha.

— Meu Deus, estou a morrer pela porcaria de um cigarro.

— Sharon atirou a cabeça para trás, com uma expressão angustiada. Os vícios de Sharon eram bastante evidentes.

— Podes sempre ir até lá fora fumar.

— Deves estar a gozar. — Sharon bebeu uma golada do uísque. — Pôr-me lá fora, como uma dessas prostitutas russas com as saias pelo rabo e sem cuecas, a fumar e a mirar os gajos. Acho que não.

Maha riu-se com a descrição e com o sotaque australiano.

— Que raio, estás sempre tão calma e feliz — resmungou Sharon.

Maha ajustou o sari azul por cima do seu ombro de um tiznado cor de azeitona. — Não vejo razão para estar infeliz.

Sharon passou a mala de mão e o saco de compras com o nome *JOSEPH* do colo para a cadeira adjacente.

— Vê só o que comprei — disse, puxando uma camisola de caxemira simples. — Cinzenta, como estas cadeiras.

— Interessante — retorquiu Maha sem intenção e Sharon sorriu com ironia.

Maha era mestre do eufemismo.

— Em saldo. Menos quarenta por cento.

Maha assentiu ao mesmo tempo que erguia uma mão de boas-vindas para os dois homens da noite anterior, acompanhados por uma mulher baixa de cabelo castanho, vestida de forma cara e exibindo uma mala laranja *Birkin* da *Hermès*. Os homens carregavam-lhe os inúmeros sacos de compras.

— Vejo que os saldos também te conquistaram. — Maha depositou um beijo rápido na face empoada da mulher, detetando-lhe o aroma do perfume acabado de aplicar.

— Os saldos são uma boa distração — retorquiu, abraçando Sharon, enquanto os dois homens apertavam a mão de Maha. Não a beijaram, tratando-a com respeito, como sua empregadora.

— Onde estacionaram? — perguntou Maha.

— No casino — respondeu o homem alto.

Maha observou Sharon que, cedendo ao seu vício do tabaco, pescava um maço e um isqueiro de dentro da mala e avançava para a porta.

— Vou juntar-me à brigada das prostitutas — exclamou por cima do ombro, fazendo Maha rir-se e os outros fitarem-na, espantados.

Depois, tal como os outros grupos de homens de negócios no bar, juntaram as cabeças para conversar, de forma irónica, considerando o que se passava na rua, a questão da joalharia, embora as joias de Maha nunca fossem vendidas em lojas clássicas como La Fontaine.

Lá fora, onde Sharon fumava o seu cigarro, passeando, nervosa, para a frente e para trás na praça, o som das sirenes da polícia e das ambulâncias ainda ecoava na noite. Passado um bocado, acendeu um segundo cigarro na beata do primeiro, disse consigo própria que ia morrer do raio de cancro do pulmão induzido pelo tabaco, acrescentou que se estava borrifando, depois fechou os olhos e tapou os ouvidos para suprimir o guinchar das sirenes na noite.

HAVIA UM CORDÃO POLICIAL à volta do aeroporto de Nice quando Mac chegou.

Soldados com armas examinavam todos os passageiros. As sirenes chiavam à distância e havia helicópteros a sobrevoarem a zona. Não existia a mínima dúvida que alguma coisa se passava.

«Um assalto a um banco?», pensou Mac. Mas esta era uma das regiões mais seguras do mundo. Com certeza que ninguém intentaria tal coisa. Meditou naquilo enquanto esperava na fila dos passaportes. Era Natal e toda a gente estaria descontraída, a festejar, com o espírito de boa vontade nos corações.

Exceto os maus. E os maus sabiam sempre como tirar partido de uma situação de descuido.

— Foi um assalto a uma joalharia —disse alguém à sua frente. O boato espalhou-se com rapidez pela fila. — Em Monte Carlo. Numa dessas joalharias caras, como a Cartier ou a Fontaine.

Interessante, pensou Mac, um roubo numa joalharia no Natal. Alguém ia receber uma bela prenda. Mas ele não se ia envolver em nenhum roubo, fosse de um banco, fosse de uma joalharia. Só se encontrava ali para estar com Sunny.

Quando passou pela luz verde da alfândega, transportando a pequena mala que fizera à pressa antes da viagem rápida até ao aeroporto, era dia de Natal e não havia trânsito, foi mandado parar, juntamente com todos os outros passageiros, e teve de esperar mais outros frustrantes dez minutos para ser revistado antes de o mandarem seguir.

Apressava-se a atravessar a zona principal das chegadas, dirigindo-se para a praça de táxis, quando avistou o inspetor da polícia que conhecia do ano anterior, quando tinham trabalhado juntos na série de roubos de obras de arte que havia ocorrido na Riviera. O inspetor parecia perturbado e tenso e,

fosse o que fosse que tivesse sucedido, Mac percebeu que devia ser uma coisa complicada e, se calhar, perigosa.

Chamou-o e o inspetor rodopiou, atirou as mãos ao ar e disse: — Devia ter adivinhado que o veria aqui. De volta como um penetra para me assombrar outra vez.

— Nada de assombrações — sorriu Mac, referindo-se a Chez La Violette, a *villa* que alugara no verão anterior. — Isto parece mais complexo do que isso.

— E é, *mon vieux*, pode crer que é.

O inspetor lançou um olhar penetrante a Mac, mas não lhe perguntou por que razão estava ali sem Sunny. Era francês e demasiado discreto para isso. Em vez disso observou: — Todas as estradas estão bloqueadas, não vai conseguir chegar a lado nenhum.

Mac disse-lhe para onde ia.

— Então é melhor vir comigo. Vou para lá agora. Eles deram cabo de outra La Fontaine. Por esta altura, já não deve restar nada, já trataram da loja de Paris na véspera de Natal. Vamos, Mac, venha de carro comigo. Deixo-o no seu hotel.

Acelerando e passando os camiões de polícia mais afastados, atravessando sinais vermelhos, o inspetor pôs Mac ao corrente dos roubos: — Dois aqui em França. Mais um em Londres, um em Roma, Berlim, Milão...

— Estamos a falar de muitas peças de que têm de se desfazer — replicou Mac.

— Faz alguma ideia de quem estarão a usar?

— Nenhuma.

O inspetor encolheu os ombros zangado e depois fez outra vez descer o casaco elegante do uniforme. Ajustou o boné para um ângulo melhor, espreitando pela janela para as luzes do helicóptero que varriam a linha da costa.

— Ninguém sabe como conseguiram fugir com aqueles diamantes sem os cortarem e isso reduziria para mais de metade o seu valor. As outras coisas, esmeraldas, rubis, livrar-se-ão deles com facilidade.

Mas os diamantes são outra questão.

— Quanto calcula que valham?

O inspetor inspirou fundo.

— Em Paris, apenas um dos colares valia para cima de vinte milhões.

Levaram anéis, todos valendo centenas de milhares. E as pedras não

engastadas— encolheu outra vez os ombros —, bem, La Fontaine ainda não nos revelou o valor real, provavelmente porque tinham mais do que as finanças sabiam. Mas, acredite, Mac Reilly, estamos a falar de centenas de milhões.

— Mas aqui, em Monte Carlo? — Mac não pôde deixar de acrescentar.
— Logo aqui, com certeza um dos locais mais seguros da terra.

— Pois, com certeza, juntamente com Zurique, é um dos mais seguros da Europa. Neste momento, ainda não temos conhecimento exato do que foi levado esta noite. Utilizaram o mesmo esquema, mulheres vestidas de forma elegante às compras, usando máscaras, Marilyn Monroe veja lá se consegue acreditar. Sequestraram o porteiro da segurança, dispararam na câmara de segurança, recolheram todos os telemóveis, cortaram as linhas de comunicação e trancaram a porta atrás deles. Não houve qualquer alarme, nenhum sinal de que alguma coisa estivesse errada até que alguém passou por lá, viu luzes acesas e pessoas deitadas no chão. Foi aí que ela nos telefonou.

— Ela? — Mac fitou-o com curiosidade.

Teria pensado que fosse um homem que dera o sinal de alarme.

— Uma mulher. Anónima. Disse que não queria ver-se envolvida, mas que havia qualquer coisa errada na loja La Fontaine. Os meus homens cercaram o sítio, a zona tem um cordão de segurança. Enviámos ambulâncias.

As sobrelhas de Mac ergueram-se.

— Há vítimas?

— Parece que sim. — A voz do inspetor tinha uma nota sombria. — Cá estamos —acrescentou quando o grande carro atravessou a praça e o grande *boulevard* até uma zona cercada por fita policial amarela.

Havia veículos das urgências e dezenas de carros da polícia, com as luzes azuis a piscar. Um par de camiões de bombeiros esperava do outro lado da rua e os fotógrafos da polícia atarefavam-se a tirar fotos da entrada da joalharia. As luzes estavam acesas na loja e Mac conseguiu ver homens de uniforme lá dentro.

— Desculpe não poder levá-lo ao seu hotel — disse o inspetor, falando ao mesmo tempo ao telemóvel com alguém dentro da loja. — Estão a precisar de mim aqui.

Mac agradeceu-lhe quando saiu do carro. Lâmpadas de halogéneo banharam de repente a cena com uma luz crua branca, industrial. Um saco preto para cadáveres foi trazido da loja e içado para uma carrinha escura que

Mac sabia dever pertencer ao departamento de medicina legal. Sentiu um aperto familiar de raiva no estômago. Os sacanas tinham morto alguém, com toda a probabilidade o guarda da segurança ou alguma inocente empregada de loja.

Caramba, o que os homens faziam por dinheiro. Para alguns, a vida não valia nada quando comparada com milhões de dólares.

Virou-se e afastou-se célere, passando com facilidade por polícias que o tinham visto chegar com o seu chefe, ouvindo o gemido de mais sirenes.

A crua luz branca desapareceu na suave escuridão fundente de uma noite da Côte d'Azur e Mac apressou o passo, pensando apenas em Sunny. Ela estava ali. Descobrir-se-iam um ao outro de novo, ele dir-lhe-ia o quanto a amava; o que significava para ele. Casaria com ela quando ela quisesse. Por favor, meu Deus, que ela ainda o amasse. Que o facto de o ter deixado não fosse o fim.

A ANDAR DE UM LADO para o outro na praça, a fumar o seu segundo cigarro, Sharon considerava a tentação do bar e de um uísque duplo com gelo contra a tentação rival de outro cigarro. Tremeu, ouvindo as sirenes, vendo o clarão do halogéneo no céu, para leste. Sentia ao mesmo tempo atração e repulsa por aquilo.

Avistou um homem atraente transportando uma mala a dirigir-se para o hotel. Num movimento feminino quase reflexo, alisou a saia, ajeitou o pequeno casaco preto de pele mais perto do rosto, segurando-o com uma mão sem joias.

Os grandes brincos de diamantes cintilaram à luz do candeeiro. Seguiu o homem com o olhar. Ele nem sequer reparara nela.

Os olhos de Sharon estreitaram-se ao observá-lo a galgar com facilidade, em passo largo e rápido, os degraus do hotel. Conhecia-o de algum lado, jurava que conhecia.

KITTY RATTE fora obrigada a estacionar a um par de quarteirões devido ao cordão policial e teve de ir a pé até ao hotel. Também viu o homem e adivinhou de imediato, pela descrição de Sunny, que era Mac Reilly. Mirou-o de forma apreciativa. Era demasiado bom para não se reparar nele, tão bom como o «acompanhante» com quem Sunny se encontrava na outra noite. Talvez até melhor. Ótimo. Dois homens eram sempre melhor que um. E com

Sunny ou demasiado inocente ou então demasiado estúpida, o campo achava-se livre para um pequeno jogo. E «jogo» era o que Kitty na realidade adorava. De facto, vivia disso.

19

PRU ESTAVA A MORRER DE FOME como sempre e Allie sabia que era melhor dar-lhe de jantar e também conseguir pôr alguma comida no estômago de Sunny, que, se calhar, também estava a morrer de fome, só que da forma contrária à de Pru; por nem sequer pensar em comida em vez de desejá-la.

Não acreditou quando viu Mac a atravessar o vestíbulo.

— *Oh, meu Deus.* — Allie agarrou o ombro rechonchudo de Pru. — Ele conseguiu chegar antes de mim.

— Quem? — Pru dobrou o fino xaile cinza por cima do peito num esforço para parecer mais magra.

— Mac Reilly, claro.

— Estás a gozar comigo! — Pru espreitou, pitosga, para o espaçoso átrio de mármore. — Vejo sempre o programa dele. É tão amoroso... quero dizer da forma mais amável possível, não tipo seco e brusco, nem estrela nem nada. Só, bem sabes como é, *amável*.

— Lá isso é — concordou Allie. — Exceto quando se trata de o obrigar ao casamento. E agora que faço? Olha, está a dar a mala ao pacote, nem sequer vai ao quarto, vai direito ao bar.

— Mas é lá que *Sunny* está.

Pru estava tão excitada que o cabelo castanho macio parecia ficar de pé sozinho sem nenhum do frisado vigoroso para dar volume e laca que em geral lhe aplicava. Pru andava há duas décadas a pentear o cabelo de forma a conferir-lhe volume e ainda não conseguia aceitar o facto de que agora já não se usava uma grande massa de cabelo frisado. Agora, claro, já não se ralava e o cabelo pendia simplesmente, fino e oleoso, à volta dos ombros.

Allie e Pru observaram Mac a encaminhar-se para o bar. Uma jovem precedia-o; uma jovem loira e esbelta com um vestido branco curto, levando um ramo de lírios. O cabelo estava apanhado com um crescente de diamantes

e um enfeite de jasmim, cujo aroma Pru conseguia sentir a cinquenta passos.

E, atrás de Mac, mesmo nos seus calcanhares, de facto, vinha outra mulher, esta com cabelo de um ruivo flamejante que refletia a luz num halo de cor estonteante. Apressava-se num trotar célere de joelhos a baterem um num outro, a saia do vestido camiseiro laranja a subir-lhe nas coxas rechonchudas, a mala *Chanel* a balouçar do braço a abanar, os brincos *Dior* a balouçarem-lhe nas orelhas.

Atrás *dela* vinha outra mulher: alta, com uma passada larga em saltos muito altos, pequeno casaco de pele preta apertado na garganta e com uma tosse de fumadora que se ouvia onde se encontravam.

— Bem. Quem diria — comentou Allie.

— Mac tem uma escolta feminina.

— O que fazemos? — perguntou Pru, entusiasmada com a ideia de conhecer Mac Reilly.

Allie considerou a questão. Devia deixá-los encontrarem-se, deixá-los conversar um com o outro, resolver as coisas sozinhos?

Mas estava preocupada. Sunny dissera-lhe que terminara. Acabara. Sunny estava com o espírito perturbado, não estava no seu juízo perfeito, e Allie sabia que, quando uma mulher tem o coração desfeito, não consegue pensar como deve ser.

Naquele estado os pensamentos agitam-se nas cabeças das mulheres... ele disse isto... ele fez aquilo... eu disse-lhe... ele disse-me... eu devia ter feito isto... *aquilo... seja lá o que for...* Não podia deixar Sunny sozinha a sentir-se assim.

Teria de a ajudar.

— Muito bem então — disse a Pru. —Esgueiramo-nos para o bar e sentamo-nos num canto na parte de trás, onde não nos verão. Se eu pressentir que vai haver problemas, vamos ajudar.

20

SUNNY NÃO QUERIA ACREDITAR que «a noiva» estivesse outra vez a fugir para o bar, ainda na sua indumentária branca, ainda a agarrar o ramo de lírios agora a perderem o vigor. De novo, içou-se para uma cadeira e pediu:

— Martíni. Com gelo. *S'il vous plaît.*

O empregado jovem lançou-lhe uma olhadela avaliadora e encolheu os ombros; aparecia todo o tipo de pessoas nos bares, mesmo pessoas com tanta classe como aquela. A noiva atirou a cabeça para trás e ingeriu a bebida num longo gole, inspirou fundo, espetou o queixo no ar e voltou a sair a passos largos, cruzando-se com Mac Reilly na entrada.

Surpreendido, Mac virou-se para olhar, a pensar no que estaria uma noiva a fazer sozinha num bar. Os olhos detiveram-se numa mulher de meia-idade com cabelo ruivo fogueiro atrás dele. Ela fez-lhe olhinhos e lançou-lhe um sorriso de engate.

EDDIE JOHANSEN sabia que se apaixonara e bem por Sunny. Era difícil não o fazer. Sunny era bela, mas era mais do que isso. Tinha um encanto natural, um à-vontade, um ar de *flirt* e de menina que o desligava dos seus problemas com o divórcio e o transportava para outro mundo onde a vida era divertida. Queria abraçá-la, beijar-lhe os lábios cheios, que sabia teriam um gosto muito doce. Não se sentia assim em relação a uma mulher há uma eternidade.

Se ao menos conseguisse levar Sunny a acreditar que existia uma vida para além do noivo detetive e talvez um futuro para ambos...

Sunny inclinava-se para ele, dizia-lhe como gostara tanto de estar com ele.

— Mas... — Hesitou e olhou tristemente para ele.

Eddie detestou aquele *mas*.

— Mas *o quê*? — Pousou a mão sobre a dela. — Mas *o quê*, Sunny? Contaste-me que deixaste Mac, que terminou tudo. Vi como estavas infeliz. Não posso ser eu a consolar-te?

— Acredita, és o único homem que podia.

Sunny estava consciente da pressão da mão dele na sua. Não podia permitir que aquilo continuasse. Não devia. Afastou o olhar. E, chocada, avistou Mac.

Como poderia ser outra pessoa, naquela *T-shirt* desbotada e no velho casaco de cabedal preto? Tinha o queixo azulado da barba por fazer, o cabelo desgrenhado e os olhos cansados.

Eddie percebeu quem deveria ser.

Retirou a mão da de Sunny, mas ela nem reparou. Estava a olhar para Mac. Era como se Eddie já não se encontrasse ali.

Os olhos de Sunny cruzaram-se com os de Mac tal e qual como naquela noite em que se tinham conhecido na festa em Malibu. Naquela altura, o tempo parara e agora parara de novo. Só existiam os dois naquela sala, naquele hotel, naquele mundo.

Kitty Ratte observava. Assimilou com rapidez a situação, viu as possibilidades do jogo. Os seus olhos de serpente endureceram.

— *Bem* — sussurrou para si própria. — Isto é mesmo perfeito.

Eddie levantou-se e encaminhou-se para a outra extremidade do bar. Kitty apressou-se atrás dele. No seu canto escuro, observando, Allie e Pru sustiveram a respiração, receosas do que poderia acontecer.

Maha, rodeada de novo por Sharon e pelos seus outros empregados, também observava a pequena cena que se desenrolava; uma cena tão carregada de sensualidade que esta pairava no ar como uma aura à volta dos intervenientes principais.

Mac dirigiu-se para Sunny. Estendeu a mão que ela agarrou. Sunny deslizou do banquinho, endireitou a saia e depois, esquecendo a mala que deixou sobre o balcão e esquecendo Eddie, com quem estivera tão envolvida há apenas uns minutos, saiu do bar de mãos dadas com Mac Reilly e atravessou o átrio de mármore até ao elevador.

Pararam e olharam um para o outro.

— Quarto mil e um — sussurrou Sunny e Mac premiu o botão.

Abriu os braços e ela caiu neles.

— Porque demoraste tanto? — perguntou.

ALLIE CORREU ATRÁS DELES. «Grácil como um galgo», pensou Pru, observando-a. E duas vezes mais deslumbrante, mesmo vestida de forma tão simples. Nada de joias vistosas, nenhum estilo excessivo, tipo «olhem para mim». Allie Ray, mulher, era a mesma rapariga que fora na escola secundária: modesta, sem pretensões e quase totalmente inconsciente da sua beleza. Ao passo que Pru, claro, era agora uma mulher gorda e pouco atraente no princípio da casa dos quarenta, vestida com um horrível cafetã vermelho e o xaile de caxemira muito caro de Allie, que podia ter enfaixado um bebé, isso se Pru tivesse tido um filho. Que agora não teria. Nunca. Teria filhos.

O suspiro foi forte o suficiente para poder varrer o marido infiel da cama junto com a amante, a sua nova mulher, fosse lá o que fosse. Tudo o que Pru sabia era que ela trabalhara no mesmo escritório. Fora assim que se tinham conhecido. Toda a situação era um grande cliché. Não diziam sempre que era a colega de trabalho, a vizinha, a melhor amiga? Agora Pru sabia demasiado bem que tinham razão.

Proximidade, disponibilidade, oportunidade. O «engate» e nenhuma consequência. Só que agora havia.

Consequências. Uma delas era o facto de ter comido até entrar em declínio e não saber como sair daquela situação.

No vestíbulo, meio escondida atrás de um arranjo floral gigante sobre a grande mesa redonda, Allie viu Sunny nos braços de Mac junto aos elevadores.

Depois, de repente, Sunny deu um passo atrás e correu lá para fora com Mac apressado atrás dela.

Fazendo figas, Allie decidiu que, naquele preciso momento, não havia nada que pudesse fazer para ajudar.

Telefonaria a Sunny mais tarde, dir-lhe-ia que chegara mais cedo do que

o esperado, que a vira com Mac e que, por favor, lhe ligasse a contar o que se passava.

Entretanto, era melhor voltar para junto de Pru Hilson ou esta ainda desmaiaria. Nunca uma mulher precisara tanto de ser endireitada. Pru perdera o seu homem, fosse por que razão fosse, e Allie não acreditava que ela tivesse toda a culpa. Pelo que pudera perceber —nunca conhecera o marido, só vira a fotografia que Pru ainda trazia na carteira, fitando-a como se fosse o Santo Graal, tocando-lhe no rosto impresso com um dedo, ainda apaixonada, ou assim parecia —, o marido era uma merda. Bem, Allie vira a fotografia e não gostara do que vira. Um homem arrogante de rosto vermelho, do género que usa sempre óculos escuros para não se lhe poder ler os olhos, um sorriso nos lábios carnudos, uma mão apoiada num *Jaguar* desportivo verde-escuro, que, apostava Allie, desejava que fosse um *Bentley*.

— Vamos, Pru — disse ao voltar para o bar. — Vamos lá comer qualquer coisa. — E empurrou Pru apressadamente à sua frente, contando-lhe o que vira à medida que andavam.

MAHA VIU-A AFASTAR-SE.

— É Allie Ray — disse e os outros rodaram as cabeças para olhar. — Ainda bela — comentou.

Estava também a pensar na pequena cena no bar. As emoções entre Sunny e o homem que de repente a levava tinham sido palpáveis. Eddie Johanssen fora humilhado. Sunny nem sequer pedira licença, nem sequer dissera adeus e boa sorte. Mesmo assim, nunca se sabia, a coisa poderia não estar terminada com Johanssen; o jogo poderia continuar.

Maha esperava que acontecesse o que acontecesse, isso não distraísse Sunny do plano que tinha em mente para ela.

Sunny Alvarez precisava de uma nova vida e Maha sabia como lha dar. Além disso, de forma interessante, Kitty Ratte já se atirara a Eddie.

Maha observou Kitty a lançar-lhe os mesmos olhares compreensivos e doces que lançara a Sunny na outra noite, com olhos tão duros e brilhantes como vidro do mar azul. A corrupção é uma forma de mal e, instintivamente, Maha sabia que Kitty Ratte era uma profissional da corrupção.

O bar pareceu de repente demasiado abafado, demasiado cheio de perfume, demasiadas terminações nervosas a vibrar. Como quando a noiva entrara a galopar para beber o seu martíni e saíra, a angústia existencial

tremeu de novo no ar.

O bar estava agora tranquilo porque todas as ruas se encontravam vedadas devido ao roubo.

— Porque não vamos lá para cima para a minha suíte — sugeriu Maha aos seus companheiros. — Mandamos vir o jantar e conversamos mais um pouco.

ENCOSTADO AO BAR, Eddie embalava a sua bebida entre mãos frias. Não se apercebera do sentimento forte que nutria por Sunny até esta o abandonar sem sequer olhar para trás. Nem sequer uma desculpa. Nem sequer, oh, a propósito, este é o meu ex-noivo. Nem sequer espera aqui, já volto. Nem uma promessa de mais qualquer coisa entre eles. Porém, sabia que ela sentia a mesma atração forte que ele sentia.

Agora não sabia o que fazer, exceto ficar ali com a esperança de que ela voltasse.

— Devia estar zangado — disse a mulher sentada a seu lado. — Sunny não o devia ter deixado daquela maneira.

Eddie girou a cabeça e olhou para ela, depois virou-se. Não respondeu.

Observando-o, Kitty sabia exatamente com quem estava a lidar e sabia que ele era exatamente o que ela queria. Um homem rico. Um homem com um passado; um homem envolvido num novo amor e paixão; um homem deslumbrado com novas possibilidades; um homem vulnerável.

— Sou amiga de Sunny — continuou, içando-se mais na cadeira.

O vestido camiseiro cor de laranja abriu-se até meio da coxa. Reparou no olhar de soslaio dele e sorriu.

— Conheço Sunny tão bem — referiu, falando em voz baixa. — Sunny é uma mulher emocional e não é responsável pelas suas ações. Quero dizer, como pôde abandoná-lo assim? Contou-me que se conhecem já há algum tempo, o suficiente para saber que se interessa por ela. Oh, não se preocupe — apressou-se a acrescentar, pousando uma mão suave no braço de Eddie. — Sunny contou-me tudo. Mas claro que nunca o repetirei.

Eddie ficou a pensar no que Sunny poderia ter-lhe contado.

Kitty baixou o queixo e lançou-lhe o seu sorriso recatado repleto de compreensão, tal como os olhos.

— Escute, porque não me deixa oferecer-lhe uma bebida? Conta-me os seus problemas? Prometo, sou uma ouvinte muito boa. — Fez sinal ao

empregado do bar e pediu um *Red Bull* e um copo de vinho tinto para si e outra vodca para ele.

Era o empregado mais velho dos dois, o que tinha o cabelo grisalho. Evitou-lhe de propósito o olhar quando lhe colocou as bebidas à frente. Sabia o que Kitty era e não gostava de mulheres como ela a fazerem baixar o nível do seu bar.

E Eddie não reparou no comprimido que Kitty lhe enfiou na bebida. Virou-se para olhar para ela.

— À sua. — Kitty ergueu o copo num brinde.

Ele fitou-a, tentando apreender como ela era na realidade: o cabelo ruivo flamejante a pender sobre olhos azuis sob pálpebras inchadas; as faces de leiteira; os dentes proeminentes; os brincos *Dior* vulgares; as coxas nuas carnudas. E, sobretudo, a compreensão que parecia emanar dela. E, naquele preciso momento, Eddie era um homem solitário a precisar de consolo.

Kitty ofereceu-lhe um sorriso ainda mais rasgado.

— À sorte — disse, erguendo de novo o copo e desta vez ele ergueu também o seu em resposta.

De repente, Eddie sentiu necessidade de falar e Kitty provou ser uma boa ouvinte. Sabia como dar palmadinhas na mão de um homem, como mostrar-se compreensiva, dando ao mesmo tempo a entender que o achava muito atraente.

Passou-se uma hora, talvez duas.

Ainda se encontravam no bar e Sunny não voltara.

— Não entendo como consegue ela não o querer — dizia Kitty, passando uma mão ao de leve pelo braço de Eddie. — É *tão* atraente. Tão... — Sorriu-lhe com os pequenos olhos azuis reservados. — Tão *sexy*.

O comprimido que lhe enfiara na vodca estava a funcionar. Eddie fitava-a, hipnotizado, tal como Kitty o queria.

— Acredite, Eddie Johanssen — sussurrou. — Sei do que estou a falar.

Não sabe o que perde. Sunny é uma mulher simples. Existem coisas que uma mulher como eu consegue fazer que o surpreenderiam. No final de contas, você e eu adoramos sexo, não é? Vamos lá, admita. Sunny nunca lhe fará o que eu consigo fazer.

A menção do nome de Sunny teve o condão de fazer Eddie voltar à realidade e afastar-se dos olhos pequeninos de Kitty. Levantou-se um pouco vacilante.

— Tenho de me ir embora. — Sentia-se muito bêbado, apesar de ter bebido apenas duas vodcas. — Obrigado pela sua companhia, Kitty. — Não sabia o que mais dizer. — Foi muito simpática por ter escutado os meus... meus...

— Os seus problemas *emocionais* –retorquiu Kitty, tão baixinho outra vez que ele teve de se inclinar para a ouvir.

Então, célere, ela beijou-o, um movimento leve dos lábios abertos contra os dele, uma minúscula sugestão de língua que ele poderia acreditar que tinha, ou não, sentido. Era esse o estilo de Kitty. Era uma profissional, conhecia o seu ofício e quais as jogadas certas para o envolver.

— Até amanhã — exclamou quando ele se virou e se encaminhou para a saída. —Estarei aqui.

Não acrescentou «Mesmo que Sunny não esteja», mas sabia que Eddie entenderia.

Estava a pensar em chantagem e apostava os últimos cêntimos em como conseguia apanhar Eddie.

QUANDO SUNNY LARGOU MAC no elevador, correu lá para fora, a tremer no seu pequeno vestido preto.

As luzes tremeluziam nos barcos e no casino e o castelo brilhava na sua rocha como qualquer coisa saída de um conto de fadas. A curva da baía era um colar coberto de joias esticado até ao infinito para ocidente, extinguindo-se na amplidão das montanhas para leste.

Mac ficou a olhar para ela. A distância entre eles era maior do que uns meros passos; era um fosso profundo e não sabia se Sunny baixaria a ponte levadiça para ele poder atravessar para o outro lado.

— Perguntaste porque demorara eu tanto.

Ela não respondeu. Nem sequer virou a cabeça para olhar para ele.

Preocupado, Mac passou as mãos pelo cabelo escuro já desgrenhado.

— Sunny, vamos entrar. Podemos ir para o meu quarto conversar. Vais apanhar uma doença de morte aqui fora.

Pousou-lhe a mão no ombro e Sunny sobressaltou-se. O toque dele era como uma descarga elétrica através do tecido sedoso do vestido. Era como se Mac estivesse outra vez a pôr-lhe o ferro da sua marca. Já o fizera da primeira vez que tinham feito amor, quando até o ar em volta deles parecera iluminado pelo choque elétrico dos seus beijos.

Sunny virou-se e afastou-se. Mac seguiu-a. As sirenes da polícia ainda uivavam e os halogéneos formavam uma poça de luz branca. Os helicópteros estrepitavam por cima das suas cabeças, apanhando-os no seu foco.

Espreitou para ver se ele estava interessado na atividade policial que fazia parte integrante da sua vida, mas Mac tinha a cabeça baixa e desta vez parecia alheado. Meu Deus, era tão atraente daquela sua forma muito própria, algo dura, tal como ela adorava. Mas deixara-o por uma boa razão e devia manter essa resolução. Era altura de se afirmar como mulher e não ser apenas uma noiva permanente.

Mesmo que quisesse, não podia simplesmente cair nos braços de Mac como fizera junto ao elevador e dizer, como sempre fazia, tudo o que lhe ia na cabeça. Como, *porque demoraste tanto*.

Quando o que devia ter dito era *seu sacana, vai casar com outra pessoa qualquer. Já saí desta*.

Mas sabia que Mac não casaria com outra mulher. A verdade era que Mac estava «casado» com o seu trabalho.

Mac viu-a tremer e despiu o casaco de cabedal. Fê-la rodar, enfiando-lhe os braços nas mangas, enrolando os punhos. Pousou-lhe as mãos nos ombros.

Apertou-a com mais força quando disse: — És o amor da minha vida, Sunny, nunca te vou deixar ir. Lamento muito.

Sinto tanto, tanto. Comportei-me de forma egoísta, não pensei em ti, pus-me em primeiro lugar.

O vento soprou o cabelo comprido de Sunny para o rosto e ela ergueu uma mão para o afastar, juntamente com as lágrimas.

Mac estava a pensar que ela lhe caíra nos braços há apenas uns minutos junto ao elevador. «Porque demoraste tanto», dissera e ele sentira-se invadir de alívio. Ela não fugira na realidade, pensara, abraçando-a; ficara apenas perturbada, sentira-se rejeitada. E ele rejeitara-a, adiando mais uma vez o casamento.

Efetivamente não pensara que o casamento significasse assim tanto para Sunny. A ideia do casamento fora sempre como um jogo entre eles. No ano anterior, após o homicídio e toda a confusão em Saint-Tropez, quando tinham regressado a casa, ele pedira-lhe para casar com ele. «Agora mesmo, aqui» dissera. «Casa comigo.» Mas ela achara que a altura não era boa ou algo assim. Vá-se lá saber como são as mulheres? E assim aquele delicioso jogo de Sunny e Mac continuara até surgir essa fixação dela de se casarem no Ano Novo. Claro que ele concordara. Queria ficar com Sunny para sempre, por todo o tempo que a vida lhe concedesse, mas, quando se tratava de marcar uma data, aparecia sempre qualquer outra coisa.

«Alguém precisa sempre mais de ti», dissera Sunny com uma ponta de tristeza na voz que nunca detetara antes.

Em geral, Sunny era como o seu nome; uma pessoa radiosa, uma mulher que irradiava alegria de viver, uma mulher que entendia o amor, que entendia Mac, que o amava. Mas neste instante era uma mulher que irradiava indiferença e, naquele preciso momento, Mac não a podia censurar.

— Sunny — suplicou.

Sunny virou-se para olhar para o seu rosto familiar, a pensar se o que ele acabara de dizer era verdade. Se ela concordasse em regressar a Los Angeles, para a vida dos dois, para o seu trabalho, os seus cães, a casinha de praia em Malibu, seria tudo o mesmo outra vez? Relembrou o que Maha Mondragon dissera sobre aproveitar as oportunidades que a vida lhe oferecia e que não devia ter medo do futuro. Havia qualquer coisa mística em Maha que atraía Sunny. Talvez Maha conseguisse mesmo ver o futuro. E, nesse caso, ter-se-ia referido ao seu futuro com Mac?

Mas, oh, meu Deus, amava-o.

Os olhos refletiram a luz do candeeiro quando o fitou.

— Seu sacana — disse.

Mac deixou pender a cabeça, reconhecendo a sua culpa.

— Mas ainda te amo.

— Apesar de não queres casar comigo?

— Posso apenas repetir, amo-te, Sunny.

Amarei sempre.

— Comprei o vestido de casamento.

Renda.

— Mas não és uma mulher de «rendas».

Sunny sorriu. Raios, Mac conhecia-a demasiado bem. Ou pensava que conhecia. Neste momento, ela tinha uma coisa que ele não sabia sobre ela e chamava-se Eddie Johanssen.

Em choque, recordou-se que largara Eddie sem sequer um «desculpa, tenho de ir» ou um «sinto muito». Pensou se ele teria esperado que ela voltasse e se teria adivinhado quem era a pessoa com quem partira.

Devia ter, calculou, com uma pontada de remorso porque, com Eddie, tudo fora tão simples, tão fora da esfera da realidade de todos os dias, logo desde o início, no voo para Paris, sozinhos os dois durante todas aquelas horas. Fora um alívio ter a atenção e interesse completos de um homem. No final de contas, era uma mulher sozinha. E vulnerável.

Mas Mac não sabia nada do seu «romance» com o seu novo salvador; Mac fora sempre esse salvador. Mac fora a sua vida inteira. Eram dois num só. Juntos. Para sempre. Ou fora isso que pensara.

— Já sabia do vestido — continuou Mac, ainda a alguns passos de distância, embora pudessem muito bem ser muitos quilómetros. — Fui a tua

casa, à tua procura. Descobri-o pendurado no guarda-roupa. Trouxe-o para aqui.

Espantada, ela estendeu o braço através daquele fosso de muitos quilómetros, tocou-lhe no rosto, sentiu a barba áspera sob os dedos.

— Trouxeste o meu vestido?

— É o teu vestido de casamento — retorquiu ele baixinho.

— Na verdade, nunca gostei muito dele.

Mac pegou-lhe na mão, virou-a com a palma para cima, beijou-a.

— Oh, meu Deus. — Sunny abanou a cabeça. — Conheces-me demasiado bem, Mac Reilly.

E atravessou aquele abismo entre ambos e caiu-lhe nos braços.

O beijo que trocaram foi tão «intenso como mil beijos», como Leonard Cohen cantara, tantas vezes, sobre a emoção que agora experimentavam. Intenso como mil beijos, mil carícias, mil palavras de amor entre eles quando os seus lábios se encontraram.

Sunny sentiu que beijar Mac era uma tábua de salvação para a vida real que visionara para eles, a vida que tinham apreciado tanto; estarem juntos; sempre a rir-se; impedir *Tesoro* de brigar com *Pirate*; jantares no deque da casa minúscula dele em Malibu, de biquíni, ou agasalhada por causa do vento ou do nevoeiro de verão, ela a desempenhar o papel de Senhora Detetive para o Detetive Particular.

Afastou-se, passou a mão pela face rugosa dele, fitou-o com tristeza.

— O que é? — perguntou ele.

Sunny estava a recordar-se da «noiva» a irromper pelo bar e a pedir um martíni. A noiva também teria sido abandonada? Não uma vez, mas duas?

Sunny nunca se poderia colocar naquela posição.

Sabia que o trabalho da vida de Mac viria sempre em primeiro lugar.

Compreendia, mas desta vez estava decidida a fazer alguma coisa a esse respeito.

— Precisamos de começar tudo de novo — replicou. — Isto não tem só a ver com o amor. Precisamos de conversar, ver-nos na realidade um ao outro, avaliar o nosso amor.

— Avaliar o nosso amor — repetiu Mac sem entender. — Mas já te disse, Sunny, *tu* és o amor da minha vida.

Ela despiu o casaco de cabedal, empurrou-o para ele.

— Tudo depende, Mac Reilly. — E, virando-se, atravessou, célere, a

praça.

— Sunny — berrou Mac, apertando o casaco contra si.

— Falo contigo amanhã.

A voz dela flutuou em direção a ele camuflada pelo restolhar do vento nas árvores e pelo uivar dos carros da polícia e das ambulâncias.

O carro do inspetor parou ao seu lado com um chiar de pneus.

— Entre — disse o inspetor. — Levo-o de regresso ao seu hotel.

Mac encolheu os ombros.

— Obrigado, mas não há necessidade, fica mesmo do outro lado da estrada.

O inspetor fez um gesto para toda a atividade atrás dele.

— Uma mulher morta. Não é uma cena bonita, meu amigo. Telefone-me amanhã, talvez possa dar uma ajuda.

— Vou pensar nisso — respondeu Mac, começando a caminhar de volta ao hotel.

OS AMIGOS DE MAHA MONDRAGON tinham um ar um pouco esmorecido. Encontravam-se na suíte dela e haviam comido qualquer coisa, bebido bastante, embora Maha tivesse sempre cuidado e só bebesse champanhe. Além disso, estavam ali em negócios.

As janelas encontravam-se abertas, mas agora só se ouviam os sons normais do silêncio da cidade: carros, vozes, risos e o sibilar ténue do mar.

Maha chamara os empregados do serviço de quartos e dois deles levantavam a mesa. Sharon fumava na varanda porque Maha não suportava o cheiro de cigarros no quarto. A mulher de cabelo castanho estava sentada muito sossegada, de olhos meio revirados como se estivesse prestes a adormecer.

Uma mulher sem nada de especial, pensou Maha, observando-a, com o seu rosto redondo e queixo demasiado curto, mas, quando se esforçava, conseguia parecer rica, o que era sempre uma vantagem.

Giorgio, o mais velho dos dois homens, tinha sempre bom aspeto: alto, de ancas estreitas, extremamente bem vestido; um homem que podia ir a qualquer lado. Italiano, claro. Só os italianos tinham aquele aspeto. E depois havia Ferdie. Argentino. Ex-jogador de polo a passar por um mau bocado.

Tinham-se acabado os póneis de polo para Ferdie, os convites de casas reais; as loiras em fila, copo de champanhe numa mão, a outra estendida para as bugigangas da *Cartier*, o cartão preto da *American Express*, qualquer coisa a que pudessem deitar a mão.

Maha sentia bastante pena de Ferdie, que era um homem habituado ao melhor e que tinha agora de se contentar com muito menos. Porém, era útil. Homens na sua posição eram sempre úteis.

Estavam dispostos a fazer qualquer coisa por recompensas instantâneas.

Os empregados fizeram uma mesura educada de boa noite e Maha foi ao quarto, pegou num grande saco de viagem de lona guarneçada de couro,

voltou e pousou-o sobre a mesa de jantar.

Abriu o fecho da secção inferior do saco, que teria uns cinquenta por cinquenta centímetros, o tamanho correto para uma mala de cabina quando se viaja de avião, e depois começou a tirar a maior parte do seu conteúdo, embrulhado em veludo.

Desembrulhou as peças e pousou-as sobre a mesa. Havia uma dúzia de colares de ouro enfeitados com joias, desenhados segundo o famoso estilo *kundan* do Rajastão, em que, em vez de «garras» ou «pinos», o ouro envolvia de forma espessa as pedras preciosas de modo a parecerem embebidas. Brincos, pulseiras, broches, tudo reluzia sob o lustre como uma exposição numa montra de loja. Um dos colares exhibia grandes rubis de uma cor que costumava designar-se como «sangue de pombo», embora Maha pensasse que eram mais do tom vermelho-rosado de um pôr do Sol a esbater-se. Havia esmeraldas também, muito famosas no Rajastão, mais preciosas ainda do que os rubis. E claro que havia safiras, azuis como o sari de Maha; tão azuis como o Mediterrâneo no verão ao final da tarde e mais azuis do que os olhos do homem que, recordou-se, entrara no bar e levava Sunny Alvarez, como se mais ninguém existisse.

Com um espasmo de alarme, Maha percebeu de repente quem era aquele homem. Vira-o na televisão. O programa dele não era do género dos que costumava ver; gostava mais de ver novelas sentimentais sobre pessoas da sociedade em que toda a gente andava bem vestida e as brigas eram «civilizadas». Ao contrário da vida real, claro, mas o que interessava era que a distraíam temporariamente da realidade e isso era tudo o que pedia. O que a preocupava era que Mac Reilly estava relacionado com a vida real e a morte e que era muito bom no que fazia.

— Meu Deus, Maha — exclamou Sharon, voltando da varanda, onde apagara, de forma descuidada, a sua beata. Para as Sharons deste mundo, todas as superfícies, fossem praia, varanda ou rua, eram um cinzeiro. — Não me digas que andas por aí com todas essas joias valiosas nesse *saco*? Deviam estar no cofre!

— Não acredito em «cofres» — retorquiu Maha. — À vista é muito melhor. Além disso, ninguém vai roubar nada neste hotel exceto talvez *iPods* e telemóveis e, de qualquer modo, os meus modelos são demasiado identificáveis para um pequeno larápio conseguir desfazer-se deles. Não, creio que um saco, fechado a cadeado, claro, é a melhor forma de guardar

qualquer coisa mesmo valiosa.

Organizou as joias no tampo encerado da mesa e os seus colaboradores agruparam-se em volta quando ela apresentou um conjunto de desenhos.

Fitou os quatro, avaliando-os, pensando no valor que tinham para ela agora.

— Parabéns — disse. — Esta foi a noite mais importante das vossas vidas. Já são vencedores. Agora temos de nos pôr a trabalhar. Estas joias são a chave para o vosso futuro. Sem elas vocês não existem.

Sharon detetara o olhar avaliador e duro de Maha e fixou-o na sua memória para o revelar mais tarde. Muito mais tarde, quando as coisas precisassem de ser por fim resolvidas entre elas. Agora, no entanto, como os outros, prestou total atenção ao que Maha tinha para dizer.

NA SUA SUÍTE REI SOL, Allie esperava pacientemente que Pru emergisse da casa de banho. Lançou outra vez uma olhadela ao relógio, andando para a frente e para trás, agradecendo mentalmente à direção do hotel pela suíte porque as duas juntas num quarto poderia ser difícil de aguentar. O facto de a suíte ter duas casas de banho devia ser a sua maior vantagem, uma vez que Pru estava na dela há pelo menos uma hora, a chapinhar na banheira e a usar o secador de cabelo, por cima de cujo ruído Allie a ouvira alternadamente a choramingar e a amaldiçoar o marido. Que se chamava, fora informada, Byron.

— Como o lorde.

— Qual lorde? — perguntara Allie, espantada.

— *Lorde Byron*, o poeta, palerma. — Apesar das suas mágoas, Pru soltara uma gargalhada que lhe transformou de imediato o rosto fazendo-a parecer o diabinho alegre que Allie recordava da escola. — Esqueceste todas aquelas aulas sobre poesia, foi? — acrescentou Pru. — Os românticos. Ah! Mal sabíamos nós!

Allie calculou que queria dizer que mal sabiam o efeito que «os românticos»

teriam nas suas vidas.

— Acabei por acreditar no romantismo— confidenciou a Pru que exclamara «Ah!» mais uma vez antes de desaparecer na casa de banho. E isso fora há mais de uma hora.

Estava preocupada com Pru, mas estava mais preocupada com Sunny.

Tudo o que queria fazer agora era meter Pru na cama com um comprimido para dormir, desejar-lhe uma boa noite de descanso e depois telefonar a Sunny.

Precisava de saber se a amiga estava bem e o que sucedera entre Mac e ela naquela noite. Para não falar do que se passara antes e que levava Sunny a

tomar a decisão drástica de o deixar.

Tinha demasiado na cabeça para pensar sequer em Ron até que o *BlackBerry* tocou.

— Oh, és tu — retorquiu quando Ron disse «Olá, como vão as coisas?».

— Bem, desculpa — respondeu Ron. —Pensei que, pelo menos, conseguiria um «Olá, querido, senti saudades tuas».

— Olá, querido, senti saudades tuas.

Allie tinha um risinho na voz que Ron adorava.

— Porra, acho bem que sim — retorquiu com riso na sua própria voz.

— Não me digas palavrões, por favor —disse Allie com frieza.

— Ei, quer-me parecer que recordo que és a mesma mulher que gosta dos meus palavrões.

Noutras ocasiões «especiais», claro.

Allie riu-se e replicou: — Oh, cala-te, Ron. Estou preocupada aqui. Nada está a correr como eu quero.

— Hum, isso é a minha pequena estrela de cinema mimada a falar — respondeu Ron afetuosamente.

— Pru está na casa de banho há uma eternidade. Sei que não se afogou porque a consigo ouvir. Também a ouço praguejar, mas uma vez que pragueja contra o marido não faz mal.

— Tenho de me recordar para ter cuidado — comentou Ron Perrin, parecendo pensativo.

— Além disso, vi Sunny a sair do hotel com Mac. De facto, vi-o chegar e vi uma cena tão escaldante entre eles naquele bar de hotel que tu nem acreditarias.

Sunny estava com outro tipo e, quando Mac entrou e estendeu a mão, ela levantou-se, agarrou-a e saiu com ele sem sequer pedir licença.

— Caramba — exclamou Ron.

— Pensei que fossem entrar no elevador, que fossem para o quarto dela... ou dele... mas depois, de repente, ela saiu.

— Claro que ele a seguiu.

— Claro que sim. E não os vejo desde então, mas sei que se ela ainda lá está fora deve estar a congelar. As noites de dezembro são um pouco frias aqui em Monte Carlo.

— Queres que vá para aí?

— Quê?

— Queres que vá ter contigo, que te ajude com todas essas histórias românticas que não estão a funcionar?

— Acho que já provocaste estragos suficientes. — Allie riu-se. — Oh, Ronnie Perrin, o cavaleiro andante, que vem salvar as belas donzelas. Agora sei porque te amo, embora tenhas estado na prisão.

— Ora, querida, sabes que foi tudo um erro.

Allie abanou a cabeça.

— Mentiroso.

— Bem, quase um erro. Podia ter acontecido a qualquer um. Um mero lapso da caneta do contabilista. Evasão fiscal é sempre culpa do contabilista.

— Podes apostar — retorquiu Allie, sorrindo. — E os manda-chuvas têm sempre de arcar com as consequências.

O suspiro de Ron fê-la rir-se.

— Não, não precisas de vir, pelo menos por enquanto. E agora tenho de ir, porque, por fim, acredites ou não, uma das donzelas em perigo está a sair da casa de banho, cor de rosa como uma peónia bem aberta.

— É melhor tratares disso amanhã —replicou Ron. — Não fica nada bem.

— Acredita, é o que tenciono fazer.

Entretanto, tenho de trabalhar. Falo contigo amanhã, Ron Perrin.

— Até amanhã — respondeu ele. — E *Lovely* manda um grande beijo. — *Lovely* era como a filha deles.

— Dá-lhe um beijo por mim.

Allie desligou o telefone e virou-se para olhar para Pru, que vestia um pijama xadrez de algodão *madras* que poderia ter cabimento num colégio interno para rapazes. O cabelo oleoso estava puxado para trás com uma fita de borracha e o rosto brilhava como a maçã da Branca de Neve. Allie sabia que tinha trabalho entre mãos se queria transformar aquela mulher de Branca de Neve em Eva com uma maçã muito mais saborosa e não venenosa.

Pru deixou-se cair na beira da sua cama enorme e estendeu automaticamente a mão para o chocolate na almofada.

— Oh, Pru, quando vais aprender? Só porque está aí não significa que tenhas de o comer.

Allie arrancou-lhe o chocolate, bem como o que se encontrava na sua própria cama, depois foi ao minibar e removeu todos os pacotes de frutos secos, doces e refrigerantes.

— Só água — disse, chamando o serviço de quartos para vir eliminar a

tentação.

Pru rodou as pernas para dentro da cama e puxou o lençol.

— Perdão — retorquiu humildemente. — É apenas o hábito, suponho.

— Não faz mal. Falamos disso amanhã.

E, a propósito, amanhã vamos comprar sapatos para ti.

Estendeu um copo de água a Pru e viu-a engolir o comprimido branco que, esperava, lhe proporcionasse uma boa noite de sono, sem pensar no marido com a «outra mulher».

— Sapatos porquê?

— Porque tens umas belas pernas e pés bonitos. Uma mulher deve sempre realçar os seus melhores atributos.

— Quem me dera que fossem as minhas maminhas. — Pru baixou os olhos, com melancolia, para o peito que se derramava.

— Maminhas mais bem modeladas podem conseguir-se com perda de peso e exercício. A maior parte do que tens aí é gordura, Pru Hilson. Recordo-me de ti na escola, tinhas maminhas muito bonitas. *Giras*, acho que a palavra era essa.

— Foi Teddy Masters que te disse isso?

Teddy Masters era o galã da escola secundária e, claro, campeão de futebol, com todos os privilégios e acesso a raparigas bonitas que isso implicava.

— Podes crer que foi o que disse.

Allie fez figas atrás das costas. O encorajamento era a ordem do dia e esperava que Deus lhe perdoasse a mentira.

— Imagina só. Teddy Masters. — Pru deslizou para baixo na cama. Os olhos já se fechavam de exaustão, emoção e por causa do comprimido para dormir.

Allie viu-lhe o rosto descontrair, liberto da pressão do stresse, do sofrimento e da fúria. Algures por ali, encontrava-se uma menina perdida, uma mulher necessitada. Descobri-la-ia. Mas agora era tempo de se virar para Sunny.

SUNNY ATENDEU AO PRIMEIRO TOQUE.

— Allie — disse, parecendo ou sem fôlego ou engasgada.

— Em que quarto estás? — perguntou Allie.

— Mil e um.

— Vou para aí.

Sunny estava à espera à porta.

Agarrou na mão de Allie e puxou-a para dentro. O quarto encontrava-se no seu caos habitual; Sunny nunca desfazia as malas; tirava simplesmente coisas da mala e deixava-as nas cadeiras ou até no chão.

— Oh, *Allie* — exclamou.

— Oh, *Sunny*.

Abraçaram-se, com força como dois insetos, braços apertados, os olhos a pingar.

— Queres que incite o cão a atacar Mac ou qualquer coisa assim? — perguntou Allie e Sunny engoliu uma risada.

— *A labrador*, queres tu dizer?

Lambia-o até à morte.

— Não seria uma forma má de desaparecer — retorquiu Allie e caíram sobre a cama, de mãos dadas, em gargalhadas histéricas.

Tesoro saltou preocupada sobre elas, a ganir. Allie foi a primeira a recompor-se. A situação era séria.

— Sabes que faria qualquer coisa.

Conta-me o que se passa.

— Mac abandonou o casamento.

— *Deixou-te?*

— Bem, ao casamento.

— Oh! O *casamento*. — Allie já ouvira as histórias sobre o «casamento» de Sunny e Mac algumas vezes e não conseguiu evitar um pouco de

ceticismo.

— Disse que estava demasiado ocupado, que teríamos de mudar a data.

— Queres dizer que é só isso? Mudar *a data*?

— Raios, Allie, eu já tinha comprado *o vestido*.

— Pois, bem parece mesmo coisa de última hora — admitiu Allie.

Lançou-lhe um olhar pensativo. — De qualquer modo, se ia haver um casamento, porque não fui convidada?

— Ninguém foi. Nenhuma família nem amigos. Só nós dois, os cães e o sacerdote. Uma mulher.

— Não me digas que Mac fugiu com ela?

— Claro que não. — Foi a vez de Sunny se mostrar pensativa. — Porém, não é má de todo, sabes, com aquela sotaina abotoada até acima.

Soltaram uma risadinha e deram outra vez as mãos.

— Queres uma bebida? — sugeriu Sunny.

— Quero pois.

Sunny foi até ao minibar e retirou garrafinhas de vodca, uísque, rum, gim.

— Qual queres? — perguntou, abanando a vodca que parecia ser a preferida de toda a gente naquele momento.

— Tens um pouco de sumo de mirtilo? — pediu Allie.

Sunny ajoelhou-se frente ao minibar, rebuscando por entre o seu conteúdo.

Ainda vestia o elegante vestidinho preto, embora agora estivesse descalça e, apesar dos olhos inchados e cabelo desgrenhado, conseguia ter um ar sexy.

— Recordas-te quando fugi de Ron? — disse Allie. — E tu foste visitar-me?

— Tinhas ido primeiro ter com Mac —recordou-a Sunny.

— Oh, pois. Era por causa da amante de Ron — retorquiu Allie, pensativa. — A que foi assassinada.

Sunny estremeceu, relembrando a história e a corrida de Mac e dela pela Itália à procura do assassino.

— Mas depois foste visitar-me —continuou Allie. — E perguntei-te se alguma vez tinhas ficado com o coração despedaçado, porque o meu coração estava de certeza a partir-se, como se tivesse caído no chão e o tivessem pisado.

— O que de certa forma acontecera —concordou Sunny, passando-lhe o copo de vodca. Borrifou-o de sumo de mirtilo juntamente com algumas

pedras de gelo.

Depois encheu a tigela de água de *Tesoro* e deu-lhe um biscoito de cão.

— A questão — disse Allie, bebendo um gole — era que eu sempre adorara aquele sacana.

— Ainda amas — retorquiu Sunny.

— Amarei sempre. — Allie engoliu outro trago. — E tu?

Sunny sentou-se na cama, as pernas esticadas em frente, um cotovelo apoiado nas almofadas, a fitar a bebida cor de rosa, a relembrar todos aqueles *Cosmopolitans* cor de rosa que bebera no verão passado no pequeno refúgio encantador em Saint-Tropez que a albergara e a Mac, bem como alguns inadaptados, incluindo um par de crianças solitárias, demasiado velhas para conhecerem desgostos de coração e demasiado novas para entenderem o perigo.

— Como o tempo passa depressa —disse. — E como as coisas podem mudar.

— Não precisam de mudar, Sunny.

Acredita em mim, vocês só precisam de resolver as coisas.

Com o queixo equilibrado na mão, Sunny fitou o seu coquetel cor de rosa.

— Ele partiu-me o coração. Eu já tinha o vestido. Renda creme.

— Mas tu *detestas* renda.

— Pareceu-me apropriado na altura.

Além disso, branco não fica bem no inverno, a luz é demasiado crua.

— Falou a verdadeira publicitária.

Exceto que, neste caso, Sunny Alvarez, estás a falar de ti. Afinal, o que raio há assim de tão fantástico num casamento?

E corrige-me se estou enganada, mas não recusaste Mac Reilly no verão passado quando *ele* te pediu para casares com ele? E explica-me outra vez se estou enganada, mas quando disseste que não, Mac *não* se desfez em lágrimas e disse que o tinhas rejeitado. E Mac nunca me disse «Sunny recusou-me e ela sabia que eu tinha comprado um fato de linho branco e podíamos ter casado ali mesmo na praia, podíamos ter convidado Allie e Ron e eles teriam aparecido numa hora. E podíamos ter enfeitado *Tesoro* com uma pequena saia de tule branco com uma flor enfiada na coleira vermelha e dado a *Pirate* um laço para cães e uma coleira branca».

Mac disse-te alguma destas coisas quando *tu* o rejeitaste no verão passado em Saint-Tropez, Miss Sunny Alvarez?

— Sou uma cabra egoísta — concordou Sunny em tom lúgubre. —
Porque fiz isso?

Allie suspirou, fitando a sua própria bebida cor de rosa.

— Quem sabe por que razão nós mulheres fazemos alguma coisa? Os homens acham sempre que sabemos com exatidão o que estamos a fazer e a verdade é que poucas de nós fazemos sequer uma pequena ideia.

— É tudo instinto — concordou Sunny. —Reagir às circunstâncias.

— Não devíamos estar já acima disso tudo? Não nos emancipámos nos anos sessenta?

— Setenta, acho eu.

Ficaram caladas durante um minuto e depois Sunny disse: — Há outra pessoa.

— *Quê!* — A vodca disparou pela borda do copo quando Allie se sentou muito direita. — *Mac tem outra mulher?*

Sunny lançou-lhe um olhar culpado.

— Não. Eu tenho outro homem.

— *Oh. Meu. Deus.* — Fitaram-se uma à outra durante um longo momento. — Isso muda tudo. Porque me deixaste continuar a dizer aquelas coisas? Quando *sabias*.

— Eu não... quero dizer, na realidade não sei. Quero dizer, é só alguém que conheci no voo para Paris. Foi compreensivo, nem sequer dissemos um ao outro como nos chamávamos, deixou-me chorar no ombro dele, acho eu. E depois arranjou-me um hotel aqui em vez de em Paris porque eu não sabia para onde ir e estava a nevar. E a seguir veio até cá.

— Aposto que sim — retorquiu Allie e depois percebeu. — Oh, meu Deus, é o homem do bar. Aquele que deixaste lá sentado a olhar para ti quando saíste com Mac.

— Como se estivesse hipnotizada.

— Como se *ele* estivesse hipnotizado.

— O que hei de fazer, Allie?

— Oh, diabo, Sun, vamos mas é dormir. — Allie estava demasiado estafada para lidar com aquela reviravolta dos acontecimentos.

— Amanhã, conversamos. Tu e eu. Oh, e Pru.

— Quem é Pru?

— Lembras-te, a amiga da escola de que te falei. Vamos todas às compras de manhã. Sapatos.

— Fui às compras esta manhã — retorquiu Sunny. — Com Kitty Ratte. Allie ficou a pensar um instante.

— Estou disposta a apostar que é a ruiva flamejante que ocupou o teu lugar ao lado do homem mistério.

— Chama-se Eddie Johanssen. Está a divorciar-se. E, sim, é a Kitty. Tem um aspeto um pouco esquisito, mas é bastante simpática.

«Bastante simpática» era uma expressão que Allie nunca ouvira Sunny usar antes e pensou que, no que dizia respeito a Kitty Ratte, com certeza se enganara.

— Vamos cingir-nos a ti, Pru e eu. É tudo o que consigo aguentar. Além disso, precisamos de conversar mais um bocado em particular.

— Fica comigo — suplicou Sunny. — De manhã, mandamos vir o pequeno-almoço, convidas Pru.

Allie abraçou-a.

— Está na hora de descansares um pouco. Creio que precisas de ficar sozinha algum tempo, refletires nas coisas.

Consciente dos olhos suplicantes de Sunny quando se encaminhou para a porta, acrescentou: — E, a propósito, não atendas se Mac telefonar. Não no estado em que estás.

Falamos sobre isto amanhã. Está bem?

— Está bem.

A porta fechou-se e Sunny voltou a afundar-se na cama. Fitou o teto, procurando respostas para um dilema que ela própria criara.

Cerrou os olhos e o rosto de Maha Mondragon perpassou-lhe pela mente...

Maha a dizer-lhe para aproveitar as oportunidades que a vida lhe oferecia. E para ter cuidado com Kitty Ratte.

MAC FICOU MUITO TEMPO DEBAIXO DO CHUVEIRO regulado para um jato forte, a cabeça baixa para receber o castigo, a água a escorrer-lhe abundante do ventre, fresca, refrescando mas não eliminando por completo a tensão e fadiga da longa viagem, o aborrecimento da sua desavença com Sunny e o silêncio de um quarto que, com ela, teria estado atulhado com as suas «coisas» e a fervilhar de vida.

O programa televisivo de Mac não era meramente «um trabalho». Para ele, preenchia uma necessidade que pessoas desesperadas não conseguiam satisfazer em mais sítio nenhum, perdidas como estavam nas malhas dos velhos arquivos da polícia, ou até nos de uma safra mais recente, mas sempre perdidas, os seus entes amados destruídos às mãos de algum psicopata, todos eles assassinos cruéis.

Era verdade, o trabalho interferia na sua vida, como imaginava que aconteceria com um médico dedicado, porque, tal como com um doente, quando alguém estava a sofrer e precisava dele, tinha de lá estar. Horários prolongados, tempo passado longe dos seus próprios entes queridos, tudo fazia parte do jogo.

E, sim, adorava o que fazia e acreditava que conseguia resgatar algo parecido com vida para as pessoas que tinham perdido a esperança. *Encerrar um capítulo* era uma expressão que aparecia em geral no programa de Mac.

Tinha também o seu «emprego diurno», como Sunny gostava de lhe chamar, quando era contratado por pessoas com problemas, como Ron Perrin que o convocara quando estava a ser acusado de homicídio.

Mac procurara e encontrara a estrela de cinema fugida, Allie, cabelo loiro cortado rente e pintado de castanho, olhos turquesa escondidos atrás de óculos escuros; descobrira que ela se encontrava em perigo e a identidade do verdadeiro assassino. Havia muitas outras pessoas que tinham motivos para lhe agradecer e, de algum modo, tornara-se conhecido por causa do programa e da publicidade como o Detetive Particular de Hollywood.

Mac sorria sempre com essa descrição. Para ele, detetive particular

significava *film noir*, Raymond Chandler e o caso do assassinio da Dália Negra, coisas dos anos trinta, quarenta, até cinquenta com detetives de chapéus de fita com abas reversíveis e fatos moles com ombros largos. Muito diferentes de Mac com a sua *T-shirt* desbotada e calças de ganga e com o casaco macio de cabedal preto que Sunny lhe comprara, afirmando-lhe que era *Dolce & Gabbana*, rindo-se dele quando lhe dissera que pensava que era algum tipo de gelado italiano. Mostrava bem o que Mac sabia sobre marcas de estilistas.

Não lhe interessavam nada os aparatos do sucesso e ainda vivia na sua minúscula casinha de madeira só com um quarto, que dava para o Pacífico, com um «átrio de entrada» de dois metros quadrados, a pequena sala que se abria, através de vidro deslizante, para o deque de madeira onde o Pacífico por vezes retumbava sob os pilares de madeira; o velho sofá onde o cão, *Pirate*, o seu amigo mais querido, se esparramava à vontade, isto é, quando não estava em cima da cama, a largar pelo, claro, e propenso a ressonar, mas, ora, Mac adorava *Pirate* e ele nunca poderia fazer nada de mal. Embora por vezes desejasse que *Pirate* enfrentasse *Tesoro*. Aquela *chihuahua* estava a precisar de uma pequena dentada naquele seu traseiro minúsculo, só para a pôr no seu lugar e não nas costas de Mac, com as garras de fora, quando ele fazia amor com Sunny.

Mac desligou o chuveiro, saiu do duche, secou-se vigorosamente com a toalha e depois vestiu o roupão enorme de algodão turco do hotel. Não se deu ao trabalho de olhar para o relógio na mesa de cabeceira. O tempo perdera-se algures entre Malibu e Monte Carlo. Já não importava.

Abriu a porta de vidro para a varanda e saiu lá para fora. O mesmo vento frio que enregelara Sunny pôs-lhe os pelos dos braços em pé. Inclinou-se sobre a balaustrada fitando a distante cena do crime ainda iluminada a halogéneo.

Sentiu pena da mulher que fora baleada, uma vida ceifada por um saco de diamantes.

Calculou que agora, num romance policial dos anos quarenta ou cinquenta, o detetive particular acenderia um cigarro, dando-lhe uma grande passa ao mesmo tempo que deslindava quem cometera o crime. Claro que a resposta lhe surgiria de repente e todos os conspiradores se agrupariam, com as pistolas à mão, enquanto ele lhes contava quem praticara o roubo ou o crime. E o detetive particular vencia sempre.

Porém, este não. Apesar da sua amizade com o inspetor e da sua compaixão para com a vítima, Mac não sentia qualquer interesse neste roubo.

Toda a sua atenção, toda a sua emoção, toda a sua... *a sua vida...* estavam centradas em recuperar Sunny.

No entanto, sentia saudades de *Pirate*.

ERA TARDE QUANDO KITTY SAIU DO CLUBE DE SEXO em Cannes que amiúde frequentava, o tipo de clube onde *swingers*, homens e mulheres, ou por vezes homens com homens, ou mulheres com mulheres, ou todos juntos de qualquer maneira, se juntavam para fins de sexo ou simplesmente para observar. O que lhes desse mais prazer.

O «clube» era uma sala grande, tendo no centro uma pista de dança apinhada, com música retro. Cortinas de veludo preto envolviam a maioria das paredes, bem como as janelas. Sofás de pele, alguns com casais ocupados em jogos amorosos, forravam a sala. Havia quartos «privados», com camas de dossel douradas enormes, algumas redondas, outras hexagonais, onde um casal ou vários juntos podiam satisfazer-se em grupos, embora as portas nunca fossem fechadas para permitir aos clientes *voyeurs* gozarem os seus próprios sonhos invulgares. Grandes taças de preservativos estavam colocadas em cima de mesas, um bar fornecia qualquer tipo de bebida e a clientela variava, desde gente suburbana libidinosa numa saída noturna à cidade, até verdadeiros viciados em sexo, *voyeurs* e sadomasoquistas à procura de semelhantes entre a multidão bem vestida. As calças de ganga não eram permitidas, dava-se preferência a trajes de *cocktail*, com a obrigatoriedade de as mulheres não usarem cuecas e os homens « nenhuns impedimentos », como as brochuras explicavam de forma tão divertida.

Só deixavam entrar homens sozinhos, sem uma acompanhante, uma vez por semana, às sextas à noite, embora as mulheres sozinhas fossem sempre bem-vindas. Por um pouco mais do que o valor da entrada, podia-se jantar enquanto se observava as cenas e se fazia uma escolha ou talvez se participava um pouco.

Luzes estroboscópicas lambiam os corpos meio despidos e, de vez em

quando, alguém borrifava perfume para o ar.

Kitty precisava do contacto sexual dos desconhecidos que encontrava nos clubes.

Dava-lhe uma satisfação estranha ser possuída por homens que eram tão emocionalmente insensíveis quanto ela, embora, ao contrário deles, nunca achasse a coisa sexualmente gratificante. Poder era o que sentia, apesar de ser muitas vezes ela que ficava numa situação degradante nalguma cena sadomasoquista, algemada e com coleira, os homens agrupados em volta, a observá-la a gemer e a gritar num êxtase fingido que nunca sentia.

Esse era o seu poder. Os homens pensavam que a dominavam com o seu sexo. Ela sabia que não era assim. Era esquisito, mas estava viciada naquilo, tal como outros estavam viciados em cocaína. Embora, claro, também não dissesse que não a uma linha ou duas da droga.

Kitty era bastante conhecida em todos os clubes, mas o seu «número» e o seu corpo estavam a tornar-se cansativos.

Kitty já não se podia despir por completo. Tinha de se contentar em atrair turistas ou homens de negócios que nunca lá tivessem estado, que nunca a tivessem visto à pesca de clientes, um ou dois, ou mais de cada vez, desapertando o vestido para se exhibir.

Agora tinha vergonha do seu corpo de meia-idade em forma de pera e dos seus seios chupados. Mantinha sempre o sutiã chumaçado e um *top* interior que lhe tapava as pregas da barriga, embora não as suas partes íntimas, a sua *chaton* como lhe chamava em francês, fazendo um pequeno trocadilho com o seu nome de gata, «Kitty».

Nada de cuecas, claro, isso manteria as coisas erguidas. A expressão significava muito para Kitty. «Mantê-lo erguido» era o seu trabalho. E a verdade era que *estava* a ficar um pouco velha para isso. Os cabelos da sua cabeça podiam estar pintados de ruivo, mas as suas partes íntimas estavam depiladas e, com as coxas rechonchudas de celulite, despida parecia uma galinha depenada.

Adolescentes com corpos de morrer estavam a tomar o lugar de Kitty e que homem não preferiria a sua carne jovem? Tinha agora de confiar na lisonja, no charme, na conversa de sexo e em comportamentos muito escandalosos com promessas de fazer o que quer que os homens ou mulheres, ou ambos juntos, quisessem.

Havia também, claro, os seus anúncios no Craigslist e no Eros.com, com

fotografias em poses exóticas, sempre com o referido sutiã e *top* interior, mas com um aspeto magicamente mais jovem e enaltecendo a sua perícia sexual. E depois havia os anúncios para adultos nos jornais locais: *Mulher estrangeira madura. Perita em todos os tipos de massagem. Ruiva natural, disposta a experimentar qualquer coisa para lhe dar felicidade.*

«Natural», claro, era forçar a coisa.

E depois havia a agência de acompanhantes que a enviava para os hotéis menores, porque nunca se classificara na categoria da *call-girl* de luxo e «classe alta»; era meramente «uma acompanhante». Por uma soma modesta de dinheiro encontrava-se com homens de negócios pouco importantes nos seus hotéis, esgueirando-se de cabeça baixa numa tentativa para ser discreta, embora houvesse sempre câmaras de segurança, colocadas em todos os vestíbulos de hotel e em todos os andares, que registavam de forma exata quem entrava e saía e onde iam em todos os momentos. Esses registos, com Kitty gravada neles, claro, eram guardados pelos hotéis para fácil identificação na eventualidade de qualquer problema do foro policial mais tarde.

Até ao instante, porém, Kitty evitara essa situação. Nunca roubava os seus homens de negócios e nunca vigarizava nos preços, embora tentasse cobrar por serviços «extra», a respeito dos quais lhes sussurrava aos ouvidos, ao mesmo tempo que balouçava um par de algemas: *Vamos lá, toda a gente faz isto. É divertido.* Fazendo deslizar as mãos pelo corpo, esfregando óleos perfumados, perguntava: *Excita-te quando faço isto?; Queres magoar-me?*

Em qualquer sítio menos na cara. E na pequena mala com as coisas para a noite levaria o seu traje especial para «sexo»: as cuecas de padrão leopardo, o sutiã chumaçado e o *top* interior barato de seda azul. Usava este mesmo traje em todos os seus encontros sexuais e, claro, também os seus sapatos de salto alto *Louboutin* com as solas vermelhas que os identificavam e que acreditava lhe conferiam um ar de classe. Também na pequena mala vinham loções corporais e lubrificantes, um vibrador, algemas e coleiras cravejadas, de couro com pregos de metal; e brinquedos sexuais, máscaras, um pequeno chicote delicado e uma palmatória, para esse tipo de serviço. Para Kitty não interessava. De qualquer maneira, nunca sentia nada em termos sexuais. Nadinha. Embora, obviamente, gemesse sempre muito para os homens pensarem que sentia.

O «companheiro» de Kitty era James Franklyn, a quem chamava Jimmy,

um inglês casado com quem mantinha uma relação. Quando Jimmy ficava fulo com ela, dizia-lhe que era uma verdadeira ninfomaníaca.

Parceiros múltiplos, berrava, contando pelos dedos da mão.

Uma *necessidade constante de masturbação*. E nunca, *nunca* qualquer sentimento ou satisfação.

Era verdade que Kitty nunca atingia o clímax. De facto, secretamente, não sentia qualquer interesse por sexo, embora tentasse todas as manhãs com o vibrador satisfazer-se sozinha. Nunca funcionava. O que Kitty gostava era de atenção. Era uma predadora sexual que procurava homens vulneráveis para o seu tipo especial de lisonja. Gostava de excitar um homem falando de sexo, oferecendo-o, mas, no fundo, era uma *voyeur*. Kitty Ratte era tão fria como carne num frigorífico e tão manipulativa e intriguista como qualquer criminoso.

Kitty ainda negava ser ninfomaníaca, mas, quando Jimmy Franklyn, contabilista falhado e marido de Martha Franklyn da suburbana Surrey, em Inglaterra, lhe chamara psicopata, sentiu-se capaz de o matar. E poderia tê-lo feito. Em vez disso, foi consultar uma psicóloga.

Porém só uma vez, porque a mulher a fitara nos olhos, fizera algumas perguntas pertinentes sobre o seu estilo de vida, sobre o que sentia quando estava com um homem, sobre quem pensava que era e depois repudiara-a.

— Você mente até para si própria.

Precisa de mais ajuda do que eu posso oferecer — dissera de forma tão fria quanto os seus modos profissionais lhe permitiam.

Aquilo perturbou Kitty, ser desprezada por uma psicóloga. Pagara bom dinheiro só para ser insultada.

Levantando-se para se ir embora, detivera-se à porta.

— Então? — perguntou com aquele sotaque do centro europeu. — Sou uma ninfomaníaca?

A psicóloga fitou-a por trás da secretária, mãos em arco com as pontas dos dedos a tocarem-se.

— Com certeza — respondeu.

— E uma psicopata?

— Faça a si própria essa pergunta — retorquiu a psicóloga. — E veja que resposta lhe surge. Entretanto, existe um sítio na Suíça. Sugiro que consulte aí os psiquiatras. Talvez a possam ajudar. — Escreveu o nome e endereço num papel e acercou-se de Kitty para lho entregar.

Kitty enfiou o papel na sua mala *Chanel*, fitando com dureza os olhos da psicóloga, com os seus olhinhos azuis furiosos sob a testa franzida e a franja do cabelo ruivo.

— Cabra — exclamou quando saiu, batendo com a porta atrás dela.

JIMMY ENCONTRAVA-SE NO APARTAMENTO DE KITTY nessa noite quando ela voltou do clube.

Levantou-se do sofá onde estivera estendido, alto, de aspeto macilento com olhos escuros encovados, bem barbeado, cabelo castanho fino e tão banal quanto Kitty. Fora o seu interesse por sexo que os juntara. Ela pregara-lhe com aquela conversa sobre sexo num bar de hotel, contara-lhe como gostava de sexo; como ele era *sexy*, atraente, como o desejava. Jimmy caíra que nem um patinho, porque, tal como ela, Jimmy era um *voyeur*. Gostava de ver Kitty a fazer o seu «número», o que significava poses provocativas nas suas cuecas de leopardo, pernas afastadas, a contorcer o traseiro rechonchudo, usando o vibrador enquanto ele observava, perguntando se o estava a excitar. O *top* interior de cetim nunca saía, porém, e, sobretudo, o sutiã também não.

— Tenho vergonha do meu corpo — contara a Jimmy quando a relação já ia numa fase mais avançada. — Estou a ficar velha. Mas o meu outro amante de longa data diz que sou bela. E o sexo que temos juntos é fantástico. — Claro que não havia nenhum outro «amante», mas Jimmy não sabia disso na altura.

Jimmy achava que Kitty estava longe de ser bela, mas ficava excitado com o espetáculo e com as histórias que ela lhe contava sobre as suas outras façanhas sexuais. No último par de anos tinham-se tornado íntimos e Jimmy deixava cada vez mais vezes para trás a sua vida suburbana em Inglaterra para cuidar do novo «negócio» de chantagem que Kitty e ele tinham desenvolvido juntos. A coisa tinha corrido bem, mas apenas numa escala menor, com alvos pouco importantes, homens casados com medo de serem apanhados pelas mulheres que pagavam e se punham a mexer. Porém, Kitty tinha demasiado receio de manter as exigências e em breve gastavam o dinheiro que, de qualquer modo, nunca fora suficiente para comprar as joias

ou os relógios que Kitty queria, ou o apartamento, ou o bar em Marbella que ambicionavam.

— Estás atrasada — disse Jimmy, não a tocando.

— Fui ao clube.

Kitty tirou a mala do ombro e atirou-a para uma cadeira. O seu apartamento de rés-do-chão numa casa antiga remodelada era mais pequeno do que desejaria, com portas de vidro que conduziam a um minúsculo jardim com um portão numa sebe na ponta. A decoração representava uma tentativa de criar um tema mediterrânico: almofadas com conchas, cortinados azuis e brancos de cotim, bugigangas prateadas e estatuetas de cristal barato de peixes e aves marinhas, coisas do género, que Kitty «coleccionava» nas suas viagens.

Não que continuasse a viajar. Não se podia dar a esse luxo.

Havia uma pequena sala com um par de sofás bege e cadeirões a condizer à volta de uma mesinha de café de vidro; um ou dois quadros comerciais e um espelho dourado em raios de sol por cima da lareira fingida, onde um fulgor vermelho emanava da lenha elétrica. E, despercebida dos seus «visitantes», escondida no teto e direcionada diretamente para um dos sofás, encontrava-se uma câmara de vídeo profissional, do tamanho de uma cabeça de prego. Como uma câmara para ama de crianças, mas muito potente. Nenhum pormenor lhe escapava.

O apartamento era alugado ao mês e Kitty tinha de se esforçar para pagar a renda. *Detestava* que o apartamento não fosse seu. Punha-a louca, chateando-a como tudo ter de lutar para arranjar o dinheiro todos os meses. Nem sequer se podia dar ao luxo de comprar outro par de sapatos *Louboutin*, muito menos a mala *Hermès* que ansiava. Agora, por fim, estava prestes a fazer alguma coisa em relação a essa situação.

Entrou no quarto, atirou com os sapatos de salto alto que estavam a dar cabo dela; despiu o vestido, o *top* interior e o sutiã, vestiu um roupão e voltou para a sala onde Jimmy estava a servir-se de uma vodka com soda. Kitty só conseguia ficar nua com Jimmy que a conhecia e compreendia.

— Vem comigo — disse Kitty, liderando o caminho para a cozinha onde um computador repousava na bancada sob uma série de armários.

Jimmy seguiu-a.

— Uma bebida? — Ergueu o copo.

— Red Bull.

Kitty instalou-se numa cadeira metálica em frente do computador que estava ligado para o Skype. Quando Jimmy se encontrava em Inglaterra, mantinha-os ligados em termos sexuais, com ambos nus no ecrã; além de a manter «em contacto», sexualmente, com bastante outros. Mas agora não estava a pensar em sexo. Emborcou o *Red Bull*, esperando pelo afluxo de adrenalina que, uma vez que era o sexto da noite, não teve qualquer problema em obter.

— Olha — disse, fazendo um gesto a Jimmy para se aproximar.

Pesquisara Eduardo Johanssen no Google. O Google fornecera-lhes, ou a qualquer pessoa que se desse ao trabalho de pesquisar Eddie, uma grande quantidade de informação, mais do que seria preciso saber. Mas para Kitty era importante e estava prestes a contar a Jimmy como.

— Estive com Eddie esta noite. Passei umas duas horas com ele. Sentia-se solitário. Uma rapariga que conheceu deixou-o por outro. Chama-se Sunny.

Conheço-a. Não te preocupes, é uma tipa fácil; inocente ou parva, ou talvez as duas coisas. Bem, tornei-me muito amiga dela e tenho-a sob controlo.

Agora sou também amiga de Eddie.

Enfeiticei-o. Contou-me que a mulher está a divorciar-se dele e a coisa está muito baralhada. Ela quer ficar com os filhos. Ele não o quer permitir. É rico e solitário. — Virou-se e exibiu o seu sorriso de dentes salientes. — Qualquer prova da falta de reputação moral de Eddie e perde as crianças. Além da maior parte da sua fortuna. Está pronto para ser apanhado.

Jimmy assentiu e esvaziou o copo.

— Vou descobrir tudo o resto que precisamos de saber sobre ele. Amanhã já terás toda a informação de que necessitas.

— E também isto. — Kitty tirou um frasco de comprimidos de cima da bancada e ergueu-o para ele ver. — A minha arma secreta.

Drogas de violação e *Ecstasy* eram apenas duas das armas secretas no novo jogo de chantagem de Kitty.

SUNNY ACORDOU COM O CORAÇÃO A MARTELAR. Entrava uma nesga de luz pela porta da casa de banho porque não conseguia dormir num quarto totalmente às escuras. Mac rira-se da primeira vez que tinham dormido juntos quando ela confessara que sempre tivera medo do escuro.

— Sunny Alvarez com medo do escuro? — perguntara, beijando-lhe o pescoço onde a pulsação latejara sob os seus lábios.

— Ei, uma rapariga não pode ser corajosa em relação a tudo — retorquira.

— No entanto, esta rapariga não — dissera ele mais tarde. — Não a rapariga que guia uma *Harley* como um homem e um carro como uma profissional das corridas; que faz *surf* e nada como um golfinho; e que enfrentou o perigo comigo. Não a mulher que encontrou um cadáver num frigorífico na Toscana e outro sob um cato no deserto da Califórnia; que entrou numa festa de Halloween que, afinal, não era assim tão animada e onde era a única mascarada.

Sunny vestira-se de senhora vampiro para aquela festa, não muito senhora no entanto, com meias de rede, sapatos muito altos e grandes dentes. E Mac ficara embaraçado no seu próprio traje de vampiro, embora fosse menos revelador do que o dela. Sunny enfrentara os olhares daquelas mulheres chiques nos seus fatos *St. John*, de martinis na mão. Espetara o queixo para o ar, lançara-lhes o seu melhor sorriso vampírico e saíra dali para... se meter num perigo ainda maior do que alguma vez esperara. Mas isso era outra história.

Naquele momento, no quarto de hotel em Monte Carlo, Sunny tinha medo do escuro.

Ligou o candeeiro da mesa de cabeceira e *Tesoro* rosnou, pestanejando da sua almofada, rabugenta por ter sido incomodada.

A frincha nas cortinas mostrava um raio de luz cinzenta. Uma olhadela ao

relógio mostrou-lhe que eram cinco e meia da manhã. Demasiado cedo para o Sol, demasiado tarde para a Lua. A noite e a escuridão estavam a ser dissolvidas e Sunny conseguia respirar outra vez.

Na casa de banho, pestanejando com a súbita luz brilhante, tomou um duche rápido, vestiu umas calças de ganga, uma camisa, uma grande camisola com capuz; escovou o cabelo, atou-o em rabo-de-cavalo e colocou um boné de basebol.

— Vamos, *Tesoro* — disse com energia.

— Vamos dar um passeio.

Com os olhos ainda fechados, a cadela enfiou o nariz com mais força na almofada.

Sunny pôs-lhe a trela, pegou nela ao colo e dirigiu-se para o elevador.

Quando as portas se fecharam, recordou-se de repente de Mac e ela juntos noutro elevador, nesta mesma cidade, Monte Carlo, no verão anterior.

Ela vestia um vestido curto de *chiffon* preto que caía em pregas estreitas, atado na cintura com uma fita de cetim e preso de forma folgada nas costas com três minúsculos botões de cristal.

— Já alguma vez fizeste amor num elevador? — perguntara a Mac, desapertando aqueles botões minúsculos, fazendo deslizar o vestido para baixo expondo os seios nus e rindo-se do rosto chocado de Mac. Não havia nada que deliciasse mais Sunny do que ser marota.

Em pânico, Mac puxara-lhe outra vez o vestido para cima, mesmo no instante em que o elevador parara noutro andar para deixar entrar um casal de ar surpreendido que os mirou desconfiado quando eles saíram e correram às gargalhadas pelo corredor.

— Sua marota — dissera Mac quando a apanhara.

— Não é divertido? — replicara ela, caindo na cama, ainda a rir-se ao mesmo tempo que ele lhe despiu o vestido de *chiffon* para fazerem amor.

Naquela manhã, em Monte Carlo, no entanto, o vento era suave, quase primaveril. Era demasiado cedo sequer para as tripulações dos iates elegantes estarem cá fora a limpá-los, a poli-los e a sacudir almofadas de aspeto náutico.

Superiates, de cascos volumosos, demasiado grandes para entrarem na marina, estavam atracados fora do porto, bandeiras a esvoaçarem, helicópteros pousados no topo como aves marinhas gigantes, todos em tom inox e branco. Os seus donos ausentes apareceriam de novo em maio para o

Festival de Cinema de Cannes, altura em que receberiam a realeza de Hollywood da forma a que acreditavam estar acostumada a realeza de Hollywood, embora, com toda a probabilidade, a maior parte deles, como Allie Ray, ansiassem por uma vida mais simples.

Sunny sabia que chocara Allie com a sua confissão sobre Eddie, embora na verdade fosse bastante inocente. Bem, quase. Eddie e ela nem sequer se tinham beijado. Bem, só daquela vez no aeroporto em Paris, os dois beijos na face e depois o outro extra «para amigos». E, claro, o suave beijo lento nos lábios quando se tinham despedido no vestíbulo do hotel.

Sunny recordou-se de Allie dizer que Kitty Ratte se atirara a Eddie e franziu o sobrolho. Não podia ser verdade. Kitty era sua amiga.

Caminhou ao longo do porto com *Tesoro* arrastada, com relutância, pela trela, parando a cada poucos passos para um demorado farejar.

Kitty era tão vulgar, tão inócua que era quase enfastiante e sempre a querer agradar. Mas, espera aí um minuto, Kitty não falara com ela sobre sexo? Não lhe pergantara se sentia a falta do sexo com Mac, porque, nesse caso, Kitty podia «resolver isso»? Sunny pensara na altura que era apenas tola «conversa de mulheres». Agora, no entanto, já duvidava.

Vendo a fita amarela e os carros da polícia ainda à porta da cena do crime da noite anterior, enveredou por uma rua secundária e descobriu um minúsculo café que abria cedo. O aroma do café seduziu-a e sentou-se ao balcão, a molhar um *croissant* folhado num *café crème*. Recordações do verão passado em Saint-Tropez com Mac abriram comportas de lágrimas que lhe rolaram pelas faces para o café quente.

O empregado, com um avental branco enrolado à cintura e atado à frente, mangas da camisa branca também enroladas, um cigarro a arder num cinzeiro perto, apesar de ser proibido fumar em França em locais públicos, mirou-a e depois inclinou-se por cima do balcão.

— *Madame*? Precisa de ajuda?

Ela abanou a cabeça.

— Estou bem.

O empregado deu outra passa no seu *Gauloise Bleu*, esmagou a beata no cinzeiro e livrou-se dos restos no caixote do lixo debaixo do balcão de zinco.

— É um homem, claro — disse, compreendendo de imediato. — Mas, *madame*, é demasiado bonita para chorar por um homem.

Pousou um pequeno copo de brande em frente dela e tirou um café

expresso de uma máquina que chiava, forte o suficiente, pensou Sunny, beberricando-o, para fortalecer os nervos mais fracos, se não também para destruir o fígado. O brande fê-la engasgar-se.

— É muito compreensivo — retorquiu, conseguindo esboçar um sorriso.

— Volte, diga-lhe que ele é um idiota — aconselhou, acrescentando depois, com outro daqueles pequenos encolher de ombro gauleses que Sunny sabia significar *que se lixe*. — Mas também todos os homens são idiotas.

Sunny empurrou as moedas de euro para pagar. Ele empurrou-as de volta e disse que era oferta da casa.

— O problema — explicou Sunny, virando-se à porta para olhar para ele — é que há *dois* homens.

— *Mon Dieu*. — O rosto do empregado espelhava a sua estupefação. — *Eh bien, madame. Bonne chance*. Boa sorte — exclamou.

O INSPETOR NÃO DORMIRA NADA.

Estava sentado à sua secretária numa *préfecture* em geral tranquila, bem, tranquila àquela hora da manhã, antes do último punhado de malfeitores ser acusado, enviado para o juiz e depois para a prisão, onde já não poderiam perturbar a população de elite, da pequena elite de poucos quilómetros da Riviera Francesa, que albergava, durante algum tempo, algumas das pessoas mais ricas e de maior prestígio no mundo.

Os criminosos eram geralmente menores: carteiristas, burlões de cartões de crédito, ladrões de lojas, mas a segurança era apertada e era raro conseguirem safar-se.

Efetivamente nos anos vinte e trinta, tinha havido aquele tipo audacioso de ladrões que escalam paredes, em que joias eram roubadas de um cofre no quarto principal de uma grandiosa *villa* cor de rosa; e, claro, houve a altura em que deflagrou um incêndio no apartamento de cobertura de um homem muito rico que perecera nas chamas sob circunstâncias, sugeriram alguns, suspeitas. Provou-se ser verdade e prendera-se um culpado. De qualquer modo, verdadeiros crimes eram raros nesta zona. E um trabalho como o roubo de La Fontaine era impensável. Tal como fora impensável na loja de Paris e em Milão, Berlim, Londres, Roma. E se calhar até mais cidades. O inspetor estava demasiado cansado para pensar nisso de momento.

Tudo o que sabia era que tinha um assassinato entre mãos. Uma mulher jovem morrera e uma criança, um rapaz de dois anos, ficara sem mãe. Pelo que inferira do seu interrogatório às desnorteadas empregadas da loja, não existira qualquer razão para os assaltantes a matarem.

Tinham obedecido às ordens, entregado chaves, telemóveis, diamantes.

Não fazia simplesmente sentido, haviam dito, embora, naturalmente, estivessem todas em estado de choque e tivessem sido levadas para o

hospital. Exceto a que fora levada no saco preto para cadáveres.

O inspetor afundou-se, estafado, na sua cadeira, o boné sobre a mesa ao lado dos pés, o casaco elegante passado pelas costas da cadeira, braços atrás da cabeça, a pensar. Levantou os olhos para a maçaneta da porta e um agente entrou.

— As fotografias da cena do crime, inspetor.

O agente da polícia entregou-lhe as cópias das fotografias que o inspetor já visionara no seu computador. Decidiu, naquele momento, não olhar outra vez para elas. Em vez disso, colocou-as numa pasta azul, identificada com o nome da jovem, MADAME YVONNE ELMAN, FALECIDA, levantou-se, envergou o casaco e o boné, enfiou a pasta debaixo do braço, disse ao agente que ia sair para tomar café e que podiam telefonar-lhe para o telemóvel se necessário, saiu e dobrou a esquina para o café mais próximo. Eram oito da manhã e estava a pensar em Yvonne Elman há mais de doze horas.

Sentou-se no lugar do costume no café e pediu o seu pequeno-almoço habitual: um ovo cozido, dois *croissants* e um café duplo. Teria apreciado um grande, mas ainda se encontrava de serviço.

Puxou do telemóvel e ligou à mulher, disse-lhe que iria a casa por uns rápidos dez minutos para tomar banho e mudar de roupa e que depois voltaria ao trabalho.

A mulher ouvira o que ele lhe comunicara durante a noite e entendia.

Grave não era palavra que chegasse para descrever a situação e sentia muita pena da jovem mãe que encontrara uma morte inesperada e injustificável.

O inspetor partiu a casca do ovo, descascou-o, cortou-o em fatias e depois comeu-as devagar por entre goles do café forte. Fez sinal ao empregado a pedir um *café crème*, duplo, e molhou os *croissants* na espuma cremosa, parecendo um cão de caça envelhecido com o seu rosto comprido enrugado, orelhas grandes e olhos castanhos abatidos.

Pensou se seria demasiado cedo para telefonar a Mac Reilly, decidiu que não e ligou para o hotel.

Informaram-no que Monsieur Reilly ainda não estava a aceitar chamadas.

Abriu a pasta e estudou, mais uma vez, o rosto devastado de Madame Yvonne Elman.

O ROCHEDO SOBRE O QUAL o castelo Grimaldi se erguia há mais de setecentos anos, anos de altos e baixos, quer em termos financeiros quer em termos de escândalos, agigantava-se sobre o minúsculo Principado do Mónaco. Muitos dos seus quase quatrocentos acres tinham sido construídos sobre aterros para expandir o território e também para alargar o porto transformando-o num dos mais elegantes portos de escala do planeta das embarcações oceânicas. O grego Aristóteles Onassis, antes de se desentender com o príncipe do Mónaco da altura, tivera a ideia desta expansão; soubera como a executar e livrar o Principado de uma situação de quase ruína, alavancando-o para uma posição de prosperidade com um estatuto de paraíso fiscal que não tinha paralelo.

Os milionários eram vulgares em Monte Carlo, mas a nova descrição, mais elegante, de *bilionário* garantia o acesso a todas as festas grandiosas, ao mesmo tempo que garantia também que toda a gente que era alguém também aparecia, fosse num iate, numa *penthouse* com vista para a marina, ou numa *villa* mais recuada, no sopé dos montes, embora muitos também possuíssem *villas* perto de Saint-Rémy ou em Saint-Tropez, onde escapavam à atmosfera algo claustrofóbica do Mónaco e ao constante perigo de esbarrarem com as mesmas pessoas nos mesmos eventos sociais.

Os monegascos, os cidadãos do Mónaco, viviam as suas vidas normais por entre a grandiosidade, a confusão e influxo de turistas e visitantes, protegidos e bem tratados pelos seus governantes, como talvez em nenhum outro país, com segurança em termos de trabalho, sem impostos e com comemorações em quase todas as ocasiões festivas.

Monte Carlo fora famoso durante várias décadas não apenas por causa do seu casino, mas também pelas suas lojas caras e La Fontaine, o joalheiro, tinha uma loja histórica num dos *boulevards* de maior importância. Existia há

tanto tempo como o próprio casino e devia o seu sucesso aos anos da *Belle Époque*, àqueles anos vinte e trinta, e aos homens inclinados a gastarem o que ganhavam no casino em joias extravagantes para uma cortesã ou nova namorada.

Apesar de a loja de Paris ter sido assaltada e ter havido um ato sádico de violência contra uma empregada jovem, ninguém imaginava que isso poderia acontecer em Monte Carlo, a cidade dos sonhos cor de rosa.

— Foi exatamente *por isso* que aconteceu.

Mac atendera por fim quando o inspetor lhe telefonara pela terceira vez às nove e dez do dia a seguir ao roubo, o dia depois do assassinato de Yvonne Elman e o dia depois de Mac ter chegado a Monte Carlo e Sunny lhe ter dito que precisavam de reavaliar a sua relação.

— Logo depois do Natal — explicou Mac. — Toda a gente descontraída, as compras feitas e, claro, grandes joalharias como La Fontaine não fazem «saldos», por isso não havia pressão nenhuma de vendas. De facto, posso apostar que não havia grande «negócio» nesse dia, exceto mulheres a devolverem presentes, trocando-os pela peça que queriam na realidade.

— Quer dizer, a joia que tinham andado a sugerir indiretamente ao marido durante meses e que ele foi demasiado estúpido para escolher.

Mac riu-se. Mas também Mac não vira as fotografias da morte de Yvonne.

— Se calhar tem razão — retorquiu, pensando em Sunny a comprar o vestido vermelho e as botas antes de ele lá chegar.

— É uma rua cara — continuou o inspetor. — Butiques luxuosas, todas elas. Não iria lá nenhuma cliente vestida de forma não apropriada.

Mac presumiu que isso significava mulheres vestidas com peças *Dior* e peles. Monte Carlo era diferente de Los Angeles, onde ninguém usava peles e as pessoas que tinham dinheiro se passeavam nas melhores lojas de calções ou de calças de ganga e *T-shirts* e chinelas de dedo se lhes apetecesse.

— Então qual o motivo desta chamada, inspetor? — perguntou, embora tivesse o pressentimento que já conhecia a resposta.

— Mac, uma jovem foi assassinada a noite passada. A mãe de um rapazinho de dois anos, mulher de um membro da tripulação de um dos iates. Um casal simpático, Mac. Um bebé que ficou sem mãe.

— Sinto muito por eles. — E estava a falar a sério. — Já me confrontei com esta situação antes — acrescentou. — Nunca é fácil. De facto, inspetor, é

o tipo de inferno por que ninguém devia passar.

— Sabia que você, de entre todas as pessoas, entenderia. E é por causa do que acabou de dizer, por causa da sua experiência neste tipo de assassinato estranho, que estou a pedir a sua ajuda.

Não oficial, claro.

Mac olhou pela janela, chávina de café na mão, a pensar na desconhecida Yvonne Elman.

— Inspetor, porque usou a palavra «estranho» para descrever o assassinato?

— Porque, meu amigo, foi inteiramente desnecessário. Não havia qualquer necessidade de disparar sobre a jovem.

Tanto ela como os outros quatro empregados, um dos quais era o gerente, entregaram as joias, as chaves, os telemóveis. As câmaras de segurança tinham sido desligadas com tiros, os alarmes desativados, o guarda desarmado. As três ladras usavam todas luvas cirúrgicas, máscaras e cabeleiras loiras e não eram, portanto, identificáveis. Levaram o que quiseram.

Só tinham de sair dali, fechar a porta atrás delas e partir no veículo que, tenho a certeza, as aguardava. Sabiam que era pouco provável que alguém percebesse sequer que a loja tinha sido assaltada senão dali a algum tempo e, por essa altura, já há muito teriam desaparecido.

O que, de facto, foi o que sucedeu. Os empregados estavam ali fechados com aquela rapariga morta, sem poderem sair e sem nenhum transeunte a quem pedir ajuda.

Mac pensou no roubo de Paris e no ato de violência contra outra empregada inocente e percebeu que havia mais qualquer coisa neste caso do que apenas joias roubadas, embora, claro, fossem o âmago da questão. No final de contas, a coisa envolvia sempre dinheiro e tratava-se de muito dinheiro internacional, num caso envolvendo pelo menos cinco países e uma rede de ladrões que sabiam como jogar as suas cartas. Porém, a coisa terminara. Sabia que seria o último roubo. Nenhum joalheiro do mundo permitiria que mulheres de aspeto chique envoltas em peles entrassem a porta sem as examinarem várias vezes. Sentia-se triste por causa da família da jovem e por causa do dilema do inspetor, mas, por causa de Sunny, não se podia envolver.

— Tem de compreender, *mon vieux* —disse, tratando o inspetor por «meu

velho amigo», embora na verdade a sua amizade se reportasse apenas ao verão anterior, mas porque o inspetor ajudara Mac, precisava de suavizar o golpe. — Não me posso envolver. Estou aqui por razões particulares. Razões pessoais. — Hesitou.

— *Muito* pessoais — acrescentou. — De facto, para mim, neste preciso momento, nada é mais importante. Lamento muito.

O suspiro do inspetor era audível no telefone.

— Lamento também, Mac. Claro que entendo.

Mac pensou que era provável que entendesse. Em assuntos do coração, poucos compreendiam tão bem como um francês.

Mas o inspetor não desistira.

— Pelo menos, venha ver as fotografias da cena do crime — suplicou. — Dê-me a sua opinião sobre o que aconteceu e porquê.

— Telefone-lhe depois — retorquiu Mac quando ouviu o telefone do quarto a tocar. Desligou o seu telemóvel e atendeu o outro.

— Ooh, olá — disse uma voz feminina, um pouco ofegante. — Estou a falar com Monsieur Mac Reilly?

A voz dela não era conhecida e tinha um sotaque que Mac não conseguiu identificar.

— Sim.

— *Ooh*, Monsieur Reilly. Chamo-me Kitty Ratte. Sou amiga de Sunny. E Monsieur Reilly, preciso de falar consigo. Com muita urgência.

Mac aprendera a deixar passar sempre uns segundos antes de responder a uma afirmação sensível como aquela.

— Monsieur Reilly? — Agora, a voz da mulher parecia ansiosa. — Ainda aí está?

— Estou aqui e, uma vez que não a conheço, estou a pensar no que precisará de me contar que seja assim tão urgente.

— Ora bem, Mac Reilly — murmurou a mulher numa voz que era agora um ronronar, apesar do seu toque gutural. — É sobre Sunny. Vou estar no terraço, do lado esquerdo quando passar as portas.

Tenho cabelo ruivo. Não há que enganar.

— Cabelo ruivo — repetiu Mac.

— Estou à sua espera — disse Kitty.

DEPOIS DE KITTY TER REGRESSADO DO CLUBE, Jimmy e ela tinham passado o resto da noite a discutir não apenas Eddie, mas também Mac Reilly.

Uma busca na internet revelara mais sobre o famoso detetive. Jimmy e ela tinham debatido se a sua presença poderia afetar os planos de chantagem e decidido que precisavam de se precaver contra possíveis complicações. Agora Kitty estava a tomar medidas. Tal como Eddie, Mac Reilly era vulnerável. A namorada deixara-o. Era um homem a necessitar de consolo e quem melhor do que a perita Kitty? Um detetive não era imune à atração do sexo, ou a chantagem, e Kitty sabia que a mulher que ele amava o deixaria de novo se alguma vez descobrisse que ele fizera sexo com ela.

Na mente psicopática de Kitty, ela era mais esperta do que qualquer detetive e, até ao momento, isso provara ser verdade. Isto é, para além de uma pequena estadia numa prisão espanhola sob acusação de extorsão, mas isso era uma questão menor, há muito esquecida.

Pelo menos por ela.

Além disso, Kitty sentia uma pequena excitação ilícita por ir atirar-se ao noivo de Sunny. A sua vida encontrava-se muito longe das vidas de mulheres como Sunny ou Allie Ray. Mulheres belas com charme e talento que usavam os seus cérebros para chegar onde se encontravam, mulheres que faziam coisas, tinham vidas verdadeiras.

Mulheres verdadeiras, ao passo que ela tinha apenas uma fachada, uma mulher que oferecia tão pouco que o dava de graça. «Honra» era uma coisa que Kitty nunca tivera e nunca aspirara ter.

KITTY AVISTOU MAC antes de este a ver a ela. Pensou que era sem dúvida atraente. Que sorte tinha Sunny, ficava com todos os homens; todos se

apaixonavam pelo seu charme estúpido, porque Sunny era estúpida, Kitty tinha a certeza; demasiado estúpida para perceber o que poderia desenrolar-se mesmo diante dos seus olhos. Mac encaminhou-se para a mesa onde ela estava sentada com uma chávena de café à frente. Ainda eram nove e quarenta e cinco da manhã e, à exceção de algumas pessoas que tomavam um pequeno-almoço saudável e substancial, envergando camisolas de aspeto náutico, havia muito pouca gente.

Kitty vestira-se com cuidado naquela manhã, escolhera um vestido floral com um decote em V quase até à cintura e um recatado *top* interior branco por baixo.

Borrifara-se com bronzado artificial e, onde a saia se abria, as suas coxas apresentavam um brilho dourado. Usava os seus preciosos sapatos *Louboutin* pretos, uma mala de náilon preto da *Prada* com a insígnia triangular em destaque e os brincos brancos pendentes que exibiam a palavra *DIOR*. De forma surpreendente, apanhara o cabelo em duas tranças que se espetavam como pequenos mísseis vermelhos por trás das orelhas e penteara a franja sobre os olhos no que acreditara ser uma maneira de a fazer parecer mais menineira e meiga.

O sorriso de dentes salientes que ofereceu a Mac e o delicado acenar da mão num cumprimento eram tão doces e francos quanto conseguiu.

— Mistress Ratte? — Mac avaliou-a com um olhar abrangente.

— É verdade. E tenho tanto prazer em conhecê-lo, Mister Reilly. *Mac*, como Sunny lhe chama sempre.

Mac não disse nada.

— Por favor — acenou outra vez com delicadeza, indicando a cadeira ao lado —, não se quer sentar, Mac? Aqui, ao meu lado, para podermos ser absolutamente confidenciais.

— Não consigo pensar em nenhuma razão para precisarmos de ser confidenciais.

— Aah, mas está a ver, eu conheço *Sunny*. — Kitty deu outra vez uma palmadinha na cadeira. — *Por favor*, Mac — disse, agora ansiosa. — Sunny contou-me que era um homem tão simpático. Um bom homem, que vejo que é. Não quer ser simpático comigo, fazer-me um pouco a vontade? Quem sabe, poderemos até tornar-nos amigos.

Curioso em relação ao que a mulher tinha a dizer sobre Sunny, Mac sentou-se.

Kitty fez sinal ao empregado e pediu um café para ele.

— É melhor trazer dois — acrescentou.

— Está a apetecer-me outro. — O olhar de lado avaliou Mac, que estava a mirá-la.

— Porque não me conta o que me quer dizer?

— Lançou uma olhadela intencional ao seu relógio. — Tenho um compromisso.

— Aposto que não é com Sunny — retorquiu Kitty, observando-lhe a reação. Ele não respondeu. — É um homem muito atraente — acrescentou com suavidade. — Embora tenha a certeza que não sou a primeira mulher a dizer-lhe isto.

Mac suspirou, exasperado. Não tinha tempo para aquela estranha mulher cuja única pretensão a prender-lhe a atenção era ter dito que era amiga de Sunny e que esta conversara com ela. Apesar dos seus maus pressentimentos, estava vulnerável e precisava de saber o que Sunny dissera e, sobretudo, se, por algum pequeno acaso, dissera que ainda o amava.

O café chegou em chávenas de *bistro* verde-escuras com minúsculas colheres douradas, uma espuma espessa em cima dos cafés de um castanho forte. Kitty adoçou o seu com dois quadrados e mexeu-o, pensativa. Mac ignorou o dele.

Não queria estar ali a beber café com aquela mulher às dez da manhã, nem a qualquer outra hora.

— Sunny contou-me que o deixou — disse Kitty por fim. — Compreendo como se deve sentir ferido e, agora que o conheço, pergunto-me como é possível que ela o tenha feito? Como pôde não o querer? É tão *atraente*. Sei tudo sobre si— acrescentou, pousando a mão ao de leve no joelho de Mac. — O que queria mesmo dizer é que é tão *sexual*, Mac Reilly. Sabe uma coisa? Você e eu somos criaturas da mesma espécie.

Claro que foi Sunny que me contou que era assim. «*Sexy*», disse Sunny. «Bom na cama». Disse-me que era tudo o que ela queria, exceto que não queria casar com ela. Agora, olhando para si, pergunto-me porque quereria casar-se quando pode ter exatamente o que quer sem aquele tolo pedaço de papel e a aliança de ouro.

Chocado, Mac pensou se Sunny teria na realidade falado sobre ele, sobre os seus momentos privados juntos? Fitou os olhos de serpente de Kitty Ratte. Teria Sunny permitido mesmo que aquela mulher se imiscuísse nas suas

vidas pessoais?

Houve qualquer coisa no olhar de Mac que levou Kitty a retirar à pressa a sua mão do joelho dele. Percebeu logo que Mac a via pelo que ela na realidade era: uma prostituta suburbana de segunda a tentar faturar e isso enfureceu-a.

— Claro que Sunny me contou tudo sobre Eddie.

Kitty cravou a faca verbal com rancor.

Mexeu os restos do açúcar não dissolvido no fundo da sua chávena, como se lesse folhas de chá.

— Eddie Johanssen — acrescentou, erguendo a cabeça. — O homem que conheceu no avião, o homem que lhe reservou quarto neste hotel. O homem que veio até cá para estar com ela.

Mac levantou-se.

Kitty sorriu-lhe.

— Acredite, estou do seu lado — disse, agora ansiosa. Teria ido demasiado longe? — Farei tudo o que estiver ao meu alcance para que fiquem os dois juntos de novo. Falarei com Sunny, dir-lhe-ei que gosta muito dela.

Mac interrompeu-a.

— Deixe-me perguntar-lhe uma coisa, Mistress Ratte. Como *sabe* se gosta muito de Sunny?

De olhos muito abertos, inocentes, Kitty respondeu: — Oh, mas claro que Sunny me contou tudo.

Sem dizer mais nada, Mac virou-se e deixou-a ali sentada.

Ela viu-o afastar-se, com uma passada ágil e fácil que revelava um bom corpo por baixo das calças de ganga e do casaco de cabedal. Um homem daqueles era demasiado bom para se deixar escapar. Desta vez, a inveja, além da chantagem, eram os seus motivos para roubar o homem de outra mulher.

Às dez e meia dessa mesma manhã, Sunny verificou por fim o seu *BlackBerry*. Mac, claro. Duas vezes desde as oito e trinta. *Na primeira mensagem dizia: Amo-te, por favor, telefona-me . Na segunda dizia: Amo-te. Por favor, casa comigo.*

Havia um tom de confiança serena na sua voz e Sunny não conseguiu decidir se era confiança no amor *dele* por *ela* ou confiança no amor *dela* por *ele*. Ou se tinha apenas confiança que ela cedesse e lhe caísse nos braços. O que, recordava, fora o que fizera a noite passada.

Havia uma terceira mensagem. Era de Allie. «Então como estás esta manhã, mulher não correspondida, fugitiva e de dois homens? Espero que estejas a fim de ir às compras? Não dizem sempre que umas compritas de sapatos são boas para todas as aflições de uma mulher com problemas? Pessoalmente, muitas vezes me perguntei quem terá dito tal palermice, mas hoje vou depositar a minha confiança nessa máxima, bem como a tua e a de Pru. Lembras-te de Pru? Bem, quando a conheceres não a vais esquecer, o que é uma coisa que tenho de resolver. Entretanto, vem ter connosco ao terraço às onze. Tenho um carro à espera. E, Sunny Alvarez, não, repito *não*, te escondas atrás de um véu de lágrimas e não me deixes ficar mal.

Recorda-te. Sei da história do outro homem, por isso é melhor dizeres a verdade. Até às onze.»

Fazer compras era a última coisa no mundo que Sunny queria, mas agora era Allie que comandava as coisas, por isso lá estaria.

Tinham vindo entregar ao quarto um par de jornais da manhã, bem como uma cafeteira de café e um cesto de *croissants*, mas ela já tomara o pequeno-almoço no pequeno café da rua secundária com o empregado compreensivo.

Instalou-se com os jornais no sofá junto à janela aberta onde a luz do Sol a aquecia, a olhar para as manchetes. Estavam escritas em francês, mas não havia nada que enganar nas palavras *ASSASSIN... TUÉ...* Havia uma foto de

casamento de uma mulher jovem atraente de cabelo escuro, feliz ao lado do noivo; e uma foto de um bebê de semblante carrancudo.

Pegou no jornal em língua inglesa, o *International Herald Tribune*, e leu que uma jovem empregada da joalheria chique fora morta a tiro. Um assassinato revelador de «indiferença assustadora»

dizia a reportagem. Os empregados da loja tinham obedecido às instruções dos ladrões, tinham-lhes dado tudo. Não tinha havido necessidade de matar esta mãe de uma criança pequena, que trabalhava para viver. Porquê? Era a grande pergunta na cabeça de todos os repórteres dos jornais. E uma pergunta para a qual ninguém parecia ter resposta.

Sunny recordou a cena iluminada a halogéneo, as luzes do helicóptero e as compridas faixas de escuridão atravessando o mar até às montanhas; o uivar de dezenas de sirenes da polícia francesa. Uma mulher fora assassinada e *ela* só pensara em Mac, nela própria e no seu suposto casamento sempre adiado. Bem como, admitia-o agora, em Eddie, o seu pretenso amante.

Não proferiu o nome de Eddie em voz alta, mesmo sozinha no seu quarto. De qualquer maneira, não havia nenhuma mensagem dele no seu *BlackBerry*; não telefonara e não podia censurá-lo.

Embaraçara-o publicamente saindo com Mac sem sequer um «com licença, telefone-te mais tarde».

Porém, tê-lo-ia feito? Teria telefonado mais tarde? Telefonar-lhe-ia agora?

Apressou-se a mudar de roupa para se aprontar para a expedição de compras de Allie. Não ia mesmo telefonar a ninguém. Só podia ter *sapatos* na sua cabeça.

O telemóvel tocou. Lançou uma olhadela ao nome e suspirou. *Kitty Ratte*. A última pessoa de que precisava. Mas depois recordou-se, com um peso na consciência, que a mulher travara amizade com ela no dia de Natal quando ela estava sozinha e precisara de alguém com quem falar. Era uma mulher perfeitamente simpática, embora... Allie não lhe contara que Kitty se atirara a Eddie?

O telemóvel parou de tocar e depois começou de novo.

Com um suspiro, atendeu.

— Oooh, *Sunny*... — Kitty parecia sempre sem fôlego, como se tivesse sido apanhada a fazer alguma coisa malvada.

— Estou aqui no terraço do hotel e estava mesmo a pensar em ti. Estou a

tomar café. Queres vir ter comigo? Depois da noite passada, pensei que pudesses querer conversar.

Sunny recordou-se que Kitty já a ajudara antes. Fora uma boa ouvinte, ansiosa por ajudá-la a «não pensar no que sucedera» com a sua pequena expedição de compras; um almoço só de meninas. E, de certa forma, ajudara. Tal como tentara ajudar Eddie quando este fora deixado de forma tão notória. Além disso, queria saber o que Eddie lhe dissera.

Bem, estava em dívida para com ela.

— Só uma meia hora. Depois vou às compras.

— Ooh! — exclamou Kitty de novo, parecendo desapontada. — Com Allie Ray, calculo? Tens sorte por teres uma amiga tão boa. Está bem, estou aqui à tua espera então, Sunny querida. E depois conto-te tudo sobre Eddie.

Kitty sabia sempre como colocar a isca na armadilha.

QUANDO MAHA MONDRAGON se encontrava na sua casa apalaçada branca em Bombaim, na costa ocidental da Índia, uma cidade com uma população de mais de dezoito milhões, tinha uma grande quantidade de criados para se ocuparem das tarefas menores.

Agora, no entanto, estava a arrumar a sua suíte de hotel antes de as empregadas entrarem para limpar.

Bombaim, onde vivia desde que nascera, há trinta e oito anos, era o seu lar favorito, embora tivesse também comprado recentemente uma pequena casa adaptada de uma cavalaria em Kensington, Londres, não muito longe do Harrods, zona que Maha achava mais do seu agrado em termos de compras por estar próxima do Harvey Nichols. Isto é, à exceção da comida. Na sua opinião, não havia ainda nada que batesse o Food Hall do Harrods, nem sequer o do Fortnum & Mason, sobretudo no que se referia à pastelaria; as minúsculas *mélanges* artísticas de chocolate com morangos numa base cremosa. A desgraça de Maha era o chocolate, embora se controlasse muito. O facto era que Maha preferia comer chocolate a caviar, embora gostasse de champanhe com qualquer coisa.

As joias maravilhosas ainda se encontravam sobre a mesa da sala de jantar. Voltou a embrulhá-las nas suas mangas de veludo negro e colocou-as no saco de viagem de lona em cima das várias outras peças, também embrulhados em veludo negro. Maha correu o fecho do saco, fechou-o e içou-o de cima da mesa, fazendo uma careta por causa do peso.

Quando viajava, desde Nova Iorque a Tóquio, Maha reservava sempre hotéis de luxo. Não ficaria bem uma mulher que vendia peças de qualidade como as dela ser vista num local menor. Na opinião de Maha, a qualidade indicava sempre qualidade, significando que se hospedava num local topo de gama porque vendia joias topo de gama. Em breve, porém, tinha esperança de se mudar de forma permanente para Nova Iorque.

De facto, já tinha um apartamento em vista, na zona de «upper eighties» onde toda a gente de «qualidade» vivia ou queria viver.

Andava há anos a dar voltas ao miolo para concretizar essa ambição, boicotada a cada oportunidade por empregados pouco cuidadosos sem cérebro suficiente ou nervos suficientemente fortes para levarem a cabo o que lhes exigia.

Maha decidira há muito tempo que, na sua linha de negócio, a inocência era a melhor qualidade que uma mulher podia possuir. E Sunny Alvarez possuía essa inocência.

As joias exóticas de Maha já eram vendidas em lojas e butiques de topo desde Tóquio a Paris. Os armazéns Harrods tinham-na rejeitado, com o argumento de que as joias eram demasiado vistosas para a sua clientela, algo que, visto que muitas indianas viviam em Londres, surpreendera Maha, cujos modelos eram feitos por encomenda por artesãos no Rajastão e vendidos onde quer que turistas endinheirados fizessem compras. Mas, de alguma maneira, por muito que tivesse feito, nunca era o suficiente.

Pegou nos sacos de compras descartados das incursões de Sharon e da búlgara no dia anterior aos saldos e enfiou-os nos cestos do lixo. Com um gesto de aversão, arremessou lá para dentro as beatas manchadas de batom dos cigarros de Sharon e os lenços de papel da búlgara. A mulher tinha uma constipação horrível e, na opinião de Maha, não devia sequer ter estado a dez metros da sua suíte de hotel, mas não tinha podido fazer nada a esse respeito.

A seguir, inspecionou o guarda-fatos, verificando que as suas grandes malas ainda se encontravam fechadas e que as roupas que tencionava usar ali no Sul de França estavam passadas e penduradas como devia ser nos cabides, os saris também bem arrumados nas prateleiras, com uma fileira de sapatos delicados no fundo.

Nada de meros sapatos *Louboutin* para Maha. Os seus eram feitos à mão por um fabricante de calçado exclusivo em Milão, onde ia duas vezes por ano escolher a nova coleção. Para ela, *Louboutin* era apenas uma marca comercial.

Na casa de banho espaçosa forrada a mármore, começou a organizar os seus cosméticos e perfumes, na verdade, óleos perfumados trazidos da Índia e que considerava mais subtis, misturados de acordo com o seu gosto pessoal.

Colocou-os em filas ordenadas sobre uma toalha lavada, uma coisa que as empregadas de quarto em geral faziam, mas que lhes dissera que preferia fazer ela. Não queria que as mãos delas tocassem nas suas coisas pessoais.

Lá se encontrava o *kohl* preto que usava para realçar os olhos, o pó cor de

bronze com um toque de brilho para as maçãs do rosto, o creme hidratante colorido, subtil e discreto e os batons cor de cereja forte e bege despojado que alternava, dependendo da cor do sari.

Maha só usava sari à noite ou em almoços de negócios onde se esperava que tivesse um aspeto sedutoramente exótico. Noutras ocasiões, usava uma blusa de linho branco, calças pretas e um casaco curto preto, bem como os seus belos sapatos, feitos sem pontas exageradas e com saltos só com altura suficiente para lhe permitirem caminhar de forma elegante sem partir o pescoço com saltos muito altos e finos. Nos dias mais quentes usava sandálias cravejadas de turquesas ou outras pedras e, no inverno, botas elegantes pela barriga da perna. Quase nunca usava saia, tendo sido educada numa sociedade onde era apropriado uma mulher manter as pernas tapadas.

Já não queria saber dessas regras, mas preferia a sua forma de vestir e o regime do preto e branco era fácil para viagens, nada de preocupações em relação ao que usar visto que era praticamente intermutável. E para a noite havia sempre uma nota de cor, um suave ruge-ruge de *chiffon* de seda, o fulgor deslumbrante de uma joia característica, às vezes até uma flor, uma orquídea ou uma flor de hibisco, cuja cor se refletia no brilho do seu cabelo preto sedoso, puxado com rigor para trás das orelhas bonitas.

Maha Mondragon era muito espetacular e sabia-o. Era uma mulher bela. Uma mulher de sucesso que trabalhara com esforço, saindo da pobreza extrema dos bairros degradados e cheios de lixo de Bombaim e que estava prestes a ter ainda mais sucesso e a concretizar o seu sonho de ingressar naquela classe social elevada que, até ao momento, conseguira existir sem ela.

E sabia que Sunny Alvarez podia ajudá-la a alcançar esse objetivo. Era simples: Sunny precisava dela e ela precisava de Sunny. O seu plano não podia falhar.

SUNNY VINHA DE CALÇAS DE GANGA, uma *T-shirt* branca, um casaco de malha vermelho solto que condizia com o seu batom vermelho para o dia e as confortáveis botas pretas de carneira.

Usava também uns brincos de diamantes de tamanho médio que comprara e pagara com o seu dinheiro há vários anos e um relógio *Tank Cartier* com uma bracelete de crocodilo branca.

Nada de anéis nem outras joias. *Tesoro* vinha com ela a puxar pela trela.

Bom gosto simples, pensou Kitty, erguendo uma mão para tocar nos seus próprios brincos da *Dior* e mirando-a de alto a baixo com inveja, a magicar por que razão nunca conseguia apresentar-se assim. No seu vestido de malha florido e com os sapatos *Louboutin*, sentia-se demasiado bem vestida. Fez um ligeiro aceno de «aqui estou» para Sunny, com a mão a abanar, os dois dentes da frente a reluzir.

Sunny beijou-a nas duas faces e colocou *Tesoro* na cadeira entre ambas.

Os olhos de Kitty mostravam-se cheios de falsa admiração quando a fitou.

— Bela — murmurou. — Perfeita.

— Isso não sei — retorquiu Sunny, encavacada. — Vesti apenas as roupas mais à mão.

— Mas és *sempre* perfeita — replicou Kitty, os olhos a cintilarem ainda com outra coisa que não era admiração.

Ódio, talvez?

— De facto — disse Sunny com nervosismo —, neste momento não me sinto perfeita, nem maravilhosa, nem bela, nem nenhum desses outros adjetivos. Acordei muitas vezes de noite, assustada. Não sei de que tinha medo, só o escuro, suponho. Levantei-me às cinco e meia. Levei *Tesoro* a dar um passeio e tomei o pequeno-almoço num pequeno café perto da cena do crime.

— A cena do crime? — Kitty não ligou importância aos acontecimentos da noite anterior. Fez sinal ao empregado e pediu um *café crème* para Sunny e um *Red Bull* para si. — Oh, estás a referir-te ao assalto das joias?

— Estou a referir-me ao *assassinato*.

Kitty bebeu o *Red Bull* diretamente da lata.

— Os assassinatos acontecem — comentou com um encolher de ombros indiferente. — Embora geralmente por aqui não. Aposto que se estivesses em Nova Iorque nem sequer tinhas reparado.

— Bem, não estou em Nova Iorque e estou a reparar. — Sunny sentia-se ofendida com a indiferença de Kitty. — Sobretudo porque aconteceu mesmo ao virar da esquina, enquanto estávamos no bar a beber champanhe.

— Com Eddie Johanssen queres dizer.

— Kitty bebeu outra golada do *Red Bull* e depois limpou a boca delicadamente com um guardanapo de papel gravado a azul-escuro com o nome do hotel.

Sunny suspirou.

— Lamento o que sucedeu.

— O que há a lamentar? — Kitty encolheu os ombros. — O teu amante veio ter contigo e tu foste com ele. E, a propósito, aconteceu cruzar-me com Mac há bocadinho, aqui mesmo neste terraço. Espero que não te importes, Sunny, mas tomei a liberdade de lhe dizer que era tua amiga. Disse-lhe que compreendia e que faria tudo o que pudesse para ajudar.

Zangada, Sunny bateu com a chávena de café no pires, fazendo tilintar a pequena colher dourada. *Tesoro* soltou um latido nervoso.

— Fizeste o quê?

Kitty levantou as mãos ao ar, parecendo chocada.

— Fiz alguma coisa de errado? Ooh, Sunny, peço desculpa. Só queria ajudar.

E, no final de contas, tu *tinhas* deixado Eddie ali sentado no bar, com toda a gente a olhar para ti e para Mac, parecendo mesmo amantes, e sabendo que o tinhas simplesmente abandonado.

— Ouvi dizer que foste muito rápida a oferecer-lhe consolo.

— Quem mais ia compor as coisas? O pobre homem tinha um ar destroçado, além de encavacado.

Sunny deixou pender a cabeça. Kitty só tentara salvar uma situação complicada.

— Desculpa — disse, inclinando-se por cima de *Tesoro* para pegar na mão de Kitty. — Sei que só estavas a tentar ajudar e sei que me portei mal, mas era como se estivesse num sonho...

— Então, fizeste amor com Mac a noite passada? — perguntou Kitty, sorrindo com o seu sorriso predador.

Tesoro saltou e mordeu-lhe o pulso.

— Ooh, olha — gritou. — Agora estou a *sangrar*.

Sunny passou-lhe um par de guardanapos para absorver as minúsculas gotas de sangue onde os dentes de *Tesoro* a tinham ferido.

— Cadela má — ralhou, mas achou que Kitty merecia.

— Estou envergonhada por pensares que procedi mal — disse Kitty, com aquele pequeno olhar revirado para cima, as lágrimas fáceis a pingarem. — Sabes que faria qualquer coisa para te ajudar, Sunny. E a Eddie.

— Então o que disse Eddie? Depois que eu saí?

Os pequenos olhos azuis de Kitty tornaram-se duros.

— Na verdade não devia contar. Não agora que voltaste para Mac.

Tinha razão. Sunny sabia que devia ir pedir perdão a Eddie, dizer que sentia muito e ver como corriam as coisas.

Meu Deus, o que queria dizer com aquilo, *ver como corriam as coisas...* estava maluca?

Maha saiu do hotel e passou pelo terraço em direção ao carro que a aguardava. Numa rápida olhadela, apercebeu-se de Kitty sentada ao lado de Sunny. Ignorando-as, entrou no carro que arrancou.

Kitty nem sequer reparou nela porque mesmo atrás vinha a famosa Allie Ray.

E com ela uma mulher com excesso de peso, de saia xadrez verde, blusa verde e um xaile de caxemira cinzento. Kitty calculou que devia ser a assistente de Allie e, portanto, uma pessoa sem importância. Rejeitou-a do seu radar.

— Um dia a fazerem compras juntas — comentou melancólica.

— Que maravilhoso. Tal como nós fizemos, Sunny. Nem parece que foi ontem.

Com sentimento de culpa, Sunny teve de a convidar para vir com elas. Tudo o que na realidade queria era estar sozinha com Allie para poder pôr em ordem a sua vida amorosa. Agora Allie ia ter não apenas Sunny para pôr em ordem, e Pru, mas também Kitty.

EDDIE ENCONTRAVA-SE A BORDO de um voo para a Alemanha, onde se estava a construir um novo navio-cisterna para um cliente; não um grego, não eram agora tão relevantes no negócio dos petroleiros, mas um americano originário do Médio Oriente que tinha dinheiro para gastar em tal tipo de coisas pois fazia uma fortuna com o petróleo.

O trabalho de Eddie era mediar esses negócios. A sua família ainda era proprietária de pequenos estaleiros na Holanda e Escandinávia, onde também tinham construído grandes navios.

Porém, agora já não tantos, uma vez que os negócios tinham pouca margem de manobra, mas sem dúvida mais do que suficientes, além das comissões que Eddie conseguia em todo o mundo, para lhe dar e à família um bom estilo de vida: uma casa de fim de semana na sua própria pequena ilha na costa da Suécia e também uma grande casa na zona histórica de Estocolmo. A casa da cidade ficava convenientemente perto de uma das melhores escolas da zona, para os filhos, um rapaz de cinco anos e uma menina de seis. E também bastante perto do movimento permitindo à mulher passar uma série de tempo em festas com «amigos».

Quando Eddie a conhecera, a bonita Jutta parecia-se com a ideia que qualquer homem faz de uma rapariga sueca de sonho, uma loira natural, de um loiro quase branco, com grandes olhos azuis franjados com pestanas loiras que lhe davam um ar de perpétua juventude e nas quais nunca usava rímel. Tinha um sorriso equilibrado e um corpo magro e atlético. Jutta era campeã de esqui e tinha um aspeto maravilhoso nas pistas, uma visão loira nos fatos de esqui azul-escuro que sempre usava, porque condiziam com os seus olhos. Com o marido atraente, pareciam o casal perfeito.

Foi por isso que ninguém conseguiu entender quando se separaram.

«Porquê?» tinham perguntado a Jutta as amigas. E «Porquê?» tinham perguntado os amigos a Eddie.

«Porque acabou», dissera-lhes Jutta com um encolher de ombros indiferente.

«Porque poderá nunca ter sido», dissera Eddie, com uma perspectiva um pouco diferente das coisas.

Não a censurava; ele viajava muito e, sendo uma mulher sozinha com duas crianças pequenas, Jutta fora obrigada a tornar-se independente. O amor que tinham tido um pelo outro degenerara e, no caso de Jutta, desintegrara-se em fúria. Agora, apesar de já não amar Eddie, não queria que ele estivesse com mais ninguém. Os ciúmes, não amor, estavam a torná-la vingativa.

Eddie não compreendia isso. Estava disposto a ser generoso, a dar-lhe a casa na ilha, bem como a casa na cidade e uma grande quantia de dinheiro, embora ela quisesse muito mais. Tudo o que ele queria era a custódia conjunta dos seus filhos amados. Era esse o senão. Jutta queria ficar com a custódia total, com direitos de visita para ele apenas um fim de semana por mês.

«No final de contas», escrevera na sua alegação para o tribunal, «Mister Johanssen está fora tantas vezes que já mal vê os filhos. Porque deveria agora mudar alguma coisa? Só iria perturbar a rotina das crianças. Trata-se das suas emoções.»

O assunto encontrava-se agora num impasse. Eddie adorava os filhos. Eram a parte mais importante da sua vida.

Tinha o seu trabalho e tinha os seus filhos. E era tudo. Isto é, até conhecer Sunny Alvarez num voo de Los Angeles para Paris e a sua vida dar uma volta completa. Não era a primeira mulher com quem travava conhecimento desde que Jutta e ele se tinham separado há um par de anos, mas era diferente.

A assistente de bordo parou para lhe perguntar se gostaria de beber alguma coisa. Era atraente, com uma expressão calorosa no olhar quando o fitou. Eddie agradeceu-lhe, recusou a bebida e, recostando-se para trás, pensou em Sunny.

Como era possível, magicou, ter um sentimento tão forte por uma mulher com quem estivera apenas algumas vezes e que, sabia-o agora com toda a certeza, estava apaixonada por outra pessoa?

Nunca acreditara no amor à primeira vista, mas agora considerava essa possibilidade. O que sentia por Sunny era amor? Era sem dúvida desejo, porque ela era uma mulher bela e muito *sexy*. Seria apenas a atração dos opostos? E uma questão de *timing*?

Eddie, tão ponderado, tão em sintonia com a sua vida profissional, com os despojos do seu casamento a deprimi-lo e Sunny, tão vulnerável, tão aberta nas suas emoções, tão ansiosa por se rir outra vez, tão abatida no final de uma longa relação.

A cena da noite anterior passou de novo atrás das pálpebras fechadas de Eddie. Mac a entrar no bar, a estender a mão para Sunny e Sunny, sem proferir uma única palavra, sem um olhar, a pegar naquela mão e a afastar-se com ele.

Aquilo era doloroso. E, apesar de a ruiva, Kitty, ou lá como se chamava, o ter inundado de bebida e compreensão, Eddie voltara sozinho para o seu quarto e passara a noite afundado num cadeirão, sentindo-se como se tivesse bebido de mais, a pensar no que raio era aquela cena de Kitty e por que razão Sunny fizera aquilo, suspeitando que sabia a resposta.

O avião ia aterrar. Olhou pela janela para a mancha acidentada da periferia da cidade; para as gruas gigantes nos estaleiros; o clarão da chama onde os rebites eram torturados no aço; para o manto cinzento do clima do norte num dia mau. Desejou estar em Monte Carlo.

Com Sunny.

— APRESENTO-TE A MINHA AMIGA PRU— disse Allie para Sunny. De forma impulsiva, Pru avançou e beijou Sunny.

— Prazer em conhecer-te.

— Maravilhoso — disse Kitty quando Sunny a apresentou a Allie, os olhos a brilhar com grande admiração, como era típico dela. — Estou tão entusiasmada por a conhecer. — Ignorou completamente Pru.

Sunny explicou que Kitty era uma nova amiga e que a convidara para se juntar a elas na sua pequena expedição de compras.

— A intenção não era ser só compras — salientou Allie porque queria que estivessem sozinhas para poderem conversar.

Sobretudo sobre o «outro» homem.

Além disso, havia qualquer coisa nos olhos de Kitty que a incomodava. No entanto, Kitty era agradável, conversou sobre quais seriam os melhores sítios para fazer compras em Cannes e qual a sua zona favorita de lojas. De algum modo, porém, Allie não achava que se encontrassem no mesmo comprimento de onda em termos de roupas. Allie estava numa das coisas simples da vida e Sunny tinha o seu visual próprio muito característico, meio motoqueira, meio sáfide romântica, dependendo da ocasião. Ou, com mais frequência, do seu estado de espírito, porque Sunny não se ralava nada com «ocasiões».

Pru foi a primeira a entrar na limusina e sentou-se no canto. Kitty sentou-se ao lado dela, ignorando-a. Sunny e Allie foram as últimas a entrar.

Quando Sunny tirou os óculos escuros, Pru reparou que tinha os olhos inchados.

Allie contara-lhe a história de Mac na noite anterior e atualizara-a depois quando ela acordara nessa manhã com uma chávena de café quente e a recusa até de um simples *croissant*. O café tinha um sabor muito francês e não era nada parecido com o que costumava tomar nos cafés da sua terra. Pensou

como diabo era que uma rapariga vinda das profundezas do Texas, que nunca estivera propriamente em sítio nenhum na sua vida e que, se não conhecesse Allie da escola secundária, nunca teria conhecido sequer uma estrela de cinema, se teria envolvido com pessoas glamorosas num local fabuloso como Monte Carlo, um local de que toda a gente ouvira falar, mas que apenas as pessoas com sorte conseguiam visitar.

Lançou uma espreitadela a Kitty, que contava a Allie que vivia em Cannes e que estava ligada, ainda que em pequena escala, ao negócio dos modelos.

— Que interessante — replicou Allie, pouco interessada. Virou-se para Sunny que, apesar das suas promessas, se esforçava por reter as lágrimas.

— Controla-te — ralhou Allie. — Assim não chegamos a lado nenhum. — Sunny fungou e Allie passou-lhe um braço em volta. — Adoro-te — sussurrou.

— Eu também — retorquiu Sunny, apertando com força a mão da amiga.

Observando-as, Kitty sentiu uma tira de aço a estreitar-lhe o coração, comprimindo-lhe a garganta de modo que não conseguiu falar. Queria ser a pessoa com quem Allie Ray falava; queria ser a melhor amiga da estrela de cinema; de facto, naquele preciso minuto, queria *ser* Allie Ray. Ódio por Sunny disparou por ela acima. Lançou uma olhadela pela janela e entreviu Mac Reilly nos degraus do hotel, vendo o carro delas arrancar.

Percebeu que Mac avistara Sunny a entrar no carro.

Kitty odiava mulheres como Sunny, que se sentiam, sem esforço, tão à vontade consigo próprias que conseguiam seduzir com tanta facilidade. Invejava pessoas como Allie que tinham tudo: beleza, fama, dinheiro.

Agora estava decidida a levar a melhor sobre Sunny, a mulher que nunca podia ambicionar ser e tinha uma forma *dupla* de se vingar dela. Estava a pensar em chantagem, mas homicídio palpitava-lhe também no coração.

MAC VIU-AS AFASTAREM-SE . Sunny nem sequer se dera ao trabalho de responder às suas mensagens. Tinha esperança que Allie lhe conseguisse incutir algum bom senso.

Nunca se mantivera afastada dele tanto tempo, nem mesmo quando se zangavam, o que, como toda a gente, por vezes acontecia. Nem *Tesoro* lhe lançara o habitual latido de reconhecimento. Fora banido da vida de Sunny e nunca se sentira mais sozinho.

Pensou em telefonar a Ron Perrin, pedir-lhe para vir ajudar, ou até pegar no carro e ir visitá-lo à casa e vinhedo na Dordogne que o ex-magnata de Hollywood agora chamava lar. Mas era demasiado tarde.

Em vez disso, pegou no telemóvel e ligou o número do inspetor.

— Vou aparecer para dar uma olhadela nessas fotografias — disse-lhe.

— PARA ONDE PRIMEIRO? — O motorista da limusina seguia pela autoestrada para Cannes.

— Os armazéns Prisunic — respondeu Pru com rapidez, porque ouvira dizer que não eram caros e, aliás, só fazia compras em lojas de departamentos.

Nunca ousara entrar nos portais intimidantes das butikues muito caras.

— *Hermès* — disse Kitty ao mesmo tempo.

— *Chanel* — decidiu Allie com firmeza, porque gostava de coisas clássicas com um ligeiro extra que sentia que Pru precisava.

— Mas não há um mercado de rua esta manhã? — inquiriu Sunny. — Ouvi dizer que têm lá roupas fantásticas.

— Como sabes isso? — perguntou Kitty, surpreendida.

— Recordo-me do verão passado.

— Estiveste *aqui*? No verão passado?

— Com Mac — retorquiu Sunny de lábios contraídos.

— *Chanel*, por favor, senhor motorista— disse Allie com um toque de autoridade.

— Mas não tenho dinheiro para *Chanel*— declarou Pru.

— Eu tenho — replicou Allie. — E fazes o que eu disser. Está bem?

— Está bem. — Pru olhou para o seu traje xadrez verde e desejou ter tido qualquer coisa mais chique para usar numa loja tão chique.

Kitty virou o ombro, ficando de costas para Pru. Fixando o seu sorriso resplandecente em Sunny, disse: — Sei que vais ficar maravilhosa com roupa *Chanel*.

— Sunny fica maravilhosa com qualquer coisa, incluindo cabedal preto numa *Harley* — retorquiu Allie.

— Ah sim? — O sotaque de Kitty surgiu no final da frase. A ideia de Sunny vestida de cabedal preto interessou-a. O seu primeiro traje «sexual»

fora um biquíni de cabedal preto que usara num clube de sexo em Budapeste. Mas isso fora há muito tempo.

PRU ESTAVA SENTADA EM SILÊNCIO no cadeirão macio da *Chanel* enquanto uma empregada lhe trazia vários sapatos para ela experimentar. As outras empregadas estavam agrupadas num canto e calculou que estivessem a falar do roubo das joias e do assassinato da jovem empregada que, como elas, trabalhava numa butique.

— Esses são encantadores — disse Allie. — Levanta-te e anda um pouco, vê como te sentes.

Os sapatos eram de camurça preta com saltos de oito centímetros e uma ligeira plataforma.

— A *madame* tem pés bonitos — murmurou a empregada. — Perfeitos para os nossos sapatos.

— São perfeitos — observou Sunny quando os tornozelos de Pru oscilaram.

— Tens só de aprender a andar com eles. — Allie estava decidida que Pru devia ficar com os sapatos. — Que tal vermelhos? Sapatos vermelhos fazem sempre uma mulher sentir-se bem.

Só a ideia de sapatos vermelhos, que com certeza atrairiam a atenção, aterrorizava Pru. Allie levantou-se para dar uma vista de olhos nos expositores e Kitty seguiu-a. Pru viu Kitty erguer o telemóvel e percebeu que devia estar a tirar fotografias de Allie a estrela de cinema. Compreendeu de imediato que Kitty fazia tentações de as vender aos tabloides. Já conseguia imaginar os títulos no *National Enquirer* e na revista *People*: A TÍMIDA ALLIE RAY ÀS COMPRAS NA CHANEL EM CANNES. E a privacidade de Allie, obtida com muito custo, em França, extinguir-se-ia.

Levantou-se e agarrou no telemóvel de Kitty. Esta arrancou-lho, mas a foto que estava a tirar desapareceu sendo substituída por outra. Uma imagem de um homem nu com uma coleira de pele cravejada à volta do pescoço. Segurava um chicote e não havia qualquer dúvida que estava pronto para a ação.

— Oh, meu Deus — sussurrou Pru, chocada. — Quem é esse homem nu no teu telemóvel?

Kitty enfiou com rapidez o telemóvel na sua mala *Prada*.

— Que homem nu? De que estás a falar?

— Aquele da fotografia no teu telemóvel. *Antes* das que tiraste a Allie ainda agora.

— Não estava a fotografar Allie, estava a tirar uma fotografia de uns sapatos.

Vejo a fotografia mais tarde em casa e depois decido se quero comprá-los.

— Mentirosa — disse Pru baixinho, não querendo armar uma cena.

Kitty lançou a Pru um olhar venenoso.

— Pareces uma dona de casa numa excursão.

— E tu — sibilou Pru — és uma mulher de meia-idade da classe média, muito interesseira. E aposto que qualquer homem serve.

— *Cabra* — vociferou Kitty.

— *Cabra* — sussurrou Pru em resposta.

A guerra tinha sido declarada entre Pru Hilson e Kitty Ratte.

*

MUITO MAIS TARDE — de facto quatro pares de sapatos mais tarde, incluindo os *Chanel* vermelhos, mais um par de calças de ganga que, para espanto de Pru, lhe assentavam como uma segunda pele... de facto quase se *tornaram* a sua pele, mantendo-a firme e soerguendo-lhe o rabo de forma espantosa — iam a caminho de um café. Entretanto, tinham comprado alguns *tops* e um par de camisolas numa butique pouco cara numa rua secundária — as roupas *Chanel* não serviam a Pru e, além disso, queria pagar ela as coisas e não se aproveitar da generosidade de Allie. Tinham também visitado uma loja de *lingerie* onde Pru arranjava um sutiã que não só a erguia a novas alturas espantosamente delicadas, mas conseguia também parecer macio e *sexy*. Não fora capaz de resistir à roupa interior rendada que Sunny lhe garantiu a fariam sentir-se como uma mulher nova. Sunny até a fizera comprar um cinto de ligas de renda e meias pretas.

— No fim de contas, nunca se sabe quando se apresentará alguma oportunidade sob a forma de um homem bem-parecido — observou com um sorriso. — Uma mulher tem de estar preparada para isso, sabes, Pru.

Pru mostrou-se duvidosa. Homens bem-parecidos não brotavam simplesmente das ruas onde ela vivia.

Ou se brotavam não eram para ela. Mas também já não ia voltar a viver

aí. Com certeza que não. Não sabia ainda *onde* iria viver, mas seria uma espécie de recomeçar. Era disso que precisava: de começar de novo. E vendo a empregada enfiar papel de seda de um rosa vivo no saco que continha a sua nova roupa interior *sexy*, Pru sorriu. Com homem ou sem homem, sentir-se-ia bem a usá-la.

Era como um segredo, um segredo só seu.

E agora Allie marcara hora num cabeleireiro para a manhã seguinte e estavam sentadas num café a bebericar copos de *rosé* e a morder rabanetes franceses, a observarem o espetáculo dos transeuntes.

— Foi um dia maravilhoso. — Kitty abriu-se num grande sorriso para Allie com humilde gratidão. — Não sei como lhe agradecer por me ter convidado.

De facto, Allie não a convidara, mas sorriu apenas em resposta.

— Pru, isto foi só um início. Comprar os sapatos fez-te sentir um pouco melhor?

— Creio que sim — respondeu Pru, ainda preocupada com a despesa, embora soubesse que Allie tinha prazer em oferecer-lhe as coisas. — E obrigada.

— Então, Pru, vamos iniciar-te nas saladas — disse Sunny, apanhada na transformação visual de Pru Hilson, que era afinal uma mulher posta de parte, tal como ela. Bem, não propriamente. Sunny não fora posta de parte. *Ela* é que se pusera de parte.

— Para de pensar em Mac. — Allie bateu ao de leve na mão de Sunny para a fazer cair em si. — Falamos dele mais tarde e sobre o «outro homem». Quando estivermos sozinhas.

— E após um par de copos de vinho — retorquiu Sunny. — Sabes que Mac sempre adorou este *rosé* do Sul de França.

— Mac sempre te adorou *a ti* — replicou Allie. — De facto, nunca vi um homem tão apaixonado por alguém — acrescentou.

— Exceto Ron Perrin por ti.

— E vê como quase o perdi; como quase nos perdemos um ao outro. — O olhar de Allie era sério. — Pensa só no que estás a fazer, Sunny. Promete que o farás.

Sunny prometeu.

Enfastiada com Pru, Kitty armazenou na sua cabeça a conversa anterior sobre Mac para uso futuro. Já bebera um par de copos de vinho e pediu outra

garrafa.

— Ofereço eu — declarou com um grande sorriso.

Pru levantou os olhos, viu Kitty a olhar para ela, viu o desdém na sua expressão.

Cabra reles, pensou, decidindo que era melhor avisar Allie e Sunny sobre aquela mulher quando estivessem sozinhas.

Sunny já reparara que Kitty bebia demasiado, mas não disse nada. Esse problema era de Kitty. Ela já tinha problemas seus em número suficiente.

— Pru — exclamou. — Decidimos que amanhã deves tornar-te loira.

— Estás a gozar! — Pru nunca pensara em mudar o seu castanho-rato, nunca.

— Prepara-te para o teu novo eu — acrescentou Allie, sorrindo, quando pediram o almoço.

Alguns minutos mais tarde, Pru fitava, consternada, a pequena porção de *fettucini* de lagosta à sua frente. Na sua opinião, mal chegava para manter *Tesoro* viva. Entendendo, Sunny disse: — Alguma vez pensaste porque será, com toda a comida maravilhosa que existe neste país, que as mulheres francesas têm um aspeto tão ótimo? E, porém, parecem andar sempre em restaurantes e cafés, sempre a comer?

Pru nunca pensara nas mulheres francesas e nas suas dietas. De facto, nunca pensava sequer nas mulheres francesas.

— O que Sunny quer dizer é que tem a ver com a forma como comes, não com o que comes — explicou Allie. — As mulheres francesas não *comem* apenas a sua comida, *saboreiam-na*. Fazem com que cada garfada conte. Dá uma dentada nesse *fettucini* de lagosta, Pru.

Saboreia-o de verdade e depois conta-nos o que pensas.

Pru olhou para as três mulheres que a fitavam e depois, duvidosa, para o seu prato. Gostava de lagosta; gostava de massa... embora aquele molho fosse pálido e mal se visse e sem dúvida que não era da variedade com tomate a que estava habituada. Um raminho verde desconhecido adornava um dos lados do prato. Pegou nele e cheirou-o.

— Pru, como pudeste viver estes anos todos sem nunca teres cheirado estragão? — perguntou Sunny, exasperada.

— Com facilidade. Ninguém come estragão onde vivo. *Vivia* — acrescentou Pru com rapidez, porque tinha a certeza que nunca mais ia viver naquela cidade.

— É uma das ervas mais aromáticas.

Mac adorava cozinhar com ela.

— Mas é alcaçuz. — Pru cheirou-a outra vez.

— Pois, é *estragão* e vai bem com a lagosta. Agora prova antes que fique frio.

Pru espetou um pedaço de lagosta, meio receosa de a pôr na boca porque já decidira que não gostava do *estragão* alcaçuz e não o podia dizer.

— É como sexo — encorajou Allie. — Fecha os olhos e pensa só no que estás a fazer.

Com os olhos fechados, Pru pensou.

Percebeu de imediato que a doçura da minúscula lagosta mediterrânica era diferente da variedade do Maine com que estava familiarizada, em geral comida regada de manteiga derretida e com um babete ao pescoço para apanhar os pingos. De repente compreendeu. Os olhos abriram-se.

— Tem o sabor do mar Mediterrâneo — declarou, espantada por conseguir ser tão específica.

Sunny agarrou-lhe a mão.

— *Claro* que tem. E é isso que precisas, Pru. Saborear mesmo. Não tem a ver com a quantidade, com encher o tanque de combustível, tem a ver com levarmos o nosso tempo, saborear o prazer que a comida nos dá. O prazer do momento. É isso que é a boa comida.

Deve ser só *prazer*.

— Este molho é um molho Alfredo muito delicado — acrescentou Allie.

Estava a comer a mesma coisa. Só uma massa fresca leve, um sabor delicioso de lagosta acabada de apanhar.

— E pronto. — Sunny sorria contente. — Toda uma nova filosofia de comida, Pru.

Não precisas de quantidade para te sentires bem e não precisas de fazer dieta *dieta*. Precisas de comer como uma francesa. E prometo que, se me disseres, quando terminares, que apreciaste todas as garfadas, mando vir alguns queijos. Só três, acho, uma fatia de cada, para nos dizeres depois de qual gostaste mais e porquê.

— Isto é alguma educação? — perguntou Pru, um pouco ofendida, apesar de estar a gostar da lagosta e, verdade fosse dita, o prato estava quase vazio e apetecia-lhe mais.

— Pensa nisto como a «transformação de Monte Carlo» — retorquiu

Allie e toda a gente, até Kitty, se riu.

— Gosto — decidiu Pru. — E sabem que mais, creio que aquelas calças de ganga ainda me vão servir melhor amanhã.

MAC ESTAVA SENTADO À SECRETÁRIA do inspetor com as fotografias de Yvonne Elman morta espalhadas à sua frente. Já não olhava para elas. Fitava a janela, vendo as copas das árvores onde as folhas restolhavam na brisa suave. O

inspetor baixou os olhos para as mãos em arco com as pontas dos dedos a tocarem-se, como se rezasse, embora de facto não estivesse a rezar. Estava apenas cheio de esperança.

— Terrível — disse, quebrando o silêncio.

— E é dizer pouco — retorquiu Mac.

Não era fácil olhar para o que fora outrora o rosto de uma mulher jovem e que era agora apenas uma massa ensanguentada de pedaços de carne e osso esmigalhado. E, incrustados nos restos daquele rosto, encontravam-se fragmentos de diamantes. Uma centena de peças minúsculas do que fora uma pedra de vinte quilates que, fragmentada pela bala, implodira e, apanhada pelas luzes da máquina fotográfica, brilhava e cintilava através da espuma cor de rosa de miolos e sangue que era tudo o que restava da cabeça de Yvonne. Um diamante outrora valioso e agora sem qualquer valor era o preço da vida desta jovem.

— Calculo que a vítima, quer dizer Yvonne — Mac detestava despersonalizar uma mulher morta e transformá-la em apenas um cadáver — estava a segurar na pedra para a entregar ao atirador. E ele disparou.

— E acertou no diamante.

— Também.

— Quer dizer que a intenção do assaltante era «matar» a pedra.

— Se calhar só como divertimento, para mostrar o seu poder, mostrar que tinha mais do que suficiente e que não precisava de nada dela ou da

sociedade.

— Então o nosso ladrão é um sociopata.

— Pode ser. Um sociopata não quer saber de ninguém senão dele próprio, ou dela própria, no entanto, movimenta-se na sociedade, avança pelo mundo com uma certa quantidade de charme e comportamento normal. Tem um forte desejo de ser aceite por essa sociedade, descendo ao mesmo tempo a extremos de crueldade e depravação sem quaisquer sentimentos pelos outros.

Poderá com facilidade matar e não sentir nada. Poder-se-á chamar-lhe um «assassino com charme». A maior parte dos burlões é sociopata; tornam-se nossos «amigos», é assim que se safam.

É só olhar para todos os crimes financeiros dos últimos tempos. Um psicopata é semelhante, mas mais antissocial, mais perigoso em termos imediatos. É como o sociopata, no entanto, no sentido em que a única pessoa que conta é ele próprio. Ele é o mais importante. Não terá verdadeiros amigos e vive em geral uma vida solitária, meio escondido na sociedade normal. E depois sai e mata, entra em períodos de grande atividade assassina, que muitas vezes começam quando é ainda criança com animais pequenos, sentindo a excitação do poder nessas matanças, progredindo depois para o poder sexual sempre seguido pelo assassinato e, geralmente, deixando a vítima desfigurada, de forma hedionda, mutilada, esventrada, literalmente retalhada da cabeça aos pés. E depois —continuou Mac — temos um terceiro tipo; o anormal excêntrico, a combinação das duas coisas, a pessoa com charme, à vontade na sociedade, embora sempre com um passado oculto, ainda com aquele impulso de matar.

— E já reparei que muitas vezes matam por altura da lua cheia — retorquiu o inspetor, lembrando a Lua a brilhar por trás dos feixes luminosos dos helicópteros e dos halogéneos.

— Pode ser. As marés estão em sintonia com as fases da Lua, porque não as mentes dos homens?

— Estamos a presumir que o atirador seja um homem?

Mac não estava a presumir nada.

— Este tipo de assassinato escusado é muito masculino, mas, tendo em conta a descrição dos assaltantes, a sua altura aproximada, peso, roupas, devemos continuar a presumir que eram mulheres.

— Levavam armas semiautomáticas muito pequenas, do tipo que uma mulher rica usa para se proteger. Embora precisasse de uma licença, claro, e

de uma boa razão.

— Como por exemplo que era rica e estava assustada e pensava que alguém pudesse tentar raptá-la?

— Talvez.

— Se fosse tão rica, teria contratado um guarda-costas.

Mac estava a recordar-se de ter contratado Lev Orenstein no ano anterior. Lev era muito simplesmente o melhor homem para segurança. Conhecia a costa da Riviera melhor do que a palma da mão. Conhecia todos os recantos, todos os acessos e estradas secundárias. Lev conseguia livrar uma mulher de problemas mais depressa do que ela se metera neles. Na opinião de Mac, não havia qualquer desculpa para as mulheres andarem com armas. A vítima com certeza não trazia nenhuma com ela. Mas era sempre assim que acontecia; a vítima perdia a vida e depois perdia-se na confusão do tribunal, ao passo que o assassino recebia compreensão, atribuindo as culpas a uma infância horrível, ou sevícias por parte dos pais, ou o facto de a mãe ser viciada em cocaína e viver na rua. Davam mau nome a todos esses miúdos com passados semelhantes que se endireitavam, sobreviviam, iam viver para novas zonas, juntamente com a sua dignidade e amor próprio. Mac não gostava de assassinos, fosse qual fosse a desculpa que os seus advogados de defesa apresentassem em tribunal.

Examinou de novo as fotografias da morte de Yvonne.

— Espero que o marido não tivesse visto estas fotos.

— Identificou o corpo pelos anéis que ela usava. Estas cópias são para si — disse o inspetor, juntando as fotos e colocando-as na pasta, junto com uma fotografia de Yvonne quando era ainda uma jovem atraente e não apenas um corpo desfigurado. — É contra as regras, mas não há regras em questões como esta. Preciso das suas ideias, Mac. É tudo. Não pode participar em nada que se possa aqui passar, são assuntos da polícia. Mas possui a capacidade de detetar a subtilidade das coisas, aquilo que é estranho, bizarro, qualquer coisa diferente que possa conduzir-nos ao responsável pelo crime.

— Nem sempre — retorquiu Mac, recordando as vezes em que falhara. — Não sou perfeito.

— Mas também quem é?

O inspetor estava apenas contente por Mac ir sair dali com a pasta das fotografias debaixo do braço. Desta vez, não lhe dissera que não e talvez, apenas *talvez*, dali pudesse resultar alguma coisa.

NAQUELA NOITE, MAHA USAVA UM magnífico sari azul-escuro, feito a partir do mais delicado *chiffon* de seda e preso no ombro com uma enorme água-marinha com um brilho de glaciar de montanha que atraía o olhar de todos no bar. Que parecia, pensou Maha, irritada com a multidão, ter-se tornado o local de encontro da moda desde o assalto das joias ali perto. Era como se toda a gente quisesse ver a cena do homicídio. Encolheu os ombros com delicadeza quando se sentou na sua mesa habitual e pediu a garrafa de champanhe do costume. Porém, nada de caviar esta noite. Não lhe apetecia caviar. Em vez disso, pediu um prato de *petit fours*, de chocolate, com bolo e creme por baixo e cobertura glacê espalhada com generosidade por cima. Maha não conseguia controlar a sua gulodice esta noite.

Olhou em volta, agradecendo a Deus por a ruiva não se encontrar à vista em sítio nenhum. A mulher perturbava-a muito. Maha entendia Kitty Ratte. Sabia que era corrupta e que, tal como todas as pessoas corruptas, andava à caça de vítimas. Não sabia qual era a jogada dela, mas reconhecia uma predadora e sabia por instinto que esta predadora tinha Sunny em vista.

Porquê exatamente, não tinha a certeza.

De qualquer modo, Maha não ia deixar que isso acontecesse. Se alguém ia corromper Sunny Alvares era ela e de uma maneira completamente diferente da sexual que a ruiva tinha em mente.

Sharon Barnes, a assistente número um de Maha, entrou a passos largos no bar, seguida quase de imediato pelo ex-noivo de Sunny Alvarez. Maha sentiu-se de súbito gelada. Encarregara-se de descobrir tudo o que havia a saber sobre Mac Reilly. Sabia quem ele era e o que fazia, e sabia que o fazia bem, seguindo um instinto que era muito semelhante ao de Maha quando se tratava de avaliar pessoas, de perceber quem na realidade eram. Agora sentia-se nervosa.

Sharon cobriu a distância entre a entrada e a mesa em poucas passadas

rápidas, atirou com o novo casaco *Valentino*, que era quase da cor dos rubis de Maha, para a cadeira a seu lado, rebuscando de imediato na mala pelo maço de cigarros. «Cigarritos», como gostava de lhes chamar, como se o diminutivo emprestasse aos cigarros uma espécie de encanto feminino.

— Merda.

Recordou-se que não podia fumar.

Atirou com o maço de novo para a mala, contrariada, fez sinal ao empregado e pediu um uísque duplo com gelo e umas azeitonas.

Com o seu cabelo escuro cortado muito curto, sobrancelhas em asa e boca larga e rabugenta, Sharon parecia estar a desempenhar um papel num filme francês e, na verdade, falava francês como um natural do país devido a todos os anos em que vivera na Europa. Praga era agora a cidade a que Sharon chamava «lar», mas sempre fora irrequieta e a sua casa era onde escolhesse fazê-la. Ou, pelo menos, fora até que começara a trabalhar com Maha há três anos.

Os olhos de Sharon estavam pousados em Mac, que se encontrava de pé no bar.

Ouviu-o pedir uma cerveja, uma *Stella*, depois viu-o virar-se e examinar a sala.

Durante um segundo, cruzaram olhares, depois ele afastou os olhos.

Sharon gostou do aspeto dele, com aquele corpo esguio e giro. Não suportava homens gordos, nenhum desses «pneus» para ela, queria contar todas as costelas, muito obrigada, e apostava que aquele tipo era bom no capítulo das costelas.

— Sabes quem é? — perguntou Maha.

Sharon virou-se para olhar para ela.

— O ex de Sunny Alvarez. Um dos mais destacados detetives americanos, com o seu próprio programa televisivo de sucesso. Mac Reilly consegue resolver crimes onde outros, incluindo a polícia, falharam.

As sobrancelhas de Sharon ergueram-se de choque. Maha pensou que ela era atraente quando aquela carapaça dura caía. Maha sabia tudo sobre aquela parte dura de Sharon. Fora por isso que a empregara.

— Ex? Quê? — perguntou Sharon, bebendo um gole do uísque e fazendo uma careta.

O álcool arrepanhava-lhe sempre a garganta ao primeiro gole e pensava muitas vezes por que razão o beberia.

Exceto que após o segundo gole percebia porquê. Fazia-a sentir-se bem. Como o raio dos cigarros. Ora, era uma viciada. E daí?

— Creio que é o ex-noivo dela e Sunny está aqui porque fugiu dele.

— Como sabes isso? — Sharon deu uma dentada numa azeitona.

O sumo esguichou para a sua nova blusa *Valentino*. — Merda — repetiu, à beira de perder as estribeiras.

— Os empregados dos bares ouvem sempre tudo — respondeu Maha, embora, de qualquer modo, tratasse também de saber o que se passava à sua volta.

Sabia todos os pormenores do roubo das joias e do assassinato, incluindo o facto de um grande diamante estar envolvido na questão. Uma pedra famosa, conhecida como diamante Babe Bailey, mais de vinte quilates, sem defeito, cor D e de extremo valor. Maha também conhecia a sua história. Fora lapidado por um perito que já falecera, um iraniano que sabia mais de diamantes do que qualquer homem que Maha tivesse alguma vez conhecido.

— Ouvi dizer que o diamante Babe Bailey foi destruído num roubo de joias— disse, dando uma dentada minúscula no *petit four* de chocolate minúsculo e acompanhando-o com um gole de champanhe.

O rosto de Sharon exprimiu a sua indiferença.

— Estou-me cagando para diamantes —retorquiu em tom prosaico.

Maha desejou que Sharon controlasse a sua linguagem. Apesar de Maha ter crescido na miséria das ruas de Bombaim onde os palavrões eram normais, bem como a violência, a brutalidade e a morte, era uma mulher requintada. Agora, claro, as belas joias fabricadas pelos seus artesãos no Rajastão tinham substituído na sua mente essas cenas terríveis da sua infância, mas era também por essa razão que Maha detetava a maldade quando a via.

E viu-a agora, a entrar no bar, mais uma vez. Era como se a ruiva não conseguisse manter-se afastada. Seria apenas Sunny que a atraía?, pensou Maha.

— Caramba, lá está aquela cabra outra vez — disse Sharon, estendendo o braço e pifando um dos *petit fours* de Maha. — Pergunto-me quem será e o que quer.

Para além de um homem. — Visto que Sharon estivera no mundo da moda e agora geria uma agência de modelos em Praga, sabia muito sobre mulheres.

— Só nós, mulheres, vemos aquela aura de corrupção em redor dela — retorquiu Maha, observando Kitty a avistar Mac Reilly e, naquele seu trote piroso de joelhos a baterem, as coxas a faiscarem através da saia envelope, a apressar-se na sua direção. — Os homens só percebem o engate; a conversa do «sou tão sexy e tu és tão maravilhoso». E aposto que a maioria cai naquilo.

Sharon riu-se.

— Queres dizer que ela consegue mais do que eu?

Maha lançou-lhe uma olhadela.

— E estás a «conseguir alguma coisa», como dizes de forma tão crua, Sharon?

Esta encolheu os ombros.

— Suponho que conseguia se me publicitasse como a ruiva. É como se usasse uma etiqueta à volta do pescoço com a palavra «disponível» escrita.

Quer dizer, é tão meia-idade e vulgar e com aquele cabelo pavoroso e aquelas coxas, com aquele vestido barato, pensar-se-ia que os tipos não lhe ligariam nenhuma.

— O que Kitty possui — comentou Maha, vendo a corrupção a acontecer diante dos seus olhos — é conhecimento.

Sabe como lisonjear, como ser compreensiva, como fazer um homem acreditar que é maravilhoso e que ela precisa dele e o deseja.

— Bem, ele não está nada mal — replicou Sharon com um sorriso que não lhe chegou aos olhos belos.

— Uma pena em relação àquele diamante Babe Bailey — disse Maha de novo e, de novo, não obteve qualquer reação da parte de Sharon que lhe perguntou, isso sim, onde estavam os outros.

— Lisa partiu para o sítio de onde veio, seja lá onde for. Ferdie e Giorgio foram de carro para Budapeste.

— E então eu que faço? — perguntou Sharon, parecendo zangada.

— Voltas para Praga — retorquiu Maha com suavidade. — *Cabra*.

MAC DEIXARA MENSAGENS PARA SUNNY, pedindo-lhe para se encontrar com ele num sítio qualquer que ela escolhesse, era só dizer, só, por favor, concordasse em falar com ele.

Contudo, apesar do que ela dissera na noite passada, que deviam conversar, reavaliar a sua relação, Sunny não lhe devolvera a chamada. Por isso, agora, Mac esperava no bar, com uma cerveja que na realidade não queria, na esperança que o telemóvel tocasse.

Apoiou um cotovelo no balcão de madeira envernizada, não vendo ninguém porque a sua mente estava ainda ocupada com a pavorosa mancha avermelhada que eram os miolos de Yvonne Elman com os estilhaços de diamante salpicados, estrelas minúsculas num reino perdido da alma.

Já vira algumas cenas pavorosas na sua carreira, mas calculava que esta seria uma das piores. E tudo pela atração do dinheiro. Dinheiro *rápido*.

Ou talvez não tão rápido. A Europa do Leste estava a ser publicitada como o novo El Dorado para tráfico de diamantes, mas ainda não conseguia perceber como e onde as pedras seriam lapidadas. Sabia que muitas das maiores eram identificáveis e precisariam com certeza de ser de novo lapidadas antes de poderem ser vendidas em mercado livre. Talvez tentassem vendê-las de imediato no mercado negro, o que seria mais rápido, embora menos lucrativo.

Lucrar com um assassinato. Lucrar com a vida de uma mulher. Lucrar com uma criança sem mãe. Com um jovem marido enlutado.

— Ooh, *Mac*, cá está você.

Sentiu um apertão íntimo no antebraço e virou a cabeça mesmo a tempo de sentir o roçar dos lábios de Kitty Ratte nos seus.

— Ooh, *Mac* — repetiu Kitty, os minúsculos olhos azuis a brilhar de admiração e solidariedade. — Pensei só que parecia tão sozinho, aí de pé. Tão *sozinho mesmo*. Achei que precisava de um pequeno consolo.

Mac retirou a mão de Kitty do seu braço e pousou-a com cuidado no balcão de madeira.

— E que «consolo» tem em mente, Mistress Ratte? — perguntou numa voz tão fria que teria deixado qualquer mulher normal a sentir-se num banco de gelo.

— Ooh, bem, quer dizer, sei como gosta de Sunny. E ela é tão *bela*.

— Sunny é bela — concordou Mac.

— Quer dizer, não percebo como pode não o querer. — Era uma frase favorita de Kitty.

— Sabe que mais, Mistress Ratte, seja lá o que for que quer, não estou interessado.

Mac deu um passo atrás, mas Kitty estendeu outra vez a mão para o agarrar.

— Não. *Por favor*, não se vá embora — sussurrou, as lágrimas fáceis a cintilarem. — Estou tão sozinha... e Sunny tornou-se uma amiga tão querida. — Os olhos aguçaram-se. — Conta-me tudo.

Mac estava habituado a interpretar pessoas como Kitty, tinha experiência em lidar com sociopatas, psicopatas, naturezas frias e manipulativas de pessoas que não queriam saber dos outros. Já ouvira aquela frase antes, mas, de novo, por causa de Sunny, não podia deixar a coisa passar.

— Por favor, *por favor*, sente-se aqui, ao meu lado, para podermos conversar tranquilamente. Sabe que estive com Sunny hoje. — Pousou a mão no braço de Mac, ligando-os. — Almoçámos juntas.

Ela é... — Kitty hesitou, como se procurasse a palavra certa. — Muito independente no seu pensamento. — Fitou Mac nos olhos e limpou outra lágrima com um dedo trémulo. — É como se esta questão do não casamento lhe tivesse alterado o temperamento. Não creio que conheça sequer a nova Sunny, tal como eu a conheço agora. Sunny quer encontrar uma nova vida, talvez até um novo... — Deixou a frase em suspenso. — Bem, não, nem sequer quero ir por aí...

Baixou o queixo e lançou a Mac o seu olhar característico sob a franja ruiva, cheio de compreensão, assegurando-se que, sem ter de dizer outra palavra, ele compreendia que o que Sunny queria era um novo homem.

Mac levantou-se e afastou-se.

Os olhos duros de Kitty seguiram-no.

Por um minuto, só um minuto ali mesmo, tivera o grande Mac Reilly em

seu poder. «Tem cuidado, menina Sunny Alvarez espertinha, com a mania que és melhor do que todas», pensou, vingativa.

«Ainda fico com o teu homem. Faço-o contorcer-se de prazer e tu vais sofrer as torturas do inferno. Mulheres como tu, que andam pela vida com toda a gente a cair-lhes aos pés, são as que sofrem sempre mais quando o seu homem as trai por uma mulher como eu.»

NO VESTÍBULO DO HOTEL, Mac telefonou outra vez a Sunny. Não houve resposta.

No seu coração, sentiu qualquer coisa que se assemelhava a um sofrimento profundo. Fez outra chamada, desta vez para Ron Perrin.

— Vem até cá, Ron, pode ser? — disse com brusquidão. — Preciso de ti.

— Precisas? E então Allie?

— Que se passa com ela?

— Disse-te que ela estava aí, com Sunny. E a amiga.

— Caramba — retorquiu Mac.

Esquecera tudo sobre Allie. — Não é só Sunny. Tenho um assassinato entre mãos.

— *Outra vez não* — gemeu Ron. — Será que nunca mais aprendes?

MAC ENCONTRAVA-SE À PORTA DO HOTEL quando ouviu a voz de Sunny. Olhou para o telemóvel, a pensar que devia estar a sonhar.

Mas ela encontrava-se a apenas alguns passos. Tinha *Tesoro* pela trela e estava a olhar para ele com uma expressão meio suplicante, meio obstinada, como se determinada a não ceder, embora talvez quisesse fazê-lo.

Encaminhou-se para ela, pegou-lhe na mão, levou-a aos lábios. Aquela parede invisível ainda se encontrava entre eles.

— Sunny. Por favor, deixa-me dizer-te quanto te amo. — Não suplicava, era uma simples enunciação de um facto. — Um amor como o nosso não desaparece assim. — Sentiu a mão dela apertar a sua e respirou com um pouco mais de facilidade.

— Não.

Fitou-lhe o rosto, a pensar se ela queria dizer que um amor como o deles desaparecia mesmo? Ou que não, que *não* desaparecia? Como é que se tornara um detetive quando não conseguia sequer perceber o que uma mulher queria dizer quando dizia uma coisa daquela importância?

— Ajuda-me aqui, Sun querida — pediu.

Passou-lhe a mão com suavidade pelo antebraço, que aquela noite estava coberto por uma camisola de lã de um cinzento-alfazema que se ajustava de forma tão perfeita ao seu corpo que calculou que alguma pequena artesã experiente nalguma zona rural inglesa a devia ter feito especialmente para ela. O decote exibia a garganta, onde avistou uma veia azulada que quase correspondia ao tom da lã. Como homem apaixonado, não perdia nenhum detalhe.

— Entrançaste o cabelo — continuou, tocando na trança brilhante que lhe repousava no ombro. Queria tanto beijá-la.

Mas então, de súbito, Sunny inclinou-se através daquele abismo que existia entre eles e beijou-o. E, durante um minuto, a vida de repente tornou-

se normal de novo. Até que ela se afastou e disse: — Mac, porque não conversamos?

— *Okay*. — Teria concordado com tudo.

— Só não me largues a mão.

Ela não a largou e voltaram de mãos dadas, com a pequena cadela a trotar entre deles, para o hotel. Sunny conduziu-o ao bar. Mac pensou que seria melhor irem para o quarto dela onde podiam estar sozinhos, mas depois calculou também que naquele preciso momento «sozinhos» não era o que Sunny queria.

Sunny parou para cumprimentar a bela mulher indiana, que estava a beber champanhe com uma mulher alta tipo modelo, de rosto taciturno.

Uma dúzia de pulseiras tilintaram quando Mac apertou a mão esguia de Maha. Embora fosse novato no que tocava a joias, estava disposto a apostar que deviam ser caras. Sobretudo aquele broche enorme de água-marinha revestida a ouro. Pensou que Maha era bela, mas que existia também um aura de mistério em volta dela que não permitia que se visse a mulher verdadeira escondida por trás do sorriso, dos olhos escuros cintilantes, do *glamour*. Sunny sorria-lhe de modo caloroso, como se fossem velhas amigas. Depois Maha apresentou-os à sua associada, Sharon Barnes.

— Sinto que já a conheço — disse Sharon, mirando Sunny de alto a baixo.

— Maha falou-me tanto em si.

— Ooh, *Sunny*... — A voz de Kitty vinha do bar onde ainda estava sentada, uma cerveja na mão. — Tinha esperança de te ver aqui esta noite.

Sunny deteve-se para a beijar também e para apresentar Mac.

Kitty ofereceu-lhe o seu melhor sorriso.

— Tenho tanto prazer em o conhecer, Mister Reilly — disse quando há apenas alguns minutos o beijara.

Sunny pediu licença e foram sentar-se numa mesa de canto iluminada por um candeeiro. Colocou a cadela debaixo da cadeira e alisou a saia preta travada por cima dos joelhos dourados igualmente macios. Com um baque, Mac reparou que ela usava as botas altas pretas de pele que lhe quisera comprar pelo Natal.

— Conta-me como conheces aquela mulher ruiva.

— Kitty? Estava aqui, neste bar, na noite do dia de Natal. Eu estava sozinha e ela também. Desejou-me um bom Natal e aproximou-se para

conversarmos.

Foi simpática; almoçámos no dia seguinte. Disse-me que compreendia a minha solidão e eu senti que ela era... — Interrompeu-se e fitou Mac, confusa; percebeu que não fazia ideia do que pensara sobre Kitty na altura. Mas agora sabia. — Pensei que era *carente* — decidiu.

— E Maha Mondragon?

Sunny sorriu.

— Estás com ciúmes porque fiz novas amizades.

— É verdade.

— De facto, Maha falou comigo também naquela noite de Natal. Foi tão estranho. Na realidade, *avisou-me* em relação a Kitty. *Tome cuidado com essa mulher*, disse-me. *A corrupção tem um aroma inconfundível*. Não percebi o que queria dizer com aquilo.

— Maha é uma mulher inteligente — retorquiu Mac.

Sunny decidiu não contar a Mac a outra coisa que Maha lhe dissera, sobre aproveitar as oportunidades que a vida lhe oferecia, nem a oferta de um emprego. Que, porque gostava da misteriosa Maha e, com o seu novo desejo de independência, talvez considerasse aceitar.

Sentindo de súbito nostalgia do verão dos dois em Saint-Tropez, pediu um *Cosmopolitan*.

— Sei que não estás na moda — comentou, alisando outra vez a saia, nervosa.

— E desde quando sentes necessidade de pedir desculpa por pedir uma bebida feminina? — perguntou Mac. Pegou-lhe outra vez na mão. — Oh, meu Deus, Sun querida, amo-te tanto. Podes beber uma dúzia de *cocktails* cor de rosa que beijarei o sabor nos teus lábios quando te aconchegar, embriagada, na tua cama...

— Na *minha* cama...?

Fitaram-se nos olhos com aquela ligação mágica de química, atração, sexo; recordações dos corpos um do outro.

— A *nossa* cama — retorquiu ele, apertando-lhe agora as duas mãos com força entre as suas.

— Com *Tesoro* a morder-te as orelhas — sussurrou ela em resposta.

— Ou até sítios piores... — Sorriram um para o outro.

— E o pobre *Pirate* querido, com medo de saltar para cima da cama não fosse *Tesoro* afugentá-lo...

— Até ficares com pena dele e lhe pegares ao colo e o colocares lá...

— E *Tesoro* rosnou e o vento uivou lá fora fazendo as ondas rebentarem com força na praia, a espuma nas rochas parecendo tal e qual o Niágara...

— E os toros ardiam na lareira e a casa cheirava a *Mitsouko*, o teu perfume, a lenha e a vinho e os teus lábios sabiam...

— Aos pêssegos que tínhamos acabado de comer e o sumo escorria-te pelo queixo...

— E a uvas e a mais vinho... e... — Mac não precisava de dizer «a sexo». A expressão dos olhos de Sunny dizia-lhe que ela se lembrava. — Então e agora? — perguntou, fitando-a.

Ela estava tão fantasticamente simples, com o cabelo puxado para trás naquela trança e o brilho dos pequenos brincos de diamantes nas orelhas, fazendo-o recordar-se daqueles minúsculos botões de cristal no vestido de *chiffon* preto que ela quase despira naquela noite no elevador. Usava o batom vermelho, o que conhecia muito bem porque o levava muitas vezes no bolso quando saíam à noite e ela não queria levar a mala. Havia tantas pequenas intimidades entre eles. Ele estava apaixonado pelo brilho dourado da sua herança latina, pela sua pele; pela curva doce da face; pelos olhos cor de âmbar que pareciam cor de cobre à luz de um candeeiro; pelas pernas compridas com os joelhos macios e uma sugestão de coxas ainda mais macias por baixo daquela saia preta. E aquelas botas, o seu possível presente de Natal, que queria ter colocado por baixo do abeto que se inclinava sempre para um dos lados porque nunca o conseguiam pôr direito no vaso, com as agulhas já a caírem, mas com o aroma a pinheiro a encher a casa, junto com todos esses outros aromas...

— Sunny, o que vamos fazer?

A pergunta pairou no silêncio entre ambos juntamente com as recordações.

Depois: — Só sei que te amo, seu sacana —disse ela.

Apertaram as mãos por baixo da mesa, os olhos a desejarem-se, a perna dele comprimida contra a coxa dela, os lábios dela a tremerem quando bebeu um pequeno gole da sua bebida.

— É inútil — exclamou Sunny com um sorriso inesperado que lhe iluminou o rosto e acendeu uma chama no coração de Mac, tal como acontecera desde o primeiro dia. — A porra é que te amo.

— E eu amo-te, mas não digo palavrões a esse respeito.

Sunny sorria-lhe. Tinha a mão na sua coxa.

— Se *porra* é um palavrão, então quero dizer muitos palavrões contigo.
Já.

Mac inclinou-se e beijou-a. Aspirou o aroma subtil do *Mitsouko* na sua pele quente.

A mão dele no joelho de Sunny provocava-lhe choques elétricos pelo corpo todo; os lábios dela atraíam-no para outro mundo.

— Quero-te nua — sussurrou Mac. — Já.

Ela ofereceu-lhe aquele sorriso.

— Quarto mil e um — recordou-o. — Daqui a dez minutos.

Mac observou-a a afastar-se. Tal como Kitty Ratte, que não perdera um segundo da pequena cena *sexy*. A inveja ardia como ácido; em breve trataria daquela pequena Miss Sunshine.

Entretanto, tinha trabalho a fazer.

PRU HILSON USAVA OS SEUS SAPATOS NOVOS, os *Chanel* escarlates abertos no calcanhar que se tinha convencido a usar porque lhe recordavam as mulheres das reposições de *Sexo e a Cidade*, um programa favorito naquelas longas noites em frente da televisão quando «o marido» estava fora nas suas «viagens» ou fosse o que fosse que lhes chamava. Saber por fim a verdade sobre ele não tornara mais fácil a recordação dessas noites, mas o que as mulheres diziam sempre sobre comprar sapatos acabara por se revelar verdadeiro.

Pru sentia-se melhor, embora um pouco fraca uma vez que tudo o que comera desde aquela sanduíche de peru no Natal tinha sido algumas azeitonas e os pratos pequenos de comida que, embora deliciosos, nem sempre preenchiam as suas necessidades, sobretudo num momento como aquele em que precisava de comida a sério.

E muita.

Desesperadamente.

De facto, ansiava por um bom *hot dog* tradicional à americana. Como raio viera parar a França, afinal? Ah! Só fora necessária uma chamada, Allie a dizer que claro que devia vir, ela ajudava-a, e aparecera ali como uma flecha atirada de um arco.

Saiu do elevador e lançou uma rápida olhadela nervosa pelo vestíbulo.

Ninguém à vista. Bem, pelo menos ninguém que conhecesse. Mas, oh, meu Deus, havia alguém que gostaria de conhecer.

Um homem alto e deslumbrante, cujo cabelo loiro tombava sedoso sobre os olhos e que avançava a passos largos na sua direção. Eddie Johanssen.

— Boa tarde — cumprimentou.

Manteve-se afastado, muito educado, para um dos lados, a sorrir de forma interrogadora, enquanto Pru continuava parada. Depois lá percebeu. Oh, oh,

meu Deus, ele estava apenas à espera que ela saísse da frente do elevador para ele poder entrar!

A tartamudear desculpas, apressou-se a passar por ele, esquecendo tudo sobre os novos *Chanel* vermelhos com saltos de oito centímetros. Os tornozelos oscilaram e quase caiu. Com as faces ruborizadas, endireitou-se a toda a sua altura rechonchuda de um metro e sessenta e tal e continuou.

Porém, adorava o raio daqueles sapatos vermelhos. Faziam-na sentir-se melhor. Allie tinha razão, as suas pernas tinham mesmo muito bom aspeto naqueles sapatos caros de estilista. Pru calculava que seria por isso que as mulheres hipotecavam as casas ou vendiam os filhos para os comprar.

Estava a brincar.

Com outra olhadela rápida em volta, enfiou-se célere e, sem que a vissem, na *brasserie* das traseiras do hotel, onde se sentou num canto sossegado e pediu uma *Coca-Cola Diet*, uma *club sandwich* e batatas fritas. Encolheu os ombros para afastar o sentimento de culpa. Que diabo, a *Coca-Cola* era «dieta». E uma ou duas batatas fritas não lhe podiam fazer mal. Podiam?

Baixou os olhos para o peito ainda amplo, enclausurado naquela tarde num *top* de seda preta sem forma, caro, era preciso que se soubesse, com um casaco de malha preto por cima para disfarçar quaisquer defeitos. Que eram muitos.

Tal como em muitas *brasseries* francesas, as paredes desta estavam forradas a espelhos e não havia como se livrar de si mesma. Lá estava ela, em tamanho natural, refletida uma centena de vezes. Suspirou. Talvez, afinal, devesse repensar as batatas fritas. Além disso, se Allie descobrisse, matava-a.

Vigiava-a como um falcão, não permitindo que lhe passasse entre os dentes nem um único bocadinho a mais.

Dentes muito bons, a propósito, pensou, observando o rosto no espelho. Talvez fossem um pouco grandes, mas eram brancos e uniformes e todos dela, graças a uma mãe que a ensinara a tratar deles.

Fora uma adolescente gira com um corpo normal, tamanho quarenta, ou até um trinta e oito, e Allie dissera que o craque de futebol da escola, Teddy Masters, a achara muito gira.

Lançando outra espreitadela secreta ao espelho, Pru pensou que talvez apenas pudesse existir uma sugestão de maçãs do rosto por baixo daquela carne rosada. Que, aliás, parecia menos rosada porque Allie lhe dera o creme hidratante colorido correto e um *blush* bronze em vez do cor de rosa que

costumava usar. Em breve, poderia até progredir para rímel e batom de brilho para os lábios. Bem, brilho para os lábios talvez não; não se sentia uma pessoa «brilhante». Desejou poder usar batom vermelho como Sunny Alvarez que, tal como Allie Ray, era a mulher mais adorável que já conhecera. Bem, no dia seguinte ia arranjar o cabelo.

Allie fizera uma marcação no *Jacques Dessange* de Cannes. Ia tornar-se loira.

Pensou, cheia de esperança, se seria verdade que as loiras se divertiam mais.

Talvez fosse apenas uma história da carochinha, como aquela coisa de comprar sapatos. Afagou o cabelo ao espelho, duvidosa. Nunca se imaginara como loira e agora magicou se, com as suas curvas amplas, poderia parecer-se com a imagem clássica de uma empregada de bar. Sorriu; podia não ser mau de todo; talvez arranjasse um emprego novo!

A *Coca-Cola* francesa era diferente da que estava acostumada na sua terra.

Era mais doce. De facto, tão doce que quase conseguia detetar o açúcar.

— Isto é *Coca-Cola Diet*? — perguntou ao empregado quando este pousou as batatas fritas e a sanduíche à sua frente.

— Com certeza, *madame*.

— Bem, então mudei de ideias. Traga-me uma *Perrier*, por favor. E com limão.

Provando uma batata frita, Pru sentiu-se melhor, mas ainda culpada.

Comeu um quarto da sanduíche no tempo que o empregado levou a trazer a *Perrier*, afastando as batatas fritas ao pensar no ginásio a que ia com Allie no dia seguinte e depois no *spa*, onde ia fazer tratamentos de talassoterapia, fosse o que fosse que isso significasse, qualquer coisa a ver com água do mar, calculava; e massagens de pedras quentes e derma qualquer coisa...

«Tudo», prometera Allie.

De algum modo, a sanduíche já não parecia tão tentadora e Pru ficou a olhar para o seu reflexo no espelho, a bebericar a sua *Perrier* com limão e a menear os dedos dos pés bonitos nos sapatos caros. Desta vez estava a pensar no amanhã, em vez de apenas no hoje.

Porém, era duro uma mulher mudar os seus hábitos inveterados.

As batatas fritas pareceram devolver-lhe o olhar quando as fitou. Os três quartos inteiros da sanduíche ainda se encontravam no prato. Sabia que era

melhor sair dali antes de estragar tudo.

Além disso, o sentimento de culpa não era agradável. E, na verdade, nem sequer apreciara a sanduíche.

Pru assinou o seu nome na conta, pôs-se de pé, deixou a comida em cima da mesa e saiu. Era um pequeno triunfo, mas, ainda assim, um triunfo.

Pensou se veria outra vez o homem deslumbrante no elevador.

MAC E SUNNY ESTAVAM NO QUARTO 1001, perdidos na cama macia, forrada a damasco de seda verde-menta, com as cortinas fechadas em volta, desligados do mundo. Sunny pensava que dois sozinhos era muito diferente de ser uma só, sozinha. Dois era perfeito.

A língua de Mac moveu-se preguiçosa dos seus lábios e desceu para o pescoço arqueado e retesado. As mãos rodearam os mamilos salientes cor de coral e depois deslizaram pelo corpo dourado, o corpo dourado oh-tão-familiar, oh-tão-amado, até que, por fim, a ergueu para o seu rosto, para a sua boca, para a sua língua.

Ouviu Sunny soltar uma risadinha.

Levantou a cabeça. Ela *ria-se*.

— Perdão — ofegou ela. — Perdão de verdade, não queria rir-me, mas é tudo tão... — Ria-se tanto que teve de enterrar o rosto numa almofada para esconder as gargalhadas.

Mac sentou-se, fitando-a.

— *Quê?* — perguntou, desconcertado.

— *Quê, quê?* — A voz abafada de Sunny vinha de sob a almofada.

— Isto nunca me aconteceu antes — declarou Mac, parecendo magoado.

— Ah, ah, ah! Isso é porque nunca fizeste amor com uma mulher tão loucamente feliz.

Sunny apertou a almofada por cima dos seios. Os olhos ardiam de riso.

Vendo-lhe o rosto e o membro abatidos, mordeu o lábio para impedir que mais risinhos se escapassem.

— Desculpa — disse, estendendo a mão para ele. — Fiquei apenas tão feliz naquele momento, apenas tão maravilhosamente não «sozinha», exceto muito sozinha contigo. Ooh, Mac, estou tão apaixonada por ti, que me dá vontade de rir, mesmo que seja nos momentos errados. Nem sabes aquilo que passei sem ti.

Ele abraçou-a e ficaram ali deitados corpo contra corpo.

— Oh, sim, sei muito bem. Oh, sim, sei e digo-te agora, nunca mais te vou deixar ir embora outra vez.

— Não me devias ter *deixado* partir –retrucou Sunny. — Devias ter dito «Nem penses em abandonar-me, Sunny Alvarez, o teu lugar é aqui».

— Estou a dizê-lo agora.

Ela afastou o rosto do dele.

— Diz — ordenou. — Diz agora. *Jura*.

— Juro — retorquiu Mac. — És o amor da minha vida, nunca mais te vou deixar partir.

— Oh, meu Deus, oh, meu Deus. — Descontraiu-se, em paz nos braços dele, todo o riso desaparecido. Fitaram-se nos olhos. — Não me vou embora, Mac — prometeu. — Nunca mais fujo de ti.

— Calculo que isso signifique que teremos de nos casar.

Sunny prendeu-o com uma comprida perna castanha, puxando-o para mais perto.

— Talvez. Talvez casemos e talvez não casemos.

— Mas eu sou teu. — Passou-lhe as mãos por baixo do corpo. Estava outra vez teso, pronto para ela, para qualquer coisa que ela quisesse. — Sou o teu escravo sexual — murmurou, o rosto meio escondido debaixo do comprido emaranhado de cabelo preto lustroso na nuca. — Faz de mim o que quiseres.

Sunny começou a rir-se e, desta vez, Mac também.

— Oh, meu Deus, como te amo –murmurou ela. — Fazes-me sempre rir.

O telemóvel dele vibrou na mesinha de café de vidro. Sunny levantou os olhos. Viu a cadeira para onde Mac atirara as calças, ao lado da saia dela e da camisola.

Os sapatos dele encontravam-se junto à porta ao lado das suas botas, o casaco de cabedal preto estava nas costas de outra cadeira, as cuecas de renda dela no chão, o sutiã na mesinha do café, junto ao telemóvel dele.

— É melhor atenderes — comentou. — É o que fazes sempre.

— Desta vez não — retorquiu ele.

E colou os seus lábios aos dela, criando aqueles impulsos elétricos urgentes que a eletrizaram até que vibrou como o telemóvel. Só que com muito mais prazer.

O Telemóvel de Mac tinha continuado a apitar a intervalos de dez minutos, mas tinham conseguido não o escutar. Por fim, Mac deitou-se de costas. Tinha o braço direito passado à volta dela e a mão esquerda acariciava-lhe o cabelo escuro emaranhado. A cabeça de Sunny aninhava-se no ombro dele, a perna direita passada de forma possessiva por cima dele, as suas macias partes íntimas comprimidas contra a sua coxa forte. Era a posição favorita dela porque, com a cabeça sobre o peito dele, conseguia ouvir-lhe o coração a bater, o martelar surdo e ritmado da vida e do amor.

O zumbido continuava como de uma mosca demente.

Sunny levantou a cabeça e olhou para Mac. Tinha os olhos fechados e, por esta altura, a barba escura por fazer, no queixo, adquirira um tom azulado. Um sorriso leve arrepanhava-lhe os cantos da boca. Sunny inclinou-se e beijou-a.

Adorava o corpo de Mac, comprido, esguio e musculado, embora nunca o visse fazer exercício físico, a não ser que caminhar pela praia de Malibu contasse como treino e, visto muitas vezes andar quilómetros enquanto pensava no seu próximo caso, era provável que contasse.

— Não achas que é melhor atender? — perguntou.

De olhos ainda fechados, os dedos enredaram-se no cabelo dela. Puxou-a de volta para ele.

— Porquê?

— Ma-a-ac... *tens* de atender.

— Não, não tenho. — Depôs-lhe um beijo no ombro, ainda perdido na emoção do momento. — Macio —murmurou. — Tão macio.

O telemóvel parou de vibrar. Sunny fitou-o, desconfiada. Aquele telefone governava a vida de Mac e, por isso, governava a dela. Havia sempre problemas na outra ponta da linha.

Agora sentia-se nervosa. E se alguém estivesse em perigo? E se

precisassem de ajuda? Uma voz interior disse-lhe que devia deixar as coisas como estavam; conseguira o que queria.

Estava com Mac, ele não atendia. Por fim, ela vinha em primeiro lugar.

Tocou outra vez. Não aguentou.

Correu a atender.

Pelo canto do olho, viu Mac erguer-se sobre o cotovelo, observá-la. Não conhecia o número que se apresentava no ecrã.

— Está — proferiu com cautela.

— Desejava falar com Monsieur Reilly. — A voz masculina parecia muito surpreendida por ter sido uma mulher a atender.

Sunny voltou à cama, estendeu-lhe o telemóvel. Mac pegou nele, intrigado.

— Porque atendeste?

Ela abanou a cabeça, não sabia.

Entrou na casa de banho e vestiu o roupão turco do hotel de um cinzento-pombo, depois foi até à janela e correu as cortinas. Ficou ali a olhar para a noite cintilante, uma noite tão límpida e bela, como sabia que Paris devia estar nublada e fria e, era muito possível, ainda com neve.

Ouviu Mac dizer «Olá, inspetor».

Esforçando-se para não prestar atenção, Sunny baixou-se para apanhar as roupas espalhadas. Um envelope castanho caiu do bolso do casaco de Mac e apanhou-o também. De algum modo, as fotos escorregaram para fora do envelope e ficou a olhar para elas. Uma cabeça rebentada, um pesadelo do que fora um rosto de mulher. Claro que sabia quem era. Quem fora. — Oh, meu Deus, oh, meu Deus... — *Tapou os olhos.* — Oh, não, Mac, por favor, não.

Percebeu que Mac dizia com rapidez ao inspetor que já lhe ligava. Veio ajoelhar-se ao lado dela, tirou-lhe as mãos dos olhos e apertou-as.

— Não era para veres estas fotos.

Lamento muito, dava tudo para não teres visto.

As lágrimas saltaram-lhe da ponta do nariz para o roupão cinzento. Ele limpou-as com o cinto.

— Quem é? — perguntou Sunny.

— Não faças perguntas. Esquece só.

Repete para ti própria que não estamos envolvidos, porque não estamos.

— Não estamos?

— Claro que não.

— Então porque te ligou o inspetor?

— Pediu a minha ajuda. Eu recusei.

Claro que, de qualquer maneira, não podia fazer nada; é um caso para a *brigade criminelle*, a polícia judiciária francesa, não para um estrangeiro como eu.

— Um detetive muito conhecido como tu.

Mac franziu o sobrolho.

— Não tenho nada a ver com isso.

— Foi isso que disseste ao inspetor ainda agora?

— Foi sim.

— Como se chamava ela?

— Yvonne.

— Recordo-me. Vi a fotografia dela no jornal, era bonita, tinha um marido e um filho pequeno.

Mac não disse nada.

Trabalhava na joalharia e os ladrões mataram-na — continuou Sunny. — Dispararam-lhe na cara.

— Um deles, sim.

— E não vais fazer nada a esse respeito?

— Vim até cá para estar contigo.

Sunny viu compaixão pela mulher morta nos olhos de Mac. Sabia que ele tinha de ir onde a verdade o levava, como sempre fazia. Era assim que ele era.

— É o que tu fazes e tenho a certeza que serás capaz de ajudar — retorquiu.

Mac entendeu o que Sunny lhe estava a dizer. O amor entre os dois fechava-os no seu próprio espaço. Abraçou-a, apertou-a contra si, secou-lhe as lágrimas e disse: — Então como posso trabalhar sem a minha assistente de Detetive Particular?

Ela conseguiu sorrir.

— Queres dizer que me despediste?

— Veste as tuas roupas. Vamos à *préfecture*.

Porém, dez minutos depois, Mac mudou de ideias. Sunny vira as fotografias, mas não queria que ela ouvisse os detalhes sobre a morte de Yvonne. Não queria perturbá-la mais do que já estava.

Quando lho disse, Sunny pareceu aliviada.

— Vou ter com Allie — replicou, beijando-o demoradamente no elevador.

— Já reparaste que uma grande parte da nossa vida sexual acontece em elevadores? Vou contar as boas notícias a Allie e a Pru — acrescentou, rindo-se.

— No final de contas, vieram até cá de propósito para me ajudar. Boa sorte — exclamou enquanto Mac se afastava.

RON PERRIN não ficou muito satisfeito quando viu que Mac não estava no aeroporto à sua espera. Sacou de imediato do seu *iPhone*.

— Estou aqui à porta do raio do aeroporto de Nice, por isso onde merda é que estás? — foi o seu cumprimento.

— Posso ser um detetive, mas a não ser que me digas a tua hora de chegada, não sei quando te devo ir buscar.

— Ah. Pois. Bem, então vou arranjar uma limusina e apareço aí dentro de meia hora.

— Não estou no hotel. Estou na *préfecture*, sozinho com o inspetor da polícia. Pensei que era melhor que Sunny não viesse comigo.

— Sunny?

— Ron mostrou-se desconcertado. — Como é que fiquei com a impressão de que ia a caminho de salvar a tua relação com Sunny? — Quase conseguia ver o sorriso de Mac.

— Está salva — respondeu Mac. — Mas, obrigado na mesma. Vem já para cá. —Deu-lhe o endereço da *préfecture*.

— Porque não mandas um carro da polícia buscar-me? — brincou Ron. A última coisa que queria era entrar noutro carro da polícia, mesmo que, desta vez, não estivesse algemado.

Quinze minutos depois, estava a beber café, não era um mau café para uma esquadra policial, a ouvir um inspetor que parecia um dos detetives de um filme de Sherlock Holmes, a falar do assassinato que ocorrera há duas noites; do que fora roubado, da destruição do diamante Babe Bailey, cujos fragmentos tinham acabado incrustados no rosto da mulher morta.

Ron sabia o que era levar um tiro, embora o seu atacante tivesse, felizmente, falhado o alvo, isto é, o seu coração, e ainda bem, porque agora esse coração pertencia, de forma permanente, a Allie. De facto, sempre lhe pertencera, embora nenhum deles o tivesse percebido na altura, «devido às

circunstâncias», como Ron gostava de dizer quando se recordavam dos maus velhos tempos. Mas porque Mac salvara a vida de Allie, Ron estava preparado para fazer qualquer coisa para o ajudar, incluindo emprestar-lhe Allie para apoiar Sunny ou voar até Nice no seu pequeno *Cessna* com tempo tempestuoso e cúmulos a atacarem-no nas alturas.

— Então o que vamos fazer? — perguntou, uma perna cruzada por cima do outro joelho, uma chávena de esferovite de café agora frio ainda apertada na mão.

— Queres dizer o que *eu* vou fazer — replicou Mac.

— *Actuellement*, a situação é que tenho de ser eu a fazer alguma coisa em relação a este caso — declarou o inspetor, as faces a penderem de forma ainda mais triste. — Os empregados da loja de Paris, bem como os empregados daqui, já foram entrevistados, exceto a mulher que ficou ferida no assalto de Paris. Só ontem teve alta do hospital.

Afirma que não se lembra de nada.

Tinha esperança, Mac, que pudesse ser capaz de falar com ela, espicaçar-lhe a memória.

— Mac não fala francês — retorquiu Ron. — Mas não faz mal, eu traduzo para ele.

Mac atirou-lhe uma olhadela cética.

— E quando aprendeste a falar tão bem francês?

— Lembras-te de mim? O proprietário rural francês? Tenho de me dar com os meus vizinhos, não?

— A história é sempre a mesma em todas as outras joalharias visadas — explicou o inspetor. — As três mulheres com máscaras de Marilyn Monroe, duas altas, uma mais baixa, todas com cabelo loiro comprido, com casacos de peles muito bons, vison, mas topo de gama, embora não identificáveis por *designer*, até para o olho experiente do gerente da loja que percebe desse tipo de coisa. Os casacos eram compridos, até ao tornozelo, e de uma cor escura. Usavam luvas cirúrgicas. Encontraram um único fio de cabelo loiro num dos balcões de vidro. Era cabelo humano, mas com toda a probabilidade de uma peruca.

— Nunca tiraram as máscaras, nem na rua depois de saírem?

— Não que algum dos empregados tivesse visto.

— E não viram o carro em que fugiram?

— Ninguém o viu bem, embora o gerente acredite que era um género de

carrinha, do tipo que tem portas deslizantes. Têm de entender que as empregadas estavam todas em estado de choque; a amiga encontrava-se estendida no chão com o rosto estilhaçado por um tiro, sangue borrifado por todo o lado, até nas suas roupas. Não se encontravam propriamente em estado de reparar em pormenores, receavam pela vida.

— Aposto que sim — retorquiu Mac. — Alguém descreveu a arma?

— Luzidia. Muito pequena. Uma pistola, foi como a descreveram.

— Uma pistola com grande poder de fogo — replicou Mac, recordando os efeitos daquela bala.

— O departamento de balística está a trabalhar no caso, mas parece que será com toda a probabilidade de calibre nove milímetros.

Ron estava outra vez a ligar do seu *iPhone*.

— O que estás a fazer? — perguntou Mac.

— A mandar reabastecer o *Cessna*.

Calculo que vamos partir para Paris.

Mac pensou em Sunny e em como tinham ficado as coisas entre eles. Podia ir-se embora assim? «Boa sorte», dissera ela. Sabia que Sunny entenderia.

E precisaria dessa sorte.

EDDIE REGRESSARA CEDO DE HAMBURGO. Tomou duche, vestiu umas calças de sarja informais e uma camisola de caxemira de decote em V azul-escura. Sem olhar para o espelho, penteou para trás o cabelo ainda molhado que era comprido o suficiente para cair de forma suave na nuca. Não havia dúvida que Eddie era um homem atraente. Não que pensasse muito nisso e, desde que o seu casamento se desintegrara e Jutta se distanciara, tinham existido algumas diversões agradáveis, mas ninguém que envolvesse os seus sentimentos como Sunny conseguira.

Sunny não lhe devolvera a chamada.

Calculou que isso significasse que o que nunca existira propriamente terminara.

Isso não o impediu de ter esperança de a encontrar no bar e falar com ela, mas quando lá chegou o sítio já se esvaziara, só tinham ficado alguns casais e grupos de homens de negócios. Ainda era cedo e estava tudo tranquilo. Viu a ruiva, de cujo nome não se conseguia recordar, sentada no bar a fazer-lhe sinal.

Observou-a a virar-se para o empregado do bar, pedir qualquer coisa e depois acenar-lhe outra vez, inclinando a cabeça de forma chamativa.

Querendo evitá-la, Eddie hesitou. O que deu a Kitty tempo suficiente para deixar cair o pequeno comprimido na vodca com gelo que já pedira para ele.

O comprimido era conhecido, por uma boa razão, por droga de «violação», porque, passados apenas alguns minutos, a vítima ficava atordoada. Kitty sabia que Eddie seria manipulado com facilidade. Sentir-se-ia fraco e como se estivesse bêbado. Teria dificuldade em pensar de forma coerente ou até em mexer-se ou falar. Claro que a droga era também perigosa, a descida da pressão arterial podia provocar a morte súbita.

Porém, Kitty afastou a ideia da cabeça.

Para o que tinha em vista, era ideal. O comprimido na bebida resultava sempre, borbulhava durante meio segundo e depois desaparecia, não tinha sabor e não era detetável.

Kitty tinha já quase perdido a esperança quando Eddie entrara, tal como desejara, porque tinha a armadilha montada e, naquela noite, estava pronta para a ação. Kitty era uma profissional, sabia exatamente o que fazer.

Deslizou do banquinho do bar e aproximou-se de Eddie. O vestido de seda agarrava-se às coxas largas e agitava-se à volta dos joelhos. Pousou-lhe a mão no braço.

— Parece um homem com necessidade de uma mulher como eu — disse suavemente. — Venha, Eddie, sente-se aqui comigo. Vamos conversar.

Moído, triste, cansado da vida e vulnerável, Eddie foi com ela.

— Esteve fora em trabalho? — perguntou Kitty, pedindo uma terceira cerveja para si e um terceiro *Red Bull*.

Sabia que bebia muito, mas jurava que nunca a afetava, exceto que lhe soltava a língua, o que enfurecia Jimmy porque falava de mais e isso era perigoso. Mas esta noite isso não importava. Sabia o que estava a fazer e os intermináveis *Red Bull* davam-lhe uma pedrada de cafeína que lhe punha a adrenalina a correr pelas veias e, com as habituais cervejas, que adorava e bebia da garrafa, tinham um efeito tremendo.

Observando Eddie a bebericar a sua vodca adulterada, Kitty sorriu.

— Estive em Hamburgo — respondeu Eddie.

A ruiva tinha outra vez a mão no seu braço. Fitou-a com ar desaprovador, mas depois encolheu os ombros. A mulher estava só a ser simpática com ele. Cruzaram olhares e ela afastou os olhos com recato.

— Hamburgo — disse, falando tão baixinho que ele teve de se inclinar para perceber o que ela dizia. — É uma cidade muito sexy, conheço-a bem. Há lá clubes de *swing* que satisfazem todas as necessidades. — Levantou os olhos e fitou-o de novo nos olhos. — Todos os desejos — acrescentou com suavidade.

De repente, Eddie não conseguiu ver mais nada senão a cara dela, não conseguia focar mais nada. Passado um longo momento, desviou os olhos.

Parecia que bebera a vodca com demasiada rapidez e viu que Kitty esvaziara a sua cerveja como se fosse *Coca-Cola*.

— Não frequento clubes de sexo — retorquiu.

— Mas, Eddie, não sabes o que perdes.

Gosto de ir a esses clubes, gosto que homens que não conheço, perfeitos desconhecidos, se atirem a mim, gosto quando me tocam sexualmente... claro que nunca uso cuecas. Sou tão sexy, Eddie. Não te excita quando falo disto?

Não queres saber mais pormenores? Sei que na realidade és um *voyeur*, um homem que gostaria de me ver a fazer coisas.

Eddie não conseguia acreditar no que ela estava a dizer; nem se conseguia lembrar de como se metera naquela conversa ou o que estava ali a fazer.

Sabia que precisava de ir embora, contudo, não tinha força de vontade.

Deixou que ela pedisse outra bebida.

— É divertido — continuou Kitty, afofando o cabelo cor de chamas e bebendo outro gole da garrafa de cerveja. — Mas, porque estamos, tu e eu, a falar de sexo, Eddie Johanssen, quando aposto que do que na realidade precisas é de comida.

Observou Eddie a pegar no copo e a esvaziar a segunda vodka. A mão dele tremia.

— Fazemos o seguinte — disse, naquele sussurro premente, comprimindo o peito junto ao braço dele. — Vamos para minha casa. Preparo-te uma refeição caseira.

Aposto que não pensavas que eu seria boa cozinheira, pois não? Mas faço as almôndegas mais deliciosas que já comeste, mesmo na Suécia. Pomos uma música a tocar, bebemos um vinho e garanto-te que logo, logo, te vais sentir bem outra vez.

Naquele preciso momento, Eddie sentia-se cansado. Queria levantar-se e sair, mas as suas pernas não se queriam mexer.

Kitty lançou alguns euros sobre o balcão. Tinha de agir com rapidez para conseguir levá-lo para o seu carro. Pôs um braço à volta de Eddie e passou o dele pela sua cintura. Juntos, saíram do bar.

O empregado do bar seguiu-os com os olhos. Ainda magicou no que se passaria ali, mas, de algum modo, calculou que já adivinhava.

KITTY CONDUZIU ATÉ AO SEU APARTAMENTO. Acendeu todas as luzes e todos os candeeiros. A iluminação vertical lançava um brilho ofuscante que feriu os olhos de Eddie.

Kitty deixara as cortinas abertas e o jardim encontrava-se também iluminado.

— Isto aqui parece o *set* de um filme — protestou Eddie, mas Kitty riu-se e disse que gostava de ver o que estava a fazer.

Abraçou-o e comprimiu os lábios contra os dele. E desta vez não foi apenas «uma sugestão» de língua; foi mesmo língua. Esfregou o corpo contra o dele.

— És tão maravilhoso — sussurrou, a respiração quente no ouvido dele. — Sinto-me tão atraída por ti. — Pegou-lhe na mão e colocou-a debaixo da saia dela. — Sentes como estou excitada por ti, Eddie?

Ele fitou, espantado, os olhos azuis de serpente de Kitty.

— Gostas disto, não gostas? Sei que gostas. És como eu, lá no fundo um *voyeur*. Quero que vejas o que eu faço, Eddie. Depois ensino-te.

Eddie afastou-se dela e, preocupada, Kitty pensou que ele parecia estar a ficar mais forte. Tinha de lhe dar mais droga. Esmagaria os comprimidos e pô-los-ia nas almôndegas. De qualquer modo, gostaria de ter sexo com ele, só pela experiência.

— Um rapaz tímido — riu-se. — Ou talvez tenhas apenas fome.

Conduziu-o ao sofá branco à esquerda da mesinha de café. Eddie deixou-se cair nele, mas ela puxou-o.

— Não, aí não — disse com firmeza. — Senta-te aqui. É aqui que te quero. — Fê-lo sentar com cuidado no outro sofá à direita, para que a câmara de vídeo o pudesse apanhar de forma direta. — Agora vou pôr música, vou buscar-te uma bebida e servir-te as minhas almôndegas suecas caseiras. É a minha especialidade, estranho seres sueco, não achas? — acrescentou,

inclinando-se para acariciar o rosto confuso de Eddie.

Levantando os olhos com ar embrutecido, Eddie descobriu que lhe agradecia. Ela foi pôr um CD a tocar.

Ele gemeu. Seria mesmo Engelbert?

Detestava-o, mas nem sequer conseguia arranjar força suficiente para trocar o CD. O que estava ali a fazer? Não queria ter nada a ver com ela.

Kitty reapareceu da cozinha, com um copo de vinho tinto e um grande prato branco com uma única almôndega a que acrescentara o comprimido esmagado de *Rohypnol*.

— Prova esta — sugeriu, oferecendo-lhe o seu melhor sorriso de dentes salientes.

— Se gostares, sirvo-te mais.

Ficou ali à espera e, ignorando a cilada, ele comeu-a. Já drogado com o comprimido que ela lhe enfiara na vodca, Eddie era um homem sem vontade própria. Faria o que ela dissesse.

Kitty sabia que em breve ele ficaria completamente em seu poder. Podia fazer o que quisesse. Pô-lo-ia em posições comprometedoras frente à câmara de vídeo escondida. Eddie acordaria no sofá dela na manhã seguinte, sem saber de nada, e ela dir-lhe-ia apenas que bebera de mais e que adormecera. Bem, a câmara de vídeo estava ligada e a iluminação era forte; Eddie tomara as drogas. Tinha de tratar do resto.

— Põe-te à vontade. — Içou-lhe as pernas para cima do sofá e colocou-lhe o copo de vinho na mão. Depois deixou-o.

Eddie sentia-se muito estranho. Teria bebido de mais? Devia pedir água, isso faria com que se sentisse melhor. Os seus pensamentos eram lentos; era como se estivesse a viver num sonho. Queria levantar-se, mas não conseguia sequer mexer as pernas. Não gostava da forma como se sentia.

Ouviu Kitty pronunciar-lhe o nome e levantou os olhos. Ela fazia pose na soleira da porta, com cuecas padrão leopardo, um *top* interior curto de cetim azul e um sutiã chumaçado que lhe empinava e avolumava o pouco que tinha. De forma incongruente, calçava os sapatos *Louboutin* de pele preta com as solas vermelhas que se usavam para o dia. As pernas cintilavam de óleo e trazia um pequeno saco de viagem.

Ajustou a pose *sexy*, joelho direito para dentro, depois rodou e ofereceu-lhe a vista por trás. Celulite, realçada pela iluminação crua, enrugava-lhe as coxas.

— Isto é tudo para ti, Eddie, querido — sussurrou em tom gutural. — Sinto-me tão atraída por ti. Estou a apaixonar-me por ti. És tão maravilhoso. Desejo-te tanto.

Preciso de ti.

Ajoelhou-se diante dele, tirou-lhe o copo de vinho da mão, inclinou-se e beijou-o. Com lentidão. Eddie não retribuiu o beijo. Só conseguia olhar, admirado, quando ela despiu as cuecas e fez pose à frente dele, a sorrir.

— Não te excita? — Kitty estava agora no seu elemento, exibindo-se diante dele.

Atónito, Eddie fitou-lhe o entrepernas sem pelos, as coxas rechonchudas e a barriga das pernas magras. Kitty parecia uma velha galinha depenada com excesso de peso. De repente, Eddie explodiu numa gargalhada.

Kitty ferveu de cólera. *Não era assim que a coisa devia correr.* Ele ainda se ria, desenfreado. Ela empurrou-o para trás no sofá. Os pequenos olhos azuis cravaram-se nos dele, malévolos, pontinhos de veneno.

Abriu o pequeno saco de fim de semana que continha o seu arsenal de brinquedos sexuais: um vibrador azul; lubrificantes; óleos; loções; algemas; um chicote; uma máscara de cabedal e uma coleira cravejada; revistas sadomasoquistas.

Eddie estava a ter dificuldade em focar o olhar. Kitty era tão erótica como o Ratte que lhe dera o nome e, contudo, de algum modo, não conseguia fazer nada.

Sentia-se impotente e não conseguia afastar-se dela. Então, muito de repente, tombou para trás, para a escuridão.

Kitty verificou-lhe o pulso. Um pouco lento, mas não de forma perigosa.

Mesmo assim, Eddie era um homem em boa condição física, era mais forte do que as suas outras vítimas e não tinha a certeza de quanto tempo ficaria inanimado. Tinha de trabalhar depressa.

Ele parecia quase demasiado pesado para movimentar, quando o despiu, arrastou para o local especial no sofá em frente à câmara de vídeo e depois se posicionou junto dele.

Colocou Eddie em várias poses diferentes e estava a suar ao fim dos quinze minutos de esforço sexual, antes de desistir por fim. Desejava ter insistido para Jimmy se esconder no quarto para a ter podido ajudar. Porque teria de ser ela a fazer o trabalho todo?

Podiam depois ter editado o vídeo e eliminado Jimmy das imagens.

Embora, claro, Kitty tivesse de aparecer.

Era importante para o seu plano de chantagem que o rosto *dela* estivesse mesmo ao lado do de Eddie; que, para quem visse as fotos ou o vídeo, parecesse que Eddie estava a ter sexo com ela e que a coisa envolvia sadomasoquismo. Isto é, sobretudo para Ms. Jutta Johanssen, mãe dos dois preciosos filhos de Eddie Johanssen.

Eddie morreria por aquelas crianças.

Ou, se não morresse, então sem dúvida que pagaria muito dinheiro para os salvar da vergonha e humilhação. Os meios de comunicação adoravam um bom escândalo sexual envolvendo um homem rico e poderoso. Eddie era o *jackpot* de Kitty.

Olhando para ele, quase desejou que tivesse estado acordado tempo suficiente para ter participado, embora sem vontade. Sentia-se humilhada por saber que ele não a desejara. Teria apreciado tê-lo feito entrar no jogo, tê-lo feito pensar que era um semideus sexual e o único homem que ela alguma vez desejara. Estava a ficar demasiado velha para aquilo funcionar. Não valia de nada dizer aos homens que engatava no clube que o «companheiro», Jimmy, achava que ela era bela e que adorava o corpo dela; e que o sexo entre eles era «maravilhoso». A verdade era que tudo o que Jimmy queria era ver os vídeos de Kitty a fazer sexo com outros homens nos clubes. Gostava de lhe tirar aí fotografias para contemplar depois.

Jimmy era demasiado como Kitty.

Estas fotos de Eddie eram dinheiro em caixa. Jimmy e ela podiam voltar a Espanha, a Marbella, e abririam aquele pequeno bar de que ele falava com frequência.

Como proprietária, conheceria aí montes de homens. Podia até abrir o seu próprio clube de *swing*.

Kitty riu-se quando pensou como isso lhe calharia às mil maravilhas.

Ainda se ria quando Eddie voltou a si.

Deixou-se cair ao lado dele no sofá, com um copo de vinho tinto na mão, meio despida embora ainda a usar o sutiã e o *top* de cetim porque tinha vergonha do seu corpo envelhecido e seios pequenos descaídos.

QUANDO A VIU , Eddie agradeceu a Deus o facto de ela não estar completamente nua. Depois, à medida que recuperava a consciência, perguntou-se por que *razão* Kitty estaria *meio* despida. Abanou a cabeça. Não

quereria esta mulher, nem que ela se atirasse a ele. O que, de forma ominosa, começou então a acreditar, fora o que ela fizera.

— Fica aí, Eddie — sussurrou Kitty. O seu hálito cheirava a vinho tinto bafiento. — Bebeste demasiado, *chéri*.

Volta a dormir, deixa Kitty tratar de ti.

Mais tarde, ajudo-te a recordar como és bom amante e como eu sou boa.

Riu-se quando Eddie a empurrou. De alguma maneira, lá conseguiu pôr-se de pé. Kitty observou-o a vestir a roupa.

O riso dela foi tudo o que Eddie ouviu quando cambaleou porta fora e começou a andar. Não sabia onde estava. Nem sequer sabia *quem* era. Passou uma hora, talvez duas. Era ainda bastante cedo, mas não tinha uma noção clara do tempo. Por fim, a cabeça desanuviou o suficiente para fazer sinal a um táxi e dar ao motorista o nome do hotel. Era uma noite que nunca mais queria recordar.

E, de facto, quando Eddie despertasse na sua cama, não teria qualquer recordação da noite anterior, nem do que sucedera. Seria como se, quando tentasse lembrar-se, a sua mente tivesse um buraco negro para aquelas horas.

Que, por causa da droga de violação que Kitty Ratte lhe dera, era o que ela sabia que aconteceria.

QUANDO EDDIE REGRESSOU AO HOTEL era uma visão desagradável que sobressaltou Pru Hilson, que descia às escondidas no elevador à cata de qualquer coisa para comer.

Um lanchezinho *francês*, um pedacinho de bom queijo, uma fatia fina de baguete com manteiga francesa. O que é pequeno é belo, pensava consigo própria, lembrando-se das calças de ganga novas ao mesmo tempo que sentia crescer água na boca ao anteciper o sabor do queijo.

Como costumava ser com os *hot dogs*.

Ainda não ousava recordar os *hot dogs*.

Estavam trancados no seu banco de memórias juntamente com o marido do antigamente. Pru já não comia para preencher o seu mundo de fantasia; estava a apreciar a comida e não sentia peso na consciência com este pequeno lanche. Deixara Allie a dormir e, vestindo apenas o roupão e não esperando encontrar ninguém, Pru ia a descer no elevador para a zona da piscina, onde sabia que havia uma máquina dispensadora, quando o elevador parou, as portas abriram-se e o deslumbrante homem loiro entrou a cambalear.

Pru estendeu a mão para o impedir de cair para cima dela. Ele vinha num desalinho; a camisola estava vestida ao contrário e Pru não pôde deixar de reparar que as calças tinham o fecho desapertado. Preocupada, perguntou: — Precisa de ajuda?

— Nono andar — respondeu ele. A voz era um sussurro rouco.

Ela carregou no botão e o elevador voltou a subir.

— Não precisa mesmo de ajuda? Quer um copo de água, ou algo do género?

Os olhos dele concentraram-se nela, mas Pru percebeu que não a via.

— Obrigado — retorquiu ele.

O elevador parou e Eddie Johanssen saiu. Pru saiu também. Viu-o cambalear com lentidão pelo corredor vazio.

Pensou que devia estar muito bêbado.

Mas depois ficou a pensar. Um homem como aquele? O homem *perfeito*. *Nunca* poderia ficar bêbado.

Havia ali sem dúvida alguma coisa muito errada.

ESTAVA A FAZER-SE TARDE . Sunny encontrava-se com Allie e Pru —que desistira do seu lanchezinho depois do encontro com Eddie no elevador —quando Mac telefonou.

Fitando-lhe o rosto afogueado, Allie disse: — É ele, já percebi.

Sunny ofereceu-lhe o seu sorriso secreto. Ainda não tivera oportunidade de lhes contar que Mac e ela estavam outra vez juntos, que tinham passado as últimas horas a fazer amor maravilhoso e que tudo estava bem no seu mundo.

— Olááá — sussurrou para o telemóvel.

— Olá, querida... — A voz de Mac era um dos elementos que a tinham feito apaixonar-se por ele; clara, baixa e sexy.

— Amo-te — sussurrou Sunny.

Allie e Pru nem se deram ao trabalho de fingir que não estavam a ouvir. Com os olhos arregalados, Pru levou uma mão ao coração e deixou-se cair para trás na cama.

— Também te amo — ouviram Mac dizer.

Sunny estava a enrolar uma madeixa do seu comprido cabelo preto, sorrindo com um pequeno sorriso íntimo. Pru olhou para Allie que revirou os olhos.

— Preciso de ti, Mac — segredou Sunny. — Quero-te. Quero estar na cama contigo. Estou longe de ti dez minutos e fico maluca...

— Oh, meu Deus, Sunny, sabes que sinto a mesma coisa, sabes isso...

Sunny fechou os olhos. Allie e Pru lançaram uma olhadela apreensiva uma à outra.

— Há aí algures um *mas* — replicou Sunny de súbito desconfiada. — O que me vais dizer?

— Estou na *préfecture* com o inspetor e Ron.

— *Ron*? — Allie repetiu o nome do marido a pensar no que este teria a

ver com aquilo.

— Ron veio até cá ajudar-me a resolver as coisas contigo — explicou Mac.

Satisfeita, Sunny disse: — Bem, parece que não precisava de vir, mas tenho a certeza que Allie vai ficar contente por ele estar aqui.

Allie levantou-se, de braços cruzados no peito, parecendo intrigada.

— Diz a Allie que Ron manda um beijo e que fala com ela quando regressar de Paris.

— Paris? — Desanimou.

— Sunny, amor...

Sunny não queria ouvir o que sabia que Mac iria dizer a seguir.

— Escuta, querida — continuou ele de qualquer maneira. — Estou a falar de Yvonne Elman. Há uma mulher em Paris, trabalhava na joalharia. Um dos ladrões agrediu-a com a arma. Ficou com o rosto muito ferido. Acabou de ter alta do hospital e não quer falar com ninguém, diz que não se lembra de nada.

Tenho esperança que exista alguma coisa subliminar que possa saber, alguma coisa que queira esconder até de si própria porque não quer recordar o sofrimento.

— Então disseste ao inspetor que irias falar com ela, ver se ela fala contigo...

— Querida, que outra coisa podia fazer?

Sunny inspirou fundo. Não acabara de lhe dizer que compreendia o que ele fazia?

— Claro que deves ir. Só espero que haja alguma coisa que possas fazer para ajudar a polícia a encontrar o assassino.

— Acredita, não foi por isso que vim até cá, Sunny, sabes isso. Vim porque queria encontrar-te, queria estar contigo.

— Mac. — A voz era um sussurro que até Allie e Pru, na expectativa, não conseguiram ouvir. — Só quero estar contigo. Amo-te.

Aliviado, ele respondeu: — Telefone de Paris.

— Okay.

— Se precisares de mim, basta ligares, okay?

— Okay.

— E amo-te. Lembra-te disso.

— Vou lembrar-me.

Fechou o telemóvel.

Allie dobrou os braços com mais força no peito.

— Então, muito bem. Duas coisas.

Voltaste para Mac? E que está Ron a fazer aqui?

— Voltei. Ia contar-to quando ele telefonou. E Ron veio a Monte Carlo para ajudar Mac a ficar outra vez comigo. Agora vão ambos para Paris para investigar o roubo das joias.

Allie suspirou.

— E eu pensei que o tinha deixado em casa a tomar conta da cadela. Devia ter adivinhado que ele iria arranjar problemas.

Pru afundou-se na beira da cama.

— Acalma-te coração — gritou, levando uma mão ao peito. — Estou a viver numa novela romântica.

Todas se riram e depois Allie disse que estava muito contente por Sunny, muito contente por Mac e que raio teriam estado a pensar para se terem afastado um do outro. Deu um abraço a Sunny, Pru levantou-se e fez o mesmo e depois todas choraram um pouco e Allie sugeriu abrirem uma garrafa de champanhe.

— Vamos sair para comemorar — sugeriu Pru, surpreendendo-as.

Concordaram e olharam rapidamente umas para as outras para decidirem se precisavam de trocar de roupa.

Allie vestia umas *Levi's* dobradas por cima de botas pontiagudas pelo tornozelo, uma *T-shirt* branca e um colete peludo que parecia ter sido retirado a um cordeiro artificial da Mongólia nos anos sessenta. Allie andava numa de roupa *vintage* e a época do *rock-and-roll* era a sua favorita. Os fios felpudos de um branco-acinzentado da «pele» enredavam-se com o seu comprido cabelo loiro liso, que prendeu célere atrás sem pensar sequer como ficaria.

Sunny estava toda de preto: *leggings*, um vestido camisola de decote em V e as famosas botas pretas; não as *UGG*, mas aquelas que quase tinham sido presente de Natal. A maquilhagem desaparecera e o cabelo ainda apresentava um aspeto emaranhado *sexy*.

Passou-lhe os dedos, sem se preocupar muito. Sentia-se fantástica.

Pru também vestia uma camisola que Allie descobrira para ela. De um azul-jacinto com uma cintura império, justa debaixo do peito e depois mais solta por cima das partes que ainda eram o que Pru denominava «uma maçada». Desde que Pru se apaixonara pelo desconhecido Eddie Johanssen, estava decidida, mais do que nunca, a livrar-se daquela «maçada». Nada

melhor do que um homem para nos fazer querer ter bom aspeto, apesar de Pru saber que lhe faltava um longo caminho a percorrer.

Mesmo assim, os seus sapatos vermelhos *Chanel* ficavam estupendos com as novas calças pretas que não lhe esborrachavam as coxas e que, de alguma maneira, a faziam parecer mais esguia. Allie dera-lhe um dos seus batons, o *Nude Blush*, de *Yves Saint Laurent*, e Pru confidenciara a Allie que, durante muito tempo, seria a única parte dela que ia ser vista *nua*. Depois de ter encontrado Eddie, mesmo naquele estado esquisito, desejava que não fosse assim tanto tempo.

Com *Tesoro* pela trela, à espera do elevador, Pru confessou-lhes: — Aconteceu-me uma coisa muito estranha esta noite.

— A *ti*? — Allie estava espantada.

— Bem, não a mim propriamente, mas àquele sueco deslumbrante. Eduardo Johanssen.

Sunny lançou um olhar fulminante e culpado a Pru, que continuou: — Já o vi antes, a entrar e sair do elevador, no vestíbulo, esse tipo de coisa e, quero dizer, o homem é *deslumbrante*. Acham que nos podemos apaixonar por um homem que nunca sequer conhecemos? Ou pelo menos que não conhecemos *realmente*?

O elevador chegou e entraram.

— Pru, por amor de Deus, para com essa algaraviada e conta-nos o que queres dizer com «apaixonar» e «uma coisa esquisita» — pediu Allie.

— Conto-vos depois — tartamudeou Pru, consciente do outro casal no elevador.

— Graças aos céus também que não vamos para aquele bar — disse Allie quando atravessaram o vestíbulo, embora Pru lançasse um olhar ansioso nessa direção, a pensar que talvez Eddie pudesse lá estar.

Deixaram a cadela com o pacote para este a passear.

Era impossível Allie Ray não ser reconhecida. Bastou passarem por baixo daquela famosa abóbada de vidro *art nouveau* para as portas do casino se abrirem quase como por magia, lhes arranjam uma mesa, lhes trazerem champanhe.

Por vezes, ser uma celebridade não era mau, comentou Allie, sorrindo e agradecendo, embora Pru achasse que não existia ninguém que se comportasse menos como uma celebridade do que Allie. A sua amiga era justa, despretensiosa e queria muito manter a sua privacidade, e fora por essa

razão que Pru ficara tão zangada quando apanhara aquela cabra da Kitty Ratte a tirar fotos a Allie com o telemóvel.

Pru fitou Sunny quando se acomodaram numa pequena banquetta.

— Estás com um ar maravilhoso esta noite — disse com sinceridade.

— Estás com aquele «brilho». — Allie sorriu.

— *Que* brilho? Que queres dizer com isso? — perguntou Pru e depois corou quando elas sorriram apenas. — Ooh, oh, perdão, não percebi... oh, raios, Sunny, sorte a tua.

— A tua vez chegará — retorquiu Sunny, apertando com força a mão de Pru. — Já estás com um aspeto diferente.

— E amanhã vais ficar loira — acrescentou Allie de forma encorajadora.

Era verdade, Pru estava mesmo com um aspeto diferente. O rosto estava menos redondo e o peito estava agora contido na camisola que lhe assentava bem e que fazia mais pela sua silhueta do que aqueles cafetãs largos horríveis.

«Se tens, pavoneia», era o novo lema de Allie para Pru e, embora não pavoneasse propriamente os seios, pelo menos agora Pru reconhecia a sua existência.

— Alguém bebe outra coisa além de champanhe em Monte Carlo? — perguntou Pru.

O champanhe não marcara de forma significativa a sua vida anterior; um copo ocasional em casamentos, circunstâncias do género, mas nunca apenas pelo simples prazer de o beber.

Passou uma mão pelo cabelo castanho mole a pensar no que sentiria no dia seguinte quando ficasse loira.

— Bebem *Cosmopolitans* no verão. Em Saint-Tropez. Ou pelo menos eu bebi — respondeu Sunny.

— Então o que aconteceu com o desconhecido atraente?

— Eu ia no elevador sozinha esta noite quando ele parou no vestíbulo — disse Pru.

Allie ergueu uma mão.

— Desculpa lá, mas o que andavas a fazer sozinha no elevador?

— Estava só com tanta fome, raios — retorquiu Pru na defensiva.

Allie enfiou o rosto entre as mãos e gemeu.

— Ia só ver se conseguia comer um pouco de queijo, uma fatia *fin*a de baguete. Precisava do sabor... quer dizer, Allie, estava só com a merda da

fome...

Allie inclinou a cabeça para o lado e fitou Pru com intensidade.

— *Nunca* dizes palavrões. Por isso, deves ter *mesmo* querido comer.

— Acredita, estava com fome.

— Conheço a sensação. — Sunny mostrou-se compreensiva. — Acredita, já comi sacos de *M&M* quando tudo o resto parecia não resultar. Deslizam pela garganta abaixo, primeiro aquele pequeno crocante e depois sentes que não comeste nada. Queijo é muito mais saudável. Estás a ver, aprendeste, Pru.

— E então Eddie Johanssen? — Allie pegou na mão de Pru de forma encorajadora.

— Bem, foi uma coisa estranha. Esse homem bonito, sabem como ele é, tão atraente, tão vivido, tão controlado...

bem, deixem-me dizer-vos que esta noite não era. Eddie Johanssen *cambaleou* para dentro daquele elevador. Tive de estender os braços para o impedir de cair para cima de mim. — Pru fez uma pausa enquanto elas esperavam com ansiedade pelo que ela diria a seguir. —Tinha o fecho das calças aberto.

Allie gemeu.

— E para que estavas a olhar lá para baixo?

— Ooh, sabes como é, foi só um desses olhares de passagem, quer dizer, o tipo quase caiu em cima de mim. E a camisola estava vestida ao contrário. E articulava mal as palavras. De facto, mal se conseguia aguentar direito. E, quando perguntei se precisava de ajuda, ele respondeu apenas obrigado. Nem sequer conseguia focar bem os olhos.

Creio que nem sequer viu a minha cara ou percebeu quem eu era. Premi o botão para o nono andar por ele e ele tropeçou quando saiu. Viu-o a cambalear pelo corredor até ao quarto.

— E depois o que fizeste?

— Depois voltei a entrar no elevador e fui buscar o meu queijo e as bolachas de água e sal.

— Ambas as coisas! — exclamou Allie furiosa com ela agora.

Mas Sunny estava a pensar em Eddie, não em queijo e bolachas de água e sal.

Querido Eddie; o seu salvador, o seu mentor; um homem pelo qual se apaixonara um pouco e que acreditava se apaixonara por ela também. Era

uma situação tipo «o que poderia ter acontecido» e nem sequer lhe telefonara ainda, nem sequer lhe deixara uma mensagem, nem pedira desculpa, agradecera, dissera «adeus, nunca te esquecerei».

Fora-se simplesmente embora. Cabra egoísta que era, como pudera ser tão cruel? *Tão* cruel que Eddie saíra e se fora embebedar, tudo por causa dela.

— Conheço Eddie — disse numa vozinha baixa.

Elas viraram-se para olhar para ela.

— O que queres dizer com «conheço»?

— Estive apaixonada por ele, um bocadinho, só durante alguns dias...

Allie gemeu.

— Sunny, estás a dizer que ele era o outro homem?

— Conheci-o no voo para Paris, ele deixou-me chorar no ombro dele, não quis que eu ficasse em Paris por causa da neve, era Natal e estava sozinha e ele também. Reservou-me este hotel em Monte Carlo e depois...

— E depois o que aconteceu? — Allie ergueu a mão, palma para fora, para impedir Sunny de responder. — Não, não, é melhor que eu não saiba para não ter de mentir a Mac.

— Mas *não* tens de mentir, quer dizer, não aconteceu nada... Bem, nada mais do que um beijo. Entre amigos, claro.

— Claro. — Allie lançou-lhe um olhar fulminante. — Porque merda não me contaste tudo isto antes, Sunny? Pensei que estivesses a morrer de amor por Mac.

— Estava. *Estou*. Não aconteceu nada.

— *Beijaste* Eddie Johanssen — disse Pru com uma voz que era quase um suspiro. — Oh, meu Deus, *beijaste* Eddie Johanssen.

— Só entre amigos — retorquiu Sunny com firmeza. — Podia ter sido o início de alguma coisa, mas depois Mac chegou...

— continuou, de forma mais sincera.

— Mac veio procurar-te — lembrou Allie.

— Oh, meu Deus, recordo-me da cena no bar — comentou Pru. — Mac entrou e tu foste com ele sem olhares sequer para trás. Era quase como se existisse um letreiro por cima das vossas cabeças a dizer «Somos amantes». E deixaste Eddie ali sentado no bar sem sequer um olhar. E depois Kitty Ratte atirou-se a ele. Eu vi.

— Pobre sacana — retorquiu Allie, percebendo como Sunny se portara mal.

— Lamento muito — disse Sunny. — Não consegui evitar. Eddie é simpático, é amável, eu estava sozinha, perdida...

— E ele é muito *sexy* — exclamou Pru.

Viraram-se para olhar espantadas para ela e Pru acrescentou com rapidez: — Pelo menos parece.

— Também estás apaixonada por Eddie? — perguntou Allie, atirando as mãos ao ar.

— *Eu* não estou nada apaixonada por ele — replicou Sunny, célere. — Quer dizer, poderei ter estado... mas agora não estou.

— E eu nem sequer o conheço — disse Pru com ar virtuoso, alisando a sua camisola de um azul-jacinto. — Não é possível, ou é, estar apaixonada por um homem com quem nunca se falou?

— Não, a não ser que sejas fã de uma estrela de cinema — respondeu Allie.

Sabia tudo sobre fãs desvairados.

— Bem, Sunny, então o que aconteceu com Mac? — Pru mudou rapidamente de assunto.

Sunny encolheu os ombros, meio a sorrir com a recordação.

— Caímos simplesmente nos braços um do outro, como sempre fazemos — retorquiu em tom sonhador. — Atirando com as roupas pelo caminho. Fazer amor com um homem que amamos mesmo a sério é diferente, Pru. É mais do que apenas sexo, sexo *maravilhoso*, meu Deus, podia devorá-lo; mas tem a ver com aquela química especial, a ligação que nos une, as coisas que não precisam de ser ditas, o abraçarmo-nos, a minha perna por cima da dele, o braço dele à minha volta. E depois...

— Depois... — sussurrou Pru. Nos seus anos de casada, nunca sentira nada do que Sunny acabara de descrever; nunca sentira a pura alegria de fazer amor, nunca fora abraçada assim... *depois...* —Que maravilhoso — continuou, melancólica, a ansiar por aquele depois.

— Então agora que vais fazer acerca de Eddie? — perguntou Allie.

Sunny puxou do *BlackBerry*.

— Vou já telefonar-lhe. Ver se ele está bem. E depois vou encontrar-me com ele, explicar tudo... Sabes. E agradecer-lhe por ser o homem que é. Um homem forte e um bom amigo em alturas de necessidade.

— Sorte a tua — observou Pru com suavidade.

Eddie não atendeu a chamada. Já era tarde. Sunny teria de tentar de novo

no dia seguinte.

Paris

CONTARA-LHES TUDO O QUE SABIA, agora queria esquecer.

Mas, quando Mac lhe telefonou pessoalmente e pediu se poderia conversar com ela, como conhecia o programa televisivo dele, concordou encontrar-se no Deux Magots, um café no *boulevard* Saint-Germain. Chamava-se Danielle Soris.

Mac esperava sozinho numa mesa da esplanada coberta. Estava muito frio, embora o sol brilhasse num céu azul, dourando Paris em beleza eterna apesar do eterno trânsito.

Danielle só concordara falar com Mac se ele estivesse sozinho, por isso Ron fora sentar-se a algumas mesas de distância, a ler com atenção o *International Herald Tribune* e a desejar que Allie estivesse com ele. Experiente agora em todas as coisas francesas, Ron pediu chocolate quente para se aquecer, uma coisa que Allie nunca o teria deixado pedir. Allie mantinha-o em forma, dizia que agora que tinham resolvido as coisas da sua vida, queria-o junto dela durante muito mais anos e que era melhor deixá-la preocupar-se com o seu colesterol. Estava a apreciar imenso o chocolate. Um prazer secreto.

Levantou a vista do jornal, piscou o olho a Mac. Erguendo a chávena para Mac ver como era o chocolate quente em França, disse: — Verdadeiro chocolate derretido.

Natas verdadeiras. Um verdadeiro paraíso.

Mac pediu um café duplo. Não dormira, estava preocupado com Sunny.

Despejou o café pela garganta abaixo e pediu outro. Ms. Soris estava atrasada; devia ter chegado às três e já eram três e vinte. Trânsito? Ou mudara de opinião?

Pensou em Yvonne Elman e esperou que fosse o trânsito. Ms. Soris era a única verdadeira testemunha e mesmo isso era duvidoso. Precisava de saber o

que ela vira, talvez apenas de forma subliminar, para além da figura mascarada que lhe desfechara um golpe que poderia ter sido fatal.

— Monsieur Reilly?

Danielle Soris vinha envolta num casaco de lã preta, calçava botas rasas de camurça preta, trazia um chapéu de pele estilo russo e óculos de sol. As cicatrizes do rosto tinham uma tonalidade rosa-escuro.

Entrara pela praça do outro lado do *boulevard*, a que tinha a igreja mais antiga de Paris, Église Saint-Germain-des-Prés. Mac pensou se teria estado a rezar.

— Claro que sei que é o senhor — disse Danielle em inglês. —
Reconheço-o do seu programa televisivo. Admiro-o muito, Monsieur Reilly.

Mac levantou-se e apertou-lhe a mão.

Disse que estava contente por ela ter vindo e puxou-lhe uma cadeira de verga para se sentar. Fitou-lhe o rosto e depois desviou com rapidez o olhar. De forma surpreendente, ela riu-se.

— Não se preocupe, toda a gente faz a mesma coisa. Estou a habituar-me a que as pessoas já não olhem para mim.

— Então não se importa que lhe pergunte pela cirurgia? O que sucedeu?

— O que sucedeu, Monsieur Reilly, foi que o osso da minha face direita se fraturou em fragmentos minúsculos.

Algumas das lascas do osso penetraram na zona orbital. Não me recordo da dor, porque decidi não o fazer, caso contrário não conseguiria prosseguir com a minha vida.

Levou uma mão ao olho, onde o tecido delicado estava repuxado para cima para o olho poder fechar.

— Tenho enxertos ósseos na minha maçã do rosto — explicou. —
Dizem-me que um dia tudo se esbaterá e o lado direito do meu rosto começará a assemelhar-se de novo ao esquerdo. Até lá, este é o meu aspeto.

Tirou os óculos escuros e encarou Mac. Este olhou para o que fora, era óbvio, uma mulher muito bonita. Apesar dos enxertos, o lado direito do rosto parecia ter cedido.

Danielle Soris puxou o comprido cabelo castanho para a frente, voltou a colocar os óculos escuros e depois puxou o chapéu de pele mais para baixo na testa.

— Assim — comentou com um sorriso —quase que posso passar despercebida.

— Ainda é uma mulher bela, Madame Soris.

Ela encolheu os ombros.

— É o que os meus amigos me dizem.

Estou a admitir acreditar que possa ser verdade, porque, está a ver, *monsieur...*

Oh, por favor, permita que o trate por *Mac*. E claro que eu sou Danielle. Está a ver, Mac, é a única maneira que tenho de ultrapassar esta *ocorrência*, como lhe chamo agora. Tenho de deixar de pensar no assunto, tenho de o eliminar dos meus pensamentos quando durmo, proibir as más recordações, os sonhos, o medo.

Não posso deixar que o medo avance.

— Compreendo.

O empregado aproximou-se e ela pediu um copo de champanhe.

— Não se importa, pois não? — perguntou, erguendo o copo num brinde.

— Sinto necessidade de algo festivo.

Afinal, dentro de alguns dias será o Ano Novo.

— Então que seja eu o primeiro a desejar-lhe um Feliz Ano Novo. — Mac ergueu a chávena de café. — É uma mulher notável.

Danielle riu-se.

— Não, sou apenas uma mulher a tentar manter a sanidade mental. E a conseguir, por vezes. Mas está a ver, não está, Mac, que não posso falar do que aconteceu. Não posso visitar o sucedido. Não quero ouvir falar disso nunca mais, não quero pensar nisso, deixar que a minha mente se debruce sobre a questão. Não posso, muito simplesmente.

— Compreendo — retorquiu Mac. — Mas há uma coisa que preciso de lhe contar, Danielle. Sobre uma mulher jovem, como você, que não teve tanta sorte quando os ladrões apareceram com as suas máscaras de Marilyn Monroe.

Yvonne Elman ficou sem rosto. Alguém disparou contra ela, tirou-lhe a vida como quase lhe tiraram a si. Yvonne deixou um filho de dois anos e um marido que a chora. Prometi que faria o impossível para descobrir o seu assassino e, até ao momento, tudo o que tenho é o que você poderá, ou não, contar-me.

Danielle pousou o copo de champanhe. O ar estava frio e mantivera as luvas de um vermelho vivo. Tirou-as agora e colocou-as em cima da mesa, alisando a pelica macia. Mac reparou que os dedos tremiam ligeiramente e

que não usava anéis.

— Acredite que compreendo — disse com suavidade, pousando a sua mão sobre a dela para parar o tremor. A mão dela estava fria.

— É tão amável — retorquiu ela ainda sem sorrir. — Aquecer-me assim.

— É o mínimo que posso fazer.

— O contacto humano é muito necessário, muito... calmante — afirmou com um suspiro. — E fez-me sentir muito egoísta quando suponho que me devia sentir agradecida.

— Nunca precisará de se sentir agradecida pelo que lhe sucedeu.

— Então estou desnorteada. O que *deveria* sentir, Mac? Um peso na consciência pela pobre Yvonne morta?

Sabe que sinto. Só não sei como lidar com isso.

Mac apertou-lhe mais a mão em cima da mesa.

— Não se sinta obrigada a fazer nada.

Compreenderei.

Ela assentiu, voltando a empurrar o cabelo para trás.

— Só lhe posso dizer uma coisa.

Surge-me no pensamento quando não quero pensar nisso, quando estou na cozinha a fazer o café, ou uma sanduíche, está por trás dos meus olhos quando os fecho para dormir. Nem sequer tenho a certeza se o que vi corresponde à verdade ou se é uma ilusão da minha imaginação, razão pela qual nunca falei disso à polícia. É tudo uma mancha, um borrão... Mas a mulher com a máscara de Marilyn Monroe estava a apontar-me a arma. Era uma arma muito pequena e muito luzidia. Aço ou talvez cromada. Recordo-me que pensei, como às vezes fazemos de forma estúpida quando enfrentamos uma catástrofe, que era muito bonita. — Sorriu com tristeza para Mac. — Tem de se lembrar que estou no ramo da joalheria.

Reparo em coisas como essa.

— Estou contente por me ter contado. A família de Yvonne apreciará a sua ajuda.

— Só mais uma coisa. — Danielle retirou a mão. Voltou a calçar as luvas e depois esvaziou o copo de champanhe. — Estou a recordar-me agora, vejo-a perfeitamente na minha cabeça. Havia uma rosa com um caule grande gravada de ambos os lados do cano da arma, cinzelada de forma profunda naquele metal brilhante. Destacava-se, é por isso que me vem à memória. Uma rosa negra realçada a ouro. Era bastante bonita. Na realidade, muito

encantadora.

Fitou Mac nos olhos quando se levantou para partir. Ele levantou-se também e pegou-lhe nas mãos.

— Sim, agora tenho a certeza de que foi isso que vi e que não estou apenas a sonhar. Imagino que deva ser uma peça conhecida — acrescentou baixinho. — E é tudo o que lhe posso dizer.

Mac fixou o rosto desta mulher outrora bela, agora com cicatrizes para a vida toda.

— É muito corajosa, Danielle. E obrigado.

Ela assentiu e ofereceu-lhe um pequeno sorriso de despedida. O lado direito do rosto não se mexeu.

— *Bonne chance*, Mac Reilly — disse, virando-se e serpenteando pela floresta de pequenas mesas até à rua, onde logo se perdeu entre a multidão.

Ron apareceu por trás de Mac.

— Alguma sorte?

— Melhor sorte do que a pobre Madame Soris.

Mac voltou a sentar-se à mesa e pediu outro café. As suas terminações nervosas agitavam-se com o stresse de perguntas não respondidas, problemas não resolvidos, a visão da vida arruinada de uma mulher.

— A arma era uma *Kahr Black Rose*. A *PM 9*, apostó. É tal e qual o tipo de arma de que uma mulher gostaria, pequena, fácil de manejar, potente como tudo e com pouco coice. Aquela rosa negra destaca-se no metal, brilhante como um espelho, tão brilhante de facto que uma mulher poderia corrigir nele o batom. A rosa é realçada a ouro de vinte e quatro quilates. Exatamente o que uma mulher elegante apreciaria.

— Uma arma como uma peça de joalharia — disse Ron.

— Exato — replicou Mac.

Paris

MAIS TARDE, Ron e Mac jantavam no bar de La Coupole, não na sala de jantar principal com as mesas com as toalhas de mesa brancas. Pediram ostras, ostras de Belon, as favoritas de Ron, e cervejas, não champanhe.

— Acompanha muito melhor — comentou Ron, inclinando a cabeça para trás e fazendo deslizar um molusco prateado de uma concha nacarada pela garganta abaixo. — Oh, caramba, o sabor é extraordinário, parece que acabei de comer o mar.

— Pelo menos foi proteína — retorquiu Mac. — Podes descontar o fator sal, é natural.

— Há mais de onde estas vieram — disse Ron, pedindo outra dúzia. — Estas criaturas devem multiplicar-se mais do que coelhos.

— Não fazia ideia que os moluscos tinham vida sexual — volveu Mac, a sorrir.

— Bem querias ser um molusco sortudo como estes. — Ron sorriu em resposta. — Mas percebi que já não tens problemas a esse respeito. Sunny já te tem outra vez agarrado pelos tomates.

— Caramba, Ron! Se não fosses um bom amigo, estava tentado a enfiar-te esse molusco pelo raio da goela abaixo.

Ron encolheu os ombros, bebeu um gole da cerveja e mostrou uma expressão satisfeita.

— É porreiro. Agora, para ser um homem feliz, só preciso de um bom queijo, um bom pão e um copo de vinho tinto que saiba melhor do que a coisa que estou a produzir de momento.

Entretanto, não vale a pena perderes as estribeiras, Mac. Sunny é a tua mulher e não há mais nada a fazer. É a única razão por que estou aqui contigo e a minha mulher está lá com ela e agora, missão cumprida, vou para casa.

— Para casa? Porquê? Temos um crime para resolver.

— Esse é o teu trabalho, não o meu.

Nunca foi. Já não sou um magnata dos negócios. Sou um vinhateiro. Não sou um detetive.

Mac lançou-lhe um olhar fulminante.

— Pensei que estavas nisto até ao fim.

— Tenho uma mulher em casa, meu amigo. E tu tens uma mulher que ias pôr sempre em primeiro lugar. O que sucedeu a essa pequena ideia?

— Sunny vem mesmo em primeiro lugar. Ela compreende isto tudo, o assassinato absurdo, o rapazinho de dois anos sem mãe...

— Entende *isto*, Mac. São *todos* assim.

Mac emborcou a cerveja. Assentiu.

— Entendo. E Sunny também entende.

Chegámos a um acordo. Ela vem primeiro e o meu trabalho vem primeiro.

— Primeiro de iguais, hum? — Ron assentiu em resposta, sabendo o que ele queria dizer.

— A *Black Rose* é uma arma americana— explicou Mac. — Fabricada em Worcester, no Massachusetts. Teria de ter sido importada.

— Legalmente? Ou ilegalmente?

— É essa a questão, mas aposto que ilegalmente.

— Eu também.

Então como descobrimos quem a comprou?

— Fazemos perguntas ilegais —retorquiu Mac com um sorriso.

O telemóvel de Mac vibrou. Puxou-o do bolso, verificou quem estava a ligar.

Era o inspetor.

— *Ça va, mon vieux* — disse com esperança que fossem boas notícias.

— Mac, tenho uma informação. Como já sabe, existem boatos, mais do que boatos, *indicações* diria, de que o centro da venda de diamantes ilegais se mudou de Amesterdão e Istambul para os países dos Balcãs, especificamente Hungria, Polónia, a República Checa.

— Ouvi falar disso. — Mac estava a olhar para Ron, que o fitava, curioso.

— Há notícias, não confirmadas, de que talvez Praga seja o novo centro, que todos os roubos sejam organizados a partir daí. A minha informadora faz

parte de uma tribo de ciganos. Sem dúvida que a matarão se descobrirem que contou.

— Está diretamente envolvida?

— Afirma que não.

— E acredita nela?

— Não acredito. Mas compreende que não há nada que eu possa fazer. Eu quero a informação, ela quer a liberdade. Foi apanhada a jantar num restaurante grandioso, muito bem vestida, a exhibir dinheiro, grandes gorjetas, champanhe...

— Muito polémico — comentou Mac em tom seco. — E, a propósito, estava sozinha?

— Não, não estava sozinha. Tinha um convidado masculino, alguém que engatara num bar, um rapaz de aluguer, pronto para tudo desde que lhe pagassem.

— Que casal encantador.

— Pareciam ter milhares de euros — retorquiu o inspetor. — Ou talvez até mais.

— E libertou-a?

— Para meu pesar, sim.

— Alguma ideia de para onde foi?

— A nossa cigana apanhou o primeiro voo para Praga. E, a propósito, os ciganos já não vivem em grutas nem em caravanas. A nossa cigana vive num apartamento na Cidade Nova, em Praga.

O inspetor deu o endereço a Mac. Este apontou-o.

— Estarei lá amanhã.

Depois falou ao inspetor da questão da arma *Black Rose* e sobre o que Danielle Soris lhe contara e o inspetor retorquiu que ia já debruçar-se sobre o assunto.

Mac desligou o telemóvel e olhou para Ron. As sobrancelhas de Ron quase lhe chegavam ao cabelo.

— Então?

— Então, temos uma pista. Uma mulher cigana, vive em Praga, diz que é daí que os roubos emanam.

— Emanam — replicou Ron, pensativo.

— Uma palavra cara para um punhado de assassinos.

— Vou até lá amanhã — disse Mac.

— E eu vou para casa — retrucou Ron. — Desculpa lá, *mon vieux* — riu-se. — Estás a ver, falo francês tão bem quanto tu.

— Tão bem como eu — corrigiu-o Mac.

Ron deu-lhe um encontrão agastado e Mac quase se engasgou com a cerveja.

— Oh, come lá o raio de outro molusco e cala-te. Tenho de ir para casa. A minha cadela precisa de mim. O meu cavalo precisa de mim. A minha mulher, se alguma vez decidir largar o amor da tua vida, poderá ainda precisar de mim.

— Precisarás sempre. — Mac sabia.

— Sou um homem de sorte. — Ron já não sorria. — Graças a ti, Mac Reilly. E, escuta, vou até casa amanhã, logo de manhã. Vejo se os meus animais e as minhas vinhas estão bem, vejo se a casa não ardeu, falo com a minha mulher.

Depois encontro-me contigo em Praga no dia seguinte. Que tal?

— Um verdadeiro amigo — retorquiu Mac, fazendo o gesto de «dá cá mais cinco».

E depois Ron pediu um prato de queijos que fedia aos céus e sabia ao paraíso. O vinho tinto era escuro e bom.

Tinham uma pista; um destino; a vida estava a melhorar.

Só uma coisa. Mac tinha de dizer a Sunny que não voltava na manhã seguinte.

SUNNY ENCONTRAVA-SE EM FRENTE à série de portas altas, que conduziam ao terraço da suíte Rei Sol de Allie.

Allie e Pru estavam sentadas na beira da cama, a escorregar no edredão de seda, travando o deslizar com os pés, calcanhares fincados, dedos para cima, a olhar na expectativa para Sunny.

Esta estava ao telefone com Eddie Johanssen. Ou, pelo menos, ligara o número dele e agora escutava a sua mensagem. Não se apercebera antes que Eddie tinha aquele sotaque; a sua voz era encantadora, suave, clara, calma.

Como o próprio homem.

Brincou, nervosa, com a borla enorme que prendia os cortinados de tafetá de seda dourados, a pensar no que dizer.

Não podia dizer-lhe que queria vê-lo, embora, na verdade, devesse a Eddie essa cortesia. Mas era melhor para toda a gente, para ela e Mac, e para Eddie também, se o fizesse daquela maneira.

— Eddie, oh, Eddie, sou eu — disse apressadamente após o sinal sonoro. — Quer dizer, é Sunny. Fazia tenção de te telefonar antes, *mais cedo*, mas estive, bem estive tipo ocupada com coisas e...

— Inspirou fundo. — Bem, Eddie, queria só agradecer-te por me teres ajudado quando precisava tanto de ajuda. E agradecer-te por seres tão amável e tão... solícito e... bem, tudo o que tu és.

Nunca o esquecerei, Eddie, verdade que não. Mas, estás a ver, agora a minha vida voltou ao normal, encarrilou outra vez, suponho que se poderá dizer. Bem, voltei para Mac. E sabes que ele é o amor da minha vida. Precisava só de te dizer isto, Eddie, e agradecer-te por me teres ajudado, por seres tu...

A mensagem interrompeu-se e Sunny agradeceu a Deus.

Poderia ter continuado durante demasiado tempo, dito demasiadas coisas.

Assim, soltou um suspiro de alívio. Agora não havia mais segredos.

— Estive bem? — perguntou às duas mulheres que estavam sentadas de boca aberta a olhar para ela.

— *Bem?* — disse Allie por fim. — Parecias uma mulher apaixonada.

— Não parecia nada!

— Sim, parecias. — Pru passou uma mão distraída pelo cabelo curto cor de mel.

— Puxa a franja mais para a frente, Pru — ensinou Allie, passando os seus próprios dedos pelo novo corte de cabelo curto de Pru. — Está com um aspeto fantástico.

Pru espreitou para o espelho na parede oposta.

— Achas *mesmo* que está bem?

— Oh, por amor de Deus! — gritou Sunny. — Estávamos a falar de Eddie Johanssen!

— *Tu* estavas a falar dele — retorquiu Allie. — E ainda bem que deixaste uma mensagem e não foste ter com ele porque sei que lhe terias dado um grande beijo de despedida.

Sunny foi sentar-se ao lado delas na cama. Deixaram-se cair em fila, fitando o horizonte azul-escuro que era o Mediterrâneo.

— Claro que não o amo — disse após um longo silêncio. — Amo Mac. Não consigo viver sem Mac. Não fico completa sem Mac. Com Eddie, teria de ser outra Sunny, uma mulher diferente. — Pousou nelas os olhos aveludados e melancólicos. — Não podia fazê-lo. Não podia ficar Sozinha. E estar sem Mac era estar Sozinha. Nunca percebi o significado da palavra até que o deixei.

Estávamos sempre juntos, os dois, nunca apenas só um. Sempre.

— E agora estarão outra vez sempre — retorquiu Pru, a desejar poder sentir aquilo em relação a alguém. — Aliás, quando volta Mac de Paris?

— Amanhã de manhã. — Sunny sorriu para Allie. — Com Ron, calculo.

— Calculo. — O sorriso de Allie ligou-se ao de Sunny.

Deixada de parte, Pru observou-as com inveja.

Queria compreender aqueles sentimentos, perceber porque ficava uma mulher tão sozinha quando o homem que amava não estava com ela; por que razão as duas mulheres se ligavam no conhecimento do amor que possuíam. Como, pensou, se conseguia isso, se chegava aí, se conseguia amar e ser amada?

O telemóvel de Sunny tocou e ela agarrou-o de imediato, a sorrir. Claro que era Mac.

— Olá — atendeu, o sorriso ainda patente na sua voz.

Descaradas, as outras duas prestaram atenção.

— Praga? — ouviram-na dizer. Uma ruga vincava o espaço entre as sobrancelhas de Sunny. — Um dia? *Dois*?

Não tens a certeza. Mas é assim tão importante? — Assentiu, atirando para trás o comprido cabelo escuro, franzindo o sobrolho para o tapete dourado. — Eu sei, eu sei que concordei e compreendo. E, claro, Mac querido, é o que deves fazer. Acredita, estou a falar a sério.

As duas mulheres fitaram-se com olhares eloquentes.

— Então, Ron vai voltar para a vinha.

Sim, direi a Allie que ele telefona mais tarde. *Okay*, Mac. Sim, claro que te amo. — Sorriu e baixou a voz. — Amar-te-ei sempre, és o meu amante, quem mais faria amor comigo assim?

As sobrancelhas de Pru ergueram-se.

Olhou para Allie.

— Assim como? — sussurrou, mas Allie sorriu apenas.

Sunny fechou o telemóvel.

— Bem — disse sem rodeios. — Mac não regressa amanhã. Vai para Praga.

— *Praga*? — perguntou Allie.

— Tem uma pista, qualquer coisa que o inspetor lhe contou. Não entrou em detalhes.

Pru soltou um suspiro gigante e disse: — Então que vais fazer agora? Ficar aqui à espera que ele regresse?

Na verdade, o que Pru esperava era que Sunny não mudasse de ideias e mandasse ao diabo tudo e fosse procurar Eddie outra vez. Havia uma expressão vazia no rosto de Sunny, como se estivesse imersa em pensamentos profundos. Esperaram em silêncio pelo que se iria seguir.

Sunny estava a pensar em Maha. Tudo o que Maha lhe dissera lhe afluiu à mente, desde aquela primeira vez na noite do dia de Natal, no bar, quando a avisara contra Kitty Ratte; aos seus conselhos enviesados sobre «homens».

Maha conhecia-a. Compreendia que naquele preciso momento era necessário mais qualquer coisa em termos emocionais, para além de um simples desejo de afirmar a sua independência.

Sunny sempre fora independente, exceto nas sendas do amor. E o que precisava, agora, para seu *próprio* bem, não para provar alguma coisa a Mac, era de aproveitar aquela «oportunidade» na vida que Maha lhe oferecera.

— É isso. — Levantou-se e começou a andar de um lado para o outro no quarto, até à janela e outra vez de volta.

— Estás a pôr-me tonta — queixou-se Pru.

— Mas eu *conheço-te*, Sunny — disse Allie. — O que se passa? O que estás a tramar?

Sunny parou em frente das janelas, a silhueta recortada pela luz do candeeiro.

— Digo-vos o que estou a tramar, minhas queridas amigas. Eu, Sunny Alvarez, vou finalmente aceitar o conselho que outra mulher me deu.

Sabes o que ela disse? Agarra as oportunidades que a vida te oferece. E é isso exatamente que vou fazer. Chega de esperar por Mac. Vou tornar-me senhora de mim mesmo.

— E como vais fazer isso? — perguntou a prática Allie.

— Eu, minha querida e adorável deusa do cinema, vou a Bombaim.

— *Índia?* — ofegou Pru.

— Oh, não, não vais. — Allie levantou-se e agarrou Sunny pelos ombros. — Não podes fazer o que essa mulher te pediu.

— *Quê?* — gemeu Pru ainda sem perceber.

— Ela vai servir de correio para Maha Mondragon, fazer entrar joias de forma clandestina na Índia.

— Não é contrabando, é tudo perfeitamente legal. Maha tem os documentos todos. Sabes que nunca comprometeria a carreira de Mac fazendo uma coisa que não fosse legal.

Podes imaginar a machadada que seria na sua credibilidade!

— Não confio em Maha — retorquiu Allie, abanando Sunny para tentar inculcar-lhe algum juízo. — Há qualquer coisa errada naquele cenário todo.

Aliás, porque não leva ela as joias para a Índia?

— Está demasiado ocupada, tem de ir a Nova Iorque, a Hong Kong.

— E então aqueles satélites que tem em volta dela? — perguntou Pru. — Sabes, os dois tipos que parecem figurantes num filme italiano e a mulher alta que tem a mania que é tão importante que age como se mais ninguém existisse. Porque não levam *elas* as joias para Bombaim?

— Calculo que tenham outros trabalhos. De qualquer modo, está tudo

documentado — explicou Sunny pacientemente, embora lá no íntimo pensasse que era melhor confirmar outra vez tudo com Maha para ter a certeza. —É tudo às claras.

— E limpinho — retorquiu Allie, vencida.

— É só porque preciso de me pôr à prova a mim mesma, só desta vez — disse Sunny, embora Allie pensasse que já se pusera à prova muitas vezes no passado, incluindo quando descobrira o corpo de uma mulher num frigorífico numa *villa* da Toscana.

Sunny tinha tendência para arranjar problemas e Allie estava preocupada.

Mas não havia nada que pudesse fazer; Sunny já estava ao telefone com Maha.

— Maha, faço o que me pediste.

Maha retorquiu que era maravilhoso e, por favor, poderia ir à suíte dela já?

Organizariam tudo. Só demoraria uma meia hora, uma hora no máximo. Partiria na manhã seguinte, logo de manhã.

— NUNCA TE ARREPENDERÁS — disse Maha, pegando na mão de Sunny.

— És uma mulher inteligente. Não haverá quaisquer problemas, prometo.

— Mac não vai voltar amanhã — explicou Sunny. — Por isso pensei que poderia aproveitar a oportunidade.

Os olhos perspicazes de Maha avaliaram-na.

— É uma atitude correta. Sentir-te-ás mais confiante fazendo uma coisa apenas. Uma coisa mais ousada. Uma aventura.

— Em vez de ser Mac a viver todas as aventuras.

— E onde está Mac? — Maha já estava a tirar o saco de viagem com o compartimento fechado que continha as joias.

— Em Praga. Estará fora uns dias.

As costas de Maha retesaram-se.

— Ai está? Bem, então isso dar-te-á tempo suficiente para completar a tua missão. Sais amanhã de manhã num avião privado com destino a Bruxelas.

Daí voas com na Air India em primeira classe para Bombaim.

Sunny pensou que de repente a Índia parecia muito distante e Bombaim tão exótica; uma cidade enorme a fervilhar com milhões de pessoas; o cheiro das especiarias; o calor; os animais; as vacas sagradas em que não se devia tocar; o cheiro dos excrementos, do suor, das mimosas, do mar; e visões de palácios de mármore branco...

— É uma viagem longa — dizia Maha. — Mas será confortável. O meu assistente vai esperar-te ao aeroporto. Chama-se Rahm Singh. Estará vestido com o cafetã branco tradicional indiano e um turbante vermelho e amarelo. Terá um cartaz com o teu nome, por isso darás com facilidade com ele. Rahm Singh levar-te-á até minha casa, não terás hipótese de te perderes.

— E as joias? — Até agora não as tinham mencionado e Sunny estava a ficar ansiosa. — Como passo pela alfândega e tudo isso?

— Em primeiro lugar e mais importante: nunca percas de vista ou largues o saco das joias. Tem de ficar sempre contigo. Se fores à casa de banho no avião, ele vai contigo. Fica debaixo do teu assento, não nos compartimentos em cima. Em nenhuma circunstância, deves entregá-lo a um assistente de bordo ou a qualquer outra pessoa. Quanto à segurança, irão ter contigo e acompanhar-te-ão. — Maha entregou-lhe uma pasta azul-escura de pele, fechada. — Estão aqui todos os documentos necessários para a alfândega quando saíres de Bruxelas e depois para a alfândega em Bombaim.

Estarão à tua espera. Está tudo combinado.

Os documentos de importação serão carimbados e, na realidade, não estás a importar nada.

Estamos apenas a devolver as joias à Índia. Por isso não pode haver problemas, não é?

Esboçou o seu sorriso belo; os dentes eram tão brancos e uniformes, a boca, pintada com um batom fúcsia, tão sensual e bonita que Sunny pensou se não deveria simplesmente desistir do negócio da joalharia onde parecia ter de trabalhar tanto e tornar-se uma estrela de cinema de Bollywood.

— Terás de ir buscar o teu passaporte— pediu Maha. — Precisamos de o carimbar.

— Carimbar?

— Um visto — explicou. — É necessário para a Índia. Vou falar com uma pessoa do consulado que virá cá tratar disso.

Agarrou nos ombros de Sunny, fitando-a com um olhar penetrante.

— Estás a fazer o que é correto — afirmou suavemente. — Isto vai melhorar as coisas entre ti e Mac, vai fazê-lo verte como uma mulher diferente. Uma nova mulher, talvez. Bem, uma mulher que se aguenta sozinha nos seus dois pés e que não precisa de um homem para a amparar.

— Uma mulher como tu — retorquiu Sunny e Maha riu-se.

— Há uma coisa que ainda não me perguntaste, Sunny.

Uma coisa importante. Que é quanto te vou pagar por este trabalho.

Oh, meu Deus, Sunny nem pensara no dinheiro.

— Nunca serás uma mulher de negócios se não perguntares primeiro pela remuneração e chegares a algum acordo— ralhara Maha.

— E pensar que tenho um diploma de gestão da Wharton — retorquiu

Sunny, abatida. — Estava tão excitada, tão ansiosa.

— Não há necessidade de estares ansiosa. Pago-te dez mil dólares pelos teus três dias de trabalho. Suponho que aches aceitável?

Aceitável! Sunny estava atónita.

— Muito bem. Agora tens de ir buscar o passaporte. Tenho as joias e o dinheiro prontos para ti amanhã. Sais às cinco da manhã. O tempo está agradável em Bombaim, quente, mas ainda não na monção. Leva um xaile para a noite.

Maha mostrava-se de repente muito profissional, de novo à secretária.

— Telefonarei para Bombaim para saber se chegaste bem. E dou-te então o resto das instruções sobre onde entregares as joias e a quem. Rahm Singh manter-me-á informada. E, claro, a Índia é um lugar onde até as aldeias mais pequenas têm cobertura de rede de telemóveis. Nesse sentido, é um dos países mais desenvolvidos do mundo.

— Quer dizer que posso telefonar a Mac?

Maha hesitou.

— Preferiria que não o fizesses. Não só por minha causa, por uma questão de privacidade profissional, mas porque és, temporariamente, minha funcionária.

Preciso que respeites isso e que não fales sobre onde estás e o que andas a fazer.

— Claro — prometeu Sunny.

— Além disso — acrescentou Maha, afastando-se com um sorriso ao mesmo tempo que Sunny se apressava a ir buscar o passaporte. — Vai ser divertido, manter o detetive intrigado. Mantê-lo em estado de alerta.

Sunny riu-se com ela quando fechou a porta.

DE VOLTA À SUÍTE Rei Sol, as duas amigas aguardavam-na.

— Então? — inquiriu Allie.

— Terão de tomar conta de *Tesoro* — retorquiu Sunny. — Vou estar fora três dias. Ela vai pagar-me dez mil dólares e, se forem as duas muito boazinhas, pararem de se queixar e prometerem não contar a ninguém onde estou e o que estou a fazer, incluindo Mac e Ron, trago-vos uma recordação de Bombaim.

Allie lançou-lhe aquele olhar impassível conhecido de milhões de cinéfilos.

— É bom que seja uma coisa boa. Um rubi pelo meu silêncio.

— Tens razão. Um rubi — acrescentou Pru, sorrindo, ao mesmo tempo que seguiam Sunny até ao seu quarto para a ajudar a fazer a mala.

Bombaim

CHEGAR FOI TÃO FÁCIL que Sunny calculou que devia ser tudo legal.

O pequeno avião privado levou-a de Nice a Bruxelas e depois a Air India em primeira classe para Bombaim.

Mulheres vestidas com saris, de cabelos pretos luzidios penteados para trás em puxos distribuíram toalhas quentes com aroma de jasmim e serviram amêndoas salpicadas de especiarias em pratos de filigrana prateada, com copos de cristal de champanhe francês. O gemido calmante da música de cítara indiana tocava nos auscultadores de Sunny e, mais tarde, o *thali* vegetariano que pediu vinha servido numa travessa de inox dividida, cada secção contendo um legume diferente, incluindo o seu favorito *dal* de lentilhas amarelas, couve-flor cozinhada com especiarias picantes e as divinais batatas de caril de Bombaim, tudo acompanhado de um molho de pepino, menta e iogurte chamado *raita*, que lhe deu uma sensação refrescante após o picante subtil de todas as especiarias. A sobremesa era o maravilhoso arroz doce indiano, tão diferente dos que comera na sua infância; este era frio com um leve sabor a limão e cardamomo no seu creme aveludado.

Mais tarde, esticada no seu pequeno compartimento privado, enrolada no cobertor macio, com o aroma do jasmim no ar como promessa de uma Índia exótica no final da viagem, Sunny mal podia esperar para lá chegar.

Quando acordou, voavam por cima das luzes brilhantes da civilização ao crepúsculo, sobre quilómetros de bairros degradados e enegrecidos, empilhados contra torres de aço modernas e edifícios do Raj vitoriano a desmoronarem-se, aparentemente apenas abandonados pela humanidade indiferente.

Bombaim, cidade de contrastes, de dezoito milhões de pessoas, desde as mais ricas às mais pobres; de Bollywood e da alta tecnologia; de pedintes e

vasculhadores de lixo; de lojas caras e cozinha refinada; outrora um grupo de ilhas pantanosas aterradas para formar a cidade na baía.

Sunny saiu do avião, cansada e apreensiva, agarrada ao saco das joias de Maha, colocou-se na fila para o controlo de passaportes onde lhe examinaram o seu e a mandaram passar.

Na alfândega, Sunny foi levada para um pequeno gabinete de um dos lados do corredor da alfândega, onde um homem com um fato de linho branco amachucado a convidou a sentar-se numa cadeira de plástico frágil enquanto inspecionava com indiferença os documentos de Maha. Uma ventoinha girava com lentidão no teto, fazendo voar o pó.

Passado algum tempo, levantou os olhos e fitou-a de alto a baixo. Sunny sentiu o coração estremecer; sentia-se culpada como tudo de qualquer coisa.

Só rezava para que não fosse contrabando. O homem não disse nada, estendeu uma fina mão castanha e marcou um número no telefone.

Oh, meu Deus! Pronto. Nunca devia ter concordado em fazer isto, nunca devia ter feito isto, Mac dir-lhe-ia como fora idiota em confiar em alguém... ela só quisera testar-se a si própria, daquela forma estúpida... e agora o quê...?

O homem do fato de linho branco amachucado falou com alguém em língua indiana. Pousou o telefone e ficou a olhar para Sunny por cima da sua secretária deslavada, sem dizer nada.

Sunny suava. Decidiu que era melhor fitá-lo nos olhos e fazer o possível por parecer inocente. De repente furiosa, pensou que se lixe, ela *era* inocente. Só estava a transportar as jóias de Maha de volta à Índia, de onde provinham.

Uma brisa soprou pela minúscula sala quando a porta se abriu de rompante e entrou outro homem que se postou atrás do tipo do fato branco, a fitar Sunny com um olhar duro.

— O seu passaporte, por favor — disse em inglês.

— Mas eu já passei pelo controlo de passaportes — protestou Sunny.

— Mesmo assim, o seu passaporte.

Estendeu a mão e Sunny tirou o passaporte do bolso e entregou-lho.

Detestava vê-lo sair do seu bolso. Podia nunca o recuperar... ficaria ali presa na Índia para sempre...

O homem examinou o passaporte e depois levantou a cabeça e olhou-a nos olhos. Os dele eram de um castanho intenso, a zona branca muito branca, a pele de um tom mel-escuro, o cabelo luxuriante de um preto raiado de prata.

— Obrigado, Mistress Alvarez. — Devolveu-lhe o passaporte.

Ela apertou-o contra o peito, a pensar no que se seguiria. Poderia ir embora?

O homem do passaporte anuiu para o do fato branco e saiu da sala. A corrente de ar mais fresco soprou de novo quando a porta se fechou atrás dele.

O do fato branco olhou para Sunny, depois para os dois sacos no chão a seu lado: o pequeno arrumado à pressa que continha algumas peças de roupa e o de Maha cheio de fechos, com as jóias.

— Obrigado, Mistress Alvarez. Tenha uma estadia agradável em Bombaim –disse num inglês de súbito perfeito.

Levantou-se, pegou no saco de Maha e entregou-lho. Sem sorrir, abriu a porta.

Sunny agradeceu-lhe e passou por ela, com a certeza que o homem sentiria o medo que se escoava dela em grandes lufadas, como a corrente de ar fresco para a pequena sala quente.

Com as pernas trémulas, caminhou o mais depressa que conseguiu pela zona verde da alfândega e chegou ao terminal.

Oh. Meu. Deus. Nunca mais faria aquilo. *Nunca mais.* Nem sequer se Maha lhe promettesse a maior joia da coroa de alguma rani decadente de Bombaim; nem se se oferecesse para mandar replicar o Taj Mahal em mármore para comemorar a sua visita; nem para provar a Mac ou a outra pessoa qualquer, mesmo a si própria, que estava à altura de qualquer oportunidade que a vida lhe oferecia.

De repente, Sunny já não tinha assim tanta certeza sobre as novas oportunidades que a vida lhe oferecia.

«Que se lixe isto tudo», pensou, com o saco apertado na palma peganhenta como se estivesse cimentado à sua mão, o suor a escorrer-lhe pelas costas, quando avançou para o ruído, os cheiros e a multidão de pessoas, compacta como uma floresta, que empurrava, lhe gritava ao ouvido, recomendando riquexós, táxis, *time-sharing*, hotéis, petiscos picantes, doces, excursões, viagens.

Porém, não havia homem nenhum entre a multidão com um cartaz com o seu nome. Sem saber o que fazer, ficou ali alguns minutos a perscrutar a confusão e depois saiu do aeroporto.

A noite tropical pareceu dobrar-se sobre ela, pesada com o aroma das flores e dos vapores dos combustíveis.

As palmeiras acenavam na linha do horizonte de um azul muito escuro, torres muito iluminadas cintilavam à distância e, de algum modo, por cima de tudo, sentia-se o cheiro do mar. Não tonificante e salgado como o Pacífico, mas forte e opressivo com uma sugestão dos pântanos sobre os quais a cidade nascera.

Havia táxis e autocarros a forrar os passeios e as pessoas comprimiam-se para passar por ela, uma onda de humanidade, e todas elas, parecia, querendo sair do aeroporto e ir para a cidade.

Sunny verificou a folha de papel com as instruções datilografadas de Maha. O assistente de Maha devia ter vindo buscá-la.

O pânico submergiu-a: era uma mulher sozinha na Índia com um saco cheio de jóias. Qualquer coisa correria mal. Mas como podia ser? Maha mostrara-se tão convicta, tão cautelosa, tratara de todos os detalhes. Maha era uma mulher meticulosa, atenta aos pormenores...

— Madama Alvarez?

Afinal tinha vindo, estava ali mesmo ao seu lado, um homem alto, magro e escuro com olhos pretos penetrantes e um turbante vermelho e amarelo a rodear-lhe a cabeça. Usava um casaco comprido branco estilo Nehru por cima de calças de algodão pretas e estreitas e sandálias de pele. Embora atordoada, Sunny teve tempo para reparar que as unhas dos pés estavam arrançadas. E que, afinal, o homem trazia o cartaz com o nome dela.

— Por fim. — Sorriu-lhe contente, o alívio a brilhar-lhe nos olhos. — Sim, sou Sunny Alvarez.

— Sinto muito, *madama*, por não ter estado aqui no preciso momento em que chegou. — A voz era cadenciada e muito séria. — Mas o trânsito está muito mau esta noite em Bombaim.

Sunny sorriu.

— Por um momento, pensei que chegara ao local errado.

O homem não sorriu.

— Levo as suas malas, Madama Alvarez — disse estendendo a mão para o saco de Maha.

— Não! — Pelo menos ainda tinha juízo suficiente para não se separar do raio do saco depois de dormir praticamente em cima dele no avião e agora estava colado à palma da sua mão com o suor.

— Eu levo este.

— É como quiser — retorquiu ele no seu inglês peculiar. — Por favor,

siga-me até ao carro.

Sunny estava muito satisfeita por ir atrás dele. Estava ansiosa por chegar ao carro, por se afundar no assento e deixar Bombaim deslizar pelas janelas.

Era um *Mercedes 600* preto; um dos modelos mais caros. O interior estava forrado a pele fresca de cor creme e, um toque antiquado, havia pequenas jarras de cristal presas de lado, com um raminho de minúsculas gardénias brancas em forma de estrela, cuja fragrância permeava o ar, provocando um arrepio de prazer na espinha suada de Sunny. Era um carro para uma mulher num sari de seda, uma mulher perfumada e cheia de jóias, uma beldade indiana.

Uma mulher como Maha Mondragon.

Uma consola fabricada em nogueira escura com nós continha bebidas e copos bonitos, gravados com um motivo prateado de folhas.

Havia água engarrafada num pequeno frigorífico.

Sunny sorriu ao seu salvador quando se instalou no estofado almofadado.

— Desculpe, mas esqueci-me do seu nome.

— Chamo-me Rahm Singh, *madama*.

Sou o assistente principal da Mondragon.

— Obrigada, Mister Singh. — Sunny pensou que era estranho que o homem chamasse à sua patroa «a Mondragon», mas calculou que talvez fosse costume na Índia.

Serpenteavam já pelo trânsito à volta do aeroporto e desceram depois uma estrada muito iluminada e aparentemente interminável, passando por pilhas de lixo, como pequenos montes, e crianças meio despidas e macilentas a precipitarem-se, como minúsculos ratos, por entre elas; passaram por mansões vitorianas cor de mel, vestígios do Raj, com cordas de roupa multicolorida a flutuar; por edifícios governamentais com fachadas desprovidas de interesse e entraram na cidade pela marginal, a Marine Drive, onde riquexós puxados a bicicleta apanhavam casais para um passeio noturno; por uma praia com ondas estrondosas e mais crianças a correrem sobre pernas finas como caniços, a entrarem e saírem da água; por palmeiras e barraquinhas iluminadas a lampiões com vendedores a venderem *paparis* e pães recheados com carnes e vegetais picantes e cana-de-açúcar peganhenta; por pedintes sem pés nem mãos, que se dizia terem sido mutilados quando crianças para poderem ganhar mais com a piedade do seu público indiferente; por hotéis esplêndidos resplandecentes de luzes quentes e ar fresco; por casas

estilo mansões, trancadas com fortes portões metálicos onde viviam os velhos ricos; e por torres de apartamentos onde viviam os novos-ricos jovens; por escritórios ainda iluminados e ativos, embora fosse já tarde. Parecia, pensou Sunny, que Bombaim, chocante e excitante, nunca dormia.

O grande carro abrandou quando se aproximaram de um par de altos portões de ferro, através dos quais Sunny conseguiu ver uma pequena guarita.

Apareceu um homem com uma túnica de algodão branco comprida e calças largas, apertadas na barriga das pernas.

Reconhecendo o carro, abriu o portão e fez-lhes sinal para entrarem.

Sunny baixou o vidro da janela para ver melhor o panorama das luzes que cintilavam ao longo da costa, tal como em Malibu e Santa Monica. O «colar da rainha» de Bombaim, visto do topo da colina de Malabar.

O ar inesperadamente fresco entrou e, com ele, os aromas da Índia, envolvendo-a.

Naquele momento, parecia que a Índia se lhe oferecia e, muito de repente, apaixonou-se por ela.

Quatro degraus baixos de mármore conduziam a uma casa branca de um só piso, com muitas colunas. O lago comprido e estreito em frente estava debruado a plantas do papiro, as águas escuras cor de cobalto com flores cor de rosa a boiar. No extremo oposto, como se a guardar a casa, havia uma enorme estátua dourada de uma deusa.

Rahm Singh abriu a porta do carro e Sunny saiu, ainda a agarrar o saco.

Parou para a contemplar.

— Mas quem é? — perguntou, fitando a estátua.

— É Mahalakshmi. A deusa da riqueza e prosperidade.

Mahalakshmi... Maha... deusa da riqueza e da prosperidade... Claro, devia ter sido aí que Maha fora buscar o seu nome... à deusa...

Sorrindo, a segurar no saco das jóias, Sunny subiu os degraus. Todo o receio a abandonou. Estava na casa de Maha.

Achava-se em segurança.

Monte Carlo

PRU ACORDOU SOZINHA NA SUÍTE Rei Sol, com a *chihuahua* de quilo e meio no seu peito. Abriu os olhos e olhou a direito para os olhos redondos e bolbosos de *Tesoro*. Pensou como era possível que uma cadelinha tão pequena pudesse exprimir tanta tristeza, suscitando a sua piedade, só porque a sua amada dona se ausentara por uns dias. Além disso, tinha a certeza que *Tesoro* entendia que era o cão mais amado do mundo, à exceção talvez do *Pirate* de Mac, ou pelo menos fora o que ouvira dizer.

O nariz de *Tesoro* tocou-lhe na face quente, gelado como um martíni frio no bar na noite anterior e Pru agarrou na vira-lata macia e lustrosa de quilo e meio e apertou-a contra si. Claro que *Tesoro* não era nenhuma vira-lata, mas, para Pru, porque nunca tivera nenhum cão, todos os cães eram vira-latas. Por que razão, pensou agora, nunca tivera um cão? Teria sido muito bom para a reconfortar quando se livrara do horrível marido Lord Byron. E *Tesoro* adorava-a, percebia, porque nunca tentara morder-lhe.

— Fazemos o seguinte, queridinha fofinha — sussurrou na orelha delicadamente erguida de *Tesoro*. — Tu e eu vamos divertir-nos hoje. Vamos dar um passeio. Compro-te o almoço. Sei que gostas de frango e, se prometeres não contar a Sunny, até te deixo dar uma lambidela no meu gelado. — Pensou no gelado e decidiu que era melhor não. — Não é bom para nenhuma de nós, amor — declarou com um suspiro.

Tesoro enroscou-se nela, farejando-lhe o cabelo. *Oh, meu Deus! O seu cabelo!* O cabelo curto loiro que lhe tinham garantido há apenas dois dias transformara-a numa nova mulher. Pru não tivera a certeza na altura e tinha ainda menos certeza agora.

Com *Tesoro* enfiada debaixo do braço, fitou o espelho dourado em frente das janelas. Fragmentos de cabelo de um loiro-mel caíam-lhe sobre a testa.

Duvidosa, ergueu uma mão para lhes tocar, passou os dedos pelo corte cor de ouro que substituíra o castanho pela altura dos ombros. «Curto» punha-a nervosa, mas tanto Allie como Sunny lhe tinham dito que ficava maravilhoso.

— Agora tudo funciona — dissera Sunny. — O teu tom de pele, o ligeiro bronzeado, o *blush*.

— Estás a começar a parecer-te com uma mulher do Sul de França — observara Allie, satisfeita por o seu plano ter funcionado.

Ainda assim, Pru ficara com aquela insegurança subjacente de que talvez não fosse assim tão fabuloso como elas diziam e que estavam apenas a mostrar-se encorajadoras para a fazerem sentir-se bem.

Nervosa, pousou *Tesoro* no chão e foi tomar duche. A cadelinha começou a uivar, desolada, para a porta de vidro e foi obrigada a abri-la para, pelo menos, ela não se sentir abandonada por toda a gente que conhecia. Pru pensou que era sem dúvida diferente ter de cuidar de outra pessoa e não apenas dela própria; a vida tornava-se mais interessante. E agora tinha o dever de levar a cadela à rua, de garantir que corria tudo bem com ela, de ajudar Sunny que se encontrava na sua missão importante em Bombaim, uma missão que era tão secreta que ninguém senão Pru e Allie sabiam do assunto. E Maha Mondragon, claro, que planeara a coisa toda e conseguira pôr Sunny a viajar com o seu saco de jóias fabulosas sem perder tempo com vistos.

Maha tinha tudo sob controlo, embora Pru ainda cismasse por que razão não podia ter ela própria levado as jóias de volta a Bombaim. Porque estava demasiado ocupada, explicara Sunny alegremente, atirando algumas coisas para uma mala, pronta para partir.

E, no mesmo dia em que Sunny partira, Ron caíra do cavalo e partira a perna e Allie seguira logo no voo de Nice. Dissera que ia ver se ele estava bem, verificar se estava confortável e se a *labrador* turbulenta entendia que tinha de se acalmar e não o atirar ao chão e partir-lhe a outra perna. Depois voltaria talvez ao mesmo tempo que Sunny. E talvez também de Mac, por quem Sunny estava outra vez tão apaixonada que os pelos até se eriçavam na nuca de Pru só de pensar como eles eram *sexy*.

A verdade era que Pru nunca estivera na verdade envolvida com ninguém de forma íntima, emocional ou até *sexual*.

Oh, alguns namoros de liceu, mas, no seu tempo, o sexo era uma coisa em que se pensava mais do que se fazia. O sexo era um mistério, apesar do

casamento e por causa do egoísmo do marido «de quem não se dirá o nome», e também, calculava Pru, porque ele não quisera saber e se calhar nunca na realidade a desejara. Mesmo com o conjunto de camisa de noite e roupão da lua de mel, de *chiffon* de seda azul pálido, muito caro, com as fitas de cetim, que pensara que excitaria qualquer homem, ele mal olhara para ela. Foi só mais tarde, quando se tornou mais experiente, que percebeu que um cinto de ligas escarlata e preto e um sutiã da *Victoria's Secret* poderiam ter funcionado melhor, mas, por essa altura, era demasiado tarde e, de qualquer modo, também já não se importava. Ou, pelo menos, pensou consigo própria que já não se importava, mas na realidade não era verdade. E o sofrimento era profundo.

Via o brilho que Sunny ostentava como uma aura; a consciência acentuada do seu corpo, do seu ser; o aspeto que apenas uma mulher realizada tinha. E agora, raios, Pru queria esse aspeto. O único problema era que não fazia ideia de como o conseguir.

Riu-se sozinha a pensar em ser *sexy* quando vestiu as calças de ganga justas azuis que Allie escolhera e que faziam com que o seu traseiro parecesse mais firme e mais pequeno e, de alguma maneira, mais «redondo». Quando envergou as botas rasas de camurça castanha macia e a camisola de caxemira cor de chocolate, que custara mais do que qualquer camisola deveria custar, mas, raios, fazia a diferença, era mais macia do que seda e colava-se da forma mais sugestiva exatamente onde devia. O facto era que também após apenas alguns dias, havia menos de Pru a que se colar. Ainda não era uma cabra magricela, mas lá chegaria.

A cadelinha empoleirou-se no toucador enquanto ela aplicava um toque de rímel, uma sugestão de *blush* acobreado nas faces e o novo batom *Nude*, que condizia na perfeição com o novo cabelo loiro e a, de alguma maneira, nova boca que tinha uma curva melhor. Isso era porque sorria e sorrir era uma coisa que não fazia há muito tempo.

— *Okay*, cá vamos nós, *Tesoro* — disse pondo-lhe a coleira escarlata ornamentada. — A mulher do Sul de França vai passear com a sua encantadora cadelinha internacional.

Damos um passeio juntas na Croisette em Cannes? Talvez até vejamos uma ou duas estrelas de cinema, embora, claro, como cadelinha de Hollywood, estejas acostumada a isso. Depois tomamos um café em qualquer lado, pensamos talvez no almoço. E não haverá tempo nenhum para nos

preocuparmos com Ron ou porque razão Maha mandou Sunny para Bombaim. E nem para pensar em Eddie Johanssen que, se calhar, fugiu da cidade quando soube que Sunny já não estava interessada.

Estranhamente, quando Pru e *Tesoro* saíram do hotel para um dia azul brilhante e um *Renault* descapotável alugado, Kitty Ratte era a única pessoa em que Pru não pensava.

PRU JÁ NÃO ESTAVA HABITUADA a estar desacompanhada. Após anos a ser abandonada enquanto o marido vadio «viajava» ou, com maior probabilidade, vivia uma vida dupla, pensar-se-ia que estaria acostumada a isso, mas, passados apenas uns meros dias na companhia de Allie e de Sunny, sentia-se sozinha sem elas.

Amigas íntimas, pensou, enquanto deambulava com lentidão pela Croisette em Cannes com *Tesoro* arrastada com relutância atrás e o sol de inverno tão quente que precisava de uma bebida fresca, de preferência champanhe, de que passara de repente a gostar muito e a *Coca-Cola Diet* que fosse para o diabo. De qualquer maneira, as «amigas íntimas» eram o melhor que a vida tinha para oferecer. A não ser que a vida oferecesse também um amante, claro, mas, por outro lado, Pru nunca tivera um «amante» a sério, na aceção de um homem que fosse tão louco por ela que quisesse fazer amor o tempo todo e não pudesse viver sem ela. Verdade fosse dita, também nunca tivera nenhum «amigo» homem. O marido nunca fora seu «amigo».

Tinham-se conhecido no casamento de outra pessoa qualquer onde Pru era convidada, nem sequer dama de honor, embora ela e a noiva vivessem na mesma vila e se conhecessem desde a infância. Pru não era o tipo de rapariga que fosse convidada para ser dama de honor, se bem que nessa altura não tivesse excesso de peso. Era apenas uma rapariga simpática e vulgar com boa pele, de que toda a gente gostava e a que nenhum tipo se atirava. Mas o facto de o pai, o barão da construção civil, local, lhe ter deixado dinheiro era bem conhecido e o marido, «sem nome»

porque Pru nem sequer suportava já pensar nesse nome, ficara a saber do assunto. Procurara-a, enfeiticara-a e, antes de se dar conta, era o *seu* casamento e já iam de lua de mel para a Florida, ao volante de um *Cadillac Escalade* novinho em folha que ela pagara e que era bastante grande para lá

caberem oito pessoas. Mais tarde, o marido progredira para carros estrangeiros, sendo o *Jaguar* britânico verde de corridas o seu favorito absoluto. Pru calculava que, se o casamento tivesse durado, ele teria continuado para um *Porsche*. Homens como ele queriam sempre um *Porsche*.

Encarnado, claro. E com matrícula personalizada. E, obviamente, também conseguira gastar muito do dinheiro dela, deixando-a sozinha num pequeno apartamento com vista para um parque de estacionamento.

Pru estava farta de homens como o marido. Só desejava não ter começado a comer por causa dele. Ratazanas como ele não deviam provocar a desgraça de mulheres e arruinar-lhes os corpos, sobretudo quando estas mais precisavam desses corpos!

Sentiu um puxão na trela. *Tesoro* estacara por completo e estava a olhar para ela com ar suplicante.

— Que é? — perguntou Pru, exasperada.

— Quer que a levem ao colo.

Era a voz de um homem. Pru rodopiou.

— Ooh! — foi tudo o que conseguiu dizer.

— É um cão muito pequeno, cansa-se com rapidez — explicou Eddie Johanssen. — Pernas muito curtas, sabe.

— Sim. Claro. — Pru agarrou *Tesoro*, apertando-a ao peito. — Obrigada. Porque não pensei nisso?

— É óbvio que estava perdida nos seus pensamentos.

Ele não continuava a andar, estava simplesmente ali, a falar com ela, atraente como tudo e parecendo muito mais controlado do que na outra noite.

— Creio que a conheço do hotel.

Parece que me recordo de a encontrar no elevador.

— Não estava a sentir-se bem — retorquiu Pru, ajudando a avivar-lhe a memória.

Depois, envergonhada, percebeu que não devia ter dito aquilo.

Que homem gostaria que lhe lembrassem que estivera embriagado?

— Não me lembro — disse ele. — Recordo-me apenas dos seus sapatos vermelhos.

O «Oooh...» de Pru foi duvidoso. Não estava a usar os sapatos nessa noite, estava descalça e de roupão. Era óbvio que ele devia estar a pensar no primeiro encontro dos dois.

— Os sapatos eram novos em folha — replicou, dominando-se. — E

custaram o dobro do que acho que deveriam ter custado.

— Um bom investimento. — Os olhos de Eddie cintilaram. Estava intrigado com a franqueza dela.

— Espero bem que sim. — Um sorriso iluminou também o rosto de Pru. Um homem atraente reparara nos sapatos dela, recordara-se que eram vermelhos.

Allie tinha razão; ela devia ter boas pernas.

Ficaram ali a olhar um para o outro.

Eddie gostava dela, gostava da sua atitude franca, não intimidatória.

Simples não era uma palavra que a descrevesse, mas por nada deste mundo se conseguia lembrar da palavra apropriada.

— Chamo-me Eddie Johanssen —apresentou-se.

— Pru. Prudence Hilson.

— Também estou sozinho. Posso oferecer-lhe um café? — O sorriso instantâneo de Pru encantou-o.

— É a primeira pessoa em França a oferecer-me um café.

Ele ergueu uma sobrancelha, surpreso, e ela acrescentou com rapidez: — A maior parte das pessoas quer apenas oferecer-me um copo de champanhe. Pensei que era só isso que as pessoas bebiam em França.

Estava a tagarelar sem parar, tão nervosa e tão excitada que mal conseguia aguentar-se.

Eddie pegou-lhe no braço e conduziu-a ao outro lado da rua, a um café com um toldo vermelho.

As mesas derramavam-se no passeio e havia um zumbido de conversas.

Pru exibia um grande sorriso no rosto.

Aqui estava ela com o homem mais giro do café, com uma pequena e aristocrática *chihuahua* no colo, como qualquer francesa elegante, e com os pés enfiados nas deslumbrantes botas novas de camurça castanha. O casaco também de camurça condizia na perfeição e o novo corte de cabelo agora loiro agitava-se na brisa como se tivesse vida própria. Sentiu-se tão chique que se riu.

— De que se está a rir? — perguntou Eddie.

— Só de estar aqui, em França, sentada na esplanada de um café.

— E onde costuma estar?

— Numa pequena vila do Texas de que nunca ouviu falar, com toda a probabilidade a ver o programa *Entertainment To-night* na televisão e a

desejar poder fazer parte daquele mundo deslumbrante inatingível.

— E agora faz. — Examinou-a, sério. — O seu cabelo está diferente.

Pru ergueu uma mão, deu-lhe uma palmadinha.

Tesoro remexeu-se, fitando-a preocupada.

— Loiro. — Ainda se sentia nervosa com aquilo. E *curto*. Acha que está bem?

Ele estendeu o braço e tocou-lhe numa madeixa.

— Maravilhoso. Veja como reflete a luz. Ilumina-lhe o rosto todo.

— Verdade? — Pru sabia que estava a corar.

— Um rosto tão encantador — disse Eddie, observando-a, deliciado, corar mais um pouco.

Pedi *cappuccino* para ela, um café duplo para ele e pediu ao empregado se podia trazer água para o cão.

— Porque anda com a cadela de Sunny? — perguntou depois.

Pru sentiu-se desanimar. Fora por essa razão que ele parara para conversar com ela?

— Sunny teve de viajar. Não podia levar a cadela com ela.

Com certeza que não ia dizer a Eddie que Sunny fora para Bombaim, não só porque jurara guardar segredo, mas também porque ele não tinha nada com isso. Sunny dissera adeus a Eddie; embora, era preciso admitir, ao telefone.

Dissera que fora muito bom conhecê-lo; agradecera-lhe por a ter ajudado e que o consideraria sempre um amigo. Ainda assim, a tristeza prolongada nos olhos de Eddie comoveu Pru. Porém, decidiu que era tempo de ele enfrentar a situação.

— Sunny e Mac estão outra vez juntos — disse com tanta suavidade quanto conseguiu. — Sabe que se amarão sempre.

O sorriso de Eddie era pesaroso.

— Às vezes gostamos de pensar no que poderia ter sido e não no que é.

— Encolheu os ombros. — Sunny entrou na minha vida num momento em que precisava de mim ou talvez apenas de alguém como eu.

Pru estendeu o braço e deu-lhe uma palmadinha na mão, uma mão estreita e bronzeada, de dedos compridos, salpicada de alguns pelos dourados. Um ligeiro arrepio percorreu-a, suficiente para lhe eriçar os pelos do seu próprio pescoço recém-loiro. Meu Deus, como ele era atraente. Nunca sentira antes aquele tipo de atração por um homem e estava a começar a perceber como

Sunny era com Mac. Mas não podia deixar que Eddie percebesse, no final de contas ele estava apenas a ser amigável.

— Compreendo — retorquiu com o sorriso doce na nova curva da boca com o batom *Nude*, que, se ao menos soubesse, era suficientemente tentadora para ser beijada.

E foi o que Eddie Johanssen fez.

Inclinou-se e beijou-a, com suavidade, nos lábios, quase a assustando com o choque.

— Obrigado — disse. E depois sorriu também e perguntou se ela queria almoçar com ele.

E ela aceitou.

E foi então que ele lhe contou a misteriosa história da sua noite «esquecida» e ela lhe disse que o vira no elevador e pensara que ele estava bêbado. Acrescentou que quisera ajudá-lo, mas que ficara intrigada porque não achara que um homem como ele fosse do género de se embebedar.

Eram agora duas horas e estavam sentados num *bistro* minúsculo na praça da aldeia montanhosa de Mougins, cotovelos em cima da mesa, inclinados um para o outro, ainda a conversarem amenamente. *Tesoro* dormia na cadeira ao lado de Pru, tendo despachado frango suficiente para duas *chihuahuas*.

Tinham almoçado *loup de mer* grelhado, um peixe de surpreendente delicadeza, fresquíssimo, e uma salada temperada com o azeite local e um vinagre balsâmico suave. Além disso, iam já na segunda garrafa de *rosé*, bem, só meia garrafa desta vez, que ela bebera na sua maior parte visto que Eddie ia conduzir.

Calculava que era o vinho que a tornava tão desinibida, ousada até. Contou-lhe a história do seu casamento desastroso e do marido infiel e como se encontrava no processo de avançar com a sua vida; e ele falou-lhe de Jutta, do divórcio complicado e de como amava os filhos.

Fez-se silêncio e Pru olhou para ele.

— Eddie — disse, inclinando-se mais para ele até que os rostos quase se tocavam. — Gostas mesmo do meu cabelo?

Os olhos dele consideraram-na durante um longo momento. Antes não fora capaz de pensar na palavra correta para a descrever, mas agora sabia.

Inocente. Uma verdadeira «inocente» era o que Prudence Hilson era. E gostava disso.

— Penso que és uma mulher diferente com cabelo loiro. Mas sabes,

Prudence, é o que um homem vê numa mulher, nem sempre qual a sua aparência. Em ti vejo uma pessoa bondosa e interessada, uma mulher que pensa em último lugar em si, uma mulher que oferece com facilidade amizade, mas que já não se ilude com uma falsa imagem de amizade ou até amor. Creio que és uma mulher mais inteligente do que acreditas que és, Prudence Hilson, e estou satisfeito por te ter conhecido. Estou contente por ter almoçado aqui contigo, nesta encantadora aldeia francesa, neste pequeno *bistro* simpático onde cozinham peixe de forma tão sublime que me apetece comê-lo de novo. Tu e a tua companhia tornaram-me um homem feliz hoje. Quero que saibas isso.

Pru sabia que o rubor intenso devia detetar-se por baixo do *blush* acobreado, mas, raios, não se importava. Aquele homem lindo acabara de lhe dizer que estava contente por estar na sua companhia e que ela o fazia feliz. De repente, pensou nele e em Kitty Ratte. Pensou se teria estado com ela naquela noite «perdida»; e no que teria sucedido. Recordou que Maha dissera a Sunny que Kitty era corrupta, que era malévola.

Pru acreditava.

Agora cismava no que Kitty teria tramado.

Pru podia ser uma inocente, mas não era estúpida; sabia dos efeitos das drogas e do álcool e sabia que o que vira naquela noite era esquisito. Eddie Johanssen não era simplesmente aquele tipo de homem. O que lhe teria feito Kitty Ratte naquela noite perdida? Que droga lhe dera para o fazer perder toda a lembrança do facto?

— Estiveste com Kitty Ratte na noite em que te vi embriagado no elevador? — perguntou, acertando na sua conjectura.

Eddie franziu o sobrolho.

— Acho que me recordo de a encontrar no bar. Não de propósito, ela estava lá por acaso.

— Não está sempre? E sem dúvida a ver se arranja problemas. O tipo de problemas *dela*.

— Espero que não os tenha arranjado comigo. — Eddie sorriu.

Pru não brincava quando disse: — Não apostava muito. Não confio nela e deixa-me dizer-te que não há nenhuma mulher entre nós que confie. — Encolheu os ombros. — Mas, de qualquer modo, acabou. E não quero estragar o nosso almoço adorável a falar de alguém tão pouco importante. — De forma impulsiva, estendeu a mão para a dele. — Estás bem agora? Quer

dizer, em relação a Sunny?

Ele assentiu.

— Sunny sentia-se sozinha. Eu fui o homem que por acaso se encontrava perto.

Tesoro ergueu a cabeça e soltou um pequeno latido.

— Hum, hum — disse Pru. — Não tenho experiência com cães, mas creio que isso significa que ela precisa de ir dar um passeio.

E, levantando-se, levou *Tesoro* a dar uma volta pela praça calcetada enquanto Eddie tratava da conta.

Regressados ao hotel, Eddie contou-lhe que ia partir para Londres nessa noite.

— Tenho de estar em Glasgow amanhã.

— Em negócios? — perguntou Pru, esperando que não fosse uma mulher.

— São sempre negócios. É o que a minha vida tem de errado. — A voz tinha um toque de amargura ao recordar-se do divórcio e da sua família perdida.

Despediram-se no vestíbulo do hotel.

Ele ia para o terraço fazer alguns telefonemas e Pru ia para o seu quarto ligar a Allie e contar-lhe tudo o que tinha acontecido. E também saber se tivera notícias de Sunny.

— Prudence, ganhei uma nova amiga hoje — declarou Eddie, agarrando-lhe na mão.

Dobrou-se para a beijar e Pru sentiu de novo aquele rubor escaldante, ele deslumbrara-a por completo.

— Obrigada por um dia encantador — retorquiu. — De facto, foi um dos mais agradáveis da minha vida.

— Então talvez possa haver mais.

Fitou-a nos olhos com um sorriso; havia um entendimento entre ambos.

— Amigos — disse Pru, virando-se para se ir embora. — Então, telefona-me, amigo.

— Telefonarei — prometeu ele.

Praga

HAVIA UMA MENSAGEM à sua espera no hotel quando Mac chegou a Praga já tarde no dia seguinte, muito mais tarde do que contara. O voo atrasara. Pior. Tinham embarcado e depois ficado sentados no avião parado enquanto lá fora homens de fatos-macaco laranja faziam coisas de aspeto importante nos motores. Passadas duas horas tinham desembarcado do avião, com os nervos esfrangalhados, ansiosos por descobrir outro voo para Praga, mas só encontraram mais demoras. Sentia muito a falta de Ron e do seu *Cessna*.

Teve a sorte de conseguir um dos últimos lugares num voo que partia cinco horas depois, tendo acabado por ficar no aeroporto gelado, agradecendo a Deus por ter uma mala pequena de cabina e não ter de esperar como os outros, cujas malas deviam estar ainda no voo original. Havia vantagens evidentes em viajar com pouca bagagem, embora, se tentasse dizer isso a Sunny quando esta estava a fazer as malas, encontrasse uma resistência obstinada.

— Tenho de levar estes sapatos — diria ela, apertando-os contra o peito, com os olhos escuros a faiscar. — Tens de entender, Mac, uma mulher *precisa* dos seus sapatos.

— Mas *seis* pares? — recordava-se de se ter queixado quando iam partir para a Riviera de férias.

Pensara que iam ser umas férias de «calções e chinelos de dedo», que aliás tinham sido, exceto quando Sunny sentira necessidade de se aperaltar. E ficava tão bem quando o fazia, como podia resmungar por ter de esperar que as malas caíssem no tapete rolante enquanto o resto do mundo avançava simplesmente com a sua vida?

Onde diabo *estava* Sunny? Allie não dizia e Ron também não, embora suspeitasse que ambos estavam por dentro do segredo.

— Conto-te quando regressar — dissera Sunny.

Agora, sentado num táxi demasiado aquecido a caminho de um hotel desconhecido em Praga, Mac sabia que devia ter insistido com ela.

Uma certa preocupação acompanhou-o todo o trajeto. E depois havia a mensagem de Ron.

Estava no telefone do quarto; Ron não conseguira contactá-lo no telemóvel.

«Caí da merda do cavalo. Culpa minha.

Perna partida», dizia.

Mac viu as horas. Nove e meia da noite. A mesma hora de França.

Examinou o quarto. Escapava por pouco; capas de cadeirões *kitsch*, floridas, de *chintz*, carpete verde-escura e um cheiro bafiento. Um pouco como a casa da avó numa má história de fadas.

Espreitou para a casa de banho; o chuveiro, no entanto, parecia decente; eficiente.

Despiu o casaco e sentou-se na beira da cama, com o telemóvel na mão. Ron atendeu de imediato.

— Podia estar na Austrália — disse Mac em tom fatigado. — O tempo que me levou a chegar a Praga.

— A Austrália tem mais sol — retorquiu Ron. — Bem, estou *hors de combat*, como dizem.

— Quem diz? — perguntou Mac e ambos se riram. — Lamento, meu amigo — continuou em tom sério. — Cuida-te ou tenho a certeza que Allie tratará disso.

Entretanto, vou arranjar uma sanduíche, parece que me lembro de não ter comido o dia inteiro. E já que penso nisso, uma bebida poderia não ser uma má ideia.

Pergunto-me se haverá um bar neste hotel.

Lançou outra vez uma vista de olhos ao quarto com o seu mobiliário de avozinha.

— Caramba, se houver, aposto que tem mulheres vestidas à camponesa e tipos de calções de couro a tocarem acordeões e a cantarem numa língua que não conheço e que além disso neste momento não quero conhecer.

— As alegrias das viagens no estrangeiro — comentou Ron. — Telefona-

me amanhã a contar da cigana.

— Assim farei — replicou Mac.

Não estava muito enganado em relação aos acordeões; só não havia calções de couro. Enganara-se no país, calculava. Mas a cerveja estava fria, a sanduíche de salsicha *bratwurst* quente e o sorriso da empregada era amigável.

Em menos de uma hora, comera, tomara um duche e adormecera na cama florida da avozinha com peónias cor de rosa.

A REPÚBLICA CHECA no inverno não era como a Califórnia, nem sequer como Monte Carlo, onde ventos brandos suavizavam o ar e o sol dourava os edifícios ornamentados de cores pastel, onde mulheres bonitas balançavam as ancas sentindo-se *sexy* com pequenas saias e botas giras. Praga tinha um toque mais invernosos; céus cinzentos, um frio que se incrustava na pele, fazendo Mac tremer. Era uma cidade bela, mas Mac não tinha olhos para ela de momento. Ia a caminho de um endereço na Cidade Nova, o apartamento de uma cigana chamada Valeria Vinskaya. Apostaria os seus últimos dólares que não era o seu nome verdadeiro, mas Valeria era uma artista, uma dançarina cigana, e supunha que um nome melodioso fazia parte do papel.

Ela afirmava ser uma «*artiste internationale*», contara-lhe o inspetor, o que significava apenas que ia para onde lhe apetecia e fazia o que entendia, sendo o crime o mundo onde operava.

Até ao momento os delitos tinham sido de nível menor: roubo na rua, conto do vigário de escala reduzida; persuadir homens a separarem-se das suas carteiras enquanto dormiam. Os grandes golpes, porém, tinham a ver com roubo de carros, em que a equipa de ciganos levava com rapidez os carros roubados para armazéns, os desmantelava e depois despachava as peças para serem vendidas noutros países.

Valeria ganhava a sua vida, mas agora, de repente, parecia ter ganho o *jackpot*. E como acontecia com todos os pequenos ladrões, o dinheiro fazia-lhe cócegas nas mãos. Tinha de o gastar, ostentá-lo: roupas novas, um casaco de peles, um namorado.

Apenas temporário, claro, que era tudo o que Valeria conhecia.

O apartamento ficava numa rua anónima de edifícios de betão cinzentos, de fachadas lisas, janelas pequenas, sem sequer portadas para adicionar um

toque de charme. E a entrada estava coberta por uma grade de ferro. Mac sabia que o apartamento de Valeria ficava no primeiro piso. Não telefonara antes para marcar um encontro; segundo a sua experiência, a surpresa era o melhor trunfo. Se ela lhe abria a porta ou não era outra questão, mas contava com o nome do inspetor para o fazer entrar.

Premiu a campainha, encolhendo-se no sobretudo preto comprido, à espera.

Para sua surpresa, foi atendido de imediato.

Não entendeu o que ela disse em checo, mas de qualquer maneira apresentou-se, disse que sabia que ela falava inglês e que precisava de conversar com ela.

— Porquê?

A voz era profunda, misteriosa. Tal e qual, pensou Mac com um sorriso, como a voz de uma cigana devia soar nos filmes. Disse-lhe que era amigo do inspetor. Fez-se um longo silêncio. E depois, de novo: — Porquê?

— Seria muito mais confortável conversar consigo dentro de casa — retorquiu, a tremer. — Está um frio infernal aqui fora.

— E eu que sempre pensei que o inferno devia ser quente. — Mac ouviu-lhe o riso. — Consigo vê-lo, sabe. Estou a olhar para si.

Mac levantou os olhos, viu uma sombra escura na janela e depois o portão de segurança de ferro abriu-se.

Entrou num vestíbulo estreito com paredes pintadas de um verde institucional. Um lustre tremeluzia na obscuridade interior, tão deslocado como um punhado de diamantes roubados. Ouviu o som de uma porta a abrir-se e virou-se para olhar. Esperara ver uma mulher escura de tipo romani, de cabelos pretos compridos, grandes brincos de ouro e com saias rodadas de muitas cores. Fitava uma mulher jovem, talvez na casa dos vinte, pequena, com cabelo preto curto. Ela devolvia-lhe o olhar através de uma espessa franja escura que lhe caía sobre olhos de uma estranha tonalidade clara. Cinzentos, pensou. E usava calças de ganga e uma pesada camisola cinzenta.

— Mac Reilly — apresentou-se, encaminhando-se para ela, de mão estendida. Ela não a apertou.

— Eu sei — retorquiu, afastando-se para ele poder entrar.

Encontrou-se numa sala multifuncional: paredes de um rosa-fúcsia, uma pequena *kitchenette* de um dos lados, uma cortina de plástico cor de rosa a separar um chuveiro do *futon* preto no canto; com lençóis amarfanhados.

Uma minúscula televisão repousava na prateleira em frente. Não existiam livros. Havia uma pequena mesa sob a janela de onde ela o observara. Era a única janela no apartamento-estúdio. Uma porta fechada escondia o que Mac supôs ser uma sanita e um varão para pendurar roupas corria ao longo de uma parede, apinhado de saias vermelhas e pretas com lantejoulas, as rodadas tipo cigano que ele esperara ver, bem como roupas normais de todos os dias. Um casaco de peles, vison calculava, estava pendurado num cabide numa das extremidades do varão. Parecia novo e também caro.

— Bom casaco — comentou em tom apreciador.

Ela encolheu os ombros.

— Diga lá porque está aqui.

— Importa-se que tire o *meu* casaco? — Mac olhou em volta, levando o seu tempo. Não queria perder nenhum detalhe.

— Oh, que se lixe! Estou a esquecer as minhas maneiras, Mister Reilly, por favor, queira tirar o seu casaco. Posso oferecer-lhe uma bebida? *Slivovitz* é bom num dia frio como este. Aquece aquelas partes que precisam de ser aquecidas ou, pelo menos, foi o que ouvi dizer.

Os olhos de um cinzento-claro troçavam dele quando Mac pousou o casaco nas costas de uma das duas cadeiras da mesa redonda que estava coberta com um pano cor de rosa de franjas compridas. De repente, lá de baixo, saltou uma pequena gata. De um cinzento-prateado, com manchas mais escuras de lado, anéis cor de carvão à volta da cauda.

— Que beleza — comentou Mac, estendendo uma mão para ela. A gata sibilou e atacou-o.

— Fez sangue — disse Valeria a sorrir.

— Tal e qual como uma mulher deveria fazer.

Havia dois cadeirões em frente de uma mesinha de café oval, de vidro, dos anos sessenta. Os cadeirões eram pretos, o que era um alívio em relação a todo aquele cor de rosa. Mac puxou de um lenço de papel do bolso e limpou o sangue do arranhão feito pela gata.

Sentou-se num dos cadeirões e depois, trazendo dois pequenos copos, Valeria veio sentar-se ao lado dele. Lançou-lhe um olhar demorado, examinando-o com atrevimento da cabeça aos pés.

— Então? — perguntou Mac.

Valeria sorriu e de repente pareceu muito jovem e bonita. Mac conseguia ver-lhe as clavículas a destacarem-se por baixo da camisola cinzenta e o rosto

era magro, pálido.

— Gosto do que vejo — retrucou ela. — A nós, Mac Reilly.

— *Reilly*.

Ela encolheu os ombros.

— Mac é melhor. — Estava a meter-se com ele.

— Valeria, sabe que não sou da polícia.

— Sei quem é. Também temos aqui o seu programa.

— Então também sabe por que razão vim visitá-la.

— Não confesso nada. — O rosto pequeno fechou-se num amuo e os olhos endureceram.

— Não estou a pedir-lhe que confesse nada. Só quero alguma informação. Não o suficiente para a pôr em perigo, só o suficiente para ajudar a apanhar um assassino que mata só por matar.

Alguém que mata só pela excitação amarga de o fazer, não por interesse financeiro, nem por ciúmes.

— Então não é um crime passional — retorquiu ela, pensativa, enfiando as pernas por baixo do corpo no cadeirão e bebendo um gole do *Slivovitz*, ou o que fosse o líquido incolor que tinha no copo. Fitou-o por cima da beira do copo, grandes olhos cinzentos e maçãs do rosto acentuadas. — Uma pena. Os crimes passionais são os únicos que me interessam.

— E então o amor? Vamos falar disso, Valeria.

— Está apaixonado então? — Os olhos estavam agora bem abertos, interessados.

— Isso é uma pergunta muito pessoal. — Mac era demasiado esperto para responder ou provar o *Slivovitz*.

— E pergunto por uma razão muito pessoal.

Mac sabia que não devia perguntar, mas fê-lo: — E qual é?

— Porque o acho muito atraente, Mister Reilly.

— Reilly. E o meu nome é Mac.

— Como chamam ao macarrão com queijo.

— Mackenzie, na realidade.

— Não está a beber, Mackenzie. Pensa que envenenei o vinho? — Soltou uma gargalhada quando ele pousou o copo na mesinha de café.

— Não diria que não era capaz.

Ela assentiu.

— Muito certo. Eu também não. Mas não sou nenhuma assassina a

sangue frio, Mackenzie. Não é o meu estilo. Sou apenas uma dançarina vulgar, que ganha a vida como pode. Sou uma cigana, romani, apesar do meu aspeto, e isso facilita-me as coisas quando se trata de arranjar trabalho a dançar, na Polónia, na Hungria, na Alemanha... É só mencionar o nome de qualquer pequeno clube em qualquer cidade pequena e já lá dancei.

— Então não é uma criminosa.

Valeria bebeu outro gole e mirou-o de novo.

— O que acha?

Mac riu-se.

— Penso que é encantadora, sedutora, e penso que sabe exatamente o que está a fazer, Miss Valeria Vinskaya. E não, não penso que seja uma assassina. Mas, antes que avance mais no *Slivovitz*, deixe-me contar-lhe uma pequena história sobre um roubo de jóias. Sobre um assassinato.

Ela manteve-se imóvel e em silêncio enquanto ele contava, enrolada no seu cadeirão como um pequeno ratinho cinzento, enquanto ele falava sobre o assassino do casaco de peles. Só os olhos se mantinham vivos, a fitar o vazio. Pelo menos, Mac assim o pensou, mas, seguindo-lhe o olhar, percebeu que fitava o casaco de peles.

— Bonito casaco — disse.

— Costumava ser — retorquiu ela e, levantando-se, tirou-o do cabide e vestiu-o. Rodopiou diante dele. O casaco era demasiado grande, chegava-lhe aos pés. — Ia mandar alterá-lo, mas não há ninguém aqui em quem confie.

Roubar-mo-ão e vendê-lo-ão. É assim que toda a gente faz dinheiro.

— A roubar — replicou Mac.

Valeria afundou-se outra vez no cadeirão, embrulhando-se na pele macia. A gata veio a correr, silenciosa, saltou-lhe para o colo, enrolou-se e aninhou a cabeça para dormir. Pareciam, pensou Mac, o desenho de um livro de histórias para crianças. Uma menina encantada, uma gata prateada, um casaco de peles roubado.

— Onde o arranjou?

Lançou-lhe uma olhadela, encolheu os ombros.

— Estava pendurado num bengaleiro num restaurante. O meu amigo distraiu a empregada, eu levei o casaco. Quando o trouxe para casa, quer dizer para o sítio onde estava, encontrei uma coisa no bolso. — Fitou-o, agora receosa. — Era um anel de diamante. Um grande diamante. Amarelo, mas lindo. Por isso vendi-o e fiquei com o casaco. — Encolheu os ombros. —

E foi assim que aconteceu, Mackenzie Reilly. Sou uma rapariga má, ou talvez uma rapariga boa que deu para o torto. É escolher. Mas não sou uma assassina.

— A quem o vendeu? — perguntou Mac, mas não obteve resposta.

Ficaram em silêncio durante algum tempo. O único som era o da gata a ronronar. Lá fora o céu tornou-se ainda mais cinzento. Mac pensou como seria que ela aguentava, confinada aquela sala, animada de cor de rosa para tornar mais suportável a sua estrutura tipo prisão. Perguntou-se qual seria o seu futuro.

— Dê-me o nome do restaurante.

Ela continuou em silêncio.

— Pelo menos a cidade.

Silêncio.

— É tudo o que tem para me dizer? — perguntou por fim.

— É tudo o que lhe vou dizer — retorquiu com firmeza.

— Então há mais? Sabe a quem pertencia o casaco, não sabe? De quem era o anel de diamante?

Talvez não soubesse, mas, se ao menos lhe dissesse o nome do restaurante, podia verificar se havia alguma queixa de furto de casaco de peles e chegar à sua dona. Tinha a certeza que o anel de diamante fazia parte do saque do assalto à joalharia La Fontaine em Paris ou ao do dia a seguir ao Natal em Monte Carlo. Precisava de saber a quem ela o vendera.

Valeria levantou-se de repente, libertando-se do casaco de peles e da gata.

— Leve-o — disse, atirando-lhe o casaco. — Não quero ter nada a ver com ele. Já não o quero. Não quero sangue nas minhas mãos. Sou uma ladra, Mackenzie, não uma assassina.

Mac apanhou o casaco, dobrou-o com cuidado. Era macio como seda, delicado como a mulher que o fitava agora, com lágrimas a gotejarem dos seus olhos cinzentos de menina abandonada.

— Adeus, Mackenzie — continuou, avançando a passos largos para a porta e abrindo-a. — Não faça mais perguntas.

Não volte aqui.

Ele pegou no seu próprio casaco, meteu a mão no bolso para tirar o seu cartão-de-visita profissional. Deu-lho quando passou por ela. Ela encostou-se a ele e beijou-o com rapidez na face.

— Cheira bem — disse.

E depois a porta bateu atrás dele e Mac saiu para o átrio com o seu lustre e depois para a rua de um cinzento-escuro.

Precisava de uma bebida.

MAC NÃO ERA O TIPO DE HOMEM que passasse muito tempo em bares, exceto quando se encontrava em trabalho. Não faziam parte do seu ambiente; preferia estar no seu deque em Malibu com vista para o Pacífico do que em qualquer bar do mundo. Não era quase uma citação de Humphrey Bogart?

Casablanca?

Não conseguia tirar a jovem cigana patética da cabeça; o seu pequeno rosto afilado, o seu estilo de vida de contar todos os cêntimos, a bela gata que era tão parecida com ela. Um par de meninas cinzentas desprotegidas, escaldadas pela vida. Não admirava que a gata bufasse e sibilasse. A rapariga também o fazia.

Teve de caminhar durante muito tempo antes de encontrar um táxi; não havia muitos na zona sombria onde a cigana vivia. Quando por fim mandou parar um carro num cruzamento movimentado, deu o nome do hotel ao motorista e depois pediu-lhe para esperar. Entrou, foi buscar as suas coisas, pagou a conta, voltou ao táxi. Já não aguentava aquele sítio lúgubre, era tão claustrofóbico como o apartamento cor de rosa da cigana.

Pediu ao táxi para o deixar a um par de quarteirões de distância. Precisava de ar; precisava de andar. Ainda tinha a rapariga na cabeça; vulnerável, vívida.

Pathos era a palavra que sentia que era necessária para a descrever. Carregando a sua pequena mala e com o casaco de peles enfiado debaixo do braço, encontrou um café. Uma luz dourada derramava-se das suas grandes janelas para a rua calcetada. Como um quadro de Van Gogh, pensou, como se tivesse recuado para um século diferente.

Sentou-se na esplanada envidraçada, pousou a mala na cadeira ao lado, dobrou o casaco de vison e colocou-o com cuidado em cima. O empregado era jovem, de aspeto decente, sério em relação ao seu trabalho.

— Senhor?

— Um brande duplo. *Rémy*, por favor, se tiver.

— Com certeza. — O empregado esperou, o lápis preparado por cima do pequeno bloco-notas, as sobancelhas erguidas numa pergunta. — E para *madame*?

Mac fitou-o, confuso.

— Madame?

O empregado fez um gesto para o casaco.

— Outro brande talvez?

Mac compreendeu.

— Não, obrigado. Não há nenhuma *madame*.

O jovem empregado ficou embaraçado.

— Perdão, senhor, pensei apenas... com o casaco de peles...

— Não há problema — retorquiu Mac, embora houvesse na realidade um problema e naquele momento não soubesse o que fazer.

Pensou que o inspetor tinha razão e que a cigana Valeria correria perigo se falasse. Quase lamentava ter ido visitá-

la. O que aconteceria se as pessoas de quem tinha medo pensassem que ela falara? Os traficantes aos quais, tinha a certeza, vendera o anel do diamante amarelo que, tinha também a certeza, provinha da coleção da joalheria La Fontaine.

Emborcou metade do brande de um gole, estremeceu quando lhe fervilhou pela garganta abaixo, saboreou a doçura residual. Depois ligou ao inspetor. Este atendeu ao primeiro toque.

— Então? — inquiriu.

— Então conheci a cigana.

— E?

— É apenas um pequeno dente na grande roda da engrenagem, uma ladra de ocasião que roubou de mais. Ficou tudo demasiado complicado para ela. É essa a minha opinião.

— Porque diz isso?

— O casaco de peles que exibia quando a levou para interrogatório roubou-o do bengaleiro de um restaurante.

— Que restaurante?

— Não quis dizer.

O inspetor suspirou.

— Porém, ou foi em Monte Carlo, ou em Paris, porque no bolso se encontrava um anel de diamante. Um diamante amarelo. Grande, contou-me. Aposto que era um dos de La Fontaine.

— Vou verificar em que cidade estava a trabalhar, embora calcule que fosse Paris, depois do roubo da joalharia La Fontaine. Precisaria de tempo para regressar a Praga e vender o anel. E depois foi até Monte Carlo gastar o dinheiro. E usar o casaco de peles.

Espaventosa, seria como a descreveria.

Que estranho, pensou Mac. A cigana era de facto tão patética, derrubada com tanta facilidade do novo poleiro que obtivera com aquele dinheiro.

— Aposto que gastou tudo. E aposto que nem sequer conseguiu muito dinheiro por ele. Terá ido ter com um dos tipos mais insignificantes, ele terá adivinhado o verdadeiro valor do anel e tê-la-á enganado, terá conseguido dinheiro para si também.

— E o casaco de peles?

— Ainda não tive oportunidade de o examinar bem, à exceção dos bolsos. Aí nada. E não tem etiqueta. Vejo melhor quando chegar ao hotel.

— Que hotel?

Mac pensou naquilo, surpreendido.

Depois respondeu: — O Four Seasons. — Estava farto de hotéis manhosos, apartamentos com mau aspeto e a parte não atraente de Praga.

Disse ao inspetor que lhe telefonaria quando tivesse hipótese de examinar como devia ser o casaco, depois telefonou para o Four Seasons e reservou um quarto.

Sentado no café, escolheu qualquer coisa simples para comer e, deixando o resto do brande, pediu uma garrafa de vinho. Era local, explicou o empregado.

Quem diria que a República Checa produzia vinho? Não podia esquecer-se de o contar a Ron. Mac era de certo modo um perito em vinhos e ficou satisfeito quando o vinho se revelou agradável e aromático. Descontraindo-se, tentou, mais uma vez, ligar a Sunny.

O toque do telefone soava como se estivesse no espaço sideral.

Frustrado e preocupado, comeu o prato de carne de porco que era estufada com legumes, um prato camponês substancial para uma noite fria de Praga.

De facto, a escuridão instalara-se. Já era noite.

Um táxi levou-o ao hotel onde inspecionou o quarto, tomou um duche, lavando os resquícios de um dia mau.

Desejou nunca ter vindo para Praga.

Tentou outra vez o número de Sunny.

Nenhuma resposta.

O casaco de vison estava na cadeira para onde o atirara quando entrara.

Apanhou-o, passou as mãos pelas peles macias, maleáveis como uma peça de cetim. Era um casaco muito caro; qualquer pessoa que o perdesse legitimamente, ou a quem o roubassem num restaurante, teria com certeza comunicado o facto à polícia. Pensou nos ladrões, três mulheres elegantes com o seu cabelo loiro, as suas máscaras de Marilyn e os seus casacos compridos de peles. E o diamante no bolso.

Virou as mangas do avesso e apalpou-as com cuidado, procurando o nome do fabricante ou iniciais no forro de seda.

Não havia nada, nem o nome da proprietária bordado por dentro, como era habitual num casaco personalizado como aquele. Estendeu o casaco de peles sobre a cama, passou a palma da mão pelo forro, encontrou um pequeno bolso interior, fechado com um minúsculo botão ornamentado. Nada ali.

Mas havia outro bolso por baixo, uma mera abertura, com um debrum discreto de seda fina, um bolso secreto destinado, calculou, a levar apenas um cartão de crédito ou uma nota de cem dólares para uma emergência em que uma mulher precisasse de dinheiro para um táxi. Introduziu os dedos, ainda nada.

Mas espera aí. Os dedos fecharam-se sobre um pedaço de plástico.

Era um desses cartões-de-visita profissionais, luxuosos. Fino, opaco, branco pérola, impresso num estilo elegante em cinzento pálido, de forma que mal se conseguia ler.

Mas Mac conseguiu. SHARON BARNES, dizia. AGÊNCIA DE MODELOS BARNES.

Havia um endereço na Cidade Velha, em Praga.

Mac revirou o cartão entre os dedos, repetidas vezes. Conhecia aquele nome, mas não se conseguia lembrar onde o ouvira. Porém, uma coisa sabia, faria uma visita a Sharon Barnes na sua agência de modelos na manhã seguinte.

Decidiu não telefonar outra vez ao inspetor e ligou antes a Sunny. Claro que ela não atendeu e Mac adormeceu ainda preocupado com ela.

Bombaim

EMPREGADAS DESCALÇAS, com as cabeças humildemente baixas, esperavam por Sunny no amplo átrio fresco da casa de Maha, as mãos entrelaçadas, envergando *tops* vermelhos sedosos que lhe chegavam aos joelhos por cima das habituais calças de algodão estreitas. Os cabelos eram brilhantes, pretos, entrançados numa trança grossa, onde se prendia uma flor colorida. Olhos escuros frios perscrutaram-na quando Rahm Singh a apresentou.

— Levem a *madama* para o quarto —ordenou Rahm Singh. — Mostrem-lhe tudo.

As empregadas levantaram as cabeças e olharam para ela; a luz incidiu-lhes nos rostos e Sunny reprimiu uma exclamação. Grossas cicatrizes salientes desciam-lhes pelos lados das faces.

Vendo a sua expressão chocada, Rahm Singh explicou: — A Mondragon tirou estas mulheres dos bairros de lata onde eram maltratadas. Deu-lhes uma vida melhor.

Indicou que Sunny as devia seguir e depois desapareceu.

As três mulheres esguias conduziram-na por um corredor até às traseiras da casa, passando por uma sala que parecia equipada para receber, com divãs e candeeiros com quebra-luzes de seda salpicados pelo espaço amplo. As janelas altas não tinham cortinados e Bombaim cintilava, como os diamantes de La Fontaine, à distância. A sala à direita tinha uma mesa de jantar que Sunny calculou pudesse acomodar pelo menos vinte pessoas sentadas, com recipientes de prata com flores em cima e cadeiras forradas a brocado em volta.

Tapetes lindos brilhavam por baixo dos candeeiros com quebra-luzes suaves, nas cores delicadas dos corantes vegetais antigos, alguns com

motivos intrincados; alguns a contarem uma história; alguns modernos e esbatidos e todos belos.

O corredor levava a uma pequena biblioteca onde livros não lidos encadernados a couro forravam as prateleiras do chão ao teto e cadeiras fundas modernas estavam colocadas à volta de pequenas mesas, com revistas e caixas de cristal e madeira com doces e nozes. A seguir, um jardim de inverno, mobilado de forma descontraída com vime e *chintz* florido inglês, levava a um terraço lajeado com vasos gigantes de hibiscos, jacarandá e mimosas, as paredes baixas revestidas com uma fabulosa buganvília.

O quarto de Sunny ficava ao fundo do corredor, passando a biblioteca, na ala dos hóspedes. Portas duplas abriram-se e, atravessando-as, pareceu-lhe que entrara noutro mundo: um refúgio luxuoso e multicolorido, cheio de sedas, brocados, tapetes macios e chão de mármore; fresco e convidativo após a longa viagem de avião.

A cama de dossel, a que se ascendia por um lance de cinco minúsculos degraus, era enorme e macia, adornada com cortinados de musselina branca. Um sofá e cadeirões brancos estavam agrupados em redor de uma mesinha de café, onde se via uma tina antiga de pedra com gardénias. Uma mesa sob uma das janelas altas estava posta para uma pessoa com pratos adoráveis e talheres antigos requintados, restos, tinha Sunny a certeza, dos tempos do Raj britânico e que tinham com toda a probabilidade pertencido a alguma senhora importante, talvez até à mulher do governador. As cortinas resvalavam no chão num monte de seda fúcsia; os tapetes eram também de seda em turquesa e cobalto, creme e cinzento-acastanhado; os quadros nas paredes de um amarelo lacado eram indianos e modernos, pinceladas virtuosas de cor; e a casa de banho de um verde-ónix, a cor do covil de uma sereia, era tão grande que Sunny pensou perder-se nela.

Porém, não havia tempo para se perder. Uma das mulheres estava já a preparar-lhe um banho, despejando mãos-cheias de sais e óleo com aroma doce, enquanto outra dobrava toalhas, as colocava na borda da banheira circular, junto de sabonetes de gerânio, gel de banho e loções e espalhava pétalas de rosas na água esverdeada. A terceira desfazia a pequena mala de Sunny, levando as roupas enrugadas para serem passadas, dobrava a *T-shirt* com que Sunny dormia, dispondo-a sobre a cama, afofava as almofadas. Silenciosas.

Ativas. E sem nunca sorrirem.

Bateram à porta. No meio de todo aquele esplendor, Sunny mandou entrar.

Rahm Singh entrou. Fez uma vénia e disse que esperava que tudo estivesse bem e que *madama*, como lhe chamava, tivesse tudo o que precisava.

— Que mais posso desejar? — perguntou Sunny, sorrindo, porque ele estava muito sério. — É o melhor hotel em que já estive hospedada.

— A Mondragon quer que tudo esteja correto — retorquiu ele com formalismo.

— Depois de *madama* tomar o seu banho e estar confortável, propõe-se que se lhe sirva o jantar.

Sunny pensou quem teria proposto aquilo. Maha, calculava.

— Obrigada, Rahm Singh — replicou, percebendo que estava com fome.

— Se for aceitável para *madama*, o cozinheiro sugere uma coisa leve. Uma sopa de tomate, famosa entre nós. Um prato de couve-flor feito no forno com tamarindo e cominhos, e *paneer*, o nosso queijo indiano. Um pouco de frango cortado, temperado com caril e, claro, arroz *basmati*, suavemente aromatizado com jasmim. E, talvez para depois, o nosso famoso arroz doce, macio e cremoso com um toque de limão e cardamomo.

Sunny sentiu-se de repente fraca. A viagem e o stresse de transportar as jóias estavam a desabar-lhe em cima.

Quase desmaiou com a ideia de tanta comida. Afundando-se nas almofadas de penugem do sofá de seda branco, agradeceu a Rahm Singh e explicou que preferia, se possível, uma pequena sanduíche.

— Uma sanduíche de *bacon* com alface e tomate ou de atum — disse, sentindo-se ridícula e muito americana, mas tinha de comer com moderação depois de um voo de longo curso. — Oh, e um copo de vinho branco, por favor, Rahm Singh.

Minutos depois, imersa na imensa banheira redonda verde-escura, com as pétalas de rosa em redor, óleos perfumados a aliviarem-lhe os membros fatigados, Sunny cismou por que razão Maha viajaria tanto quando tinha tudo o que a vida podia oferecer, ali mesmo na sua casa magnífica com aquela série de empregados às suas ordens.

Meia hora depois, lavada e perfumada, relaxada e envolta num roupão turco muito macio, Sunny esperou que Rahm Singh aparecesse com a sua sanduíche. As três mulheres indianas estavam alinhadas junto à porta, de

cabeças baixas. A aguardar ordens, presumiu Sunny, embora não tivesse nenhuma para lhes dar e, aliás, não falava a língua delas. Eram estranhas; tão silenciosas, tão humildes, com aquelas cabeças baixas. E sem sorrisos.

Rahm Singh apareceu seguido por outro empregado que transportava uma grande bandeja prateada onde repousava um prato coberto por uma cúpula prateada; um copo de cristal fino; uma garrafa de água *Evian* e um segundo copo. Rahm Singh trazia um frapê de vinho de cristal. O empregado, também descalço, e com o mesmo tipo de roupas de algodão, cumprimentou com um boa noite respeitoso e compôs a mesa com cuidado. Rahm Singh colocou o frapê de um dos lados e tirou com habilidade a rolha ao vinho.

Puxou a cadeira para Sunny se sentar e, sentindo-se como a rainha de Inglaterra, que se calhar vivia assim todos os dias da semana, Sunny sentou-se. Mostrou-lhe a garrafa para ela aprovar. Francês, um vinho do Vale do Loire. Sunny recordou-se de Maha a beber champanhe todas as noites e sorriu. Aquela mulher sabia o que era boa vida.

Bebeu um pequeno gole do vinho, fresco, leve e absolutamente perfeito para o estado delicado em que se sentia.

Ergueu a cúpula prateada e inspecionou a sanduíche. Pão redondo, fofo com ar, que se esvaziou quando lhe tocou, a cheirar de forma subtil a algum tipo de especiaria. Galinha cortada em fatias finas, tomates, tiras de *bacon* e alface esfiada tudo rematado com um pedaço de maionese que, quando lhe tocou com um dedo e provou, revelou ser afinal molho *raita* de iogurte e pepino. Se aquilo era a ideia indiana de uma sanduíche, era a sua ideia do paraíso.

Rahm Singh mandara embora as três mulheres sem nome e, por fim sozinha, Sunny beberricou o vinho, provou a sanduíche e depois, avassalada pela fadiga, foi até à janela e saiu para a varanda iluminada com um candeeiro.

Aspirou o ar perfumado, admirando um regato estreito e pedregoso que serpenteava pelos jardins. O saco com as jóias estava em segurança no chão ao lado da cama. Perguntou-se quando iria Maha telefonar-lhe a comunicar as instruções para a próxima parte do jogo.

A quem teria de entregar as jóias e quando.

Pensou em Mac, sozinho em Praga, tal como ela estava ali sozinha em Bombaim. Que idiotas eram ambos, pensou, voltando a entrar. Tentou ligar para ele do seu telemóvel, mas só ouviu um «bipe». Oh, meu Deus, sentia

saudades dele, sentia muitas saudades dele, mal podia esperar para lhe contar a sua aventura indiana, para lhe falar da casa luxuosa de Maha; das empregadas silenciosas; da sanduíche em pão indiano e do vinho branco do Loire que teria adorado partilhar com ele.

Esperava que estivesse bem em Praga.

Despindo o roupão, subiu o pequeno lance de degraus de madeira e deitou-se na enorme cama macia. Fechou os olhos e adormeceu em minutos.

Deixou uma luz ligada, claro, porque tinha medo do escuro.

Cannes

KITTY RATTE SUAVA DE PÂNICO .

Estava sozinha no apartamento porque Jimmy escolhera aquela altura para voltar a Inglaterra. Dissera que ia tentar sacar dinheiro à mulher e ao negócio periclitante de carros usados, ou «com proprietário prévio» como lhe chamava, fazendo-o parecer mais importante, e deixara-a muito simplesmente a tratar de tudo. Sendo que «tudo» era entregar o bilhete de chantagem. Fora-se embora na manhã do dia anterior e dissera-lhe para lhe telefonar quando tivesse resolvido o assunto.

«Resolver o assunto» não era tão fácil como Kitty esperara. De facto, era difícil porque Eddie Johanssen saíra do hotel em Monte Carlo na noite anterior e ela não tinha o seu número de telemóvel.

A deitar fumo pelas ventas, sentou-se no sofá bege, o mesmo sofá onde «seduzira» Eddie, sendo «seduzido» a palavra que preferia utilizar agora. E, olhando para as fotografias tiradas com a câmara de vídeo de alta definição, não parecia existir qualquer dúvida de que Eddie estivera disposto a participar numa noite de sexo pervertido, tipo vale tudo.

Kitty bateu com as fotos na mão, franzindo o sobrolho. Levou uma mão à testa e gemeu. Conseguia *sentir* aquelas rugas; precisava de *botox*; precisava de *Restylane*; precisava do raio de um *lifting*, a merda do queixo estava a deslizar para o pescoço, que tinha a mesma largura da cara, dando-lhe cinco queixos quando sorria. Tinha de se lembrar que não podia sorrir tanto e, além disso, as duas facetas baratas dos dentes da frente estavam com um aspeto muito suspeito, demasiado brancas, brilhantes e espessas. Precisava do raio daquele dinheiro; estava a ficar demasiado velha para trabalhar naquela atividade. Queria aquele bar em Marbella; o seu próprio apartamento; os seus próprios homens para seduzir.

Precisava de novos clubes de *swing*, novos horizontes para chantagem. *Precisava* de ser uma predadora, mas *queria* ser *a* predadora que mandava.

Era uma mulher que sempre arranjava o que queria e agora queria Eddie e estava determinada a apanhá-lo.

O seu relógio de «ouro» barato indicava cinco e meia. Só havia uma coisa a fazer. Tinha de ir até ao bar do hotel e ver o que estaria a acontecer.

Talvez Sunny lá estivesse. Sunny tinha com certeza o número de Eddie e Kitty suplicar-lhe-ia, diria que era importante, que tinha notícias pessoais para ele sobre a mulher Jutta. Sunny acreditava que Kitty era sua amiga; dar-lhe-ia o número.

Jutta e aqueles dois filhos eram a resposta às preces de Kitty e sabia muito bem como abordar Eddie. Tinha-se certificado que o seu próprio rosto aparecia de forma inequívoca naquelas fotografias. Dir-lhe-ia que era *ela* que estava a ser chantageada. *Ela* era a pobre e doce mulher em dificuldades, só por fazer amor apaixonado com um homem de quem gostava muito. Eddie seria forçado a pagar para *a* salvar e salvar a reputação *dela*. Não a trairia.

Meia hora depois, de duche tomado, com um vestido de seda florido e os sapatos *Louboutin* de pele preta que eram demasiado altos e que, aliás, davam cabo dela, com sombra azul nos olhos e brilho cor de coral nos lábios, Kitty enfiou as fotos incriminadoras num envelope castanho e depois na sua mala *Prada* e foi de carro até ao hotel.

Estava tão falida que não se podia dar ao luxo de pagar ao empregado para lhe estacionar o velho *Fiat* e por isso parou a um quarteirão de distância, veio a tropeçar nas pedras da calçada com os saltos muito altos, a praguejar baixinho e a suar outra vez. Quem diria que estaria tanto calor no final de dezembro?

O vestido de seda estava a colar-se ao sutiã chumaçado quando subiu os degraus do hotel, mesmo na altura em que um táxi travou à porta. Olhando por cima do ombro, viu Eddie a pagar ao motorista. Um sorriso aliviado alegrou-lhe o rosto e, esquecendo os cinco queixos, chamou por ele.

— Que feliz acaso — exclamou. — Oh, Eddie, Eddie, tenho estado a tentar entrar em contacto contigo, mas não sabia como. E é *tão* importante.

Eddie não sorria quando galgou os degraus do hotel.

— Não consigo pensar em nada que pudesse ser importante entre nós — retorquiu com frieza, passando a passos largos por ela através das portas

giratórias.

Kitty apressou-se atrás dele.

— Ooh, mas Eddie, Eddie, *por favor...* é mesmo. É tão importante que vais *ter* de ouvir.

Ele continuou a andar. Ela seguiu-o num trote.

— Pelo amor dos teus *filhos*, vais ter de falar comigo.

Eddie estacou, retesou-se, ficou parado durante um segundo com as costas voltadas para ela e depois virou-se e olhou-a nos olhos.

— Mas, afinal, o que podes ter a ver com os meus filhos? — Avançou ameaçador para ela, falando em voz tão baixa que mais ninguém conseguia ouvir.

— Não pertencem ao mesmo mundo de pessoas como tu. Não te atrevas sequer a pronunciar-lhes os nomes. Ou...

— *Ou...* — Kitty soltou um minúsculo suspiro. Lágrimas espremeram-se dos seus pequenos olhos azuis e gotejaram-lhe pelas faces, deixando leves traços de rímel.

Procurou inutilmente na mala por um lenço de papel até que Eddie, sempre cavalheiro, se sentiu compelido a oferecer-lhe o seu lenço.

— Obrigada, muito obrigada. — Fungou, abafando as lágrimas. — É tudo tão horrível, Eddie, não sei como contar-te.

Tudo o que posso dizer é que te amo, amo-te tanto desde aquela nossa noite preciosa juntos. Quero-te tanto. Preciso de ti, Eddie, querido...

— De que merda estás a falar?

Kitty lançou uma olhadela por cima do ombro, afixando a sua melhor expressão de «receio».

— Ninguém pode ouvir isto — sussurrou, enxugando outra vez as lágrimas. — Temos de conversar, Eddie.

Tenho uma coisa que precisas de ver, tens de ler... tem a ver connosco.

Eddie examinou-a com mais atenção.

Havia alguma coisa errada e sabia que era melhor descobrir o que era antes que Kitty fizesse uma loucura. Não gostava da alusão aos filhos. Não da parte de uma mulher como aquela.

— Podíamos ir para o teu quarto — sugeriu Kitty, conseguindo esboçar um sorriso. — Podíamos estar lá sozinhos.

— Podemos estar sozinhos no bar — replicou Eddie com brusquidão, liderando o caminho sem lhe dar o braço, como teria feito normalmente com

uma amiga.

Eram seis e trinta e o bar enchia-se.

Kitty seguiu para uma mesa de canto mais afastada. Um pequeno candeeiro com um quebra-luz cor de âmbar difundia uma luz rosada, da cor de um pôr do Sol no Sul de França. Nos altifalantes, uma mulher cantava com suavidade, em francês, embora o grupo, Pink Martini, fosse americano. O empregado veio anotar os pedidos. Era o empregado jovem, o do andar confiante, que fitou Kitty com audácia.

Regra geral, Kitty teria devolvido o olhar, mas naquele momento manteve os olhos baixos e pediu uma cerveja.

— Uma *Heineken* — disse em tom humilde. Não podia deixar que o empregado, que sabia com exatidão quem ela era, se mostrasse demasiado familiar em frente de Eddie.

Quando a cerveja chegou, bebeu-a diretamente da garrafa, com ruído, como uma prostituta numa Oktoberfest, quase a esvaziando de uma assentada. Voltou a chamar o empregado e pediu outra.

Eddie bebeu um gole da sua vodca com gelo, observando-a a limpar a espuma da cerveja dos lábios com as costas da mão. Não havia um grama de graciosidade naquela mulher. Era rasca e disponível de forma tão óbvia que se sentiu envergonhado por ser visto com ela.

— Diz-me o que se passa — ordenou.

Kitty inspirou fundo e depois tirou o envelope castanho da mala. Abriu-o, puxou uma folha de papel. Com os olhos fixos nos de Eddie, passou-lha.

— Lê isto. Então talvez também precisas de uma segunda bebida.

Eddie alisou o papel sob a luz rosada do pequeno candeeiro de mesa.

Kitty observou-o a ler. Sabia o que estava escrito e procurava uma reação da parte de Eddie. Não a obteve. Ele apenas lhe devolveu o papel, sem dizer nada.

— Eddie, oh, Eddie, mas o que achas?

O que devo *fazer*? É um bilhete de chantagem...

Eddie bebeu outro gole da vodca.

— Não consigo perceber como isso me afeta.

— Mas olha, *olha*, Eddie. — Alisou outra vez a folha de papel, fitando a mensagem escrita no computador.

Foram observados.

São culpados. Prová-lo-emos em todos os tabloides do planeta e ficarão arruinados. Perderão tudo. Não é melhor pagarem dois milhões de euros em dinheiro, em local e hora a determinar? Acreditem, sabemos como vos apanhar, de formas que nunca esperariam. Nunca saberão o que vos atingiu. Serão destruídos. Perderão tudo por que trabalharam. Incluindo a vossa vida. E o que são dois milhões comparados com uma vida? Pensem nessa pergunta e deem-nos a resposta para podermos prosseguir.

Contactaremos Kitty Ratte esta noite. E, sim, tens razão para ter medo, Kitty. E o teu homem também. — O meu homem. — Kitty engasgou-se com as palavras, meio a soluçar. — Não percebes que isso significa que és tu, Eddie. Oh, meu Deus, algum inimigo viu-nos, espionou-nos naquela noite em que estivemos juntos. Aquela noite maravilhosa, maravilhosa, Eddie. Não consigo esquecê-la, não consigo esquecer-te. Não consigo tirar-te da cabeça, estou tão apaixonada por ti.

Quero-te, Eddie. Preciso de ti.

— De que merda estás a falar?

Kitty inclinou-se mais para ele. A calma gelada de Eddie estava a ceder e apetecia-lhe sorrir de prazer, mas não o fez. Porém, tinha-o apanhado; sentia-o, via-o na posição dos ombros dele, do seu maxilar cerrado.

Tirou as fotografias do envelope castanho, entregou-lhas.

— Olha para isso, Eddie — disse com suavidade. — Olha só para essas fotografias. Para ti e para mim. Olha só no que me meteste, Eddie. E fiz tudo por amor por ti.

Eddie fez deslizar as fotografias a preto e branco pelas mãos, interiorizando o facto de o homem ser ele, adornado com uma coleira de couro guarnecida de pregos, algemas e nada mais, e de a mulher por cima dele, nua como uma galinha depenada, à exceção do sutiã chumado e do top de que, embora não soubesse, ela nunca se desfaria porque tinha vergonha do seu corpo envelhecido, ser Kitty Ratte. E naquelas fotografias Kitty chupava-o, lambia-o, escarranchava-se sobre ele, empurrava-lhe a cabeça entre as suas pernas, sorria triunfante, com a cabeça atirada para trás, a segurar um vibrador azul que fazia o que, ao que parecia, *ele* não podia fazer por ela.

Devolveu-lhe as fotografias, fitou os pequenos olhos de predadora, fitou-a com tanta dureza que sentiu o movimento de recuo dela.

— *Sua cabra rasca.* — A voz baixa estava repleta de tanto ódio e ameaça

que Kitty se retraiu.

— Mas não vês — gritou. — Sou *eu* que eles estão a chantagear. Sou *eu* nessas fotos, a minha cara está por *todo o lado*.

Arruinaste-me, Eddie Johanssen. Vou aparecer em todos os tabloides e nunca mais ninguém quererá conhecer-me, não poderei ir a lado nenhum. Estás a destruir-me. — Estendeu o braço para a mão dele, de forma implorativa, mas ele afastou-se. — Eddie, oh, *Eddie*, estava só a fazer amor contigo, a fazer o que pedias. Quiseste a coleira, quiseste que eu te açoitasse, quiseste as algemas...

Foste sempre *tu*. Só fiz o que me pediste porque era uma mulher apaixonada. Não vês, Eddie, estão a pedir-*me* dois milhões de euros e não os tenho. Se não pagar, ficarei arruinada. E talvez pior...

Deixou a ameaça a pairar no ar, observando-o para ver como ele estava a reagir ao estratagema. Fora ideia de Jimmy usar o rosto *dela*, dizer que era *ela* que estava a ser chantageada, que Eddie não era o alvo principal, para nunca poderem pensar que ela era a chantagista.

— Alguém queria apanhar-me — sussurrou. — E agora conseguiram. E só o fiz por amor... e pelo sexo maravilhoso. Oh, és tão *sexy*, Eddie, tão fantástico. És *perfeito*. Não vês como te *amo*? Como te *desejo*? Como *preciso* de ti? Eddie, oh, Eddie, não podes *trair-me*. Sou uma mulher indefesa cuja vida ficará destruída se não me ajudares.

— E se ajudar? — A voz de Eddie tinha aquele tom de calma gelada que pôs Kitty nervosa.

— Então eles dão-me os vídeos, vão-se embora, deixam-nos em paz.

— E se não ajudar?

Kitty deixou-se cair para trás na sua cadeira, fitando-o com tristeza.

— Então receio que fiquemos ambos arruinados, Eddie. Tu e eu. Sei que tens problemas com o teu divórcio e a custódia dos teus filhos. É uma pena.

Mas fizeste o que fizeste, fizeste amor comigo e alguém gravou um vídeo e agora estamos ali para toda a gente ver.

Voltou a guardar as fotografias no envelope, bem como o bilhete, lambeu a dobra, selou o envelope e depois empurrou-o para ele por cima da pequena mesa.

— Não aguento mais neste momento — disse com aquela vozinha lacrimosa. — Sou uma mulher que foi colocada numa posição terrivelmente comprometedora.

E foste *tu*, Eddie, que me colocaste nessa posição. Agora, só *tu* me podes tirar dela. Por favor, não me deixes ficar mal. Nunca me traias, Eddie. *Nunca*.

Pegando na mala, Kitty pôs-se de pé, vacilante. Eddie não se levantou.

— E se eu te «trair» e não pagar, Kitty?

Então o que acontece?

— Então eles matam-nos aos dois –retorquiu apenas. E depois virou-se e foi-se embora.

DE VOLTA AO QUARTO , Eddie espalhou as fotografias incriminatórias sobre a secretária. Não havia dúvida que era ele, o rosto estava iluminado com tanta clareza como se estivesse a fazer um filme, o que, involuntariamente, fizera. E também o de Kitty. Os infelizes dentes sobressaíam como a ratazana da qual recebera o nome, o pescoço tão largo como o rosto e os olhos pequenos arrepanhados numa careta de êxtase fingido.

Mas como dizer que era fingimento?

Talvez, na realidade, tivesse ficado tão bêbado que estivera com ela e não se conseguia lembrar. Caramba, nunca fora esse tipo de homem; adorava mulheres, adorava fazer amor, mas não aquilo...

aquela coisa *obscena* com a coleira de sadomasoquismo e ela a manejar um vibrador. Agradeceu em silêncio o facto de para fazer amor com uma mulher nunca ter ficado reduzido à necessidade de ela ter de usar um vibrador. Aquela mulher era doentia, era louca e tão pouco atraente para ele, para tudo o que conhecia e valorizava nas mulheres, os seus corpos, o seu amor, a sua capacidade para fazerem amor, que sabia que nunca podia ter participado conscientemente naquela fraude. Fora enganado, tinham-lhe armado uma cilada, tinham organizado uma tentativa de chantagem.

O telefone tocou. Atendeu de forma automática. Era Kitty.

— Queria só recordar-te aquela noite.

Quero que saibas, querido Eddie, que és o único homem que me podia fazer vir assim. O único desde há muito tempo.

Podes ver a verdade nessas fotografias.

Foste maravilhoso e não consigo viver sem ti... Tens de me ajudar, Eddie, não me podes trair...

Desligou, bateu com o telefone, atirou-o pelo quarto. A raiva bailou-lhe

diante dos olhos, obscurecendo tudo, a sua vida... a cabra rasca tinha-o agarrado pelos tomates, literalmente.

Pela primeira vez na sua vida, sentia uma raiva tão cega que poderia ter matado, matado para proteger os seus filhos, a sua mulher, os seus amigos, o seu estilo de vida...

Saiu para a varanda e ficou ali às escuras. Nunca se sentira mais sozinho na sua vida. Gradualmente, as trevas da raiva abandonaram-no.

As mãos pararam de tremer. Começou a pensar de forma mais lógica. Não podia deixar-se enlouquecer de fúria por causa daquela mulher horrível. Tinha de se controlar. Perceber o que acontecera.

Depois resolver o que fazer. Pensou em ligar ao seu advogado, mas com aquela história?

Como iria explicar as fotografias de que não tinha tido conhecimento?

Voltou ao quarto, serviu-se de uma vodca. Bebeu-a simples. Sentou-se no sofá, de olhos fechados, e forçou-se a pensar naquela noite.

Viu-se a entrar no bar, a ruiva flamejante que conhecia como Kitty Ratte sorria-lhe, os olhos minúsculos muito apertados, fazendo-lhe sinal, convidando-o a tomar uma bebida com ela, tinha tanto para lhe contar sobre Sunny. Claro que usara Sunny como isca. Afinal de contas, Kitty não era assim tão parva. Recordava-se agora disso com clareza. Recordou-se de ela ter pedido uma segunda bebida para ele, embora ele ainda não tivesse terminado a primeira, de a ter empurrado na sua direção, dizendo-lhe «beba isto que se sentirá melhor...» e depois de pensar que devia ter bebido de mais; de se sentir estranho, eufórico mas fraco...

Claro, recordava-se *agora*.

Ela dissera que ele devia ter fome, dissera que fazia as melhores almôndegas suecas de Monte Carlo e, visto que ele era sueco, cozinharía para ele, seriam as melhores almôndegas que ele já provaria.

Tinham saído juntos do bar, o braço dela passado pela cintura dele. Oh, meu Deus, deviam ter parecido um par de amantes a caminho de um encontro amoroso. Pensou se alguém os teria visto, se alguém reparara? *Claro*: o empregado do bar com os cabelos prateados. Eddie detetara-lhe o olhar cético. O empregado percebera que alguma coisa se passava... e Eddie apostava que ele também sabia tudo sobre Kitty, quem ela era, o que era.

Devia ser bem conhecida nos bares de hotéis da cidade.

Kitty levava-o até casa dela, reclinara-o num sofá, erguera-lhe os pés, uma

almofada por baixo da cabeça, acendera todas as luzes até ele ter protestado que era como o *set* de um filme... e claro que era exatamente o que era. Lembrava-se de tudo agora, todas as luzes suspensas a incidirem-lhe nos olhos, os candeeiros acesos, a horrível música da Eurovisão; a maneira como ela o colocara de forma tão precisa no sofá, obviamente de frente para a câmara de vídeo; trouxera-lhe outra bebida para ele se sentir melhor e depois a pose dela com ar *sexy*, as coxas com celulite a balançarem quando se encaminhou para ele com uma única almôndega no que parecia agora ter sido um prato branco enorme. Uma única almôndega que devia ter contido a droga final; a droga de violação que o pusera inconsciente e lhe apagara a memória...

O que sucedera a seguir estava documentado nas fotografias que tinha à frente. Olhando para elas, Eddie deu graças a Deus por não se conseguir recordar.

Levantou-se, saiu outra vez para a varanda, pensou outra vez em telefonar ao advogado, em telefonar à mulher, a tentar explicar. Em telefonar a Kitty para lhe dizer que era uma cabra rasca e uma prostituta mentirosa. Mas do que precisava mesmo, naquele preciso momento, era de um amigo. Tinha muitos, em todo o mundo, mas não havia ali ninguém, em Monte Carlo, que compreendesse. Exceto talvez a única mulher por quem se apressara a voltar para Monte Carlo. Não Sunny Alvarez, essa estava fora do seu alcance. Era a mulher com quem passara um dia agradável, calmo e relaxante, e que lhe chamara seu amigo.

Olhou para o relógio. Dez e meia.

Seria demasiado tarde para telefonar?

Andou de um lado para o outro mais um pouco, a pensar naquilo, a pensar no que dizer, como explicar. Com certeza que não era demasiado tarde para telefonar a uma amiga, alguém a quem podia abrir o coração, que podia trazer alguma sanidade mental para aquela terrível situação; alguém que poderia entender porque a sua própria inocência seria uma espécie de proteção.

PRU COMIA UMA MAÇÃ. Pelo menos estava prestes a comê-la, mas, olhando para ela, pensou que era quase demasiado bonita para se morder e estragar. Vermelha de um dos lados, verde do outro, tal e qual como a da Branca de Neve. Pensou se a maçã de Eva teria também sido assim.

Desde o delicioso almoço de *fettucini* de lagosta que tinha tido muito cuidado com o que lhe entrava na boca. Bem como cuidado com o que lhe entrava nos pensamentos, porque, tinha de admitir, pensara com muita frequência em Eddie.

Com *demasiada* frequência, decidiu, dando uma dentada na maçã e recostando-se para trás nas almofadas.

Tesoro esticou-se a todo o comprimento ao lado dela, as patas da frente a tocarem-lhe no braço, as pernas traseiras todas para fora. A cadela parecia um desses bonecos para guardar o pijama que se compravam às meninas como prenda. Abria-se o fecho da barriga e guardava-se o pijama lá dentro quando se ia dormir a casa de uma amiga. Pru sorriu, recordando o tempo em que fizera isso. Os miúdos ainda o fariam atualmente? Nesta era de jogos eletrónicos, mensagens, Twitter e outras coisas que distraíam a mente das coisas adoráveis de todos os dias? Como uma maçã bonita e uma cadelinha amorosa, que pertencia à sua amiga Sunny.

E isso era outro problema. Pru falara com Allie no dia anterior e de novo naquele dia. Allie não tivera notícias de Sunny. Nem uma única palavra. Tentara ligar-lhe para o telemóvel, enviar-lhe uma mensagem, um *e-mail*. Nada, e agora Allie estava preocupada.

Sobretudo porque ligara também para Maha no hotel e fora informada que Madame Mondragon partira e não deixara qualquer morada.

Porém, tinham-lhe dado um número de telemóvel de contacto.

— Mas quando telefonei — explicou Allie a Pru — o número tinha sido

desligado. Era um desses telemóveis descartáveis, sabes, dos que se compram por vinte e nove dólares, do tipo usado por pessoas que não querem ser localizadas, como maridos infiéis ou prostitutas.

— Tenho a certeza que Maha não era uma prostituta — retorquiu Pru, espantada.

— Claro que não era — concordou Allie. — Maha era uma senhora. Nunca faria nada do género de Kitty Ratte.

— Kitty Ratte? — Pru estava a ter uma revelação.

— Bem, que mais poderia ser aquela mulher senão uma prostituta, bem como uma cabra.

Allie pensou durante um instante e depois acrescentou: — Podia pensar numa palavra melhor para a descrever, mas sou demasiado bem educada para a utilizar. A não ser que seja provocada, claro.

Pru riu-se. Sabia qual era a palavra a que Allie se referia. Nunca a utilizara na sua vida inteira, embora já a tivesse lido em livros. E sem dúvida que sabia o que significava.

— Vou ver se consigo descobrir para onde Maha foi — prometeu.

Mas claro que o hotel não tinha mais informações e agora Sunny desaparecera e Allie tinha receio de telefonar a Mac porque Sunny quisera guardar segredo da sua viagem a Bombaim e surpreendê-

lo com o seu novo papel na vida. Nem Pru nem Allie lhe queriam estragar isso, portanto, decidiram deixar passar mais um dia e, se Sunny não as contactasse, então teriam de contar a Mac.

— Ele ainda está em Praga — disse Allie a Pru. — Tenho o número dele.

Claro que Ron estaria com ele, se não tivesse caído do cavalo e partido o raio da perna.

Explicou que Ron estava a ir bem e que ela apanharia o avião de regresso na manhã seguinte e que depois, juntas, Pru e ela resolveriam as coisas.

Mas, algumas horas depois, Ron telefonara: — Olá, Pru, não vais acreditar nisto — advertiu num tom algures entre surpresa estupefacta e uma gargalhada. — Mas a Allie caiu do cavalo dela e partiu a perna.

— A mesma que tu? — perguntou Pru, atordoada.

— Não. A minha é a esquerda, a dela é a direita. Agora andamos ambos com gesso e com muletas. Bem, ela andarà quando a deixarem sair do hospital.

Raios, podemos coxear juntos, de mãos dadas, os pés bons para a frente.

— Gosto dessa imagem — retorquiou Pru com um sorriso, embora se sentisse horivelmente mal por causa de Allie.

Bem, aquilo deixara-a sozinha numa suíte de hotel em Monte Carlo, à exceção da *chihuahua* de Sunny, de que já gostava demasiado para a querer devolver. Mais uma cabeça cheia de sonhos com um homem atraente com quem partilhara um almoço delicioso numa praça soalheira do Sul de França e que a beijara e lhe chamara sua amiga.

Era uma mulher com sorte, embora com preocupações.

Deitou-se na cama, a cabeça loira apoiada nas almofadas, a televisão ligada sem o som, a ver um filme francês com Allie num pequeno papel chamado *Les Étrangers sur la Plage*.

Pru quase esquecera que agora era loira, habituara-se muito depressa. E habituara-se a não ter queixo duplo; habituara-se a roupas que deslizavam com mais facilidade pelo seu corpo.

Com certeza que não era magra, mas perdera aquela corpulência horrível que era da responsabilidade completa do seu «ex-sem nome» porque não lhe suportava o nome. Por vezes a vida trazia coisas como tormentos, mágoas, derrotas, com que as mulheres frequentemente, e talvez também os homens, não sabiam lidar. Lidar com a falsidade era difícil.

Teria esse sofrimento terminado agora? Pru esperava que sim. Mais, acreditava nisso. O homem não merecia um pensamento sequer da sua nova cabeça loira e a mulher a quem se ligara podia ficar com ele. *Ela* que pagasse o novo *Jaguar*, ou até o *Porsche* vermelho com a matrícula personalizada, os *Gucci* nos pés, o *Viagra* de que ele precisava, o cartão American Express platina com o qual a levava a jantar fora. Pago por Pru, claro. Porém, isso acabara.

Ligou o som na televisão, apreciando ouvir Allie a falar francês de forma tão deliciosa, com o seu ligeiro sotaque americano, que Pru tinha a certeza que todos os homens em França deviam estar apaixonados por ela.

E então o telefone tocou.

— PRUDENCE, FALA EDDIE JOHANSEN.

Pru soltou uma exclamação abafada e surpresa. Pensara que seria Sunny a ligar por fim.

— Meu amigo — retorquiu com um tom satisfeito na voz que sabia que ele não poderia interpretar mal.

Não se importava, estava satisfeita por ter notícias dele, mesmo que fosse às dez e quarenta da noite. — De onde estás a ligar? — perguntou, esperando ouvi-lo dizer Glasgow ou Berlim.

— Do quarto novecentos e trinta e três.

— Queres dizer daqui mesmo? *Deste hotel?*

— É isso que quero dizer.

— Ooh! — replicou Pru.

— Prudence...

Ninguém senão Eddie lhe chamava Prudence desde que o pai falecera quando ela tinha seis anos.

— Sim?

— Estava a pensar... Bem, será que quererias vir dar um passeio comigo?

— Amanhã? Claro que sim. — Estava radiante, já a pensar que talvez pudessem almoçar, ela convidá-lo-ia, usaria as calças de ganga outra vez.

— Amanhã não. *Agora.*

— Oh!

Apanhada de surpresa, lançou uma olhadela ao espelho, viu o rosto sem maquilhagem, com o creme da noite.

Não podia ir a lado nenhum sem pelo menos as sobrancelhas pintadas. E então o batom *Nude* que, estava convencida disso, fizera com que Eddie a beijasse?

— Porquê? — A pergunta irrompeu das inseguranças lá no fundo da sua alma.

— Porque preciso de ti — respondeu Eddie. As palavras simples soaram como mágicas para Pru. — Preciso de falar com a minha amiga. É importante.

Grave.

Pru já saltara da cama.

— Encontro-me contigo lá em baixo dentro de cinco minutos.

Atirou com o pijama de algodão cor de rosa e correu para o guarda-fatos.

Não havia tempo para esmeros e voltou a vestir as cuecas que acabara de tirar, o mesmo sutiã, uma camisola, as calças de ganga, que, mesmo apressada, reparou que eram mais fáceis de apertar. Ainda não perfeitos, mas talvez em breve...

Correu para a casa de banho, limpou a cara com um lenço de papel, passou o lápis nas sobrancelhas, o *Nude* de *Saint Laurent* nos lábios, uma escova pelo cabelo loiro despenteado, enfiou os pés em sabrinas rasas, lançou uma olhadela a *Tesoro* ainda a dormir profundamente na cama, pensou em levá-la, mas decidiu que não, agarrou na chave e precipitou-se para a porta.

O elevador era lento, parava em todos os andares. Nervosa, andava de um lado para o outro, apressou-se a entrar quando ele parou por fim com um silvo.

Conseguira despachar-se em quatro minutos, mas Eddie chegara antes dela, tinha uma expressão tensa no rosto bem-parecido.

Avançou para ela, abraçou-a, apertou-a contra ele.

— Prudence! Graças a Deus — murmurou-lhe ao ouvido.

Ela sorriu, agradecendo também a Deus. Era demasiado bom para ser verdade. Relembrou todos os avisos horríveis que ouvira a respeito daquilo do «demasiado bom para ser verdade».

Nunca era. Mesmo assim, a esperança recrudesceu quando Eddie a afastou de si e a fitou. Seria desespero que via nos olhos dele? Campanhas de alarme soaram-lhe na cabeça quando ele lhe pegou na mão e saíram juntos do hotel.

A noite estava sossegada, calma, tão diferente da noite do roubo com o uivar das sirenes da polícia e dos carros dos bombeiros.

Caminharam, de mãos dadas, em silêncio, passaram pelos iates, alguns iluminados e festivos, outros silenciosos e escuros; pelos cafés ainda abertos onde pessoas sorridentes se sentavam a bebericar as suas bebidas; desceram o *boulevard* elegante e passaram pela joalharia *La Fontaine*, onde a mulher

fora assassinada.

Pru não aguentou mais o silêncio.

Parou e, ainda a segurar-lhe a mão, perguntou: — O que é Eddie?
Alguma coisa grave aconteceu, sinto-o. Sou tua amiga, podes contar-me.

Eddie abanou a cabeça. Fizera mal em ter telefonado. Como poderia falar a uma mulher como ela daquele cenário doentio? Teria de lhe mostrar as fotografias, contemplar-lhe o rosto chocado, ser desmoralizado diante dela.

Suspirou fundo; ou era aquilo ou a desgraça para os seus filhos, a sua família.

— Isto tem a ver com Kitty Ratte — disse, enfrentando a situação.

Pru assentiu, mas sentiu-se desanimar.

Ele ia dizer-lhe que queria estar com Kitty, não com ela. Já estava a adivinhar.

— Kitty é uma mulher má — continuou Eddie ainda à procura de uma maneira de começar.

— Malévola. *E* corrupta — corrigiu-o Pru. — Foi o que Maha disse.

Percebeu o olhar sobressaltado dele sob a luz do candeeiro de rua. O ar era doce só com uma ligeira aragem fresca, suficiente para lhes agitar os cabelos.

Distraída, ergueu uma mão e afastou o de Eddie dos olhos. Para seu espanto, ele agarrou-lhe a mão, levou-a à face.

Abanou a cabeça, os olhos franzidos numa espécie de sofrimento atroz de que não estava à espera.

— Mas o que é, Eddie — gritou, assustada. — O que se passa com Kitty Ratte?

— Está a tentar fazer chantagem comigo. Oh, afirma que é outra pessoa e que estão a tentar chantageá-la a ela, mas porque se daria alguém ao trabalho de fazer chantagem com uma mulher como ela? Uma mulher de clubes de *swing*, uma acompanhante barata e rasca...

— Uma prostituta — afirmou Pru.

Ele assentiu, concordando.

— Uma prostituta.

Passando-lhe a mão pelo braço, caminharam os dois pelo *boulevard*. As luzes de um café que dava para a água convidavam, refletindo-se no mar preto.

Uma lua em quarto minguante cintilava por cima deles.

— Vamos tomar um café.

Pru conduziu-o a uma mesa debaixo do toldo. Pediu pelos dois, à espera que ele falasse. Quando o café chegou, a ferver, escuro, aromático, ela deitou leite quente no dela, ao passo que ele o bebeu depressa e preto. Pru fez sinal ao empregado a pedir outro. E depois Eddie começou a contar a sua história.

Contou-lhe o que recordava; o que não recordava; o que acreditava que acontecera. Depois puxou do envelope do bolso e pousou-o sobre a mesa entre os dois.

Música filtrava-se docemente para o ar noturno, chegavam risos das outras mesas, adriças batiam nos iates ancorados e a Lua brilhava tal como acontecera na noite do assassinato, quando Eddie abriu o envelope, tirou o bilhete a exigir dinheiro, estendeu-o a Pru e depois pousou as fotografias ao lado dela em cima da mesa.

— Tenho de te mostrar isto porque é a única maneira de perceberes o que quero dizer e como esta situação é deveras complicada. Compreenderei se não quiseses olhar para elas.

Compreenderei se nunca mais me quiseses ver. Mas estou a pedir-te, como amiga, que me ajudes a decidir o que fazer.

Pru fitou a fotografia no topo da pequena pilha. Estava a olhar para uma Kitty Ratte meio despida, um vibrador no entrepernas depilado, escarranchada em cima de um Eddie completamente nu e, reparou, não excitado. Os olhos de Eddie estavam fechados e havia uma expressão de triunfo, não de êxtase, no rosto da Ratte.

Fitou-a durante muito tempo. Depois, sem olhar para o resto, devolveu o conjunto de fotos a Eddie. Ele olhou-a nos olhos.

— Putona — proferiu Pru. A palavra saíra. Calculou que era apropriada. Para sua surpresa, Eddie riu-se.

— Pelo menos agora consegues rir-te —disse Pru, sorrindo com a sua própria ousadia.

— Só que nunca esperei ouvir essa palavra vinda de ti, Prudence. Ela ergueu uma sobancelha acabada de pintar.

— Não tenho razão?

Eddie riu-se de novo.

— Tens muita razão. Mas agora o que vou fazer? Olha para mim. Nessas fotografias sou culpado como tudo. E os leitores dos tabloides vão querer saber se eu estava drogado? Se estou inocente? Claro que não, vão chamar-

me louco, idiota, pervertido. Um homem culpado. Os meus filhos ficarão marcados para sempre pelas minhas ações. A minha mulher, uma boa mulher apesar de nos estarmos a divorciar, desgraçada. E eu? Bem, nada de bom me acontecerá, posso garantir-to. Vivi toda a minha vida para a minha empresa.

Agora desaparecerá tudo.

Olharam um para o outro, por cima da pequena mesa de imitação de mármore.

A cadeira de verga chiou quando ele se inclinou para ela e a fitou nos olhos.

— Não há mais nada a fazer — declarou. — Tenho de lhe pagar.

Pru manteve-se em silêncio. Sabia que os chantagistas nunca desistiam; quando se pagava, eles queriam sempre mais, mais... Pensou na sua amiga Allie e no marido de Allie, Ron, que estava a par de coisas como aquela, um mundo onde coisas más aconteciam. Pensou em Sunny, perdida algures em Bombaim e o pânico subiu-lhe como bÍlis na garganta.

Pensou em Mac, o homem que compreendia verdadeiramente pessoas como Kitty Ratte e a corrupção e maldade que usavam à sua volta como uma aura. E em Maha que percebera tudo, logo desde o início.

— Só há uma coisa a fazer — disse pegando na mão de Eddie. — Temos de telefonar a Mac Reilly. Só ele nos pode ajudar.

Praga

A NEVE RODOPIAVA POR CIMA DO RIO VLTAVA, cinzento como aço, ao princípio uma saraivada minúscula de água gelada que, quase de forma impercetível, se transformara em flocos de cristal, competindo com as decorações prateadas de Natal e as luzinhas brancas penduradas ao longo da Ponte Carlos.

Era, pensou Mac, parando para admirar a vista, uma coisa de grande beleza. Californiano, era raro ver neve a não ser que fizesse uma viagem especial às montanhas locais, a Big Bear ou, mais longe, a Tahoe ou Sun Valley. Não gostava muito de Aspen, demasiadas botas elegantes para seu próprio bem; a natureza perdia-se. E, se queríamos natureza, também não era aqui que íamos encontrá-la, na extensão urbana, uma mistura de velho e novo, que era a encantadora cidade de Praga com os seus telhados de terracota. Uma cidade de igrejas medievais, teatros rococós dourados e casas em tons pastel; de ruas estreitas calcetadas que serpenteavam, subindo, e desciam outra vez a escorregar em direção ao rio; de esplanadas de cafés protegidas agora do frio por pesadas capas de plástico, iluminadas por aquecedores que assavam a cabeça e deixavam os dedos dos pés fracos com humidade; de restaurantes grandiosos e antiquados com empregados de casaca e restaurantezinhos locais aconchegados a fumegar com o calor da cozinha, paredes de veludo vermelho e candeeiros como querubins dourados. E a comida?

Sublime, quanto mais simples, melhor.

As pessoas?

Amigáveis, bonitas; mulheres com classe de casacos de peles e botas altas; homens de cabelos escuros e narizes aquilinos com casacos pesados de impermeável verde com golas pequenas e uma prega oscilante nas costas,

tipo Drácula, apressando-se, importantes, pelos *boulevards*, para encontros amorosos secretos.

Por que razão, pensou Mac, achava que toda a gente ia a caminho de um encontro amoroso secreto? A razão só podia ser inveja porque sentia tantas saudades de Sunny que, essa manhã, quase se metera num avião e desistira de todo o caso do roubo das joalharias La Fontaine. Só a recordação do rosto esfacelado de Yvonne Elman incrustado de fragmentos de diamante o aguentara ali. Não podia, não desiludiria aquela mulher morta. Devia-o ao marido e ao filho de dois anos. Não queria que aquela criança ficasse com a recordação do assassinato absurdo da mãe, sem nenhuma razão aparente. Não que existissem verdadeiras razões para matar alguém. Mas aquele miúdo não ia recordar-se da mãe como uma vítima.

Merecia a verdade.

A justiça estava muito presente na mente de Mac quando atravessou a ponte, por baixo das torres, apressando-se pela álea de estátuas de santos que forravam as balaustradas, esquivando-se ao trânsito quando atravessou a estrada e virou para uma dessas encantadoras ruas calcetadas na Cidade Velha.

Música escapava-se das grandes portas de madeira de uma igreja. A sua fachada estava coberta de rostos de anjos, cinzelados na pedra e gárgulas adejavam no telhado. A neve criava um trilho imaculado para grandes portas de madeira. Alguém tocava órgão.

Intrigado, Mac subiu os degraus baixos, deixando o seu próprio trilho de pegadas escuras na brancura já a derreter-se. Empurrou a porta, entrou e foi de imediato envolvido nos cheiros de incenso e almíscar; de genuflexórios gastos e muito usados, de paramentos, velas e o bramido de um grande órgão sobrepondo-se a tudo, retumbando a *Paixão* de Bach para a penumbra que se elevava no ar, para as traves a doze metros de altura.

O som do poderoso órgão vibrou pelo corpo de Mac, convertendo-o em parte da música, parte da visão de Bach, parte da magistral interpretação do organista.

Lá à frente, do lado esquerdo do altar, uma fila de jovens meninos de coro aguardava, sotainas brancas vestidas por cima das camisolas normais, golas pregueadas com laços de veludo preto ao pescoço, cabelos brilhantes bem penteados, mãos a agarrar as partituras abertas, à espera da sua vez de cantar.

As vozes elevaram-se então por cima do órgão, delicadas, penetrantes,

belas.

Um momento de paz e, contudo, de paixão, numa cidade estranha. Um momento distanciado da fealdade da missão de Mac.

Saiu sem ruído, sem ser visto, sem ser ouvido. De volta à rua estreita, a neve assentava em minúsculos montículos, imaculada, não escavada, ainda intocada pela negrura dos camiões e carros. Com o aspeto que devia ter tido há um século, dois séculos. Praga era uma cidade com história, nem toda boa, mas tinha sobrevivido a guerras, o seu povo tinha sobrevivido, os seus edifícios, a sua beleza, a sua grande ponte. Porém, Mac não estava ali para isso.

Consultou o mapa que o porteiro lhe dera no hotel, verificou o nome da rua.

Era uma rua bonita, encantadora de facto, as árvores sem folhas orladas de branco, as luzes a brilhar nos edifícios altos do século dezoito, flores vermelhas a tremeluzir atrás do vidro na montra da florista; uma boutique bonita, toda moderna e espaçosa, aço e vidro; raparigas bonitas lá dentro, de saias curtas e meias pretas, a pensar sem dúvida se não haveria mais clientes e se poderiam sair mais cedo para poderem chegar a casa antes de a tempestade cair.

O edifício que procurava era simples, de uma época posterior ao do resto da rua, ligeiramente mais recuado. Três degraus conduziam a uma porta lacada ao lado da qual se encontrava uma lista de nomes revestida a latão, cada um deles com uma campainha. Mac tirou o cartão-de-visita do bolso e verificou o nome. A Agência de Modelos Barnes ficava no terceiro andar. Premiou a campainha e abriram-lhe de imediato a porta.

Empurrou-a e viu-se confrontado com outra, de vidro. A seguir havia um pequeno átrio com um desses minúsculos elevadores antigos com que antipatizava. Recordava-se de ter ficado preso num como aquele. Teria sido em Paris? Roma? O tipo de elevador onde havia avisos do género APENAS UM PASSAGEIRO E UMA PEÇA DE BAGAGEM ou DOIS PASSAGEIROS DE MENOS DE 250 QUILOS.

Ignorando o elevador, Mac galgou os degraus. O edifício só tinha janelas na fachada da frente, havia apenas luzes amarelas demasiado brilhantes nos patamares e os degraus gastos eram de mármore cinzento. Não era um dos edifícios memoráveis de Praga. Desejou que Ron estivesse com ele, mas parecia que as pernas partidas se pegavam e agora tanto ele como Allie

andavam de muletas.

Faltava-lhe um patamar para chegar ao terceiro andar quando o telemóvel vibrou. Parou, puxou-o do bolso, abriu-o. *Espero que seja Sunny*, rezou, *espero que seja ela, apanho um avião daqui a bocado e durmo já com ela esta noite*.

Não tivera notícias de Sunny desde que ela lhe ligara de Paris e dissera que ia fazer uma rápida viagem, três dias no máximo. O destino era segredo e contar-lhe-ia tudo quando regressasse. A voz mostrava-se plena de excitação e prazer e Mac não tivera coragem para lhe dizer que precisava de saber onde ela se encontrava.

Assim, dissera *volta depressa, pensa em mim, não te esqueças de nós, amo-te...* e ela dissera o mesmo. E «Mal posso esperar para te contar tudo, Mac Reilly». Tratara-o pelo seu título completo de «Detetive Particular» do programa televisivo de Malibu, como sempre fazia quando se metia com ele. «Diverte-te, querida», retorquira. Desde então, nem mais uma palavra.

Não era Sunny ao telefone.

Surpreendido, viu o nome Prudence Hilson, uma mulher a quem fora apresentado no hotel em Monte Carlo.

Sabia que era amiga de Allie e, portanto, de Sunny.

— Mac Reilly — disse.

— Não me conhece — replicou ela, falando bastante depressa e, pensou Mac, parecendo muito nervosa. — Chamo-me Prudence Hilson.

— Recordo-me. É amiga de Allie. Ron contou-me que passou o Natal com eles.

— Passei? — Parecia espantada. — Sabe que foi apenas há alguns dias? Oh, meu Deus, faz ideia do que aconteceu desde então?

— Está a alarmar-me, Pru — disse Mac, mantendo um sorriso na voz para ela perceber que estava a brincar. — Isto tem a ver com Sunny?

— Ooh! *Sunny*. Bem, sim e não. Porém, antes de mais nada, tem a ver com Eddie Johanssen.

Eddie Johanssen era o tipo atraente e rico que Sunny conhecera no voo para Paris depois de o deixar. Mac não tinha a certeza se queria ouvir o que Pru tinha para dizer.

— Sei de quem está a falar.

O suspiro dela foi enorme.

— Não é o que pensa. Escute, Mac, Eddie Johanssen é um homem

correto, um homem decente. É um amigo. Um amigo novo, admito, mas um bom amigo.

Não anda com Sunny... Escute, sei que está em Praga. Onde está hospedado?

— No Four Seasons. Onde está Sunny?

— perguntou Mac depois, de súbito cansado de desconversar. — Está com ele?

— Credo, não. Claro que não está. A mulher está loucamente apaixonada por si, sempre esteve. Acredite numa amiga dela, aquela mulher anda por aí numa aura de amor e satisfação sexual e a *você* o deve. Não está interessada em mais ninguém. Aconteceu apenas Eddie estar ali à mão quando ela precisou de um ombro para chorar.

— *Okay*. — Mac não estava convencido.

— Eddie está com problemas.

Problemas sérios. Precisa da sua ajuda e eu preciso de falar consigo. Estou no aeroporto agora, a caminho de Frankfurt e depois sigo para Praga. Chego ao seu hotel às oito desta noite. Está bem para si?

— Quê? — Mac mostrou-se estupefacto.

— Às oito no seu hotel. Estarei cá em baixo, no vestíbulo. Temos muito que conversar, Mac. Mesmo muito. E é muito grave.

O telemóvel emudeceu. Ela desligara a chamada. Mas que merda se passava?

O que teria acontecido com Eddie Johanssen que não tinha a ver com Sunny? Estava-se borrifando para Eddie Johanssen e, de facto, desejava que Eddie Johanssen nunca tivesse entrado na sua vida. Mas depois recordou-se que Pru era amiga de Allie e que Allie era a melhor amiga de Sunny; e que Ron, com a perna partida, era seu amigo. Um círculo de amigos. Fosse o que fosse, era suficientemente urgente para Pru se meter num avião e vir pedir-lhe ajuda.

Fosse o que fosse, ajudaria.

A PORTA DE VIDRO CANELADO da Agência de Modelos Barnes dava diretamente para um pequeno escritório coberto, de parede a parede, com fotografias de aspirantes a modelos, embora fosse discutível se teriam todas seguido uma carreira no mundo da moda, fatos de banho ou até catálogos.

Sharon recrutava em todos os países do leste europeu, os Balcãs sobretudo forneciam raparigas sexy e desconhecidas, acabadas de sair da escola e prontas para tudo. Sharon não estava interessada. Enviava-as para outras agências que lidavam com esse tipo de sordidez. No que era boa era a conseguir papéis em filmes de terror que eram feitos na Roménia, coisas baratas e de pouca dimensão, mas os produtores e realizadores estavam satisfeitos com o que ela apresentava e pagavam-lhe dinheiro suficiente para gerir o seu pequeno escritório.

A sala com todas as imagens dos modelos estava mobilada de forma minimalista: uma mesa de vidro assente num cavalete; uma cadeira *Ghost* de *Philippe Starck*, de plástico transparente; um banco de imitação de zebra ao correr da parede para as raparigas que aguardavam, a preencherem os seus currículos ou a examinarem os seus portefólios na esperança de apresentarem melhor aspeto do que na realidade tinham. Não era um negócio sofisticado. Para um leigo, como Mac, parecia que mal dava para os gastos.

Não havia rececionista atrás da mesa de vidro; o computador estava desligado. Um telefone antiquado, uma réplica dos anos trinta, de alpaca, com um grande mostrador redondo e preto, estava puxado para um dos lados. O livro de marcações de pele branca encontrava-se fechado. Não se ouvia um som. Contudo, alguém lhe abrira a porta.

Uma porta conduzia a outro gabinete.

Mac bateu, apressado.

— Mistress Barnes?

Sharon Barnes imobilizou-se na sua posição em frente das janelas triplas, altas e em arco que eram a única razão por que alugara aquele escritório barato.

Dava-lhe um pano de fundo dramático e a luz que entrava a rodos por trás deixava-lhe o rosto na sombra ao mesmo tempo que iluminava os das aspirantes a modelos e estrelas de cinema que se sentavam à sua frente, proporcionando-lhe uma vantagem nítida, pois conseguia perceber com exatidão o que se passava por trás dos olhos esperançosos e ambiciosos das raparigas, ao passo que estas não faziam ideia do que ela estava a pensar. Naquele momento, a luz que vinha das janelas tinha aquela qualidade opaca da neve a cair, mais branca do que o branco e fria como o bloco de gelo de medo que se colou de repente à volta do seu coração.

Não sabia quem era o homem. Não era a pessoa que esperava. Movimentou-se com rapidez. O cofre era um modelo antigo de ferro, uma antiguidade tinham-lhe dito quando o comprara, mas funcionava melhor do que todos os eletrónicos cujos códigos eram tão fáceis de anular. Sharon, com o seu velho cofre, tornara-se uma bela arrombadora de cofres. Apenas mais um dos seus talentos escondidos. Fechou o cofre.

O homem seria alguém que Maha enviara?

Sharon sabia que fora despedida e também sabia porquê. Não fazia mal. O dinheiro encontrava-se na sua conta secreta, como de costume.

Porém, queria vingar-se de Maha por a ter afastado. Acabaria por apanhá-la de uma forma ou de outra.

Inspecionou a secretária, uma estreita chapa de aço semelhante a qualquer coisa que se encontrasse numa casa mortuária, colocou, célere, alguns papéis no seu saco de pele *Gucci*, fechou o portátil Mac e acendeu um cigarro.

Levara menos de um minuto.

Acomodando-se na sua grande cadeira de executivo de pele cor de pérola, deu uma passa no *Gauloise*, passou uma mão pelo cabelo preto rapado, empoleirou uns óculos de aros de tartaruga no nariz, alisou a saia de camurça vermelha nas coxas compridas e perguntou: — Quem é? Não estou à espera de ninguém.

Era mentira. Esperava Ferdie e Giorgio, os seus coconspiradores.

Porém, estavam atrasados duas horas e isso pusera-a nervosa. Agora aquele desconhecido trazia com ele um rasto de perigo.

— Posso entrar? — Mac não esperou pela resposta. Abriu a porta e, surpreendido, fitou diretamente os olhos de Sharon Barnes.

Sharon sentiu o choque do reconhecimento a descer-lhe pela espinha.

Retesou-se, o rosto comprimido numa máscara inexpressiva e depois disse:

— Não o conheço. Estava à espera de outra pessoa, foi por isso que lhe abri a porta lá em baixo. Saia ou chamo o segurança.

Mac sabia que ela o conhecia. Ele também a conhecia. E não havia qualquer segurança naquele edifício de escritórios baratos.

— Fomos apresentados há alguns dias, em Monte Carlo. Estava com Maha Mondragon.

Sharon mudou de tática.

— E você estava com Sunny Alvarez.

Mac assentiu.

— A minha noiva.

Sharon sorriu.

— Ouvi dizer.

— Já a tinha visto lá fora, antes disso — comentou Mac. — Estava a fumar um cigarro e vestia um casaco curto de pele preta. Apertava-o no pescoço como se tivesse frio.

Sharon riu-se.

— É um homem observador, mas, claro, é detetive. E deixe-me recordar-lhe que *estava* frio em Monte Carlo nessa noite. Apenas viciados em tabaco se sentiriam compelidos a ir lá para fora e quase gelar até à morte só por causa de um cigarro.

— Devia experimentar o *Chantix*. — Estava a falar do último medicamento para deixar de fumar.

— Oh, *por favor*. — O tom era de desdém.

— Permita que lhe pergunte uma coisa, Mistress Barnes.

Ela baixou os olhos. Nem pensar em dizer-lhe para lhe chamar Sharon; queria-o dali para fora e depressa antes de os outros dois aparecerem. Se na realidade aparecessem, o que estava a tornar-se discutível. Não confiava neles.

Não confiava em ninguém. E, sobretudo, não confiava naquele detetive, sentado de forma tão descontraída diante dela, como se tivesse todo o direito de estar ali.

— Porque veio? — Inclinou-se, zangada, por cima da secretária. Não ia

permitir que a interrogasse. — Quem o enviou?

Os olhares cruzaram-se por cima da chapa de aço. Mac pensou que ela tinha olhos invulgares. Na verdade, bastante maravilhosos.

Verde-escuros, muito belos, sob sobranceiras pretas em asa, encastrados como as jóias de Maha no rosto esculpido.

Furiosa, Sharon empurrou outra vez os aros de tartaruga para cima, empurrou a cadeira para trás, afastou-se dele, virando o perfil para a janela.

— Estava em Praga em trabalho quando me deparei por acaso com o seu cartão e pensei que seria interessante encontrarmos-nos.

— Se está à procura de modelos para usar no seu programa televisivo posso ajudá-lo. Se vai investir em filmes nos Balcãs, posso encontrar-lhe novas aspirantes a estrelas. Jovens, atraentes.

— Rodou para olhar para ele. *Sexy*.

— É isso que vende?

Sharon riu-se.

— Está a falar com a mulher errada, Mister Reilly. Não sou pornógrafa.

— Então o que estava a fazer com Maha Mondragon em Monte Carlo?

— E o que tem a ver com isso?

— Tenho a ver com isso porque me pediram para ajudar no caso do roubo de jóias na La Fontaine. Não apenas o roubo e assassinato naquela noite em Monte Carlo, mas também o anterior, em Paris.

Ela riu-se.

— Estou a ver. É *A Pantera Cor de Rosa* e você é o inspetor Clouseau. Certo?

— Quem me dera. — Mac tirou o cartão-de-visita de Sharon do bolso e pousou-o sobre a secretária. Sharon mirou-o. — Com certeza leu notícias sobre os roubos. Quem são os suspeitos? Três mulheres, com cabelo loiro comprido, casacos de peles compridos...

— Li sobre o assunto.

— Deram-me um desses casacos de peles. O seu cartão estava no bolso.

Empurrou o cartão pela chapa de aço na direção dela. Ela fitou-o, mas não lhe tocou.

— Qualquer pessoa podia ter o meu cartão. Vêm aqui raparigas a toda a hora, à procura de emprego como modelos.

— Pergunto-me se terá tido alguma modelo em particular, alta, loira, que use um casaco de vison caro e que também estivesse em Monte Carlo na

altura do roubo?

Sharon virou-se outra vez de perfil para a janela.

— Era Natal, não havia ninguém marcado. Como posso saber o que as modelos fazem nos seus tempos livres?

— Então o que estava lá a fazer, Mistress Barnes?

Apanhara-a e ela sorriu, os olhos a cintilarem por trás dos óculos.

— Tem razão, eu *estava* a trabalhar, *Mister* Reilly, com Mistress Mondragon. Maha está a preparar-se para apresentar a sua nova linha de joalharia; uma linha ligeiramente menos cara do que a linha *couture* que regra geral faz.

Vai ser um grande acontecimento, Maha vai lançar-se no mercado de grande consumo, melhor do que bijutaria, mas menos bom do que *Cartier*.

— Algures no meio. — Mac não percebia nada de joias, excetuando o anel de noivado com o diamante cor de rosa e os pequenos brincos de diamante que comprara a Sunny no último Natal.

— Precisava de modelos para mostrar as suas jóias. Raparigas altas, muito magras, com pescoços compridos, como bailarinas. De facto, foi o que sugeri. As bailarinas estão sempre nas lonas, sempre à procura de trabalho. Podia arranjá-las baratas. Mas Maha disse que queria raparigas mais exóticas. Ciganas, esse tipo de coisa.

— Ciganas?

Sharon compreendeu que ele sabia mais do que dizia. Perturbada, levantou-se, uma torre nas suas botas de camurça vermelha que, percebeu, com um pestanejar de desgosto, ficariam estragadas com a neve. Até em momentos como aquele, momentos de colossal perigo, Sharon só pensava em si própria. Sabia o que fazer a seguir.

— Respondi a todas as suas perguntas, *Mister* Reilly — disse com frieza. — Embora não tivesse qualquer obrigação de o fazer. — O encolher de ombros manifestava a sua indiferença. — Estive em Monte Carlo em trabalho no Natal.

Trabalho para Mistress Mondragon.

Sugiro que vá ter com ela para a confirmação dos factos.

— Creia-me, Mistress Barnes, é o que farei.

Mac sabia que não adiantaria mais nada. Pegando no cartão-de-visita, saiu.

Desceu a correr os seis lances de escadas que partiam do terceiro andar,

os passos a ecoarem friamente no mármore. Chegou ao pequeno átrio, mesmo na altura em que a porta do elevador se fechava com ruído. Na gaiola do elevador viu dois homens.

Eram os mesmos homens que vira com Maha Mondragon e Sharon Barnes no bar do hotel em Monte Carlo.

Parou para os observar enquanto eles subiam, fechados na gaiola como animais do zoo em exposição.

Saiu para a rua naquele final de tarde gelado que já se arrastava para a escuridão. As luzinhas a tremeluzir, restos do Natal, recordaram-no que era a véspera de Ano Novo. E que estava sozinho. Em Praga.

PERTO DA RUA DA AGÊNCIA DE MODELOS BARNES, a música derramava-se para a praça da Cidade Velha. Os palácios e edifícios góticos de cores pastel, os restaurantes e cafés estavam animados com farristas. Já era dia de Ano Novo algures no mundo, como raparigas sorridentes recordaram a Mac, passando por ele a dançar, estendendo as mãos, convidando-o a juntar-se a elas.

Mac desceu a rua estreita até ao rio.

Praga era uma cidade de igrejas, tantas que os seus pináculos iluminados quase pareciam tocar-se. Atravessou a Ponte Carlos com as suas guardas de gelo para proteger os dezasseis arcos antigos quando o Vltava gelava. Deteve-se para examinar uma das grandes torres góticas. A ponte estava repleta de vendedores a tomar conta dos seus quiosques sob o olhar glacial das muitas estátuas montadas nas balaustradas, enquanto pintores o aliciavam para lhe pintar o retrato, ou vender um óleo genuíno da cidade, ou uma rosquinha, ou um cachorro-quente.

Mac comprou um cachorro-quente e comeu-o a andar; era picante, quente e estaladiço quando o trincou. Pensou que alguém nos Estados Unidos podia fazer fortuna importando-os, mas também alguém podia sempre fazer fortuna algures. Exceto a menina cinzenta perdida, Valeria Vinskaya.

Conseguira dinheiro suficiente para comprar algumas roupas, comprar um namorado, comprar o jantar num restaurante elegante. O anel do diamante amarelo não lhe granjeara uma fortuna, mas podia ter rendido um bom lucro extra para Sharon Barnes, se esta não tivesse sido descuidada e o tivesse deixado no bolso do casaco.

Tinha a certeza que era Sharon. O problema é que não tinha provas. A não ser que conseguisse persuadir a menina cinzenta perdida a dizer a verdade, a contar a quem roubara o casaco de peles e a quem vendera o anel

de diamante.

Aconchegou-se melhor no casaco preto. Comprara-o no aeroporto Charles de Gaulle, comprido, preto, de gola alta, não um sobretudo normal de homem de negócios; mas também Mac não era um homem de negócios normal. *Hugo Boss* e demasiado caro, mas ou isso ou gelar.

Estava frio em Praga. O casaco rodopiava-lhe em redor das pernas com o vento, quando se abrigou no quiosque de um vendedor e marcou o número de Valeria. Ninguém atendeu. Deixou uma mensagem, dizendo apenas «Telefone-me», mas não quis deixar o nome por via das dúvidas. Estava preocupado, mas era véspera de Ano Novo e disse consigo próprio que Valeria com toda a probabilidade arranjava trabalho a dançar nalgum clube. A ganhar a vida, de uma maneira ou de outra.

Sozinho, no meio de toda aquela excitação buliçosa na Ponte Carlos, Mac fitou o céu sem estrelas e pensou em Sunny. Tinha de entrar em contacto com ela; tinha de saber onde estava naquela véspera de Ano Novo, o que estava a fazer; que estava em segurança. Tentou o número dela, obteve o mesmo toque do espaço sideral. Ponderou telefonar a Allie, mas esta já tinha os seus próprios problemas com a história das pernas partidas.

Então recordou-se. Pru Hilson vinha a caminho. Chegaria às oito. *Teria* de lhe dizer onde estava Sunny.

Regressado ao hotel, Mac ligou para o inspetor e pô-lo a par dos últimos acontecimentos relacionados com a cigana, o anel, o cartão-de-visita no bolso do casaco de peles e a visita a Sharon Barnes.

— Sei que ela está de alguma maneira envolvida. O que não sei é se foi uma das ladras.

Descreveu-a e o inspetor disse que ia mandar averiguar. Averiguaria também Maha Mondragon, que era bem conhecida pelas suas jóias caras.

— Não do nível de La Fontaine — explicou. — Nada de diamantes.

— Nada de diamantes — concordou Mac. — A cigana passou o anel do diamante amarelo a um recetador. Se calhar, recebeu poucos milhares de euros. Não possuía os contactos de alto nível e, aliás, teria tido demasiado medo. Isto é coisa mais sofisticada, nada do nível dela, mas precisava do dinheiro. Não posso censurá-la — acrescentou, recordando o lúgubre apartamento cor de rosa.

— Um ladrão é sempre um ladrão — lembrou-lhe o inspetor em tom frio.

Mac descreveu os dois homens e o inspetor garantiu que ia investigar.

— Tudo isto envolve Maha Mondragon— continuou Mac. — Sinto-o nos ossos.

— Infelizmente, os seus ossos não chegam — retorquiu o inspetor. — Provas, *mon vieux*, precisamos de provas.

O rosto destruído de Yvonne Elman flutuou na mente de Mac.

— Acredite que vou descobri-las.

VERIFICOU A HORA DE CHEGADA DO VOO DE FRANKFURT.

Não estava atrasado e por isso sentou-se no vestíbulo do hotel, a embalar uma vodka com gelo, a recordar-se do minúsculo copo de *Slivovitz* que, essa manhã, não bebera em casa da cigana e à espera de Pru Hilson.

A véspera de Ano Novo girava à sua volta: o hotel vibrava de música e pessoas enfarpeladas para a festa, de *smoking* e vestidos de cetim sem costas; loiras encantadoras de Praga e os seus homens de cabelos escuros e narizes aquilinos, exóticos, como qualquer coisa saída de um filme dos anos trinta.

Pairava perfume no ar e ouvia-se o som de rolhas de champanhe a saltarem. Mac nunca se sentira tão pouco festivo em toda a sua vida. Exceto quando fora o Natal, claro. E agora era a véspera de Ano Novo. Por que razão Pru nunca mais chegava? Obrigá-la-ia a dizer-lhe onde Sunny se encontrava.

Ouviu um latido agudo e levantou os olhos, sobressaltado, esperando ver Sunny. Mas era Pru Hilson com a *chihuahua*.

— Estou de *babysitter* à cadela — explicou. — Não podia deixá-la lá ficar.

Mac levantou-se, ajudou-a a despir o casaco. O cabelo cor de trigo estava salpicado de flocos de neve a derreterem-se e a face fria quando se beijaram.

— Como velhos amigos — disse ela a sorrir.

Era, pensou Mac, um sorriso encantador. Não se lembrava dela com aquele aspeto; recordava uma mulher inchada de cabelo castanho vestida com um cafetã escorrido cor de framboesa e que parecia remanescente da era do Woodstock.

— Estás maravilhosa — elogiou, com sinceridade, sorrindo quando a viu corar.

— Graças a Allie e Sunny — retorquiu Pru. — Fizeram-me a transformação de Monte Carlo.

— Resultou — disse Mac. — Em relação a Sunny...

Pru olhou para ele e depois para o seu relógio. Ainda faltavam quase dez horas antes de Allie e ela poderem quebrar a sua promessa. Talvez Sunny já

tivesse regressado por essa altura.

— Não posso contar-te. Agora não.

Mais tarde, talvez...

Mac fitou-a e ela suspirou.

— Prometi — explicou.

A cadela saltou para o colo de Mac.

Este chamou o empregado, Pru pediu um *Cosmopolitan*.

— A bebida de Sunny. Ensinou-me.

— Aposto que sim — retorquiu Mac.

Pru disse-lhe que tinha reservado um quarto e Mac pediu ao paquete que levasse o pequeno saco de viagem.

— Deves ter fome?

— Ainda não. — Estava ali sentada com a sua camisola castanha e as calças de ganga, pernas cruzadas, parecendo muito nervosa. — Isto é difícil de explicar. É tão horrível que eu não sabia o que fazer. Mas depois disse a Eddie, temos de ir ter com Mac. É a única pessoa que pode ajudar.

Mac não sorria, escutava apenas, sereno, circunspecto. Pru esperava estar a fazer a coisa acertada. Mas que mais podia fazer, se queria salvar Eddie e a família, e o seu futuro?

Tirou o envelope da mala e empurrou-o sobre a mesa.

— Há uma carta aí dentro. Chantagem.

E algumas fotografias. Mas primeiro deixa-me dizer-te que essas fotografias foram tiradas sem o conhecimento de Eddie.

Mac abriu o envelope e tirou o bilhete, mas antes de o poder ler, ouviu alguém dizer: — Pru, não podia deixar-te fazer isto por mim. Tenho eu de tratar do assunto.

Eddie Johanssen encontrava-se de pé ao lado de Pru, a mão sobre o seu ombro.

— OH, EDDIE — exclamou Pru, sorrindo-lhe radiante e abanando a cabeça ao mesmo tempo.

— A responsabilidade é minha — disse Eddie. Estendeu a mão para Mac. —Desculpe maçá-lo com este problema.

— Problemas como este são o meu trabalho.

Mac apertou a mão de Johanssen, reparando que era um homem muito bem-parecido. Atraente, com aquele cabelo farto, o bronzeado ligeiro, o corpo magro e alto. Qualquer mulher teria ficado satisfeita por estar com ele, incluindo Sunny, pensou, com uma ponta de ciúme.

— Sente-se, Mister Johanssen —convidou, observando-o com atenção. — Quer beber alguma coisa?

— Vodca, o mesmo que está a beber.

Eddie sentou-se ao lado de Pru. Mac pensou que ele parecia cansado e tenso.

Um homem com problemas. E era óbvio que a mulher sentada ao lado estava fascinada por ele, ansiosa por ajudar, ansiosa por provar a sua inocência naquele pequeno golpe, fosse ele qual fosse.

A vodca chegou, mas Johanssen ignorou-a; pegara no envelope castanho e revirava-o nas mãos, como se quisesse simplesmente deitá-lo fora. Deitar fora tudo o que continha. Prova de alguma coisa que fizera ou não fizera.

Mac não tinha a certeza de que opção corresponderia à verdade. Estaria o homem a fingir-se inocente? A recrutar uma mulher verdadeiramente inocente para o ajudar; fazê-lo parecer melhor pelo facto de ela se encontrar ao seu lado?

— Sei o que está a pensar — afirmou Johanssen. — Só posso dizer que lhe cabe a si escolher a resposta. Se decidir acreditar em mim, ficarei agradecido. Se não, compreenderei.

Mac ganhava a vida a lidar com criminosos, conhecia todos os sinais reveladores de culpa; sabia como os olhos desafiavam ou evitavam; mantendo os seus segredos. Entendia a expressão de culpa, mas naquele preciso momento não acreditava estar a olhar para ela. Mas também já se enganara antes. Ninguém era perfeito.

— Permita-me que leia primeiro o bilhete de chantagem. — Deu-lhe uma vista de olhos rápida e depois pousou-o sobre a mesa entre eles. Bebeu um gole da sua vodca. — Então o que me pode contar sobre isto?

— Não me consigo recordar com clareza de nenhum dos acontecimentos. Contar-lhe-ei tudo o que consegui recuperar do desastre dessa noite.

Mac sabia que Eddie não estava a ser dramático; estava apenas a expor a sua posição. Reparou que Pru colocara a mão sobre a dele enquanto ele falava e que Eddie não a removera.

Era uma velha história. Mac já ouvira tudo aquilo antes. Drogas. *Ecstasy* para uma pedrada de desinibição; depois *GHB* ou *Rohypnol* para a droga de violação que deixava a vítima indefesa em relação a qualquer coisa que se passasse e sem memória do que sucedera, apenas um espaço vazio e escuro onde costumava ser o tempo.

Estendeu a mão para as fotografias. Pru virou a cabeça, não querendo olhar, mas os olhos de Eddie continuaram fixos em Mac.

Mac perscrutou-as muito depressa e voltou a guardá-las no envelope castanho.

— Conheço esta mulher.

— Kitty Ratte — disse Eddie.

— Era tão óbvio que só traria problemas que estou espantado por Sunny ter sequer falado com ela.

— Sunny contou-me que foi porque era Natal, estava muito sozinha e Kitty também — explicou Pru apressadamente, ansiosa por defender a amiga.

— Sunny estava Sozinha, com um S maiúsculo.

Não aguentou muito simplesmente.

Quero dizer, estar sem ti, claro.

Mac sabia muito bem o que ela queria dizer.

— Kitty afirma que é *ela* o alvo da chantagem, que é *ela* que está a ser chantageada e que a culpa é minha — disse Eddie. — Tenho de pagar ou ela perderá tudo, o seu bom nome, a sua reputação.

— Ah! — exclamou Pru. — Isso é engraçado.

— E além disso é estúpido. — Mac fitou Eddie. — Foi enganado, meu amigo. Ela não o levou para a cama dela, pois não?

Oh, não. Pô-lo naquele sofá em particular, frente à câmara de vídeo.

Ligou as luzes todas, deu-lhe a droga e lá começou ela. Sem qualquer restrição.

— Literalmente — acrescentou Pru, afagando a mão inerte de Eddie.

O rosto dele estava pálido por baixo do bronzeado e Pru percebeu como detestava aquela conversa, como detestava Kitty Ratte, como se detestava a si próprio por estar envolvido naquilo.

— A culpa não foi tua — sussurrou.

— Sim, foi. Deixei que acontecesse.

Bebi com ela no bar, apesar de saber o que ela era.

— Sentias-te sozinho.

— É uma história antiga — observou Mac. — E podemos fazer alguma coisa, mas primeiro precisamos de a incriminar por causa da chantagem.

— Não posso permitir que a minha família descubra... — Eddie estava em pânico.

— Não se preocupe, não iremos à polícia. Pelo menos por enquanto. — Mac sabia exatamente o que ia fazer.

Eddie pousou a cabeça entre as mãos, os ombros curvados.

— Que véspera de Ano Novo — exclamou com desespero.

— Não te preocupes, o Ano Novo começa amanhã — retorquiu Pru, dando-lhe uma palmadinha no ombro vergado.

— Mac trata de tudo e nunca ninguém saberá.

— Saberá o quê? — perguntou uma voz.

Mac virou-se com o som de bengalas a baterem no chão de mármore. Com as pernas engessadas, Ron e Allie avançavam para ele.

— Não podíamos deixar-te comemorar o Ano Novo sozinho — disse Allie, rindo-se, quando Mac se levantou para a abraçar.

— Como me descobriram?

— Foi o inspetor. — Ron bateu-lhe nas costas com um grande abraço.

— Mas como é que pilotaste o avião com uma perna partida?

— Só para tua informação, um *Cessna* não é pilotado com as pernas. São precisas mãos e miolos. E um computador.

— Pois — retorquiu Mac.

— Olá, Pru. — Allie abraçava Pru agora e os empregados apressavam-se

a trazer mais cadeiras.

— Vejam lá se os feridos ambulantes estão confortáveis — disse-lhes Mac. — Não creio que vá haver muita dança nesta véspera de Ano Novo.

As pessoas que passavam a caminho das suas festas viravam-se para olhar.

— É Allie Ray — exclamavam. — A estrela de cinema... Allie Ray. Vejam como ainda é tão bela...

— Pensar-se-ia que estou afastada há décadas em vez de um mero par de anos — comentou Allie, parecendo uma adolescente travessa.

— Estás maravilhosa esta noite. — Ron apertou-lhe a mão com força na sua. — Sempre tiveste um aspeto maravilhoso, sempre terás.

Allie sorriu-lhe. A sua minissaia de cetim pálido ficava a uns vinte e cinco centímetros acima dos joelhos, permitindo espaço para o gesso que lhe prendia com firmeza a perna direita.

— Eu sei, eu sei, é *muito* curta — disse, detetando a olhadela de Mac. — Não se preocupem, estou a usar uma coisa por baixo.

— Mas o quê? — sussurrou Pru. — Como consegues passar alguma coisa por cima desse gesso?

— *Spanx* — sussurrou Allie em resposta. — Temos apenas de cerrar os dentes e puxar como loucas e depois upa, lá vão elas.

— Ooh, *Spanx*. — Pru aprendera muita coisa em poucos dias.

— A propósito, estás deslumbrante — louvou Allie, divertida porque Pru ainda corava com o elogio.

— Oh, conheces Eddie Johanssen? — perguntou Pru, recordando-se que tinha de o apresentar.

Eddie empurrara a sua cadeira para um dos lados, sentindo-se como um intruso naquela amizade. Apertou mãos, disse que ia andando e que lhes desejava a todos um Feliz Ano Novo.

— Senta-te, Eddie — retorquiui Mac. — Ainda não acabámos.

— Acabaram o quê? — Os olhos escuros de Ron mostravam-se alertas, tentando detetar os problemas que pareciam seguir sempre Mac.

— Eddie está com um problema de chantagem — respondeu Mac.

— Precisamos de resolver isso.

— Aposto que é Kitty Ratte — disse Allie, arranjando as mangas do seu *top* de *chiffon* preto e deixando-o descair mais de um dos ombros.

— *Sexy* — sussurrou Ron e ela soltou uma risadinha.

— Como sabe? — perguntou Eddie.

Allie encolheu os ombros.

— Bastava olhar para aquela mulher.

Aqueles olhos minúsculos são como mísseis à procura de uma fonte de calor; uma predadora à caça de calor igual.

Uma vítima. Ou um azarado.

— Bem, encontrou-o. — A voz de Eddie tinha um toque amargo.

— Eu disse a Eddie que ela era uma palavra começada por P — referiu Pru muito séria, fazendo-os rir.

Ron pediu ao empregado para trazer uma garrafa grande de champanhe.

— No final de contas é a véspera de Ano Novo — disse. — Só faltam algumas horas.

Pru lançou uma olhadela eloquente a Allie.

— Já é Ano Novo em alguns lugares que conhecemos. Isso conta?

— Estou muito preocupada — sussurrou Allie em resposta. — O que vamos fazer?

— Vamos contar a Mac — retorquiu Pru.

— Oh, Allie, *por favor*, vamos contar-lhe.

— Então, já terminaram os negócios entre vocês os dois? — perguntou Ron a Eddie. — Já podemos beber um copo a comemorar?

Mac assentiu para Eddie.

— Bebe. Vai correr tudo bem.

Trataremos dela e de quem quer que trabalhe com ela. E, a propósito, a administração de drogas é crime. Tal como a chantagem. Confia em mim.

O champanhe foi servido, apareceram pratos de aperitivos à moda checa: carne fumada, minúsculas costeletas de porco com chucrute, salsichas minúsculas, queijo em pequenos espetos, nozes e tâmaras salpicadas de coco, e dedos de dama estaladiços e rosados, trazidos de Rheims, de onde vinha o champanhe.

Fizeram um brinde e depois Mac, já farto de conversas, perguntou: — Okay. Onde está Sunny?

No silêncio que se seguiu, o telemóvel tocou. Gemendo, atendeu-o.

— Sim, inspetor?

— A cigana. Mande a polícia local investigá-la. Encontraram-na sentada numa cadeira com uma gata enrolada no colo e um buraco de bala na testa. Muito simples, muito pequeno. Exceto na parte de trás onde a cabeça fora

arrancada.

— Diga-me que foi a *Black Rose* —replicou Mac. — A *PM* 9.

— Fabricada em Worcester, Massachusetts. Pelas fotos do crime no computador, aposto que sim.

— E eu também. E, inspetor, creio que devia enviar esses polícias locais interrogar Sharon Barnes e a Agência de Modelos Barnes. Aposto o meu bom Ano Novo que é ela. E tente também Maha Mondragon. Trabalham juntas.

Fechou o telemóvel, fitou-o, como se hipnotizado. O coração doía-lhe pela menina cinzenta desprotegida, que, na morte, tivera apenas a gata por companhia. Não era mágoa que sentia; não a conhecera suficientemente bem ou tempo suficiente para o seu coração enveredar nessa direção. Era apenas dor por uma alma perdida.

— O que se passa? — perguntou Allie, estendendo a mão para ele, preocupada.

— É Sunny?

Mac fitou-a com tristeza.

— Desta vez não.

Escutaram-no em silêncio enquanto lhes contava a história da cigana.

— Claro que sabes que não é suicídio —disse Allie. — Tenho a certeza, só pelo que nos contaste. Não estava com intenções suicidas quando estiveste com ela e, além disso, os homens é que dão tiros na cabeça, dão cabo do rosto. As mulheres põem rímel e tomam comprimidos; afinal, não sabem quem irá olhar para elas quando estiverem mortas.

— Vaidade — retorquiu Pru, pasmada.

Allie encolheu os ombros.

— Não estou a aviltar o ato da morte.

Apenas a explicar que este tipo de mulher não daria um tiro na cabeça.

— Não deu. Não havia arma. Apenas um cadáver.

— Ooh! — exclamou Pru, horrorizada.

— E além disso — acrescentou Mac, acariciando *Tesoro*, como se isso trouxesse Sunny de volta. — Acredito que sei quem foi. E porquê.

— Vais contar-nos? — perguntou Ron.

Mac abanou a cabeça.

— Ainda não, preciso de provas, uma testemunha, coisas concretas. Até agora é apenas uma teoria. E ainda não juntei todas as peças da história.

As comemorações do Ano Novo continuavam à volta deles.

— Bem, não acham que está na altura de me dizerem onde está Sunny?
— continuou Mac.
Allie e Pru olharam uma para a outra.
— Sim — responderam ao mesmo tempo. — Está em Bombaim.

Cannes

KITTY RATTE andava de um lado para o outro no seu pequeno apartamento com os sapatos *Louboutin* adquiridos a preço reduzido a bater na madeira, quando o salto se prendeu no tapete e quase caiu no sofá. O sofá fatal onde Eddie fora seduzido. Quase desejava que tivesse sido a sério; aquele homem tinha um corpo maravilhoso e era bem dotado, o suficiente para dar a uma mulher algum tipo de luta, embora Kitty tivesse tido de lhe pôr as algemas, tê-lo sob o seu poder, para conseguir que um vislumbre de excitação lhe percorresse o corpo. E depois teria tido de usar o vibrador, que aliás dececionava nas suas pretensões, não conseguia dar-lhe o êxtase que procurava e nunca alcançava.

Kitty sempre usara o sexo como forma de controlar e manipular os homens e, apenas fingindo a sua excitação, conseguira manter sempre esse controlo.

Nos clubes de *swing*, bem como nos seus encontros sexuais, em hotéis, e nos engates por dinheiro, os homens pensavam que estavam a fazê-la passar um bom bocado, com todos aqueles gemidos e gritos e os «oooh, és tão maravilhoso, nunca me vim assim»...

Pobres idiotas. Às vezes, porém, Kitty queria mesmo. Queria mesmo aquele êxtase que lhe escapava, a excitação que nunca seria sua; por mais homens que lhe possuíssem o corpo, por mais homens mascarados que os observassem, excitados, a excitação de Kitty era sempre por interposta pessoa, nunca real. Recordou a psiquiatra a dizer-lhe que era uma ninfomaníaca, a explicar-lhe os sintomas. Agora entendia e sabia que era verdade.

Bem, mas onde raio estava aquele sacana do Johanssen? Dera-lhe o bilhete de chantagem e as fotografias no dia anterior; esperara que ele ficasse

cheio de medo, lhe ligasse a marcar um encontro. Sobretudo depois de ela lhe ter telefonado e lhe ter dito que o achava sexualmente muito atraente e excitante e que nunca a podia trair. Sabia que um homem como Eddie Johanssen nunca permitiria que a família ficasse em risco; pagaria. Tinha a certeza. Mesmo assim, sentia-se nervosa, andava de um lado para o outro, mirando o telefone, à espera que tocasse.

Tropeçou outra vez no tapete, bateu com o queixo na beira da mesinha de ferro do café, deu um passo atrás, deslizou, prendeu o salto do sapato. O tornozelo torceu-se e o salto partiu.

Ficou a baloiçar por um fio de pele vermelha.

Oh, merda, merda, merda! Eram os seus sapatos «bons». Tal como a sua mala «boa», concediam-lhe entrada na verdadeira sociedade. Usando-os, podia fingir que tinha uma empregada em casa a tomar conta de uma casa grandiosa onde recebia como uma mulher rica. O facto de usar uns sapatos *Louboutin* de setecentos dólares, comprados por menos de metade desse valor, dera-lhe classe.

Eriçada de fúria, Kitty agarrou no telefone, ligou para o hotel e pediu para a passarem a Monsieur Johanssen. Foi-lhe dito que não estava, mas, sim, que aguardavam o seu regresso, não sabiam quando.

Deitando-se para trás no tapete, atirou o sapato estragado para o teto. Ooh, porra! Atingiu as luzes e pequenos fragmentos de vidro espalharam-se por cima da mesa. *Merda, merda, merda!*

Continuou deitada no tapete, o tornozelo inchado apoiado no sofá, lágrimas de raiva a escorrerem-lhe pelo rosto.

Passado um bocado, levantou-se e coxeou até à cozinha onde o portátil repousava por baixo da fila de armários de parede. Chamou Jimmy no Skype e sentou-se, cabelo ruivo de um tom alaranjado sob a luz, a franja colada à testa proeminente, os dentes salientes expostos num esgar, feia na sua fúria.

A imagem definiu-se. Estava uma mulher a olhar para ela.

— Conheço-te — lançou a mulher.

Era a mulher de Jimmy.

— Escuta, sua cabra — dizia a mulher, lançando-lhe um olhar furibundo no ecrã.

Kitty não sabia o que fazer e, quando reagiu, já era demasiado tarde.

A mulher era pequena, cabelo loiro bem cortado, um conjunto de casaco e blusa bege de malha, apertado no pescoço. Até usava uma fiada de pérolas.

Kitty reparou nos dentes dela, pequenos, brancos, regulares. Nada de facetas mal feitas para os dentes da frente que a atormentassem no espelho.

A «esposa» sem tirar nem pôr, perfeita.

E furiosa.

— Escuta, sua cabra — repetiu a mulher, fitando-a de forma penetrante.

— Estou farta deste sacana reles. Sabes que mais, não te dês mais ao trabalho de lhe ligar no Skype, porque vou desligá-lo. E sabes que mais? Vou também desligar-me dele. Pu-lo fora de casa. É todo teu.

E sabes com que vai ter contigo? Com nada. Vai sair daqui com um zero na conta bancária; nada de cartões de crédito; nenhum dinheiro; nenhum carro.

Pensaste que eu ia ficar aqui quietinha a deixá-lo safar-se, a gastar o meu dinheiro em viagens a França, em jogos de sexo e pornografia e prostitutas baratas como tu?

Esquece.

Sou demasiado esperta para isso. Tratei de tudo em termos legais. Ele não tem nada e agora é todo teu. Podes ficar com ele.

Kitty fitou-a em silêncio, desta vez sem saber o que dizer, sem controlar a situação... a sua vida baqueava numa espiral descendente... Jimmy não tinha dinheiro, nada... agora não tinha nada para lhe oferecer, exceto parceria na chantagem...

— E deixa-me que acrescente uma coisa — a voz da esposa tinha um tom triunfante. — Olhando para ti, digo-te que és demasiado velha para este joguinho.

És demasiado velha, tens um aspeto demasiado rasca, demasiado batido.

Estás num jogo de mulheres mais novas e ficas muito, muito atrás delas. A sedução é mais do que abrir simplesmente as pernas. Até nós, esposas vulgares, compreendemos isso.

Indignada, Kitty fechou o computador.

Como se *atrevia ela*? Como se atrevia aquela *cabra* a falar com ela assim?

Onde raio estava *Jimmy*? Porque não lhe telefonara? Não lhe mandara um *e-mail*?

Não a contactara por Skype?

O tornozelo latejava-lhe. Já tinha inchado para o dobro do seu tamanho normal, tão gordo como a barriga da perna, quase tão gordo como as suas

coxas gordas.

Levantou-se, abriu o armário dos medicamentos, tirou um frasco de comprimidos da seleção que aí guardava. *Oxycontin*. Despejando três, engoliu-os sem água. Podia tê-los reduzido a pó, para uma pedrada maior, mas estava cheia de dores.

Aquela chantagem tinha de funcionar.

Não ia deixar que Johanssen lhe escapasse... acusá-lo-ia de violação... destruí-lo-ia...

Lágrimas gotejaram-lhe pelo rosto abaixo quando voltou a custo para o sofá, onde se sentou, a fitar o vazio, a pensar no que deveria fazer, até que os olhos se reviraram, a cabeça descaiu para trás sobre as almofadas e o esquecimento a invadiu.

Bombaim

ERA MUITO TARDE; o Ano Novo já substituíra o velho; as festanças e o fogo de artifício já tinham abrandado e não havia campainhas a tocar quando Rahm Singh desceu o caminho até à guarita junto ao portão. O guarda encontrava-se enrolado no chão, a dormir. Singh premiu o botão para abrir os portões. O guarda despertou, pôs-se de pé de um salto e foi atacado com um golpe rápido na cabeça. Soltou um único grito, muito agudo, como uma ave marinha, e depois caiu para trás, morto.

Singh acionou o botão para abrir os altos portões de ferro e o carro que esperava deslizou em silêncio até à casa. Singh seguiu-o a pé.

SUNNY NÃO PERCEBEU O QUE A ACORDARA. Estava deitada de costas, imóvel como a estátua de Mahalakshmi que guardava o lago e que trazia prosperidade e riqueza para a casa. O candeeiro que deixara aceso num canto, perto das altas portas duplas à entrada do quarto amplo, lançava uma luz reconfortante e uma vela perfumada tremeluzia na brisa leve que vinha das portas altas que tinham sido deixadas ligeiramente abertas. Sunny viu tudo isto de forma indistinta, através de olhos vidrados de sono, por trás da gaze das cortinas de musselina presas com laços, que rodopiavam em redor da cama alta.

O ar da quase madrugada, um pouco frio, provocou-lhe pele de galinha nos braços. Ou seria medo?

Mas porque deveria ter medo? Estava em segurança, aqui na casa de Maha.

Trouxera as jóias, atravessando continentes, e amanhã, não, já devia ser hoje, completaria a sua missão, e depois, no dia seguinte, estaria a voar de

regresso a França, a Mac...

Lá de fora veio um som... um ruído de passos, depois um grito... Seria um pássaro a chamar? Mas o relógio marcava três da manhã. Ainda estava escuro. Com certeza que até os pássaros indianos dormiam nos seus ninhos e árvores até que a madrugada os punha a voar. *Então o que era?*

Medo a sério percorreu, desta vez, a espinha de Sunny, imobilizando-a. Não conhecia ali ninguém, só Rahm Singh e as empregadas silenciosas, o guarda no portão que fizera sinal ao carro para seguir, o homem que servira o jantar.

Estava sozinha. De novo. Desta vez na Índia.

Entorpecida, aguçou os ouvidos para ver se conseguia detetar qualquer outro som. Nada. Aliviada, soltou o ar.

Esforçara-se tanto por escutar que se esquecera de respirar. Agora o som da sua própria exalação pareceu ecoar no silêncio. *Mac surgiu nos seus pensamentos, na sua cabeça, uma imagem dele ali, com ela. Diria: Ora vamos lá, Sunny querida, és uma mulher forte, pensa nisto, pensa no que fazer. É provável que não seja nada e só tens de sair da cama e ir verificar...*

Era o que Mac diria e era o que Mac faria. Não servia de nada ficar na cama à espera que acontecesse alguma coisa.

Se houvesse alguma coisa errada, então era melhor estar preparada.

Com um esforço de vontade para superar o medo que a tolhera, Sunny pensou consigo própria que era apenas porque estava sozinha e numa casa estranha, num país desconhecido. Claro que estava tudo bem.

Sentou-se, rodou as pernas por cima da beira da cama, puxou as cortinas de musselina para um dos lados e estacou uns segundos nos pequenos degraus de madeira.

Correu para as janelas abertas. Vestia apenas uma *T-shirt* e umas calças de malha de ioga que usava quando viajava porque eram leves e simples e, além disso, não quisera estar nua, sozinha naquela grande cama, naquela casa desconhecida, naquele país desconhecido. Puxou para trás os pesados e amplos cortinados de seda fúcsia, cobrindo-se com eles quando espreitou lá para fora.

Para com isso, disse consigo própria, para com esse disparate, Mac ia querer que parasses com isso. Porém, saindo por fim para o terraço cheio de sombras, desejou que *Tesoro* estivesse com ela. A cadelinha conseguia farejar um intruso a cinquenta passos; estava alerta a qualquer som novo, a

qualquer pressentimento de perigo.

As sombras envolviam o perímetro do terraço e o pequeno regato borbulhava por cima das suas rochas. Sunny esboçou um pequeno sorriso. *Estás a ver*, tornou a dizer consigo própria, aliviada; *foi só isso que ouviste, a água a correr por cima das rochas*.

Uma súbita rajada de vento fez restolhar os jacarandás, provocando a rápida deslocação das nuvens pelo céu preto apenas meio iluminado pela Lua, trazendo com ela o aroma pantanoso do mar ali perto e fazendo tremeluzir o colar de luzes à volta de Malabar Point e Marine Drive.

Voltou a entrar no quarto, deixando os cortinados pesados retomarem o seu lugar e depois parou, indecisa, junto à mesa onde comera a sua sanduíche, com tal tranquilidade, há apenas algumas horas. A mesa fora levantada, mas alguém deixara um jarro de sumo, um copo e uma embalagem de bolachas francesas. *Liu*. Do tipo que tem chocolate de um dos lados. Gostava muito delas, mas, nervosa, não se sentiu interessada.

Não aguentava aquilo, estar sozinha a meio da noite. Devia chamar uma empregada, pedir chá; *Lapsang Souchong*... Não, talvez chá verde... Era estranho, pensou agora, recordando todos os *chai lattes* que bebera no Starbucks de Malibu quando a vida era normal e ela não tinha medo; estranho como o Starbucks se apropriara da palavra indiana para chá... *chai*...

Havia um puxador de campainha antigo, de tapeçaria, junto à cama. Outro vestígio da antiguidade do Raj, calculou, dando-lhe um bom puxão, embora não tivesse ouvido o toque correspondente.

Empoleirada de novo na beira da cama, passou os dedos pelos cabelos emaranhados; devia estar com um aspeto horrível. Tirou o *BlackBerry* da mesa de cabeceira e ligou o número de Mac. A chamada não se estabeleceu. Tentou o número de Allie, depois o de Ron.

Afinal, nada de alta tecnologia na Índia; o seu telemóvel não funcionava.

Olhou para as portas fechadas do seu quarto. Não se ouvia o som apressado dos passos de uma empregada. Talvez não devesse ter chamado a meio da noite, mas estava assustada. Precisava de ajuda.

Levantando-se, calçou os *Converse* vermelhos de cano alto e avançou para a porta. Iria procurar alguém, dizer-lhes que se sentia doente, que precisava de ajuda, precisava de chá quente, precisava de saber que não estava sozinha.

Os puxadores de latão eram compridos e estreitos, horizontais nos painéis

pálidos de madeira. Sunny premiu o da direita. Não se moveu.

Okay, então devia ser o outro. Premiu o da esquerda. Também não se mexeu.

Agitou um, depois o outro. As portas estavam trancadas.

Sentiu medo a sério desta vez, a escorrer-lhe quente pela espinha abaixo, queimando como ácido na garganta; o suor brotou-lhe por todos os poros, o cabelo ficou de repente encharcado nele.

Em pânico, voltou a correr para a segurança da cama, tropeçou no tapete.

Gemendo, levantou-se do chão, subiu para a segurança da grande cama macia.

E sentiu um braço vir por trás e rodear-lhe o pescoço.

— Não fale — sussurrou uma voz indiana, tão perto do ouvido de Sunny que lhe sentiu o hálito quente. — Não profira uma palavra, nem um grito.

— Sentiu a ponta de uma faca contra as costelas. — Venha comigo agora, não faça qualquer ruído ou outras pessoas morrerão também.

Morrerão também...?

Outras pessoas...? O cérebro de Sunny estava saturado com a adrenalina do medo, o modo «lutar ou fugir» que os humanos herdaram dos seus antepassados primitivos.

Gritar não ajudaria, compreendia isso... se queria sobreviver, tinha de manter as suas faculdades mentais.

O homem colocou-lhe um pano à volta da cabeça, mal conseguia respirar, não conseguia ver... Ouviu-se um som de qualquer coisa a rasgar-se, o homem devia ter arrancado as cortinas da cama, e depois começou a envolvê-la nelas, a rodar a rodar, como uma múmia no tecido de musselina. Segurou-lhe com força o cotovelo.

— Ande — ordenou com o seu sotaque indiano cadenciado. — Venha comigo.

Não diga nada ou nós morreremos todos.

Nós morreremos todos . *O que queria dizer... nós...? Quem mais...?* Só havia Rahm Singh na casa e as empregadas que conhecera. Talvez não vivessem ali, deviam ter alojamentos próprios no jardim ou na cidade. E nenhum deles sabia das jóias, tinha a certeza disso. Só Maha sabia.

Mas porque quereriam roubar as jóias? Porque quereriam raptá-la? Maha estava apenas a devolver os seus preciosos colares e jóias a Bombaim para serem remodelados. Podiam roubar pedras preciosas como aquelas de qualquer bazar, de qualquer comerciante na cidade. Porque darem-se a tanto incómodo?

Foi atirada contra qualquer coisa dura, metálica. O calor de um tubo de escape crestou-lhe a canela e quase berrou de dor, contendo-se mesmo a tempo. De repente, foi içada, atirada indefesa para o que percebeu dever ser um caminhão de caixa aberta, sentia as arestas metálicas por baixo de alguns panos arremessados no chão. Ele estava em cima dela. Sentia-lhe o hálito a alho e o aroma apimentado da pele quando lhe passou fita adesiva por cima da boca já tapada, por cima dos olhos. O pânico provocou-lhe um grito mudo... *Não conseguia respirar... Ia morrer... Oh, Mac, Mac, não quero morrer, ajuda-me, Mac...*

Afrouxou a musselina para lhe poder amarrar os pulsos; os tornozelos foram apertados. Porém, não usou corda; a coisa tinha uma textura tipo palha e cheirava como quando a mãe enfardava feno para os cavalos lá em casa, no rancho perto de Santa Fé. Era um homem do campo, *oh, meu Deus, oh, meu Deus, não me deixes morrer...*

O caminhão engatou com uma chiadeira, avançou aos solavancos. Seria o caminho da casa? Nesse caso, com certeza que o guarda lá estaria? Vê-la-ia, ajudaria. Mas o caminhão não parou no portão, já devia estar aberto. Agora seguiam às curvas pelo monte abaixo.

FERDIE E GIORGIO esperaram até Rahm Singh chegar à casa antes de saírem do carro. Silencioso, com um aceno de braço, Singh conduziu-os pela porta da cozinha, separada dos alojamentos dos empregados e separada também dos quartos palacianos de Maha. Tinha consciência que atrás do biombo de madeira insculpido que dividia a cozinha, as três empregadas silenciosas observavam.

Singh foi à despensa e retirou o saco do seu esconderijo. Voltou, pousou-o na mesa branca de mármore e depois ficou a olhar para os dois homens.

Havia neles um ar de riqueza que invejava, patente na elegância dos seus fatos feitos à medida, das suas camisas de algodão italianas, dos seus sapatos importados. Rahm Singh não se parecia nada com eles e queria parecer.

— Onde está a mulher que trouxe as jóias? — perguntou um dos homens.

— Já tratei dela. — Ainda não o fizera, fora apanhado desprevenido pela rapidez da chegada dos homens.

Giorgio ergueu uma sobrancelha.

— Quem mais sabe dos diamantes?

— Só a Mondragon.

— A mulher não?

— Asseguro, ela não saberá de nada.

Rahm Singh abriu o fecho do saco e tirou um colar, ouro pesado, cravejado de grandes rubis em cabuchão.

Ferdie pegou nele, virou-o, examinando o ouro macio da parte de trás. Tirou uma ferramenta de metal do bolso, inseriu a respetiva ponta por baixo do rubi maior e arrancou-o do engaste. O rubi falso fora escavado e saiu como a casca de uma noz, revelando o diamante escondido por baixo. Um diamante de qualidade tão pura que brilhou como Vénus, a estrela do firmamento, sob o candeeiro de teto.

Ferdie grunhiu de prazer, contemplando-o.

— Não muito grande, mas, claro, de qualidade excelente.

Rahm Singh voltou a fechar o saco.

Sentou-se à mesa com o saco no chão ao seu lado.

— Os outros ainda são melhores, mas primeiro preciso de ver o dinheiro.

— Então não há mais nada a discutir —disse Giorgio.

Mas foi Ferdie, o ex-jogador de polo, conhecido pela sua velocidade, que saltou sobre Rahm Singh. Espetou-lhe a ferramenta de metal no pescoço com tal força que a cadeira do indiano tombou para trás e o turbante amarelo e vermelho caiu. O sangue esguichou como uma fonte da aorta e Ferdie afastou-se, célere.

Giorgio levantou-se e ficaram os dois a olhar para ele. Um gorgolejar explodiu da garganta de Rahm Singh quando Ferdie se inclinou e agarrou na ferramenta. Puxou-a, mas não queria sair. Puxou de novo, mas estava encravada profundamente no músculo, carne e osso. O sangue inundou-lhe as mãos, embora já não esguichasse, porque agora o coração de Rahm Singh parara de bombear. Estava morto. Uma grande massa de sangue rodeava a cabeça do indiano, coagulando no cabelo preto comprido e no chão de mármore.

Giorgio pegou no saco e enfiou lá dentro o colar e os restos do cabuchão falso. Guardou o diamante no bolso, não reparando no rasto de sangue que deixava no belo fato feito à medida que Rahm Singh tanto invejara. Depois saíram da cozinha, regressaram ao grande carro preto e partiram.

As três mulheres silenciosas atrás do biombo de madeira insculpido não puderam gritar quando viram Rahm Singh ser assassinado. Aterrorizadas, correram com pés silenciosos pela noite. Contudo, visto que Maha as ensinara a ler, tiveram presença de espírito suficiente para anotar a matrícula do carro antes de fugirem, rápidas e apavoradas, tal como faziam quando eram crianças nos bairros de lata.

SUNNY ROLAVA DE UM LADO PARA O OUTRO, batendo contra o metal em todas as curvas, todas as guinadas.

Sentiu outra vez o cheiro do mar, aquele odor pantanoso impregnado de sal e sobrecarregado com a doçura da cana-de-açúcar vendida nessas barraquinhas à beira-mar. Ouviu os gritos das crianças, as que nunca dormiam, as amontoadas em pilhas como cachorros sem casa, magras e assustadas e já conscientes da morte... tal como ela se encontrava agora.

O caminhão mudou de direção. Sunny ergueu a cabeça, ofegando por ar; o capuz por cima do rosto sufocava-a, rolou para cima do estômago, bateu com a cabeça na saliência da roda, soluçou em silêncio. Mac esperaria que ela se desenrascasse daquela situação, mas não sabia como. Tornaria a ver Mac? *Oh, sim, sim, por favor, Deus, meu Deus, a deusa de Maha, qualquer deus neste país que ame a humanidade, que ame a Índia, que nos ame a todos... ajuda-me.*

Havia ruídos por todo o lado em volta. O caminhão serpenteava por entre uma multidão; ouviu vozes a palrar, a gritar, ásperas, ouviu o barulho de persianas a serem puxadas, de coisas pesadas a serem erguidas de veículos e atiradas para a rua; risos; berros; pés a correr. O caminhão guinou com rapidez para o lado, atirando-a outra vez contra o metal. Sunny gemeu.

Com grande estrépito de mudanças, parou com brusquidão. Abriram as tranquetas do taipal traseiro, baixaram-no com ruído estridente, alguém saltou lá para cima. Pôs-se em cima dela, a respirar com esforço, agarrou-lhe o braço, içou-a até ela ficar de pé, voltou a saltar lá para baixo, arrastando-a com ele. As coxas raspavam na aresta de metal e sentiu sangue a escorrer-lhe pelas pernas abaixo. Disse consigo própria que o devia ignorar; tinha de se manter calma; tinha de se tentar recordar para onde estava a ser levada, o que estava a acontecer...

O homem desatou-lhe os tornozelos, disse-lhe para andar. A circulação que se restabelecia era quase tão dolorosa como os cortes nas coxas. Os pés enterraram-se em lama. Lá se iam os ténis *Converse* vermelhos, pensou, e quase se riu de si própria por se comportar como uma mulher numa altura como aquela quando poderia ir morrer.

Não. Não. Não. Não morreria. *Não* deixaria que a matassem. *Não* deixaria que ganhassem. Queria ir para casa, ter com Mac, queria ver *Tesoro* outra vez, queria a sua vida...

— Degraus — proferiu a voz do homem no seu inglês bombástico. — Para subir eles, por favor.

Ele dissera *por favor*? Qualquer coisa mudara, não sabia o quê, mas havia uma impressão diferente no ar.

— Agora para aqui. — Empurrou-a para a frente para o silêncio e de repente Sunny percebeu que estava sozinha.

Manteve-se perfeitamente imóvel, mal ousando respirar, à escuta. Estar sozinha era mais assustador do que estar com o seu captor. Quase desejava que ele voltasse, pelo menos talvez lhe tirasse a fita adesiva dos olhos, o capuz que lhe cobria a cabeça e o tecido que a envolvia como se fosse uma múmia.

— NÃO HAVIA NECESSIDADE de seres tão bruto com ela — disse Maha ao homem no dialeto hindu que ambos entendiam.

— Havia outras pessoas na casa — respondeu ele. — Que havia de fazer? O guarda já estava morto.

Maha suspirou.

— Compreendo.

— Não podia deixar que a mulher gritasse, não teria vindo de sua livre vontade e eu sabia que coisas ruins se passavam.

— E tu não és ruim? — Maha olhou para ele, sabendo que era, mas não conseguira arranjar mais ninguém para fazer aquele trabalho.

O homem estendeu a mão, esfregando os dedos.

— O dinheiro. Fiz o que pediste. Ela está aqui.

Maha entregou-lhe uma bolsa de algodão com cordões. Ele abriu-a, contou o dinheiro com cuidado, lançou-lhe uma olhadela, assentiu e depois partiu. Maha ouviu a mudança a arranhar quando o camião enferrujado partiu outra vez, descendo de novo a viela, de volta ao anonimato. Ninguém saberia.

Exceto Maha.

Deteve-se na soleira da porta um instante, a olhar para a mulher indefesa, com as mãos atadas, o corpo envolvido em musselina branca manchada de sangue, um capuz por cima da cabeça, olhos tapados e a boca silenciada com fita adesiva. Maha pensou por um momento em Sharon Barnes; na mulher de Paris; em Yvonne Elman; em Rahm Singh.

Por fim, avançou para ela.

Sunny sentiu-lhe o perfume, aquele óleo indiano suave que ela usava. Era docemente familiar, um pouco apimentado, um aroma de cedro, almíscar e âmbar, bem como tuberosas e jasmim. Era o perfume de uma bela mulher indiana. O perfume de Maha.

Maha desenrolou-lhe a musselina do corpo, puxou-lhe a fita adesiva da boca, libertou-a com suavidade dos olhos, tirou-lhe o capuz da cabeça.

Sunny ficou ali, de olhos fechados, a inspirar aos arranques.

— Percebi que me reconheceste até com os olhos fechados — comentou Maha.

— És inesquecível — retorquiu Sunny.

— Espero que não.

Cortou a corda que atava os pulsos de Sunny e, de novo, Sunny aspirou aquele odor áspero e doce do feno.

— Foi um homem que tem cavalos que me atou — disse e ouviu Maha rir-se.

— Não é em vão que és detetive.

Sunny forçou-se a abrir os olhos e Maha deu um passo atrás, observando-a enquanto ela perscrutava a sala vazia, as cornijas de estuque esculpidas a desfazerem-se, os soalhos de teca estilhaçados, as janelas em arco com vidros partidos e um vislumbre de um plátano mirrado lá fora; a porta a pender dos gonzos, a lufada de vento que trazia os cheiros do bazar para dentro da casa abandonada.

Por fim, Sunny olhou para Maha. Uma Maha diferente da que conhecia. Esta estava vestida como uma mulher de aldeia, com um sari simples de algodão por cima de um *top* de gola redonda sem quaisquer broches elegantes a segurá-lo no sítio. Usava chinelas de dedo e o cabelo, o seu cabelo mágico, comprido, preto e brilhante, estava preso atrás num puxo. Maha pegou na ponta do sari e passou-a por cima da cabeça, escondendo o rosto, de forma que só os olhos se viam.

— Então, minha antiga amiga, o que pensas agora das oportunidades que a vida tem para oferecer?

— Quem me dera nunca ter ouvido falar de ti — respondeu Sunny.

Maha assentiu.

— Também o desejo. Mas é demasiado tarde e temos de avançar. — Bateu palmas e as três empregadas da casa entraram com um ruído de pequenos passos. — Olha para elas — continuou com tristeza. — Ofereci-lhes segurança, uma vida nova na minha casa. Reparaste nas cicatrizes, Sunny?

Ergueram as cabeças para Sunny poder ver bem.

— Conheci o homem que lhes fez isto quando eram meninas e viviam nos

bairros de lata como eu, comendo das lixeiras supurantes, fugindo dos homens quando podíamos, fugindo, fugindo, sempre a fugir. Sabes que são mudas? — acrescentou. — Cortaram-lhes as línguas para poderem ser mendigas que inspirassem mais piedade, chorar por mais alguns cêntimos, só com sons abafados e patéticos a saírem-lhes das bocas vazias. Anos mais tarde, depois de eu ter escapado, voltei e procurei as minhas pequenas amigas. Levei-as comigo, curei-as, tanto quanto uma mulher que passou por tal horror pode ser curada, claro. Agora, nunca me deixarão. Qualquer que seja o rumo da minha vida, ficarão comigo.

Sunny esforçou-se por compreender o horror. Não conseguia olhar para as mulheres. Apetecia-lhe chorar. Mas, em vez disso, fitou Maha, furiosa.

— E eu estou condenada a ficar contigo para sempre também, Maha? Para onde quer que vás?

Maha riu-se.

— Creio que tenho de explicar uma coisa. Aquilo que te pedi para fazeres, trazer as minhas jóias de volta a Bombaim, *não* era legal. Aquelas belas pedras em grandes cabuchões redondos eram falsas, meras capas para os diamantes roubados de La Fontaine naquela noite em Monte Carlo.

Recordas-te, Sunny? Estávamos no bar do hotel e ouvimos o som das sirenes da polícia? Foi naquele momento que soube que tínhamos tido êxito e depois Sharon entrou apressada, a seguir Ferdie e Giorgio. Os meus cúmplices no crime. E Rahm Singh, que também me traiu e te teria matado.

Acercou-se de Sunny, pousou-lhe a mão no braço.

— Percebes, há muitos anos, descobri como sair dos bairros de lata. Coisa pouca ao princípio, claro, mas depois tornei-me mais ousada e mais esperta.

Estava a fazer as minhas jóias, a vender bem, mas queria mais. Queria uma coisa em grande. Queria... *tudo*. E foi assim que me converti numa das melhores ladras que o mundo já conheceu.

Riu-se, a recordar, ao mesmo tempo que convocava outra vez as empregadas.

— Vistam-na — disse na sua língua. —Escureçam-lhe a pele, ponham-lhe *kohl* nos olhos, hena no cabelo. Tem de se parecer connosco.

Continuou para Sunny: — Elas vão disfarçar-te. Tens de as deixar, se queres sair daqui com vida.

Quando acabarem, escoltar-te-ão através do bazar. Vão levar-te a um homem que conheço. Um amigo. —Sorriu com pesar. — Deveria talvez dizer

um antigo amigo, pois depois disto já não quererá conhecer-me, talvez até negue ter-me conhecido. — Encolheu os ombros. — Já não interessa. Ele já recebeu a minha mensagem. Tomará conta de ti. Mas não deves chamar a polícia, não tentes telefonar a Mac, não até o meu amigo ter tempo para resolver as coisas. Não até ele ter a certeza que estás em segurança.

— E dar-te tempo para escapar — retorquiu Sunny.

Maha sorriu.

— Salvaste-me — acrescentou Sunny.

Maha sorriu outra vez.

— A corrupção está em todo o lado, minha querida Sunny. Só podes confiar neste homem. A tua vida está nas mãos deste homem bom.

— Não direi nada até ele me dar permissão — prometeu Sunny. Maha salvara-lhe a vida; sabia disso agora.

Era o mínimo que podia fazer.

As mulheres já estavam a esfregar-lhe um óleo castanho nas pernas e braços, a pôr-lhe hena no cabelo. De repente, Sunny não aguentou.

— Maha — gritou. — Isto não pode ser verdade, não pode estar a acontecer.

Não querias prejudicar ninguém, só roubaste os diamantes...

— Errei — retorquiu Maha em voz baixa. — Devia saber que quando há dinheiro envolvido, muito dinheiro, qualquer coisa pode acontecer e, em geral, acontece. Os homens matam por dinheiro, é tão simples quanto isso.

Pessoas em quem confiámos. Mas, também, a confiança é muitas vezes um sentimento descabido. Como o amor.

Deu um passo atrás, viu as mulheres a envolverem Sunny num sari de algodão azul, a ajustá-lo de forma experiente e, porque Sunny não saberia como usá-lo e manipular as suas dobras quando caminhasse, prenderam-no com um alfinete de dama gigante.

— A minha água-marinha teria sido melhor — comentou Maha com uma risada. — E agora, minha querida Sunny, com os teus olhos escuros e as dobras do algodão azul a esconderem-te o rosto, pareces a minha irmã.

Bateu palmas de novo e as mulheres acercaram-se dela.

Falou-lhes, explicando-lhes o que deviam fazer, entregou-lhes um pedaço de papel com um endereço escrito para darem ao rapaz do riquexó. E outro com a matrícula do carro dos assassinos para darem ao homem. Depois aproximou-se de Sunny.

Fitaram-se durante um longo momento.

Maha estendeu a mão, tocou no rosto de Sunny.

— Lamento muito a dor que te causei. —E, dito isso, saiu da sala.

Sunny ouviu-lhe os passos nas escadas de madeira, depois ela própria foi levada à pressa por essas escadas abaixo e, através de uma viela, para um bazar barulhento apinhado de homens a vender de tudo, desde CDs a mobílias antigas; homens a apregoarem as suas mercadorias; a oferecerem *chai* em minúsculas chávenas de metal, com reservatórios de água a ferver pendurados à volta do pescoço; crianças a vender sumo de manga e doces de um rosa vivo; riquexós puxados a bicicleta abrindo caminho à força através das tendas; uma vaca castanha a pastar, pacífica, os legumes verdes de outra tenda; o aroma de caril e feno grego, coentros e cominhos e as pilhas de especiarias amarelas e vermelhas.

Duas das empregadas caminhavam à frente, apressadas, de cabeças baixas.

Sunny trotava atrás delas, o sari caído sobre o rosto, com a terceira mulher mesmo colada a ela. Nem sequer reparou nos dois homens que passaram a correr, vestidos com as calças largas indianas de algodão, camisas baratas, óculos escuros e bonés de basebol dos Yankees. Ferdie e Giorgio, lobos em roupas de ovelhas, no encalço de Maha, a mulher que precisavam de matar para se poderem sentir seguros.

As empregadas abriam caminho às cotoveladas experientes através da multidão. Chegaram ao final da rua e pararam, procurando até que dois rapazes com riquexós puxados a bicicleta travaram com um chiado.

Sunny subiu para um deles com uma das mulheres, as outras duas seguiram-nas.

Deram o papel com o endereço a um dos rapazes e estes lá partiram os dois a pedalar, puxando as suas cargas humanas como se não fosse nada.

Logo deixaram as multidões para trás e entraram numa zona mais calma, mais residencial. Crianças vestidas com uniformes e com mochilas cheias de livros dirigiam-se para a escola; havia criadas de uniforme branco a passearem cães; os cozinheiros apressavam-se a ir ao mercado buscar o que havia de mais fresco; casas de cores pastel erguiam-se atrás de sebes de buganvílias, sombreadas por tamargueiras, casas normais e agradáveis, onde viviam pessoas normais.

Os riquexós pararam em frente de uma casa de um azul pálido, da cor do

sari de Sunny. O guarda no portão mirou-as desconfiado até que uma das mulheres lhe entregou um bilhete para o patrão. O homem pegou no telefone e ligou para a casa. Passado um momento, indicou-lhes que deviam entrar, mas as mulheres abanaram as cabeças e recuaram.

Apontaram para Sunny: só ela devia ir.

Esperaram até o portão se abrir e fechar com ruído atrás dela antes de partirem.

Sunny virou a cabeça para as ver ir.

Esperava de todo o coração que encontrassem outra vez o tipo de paz que Maha lhes dera.

Um homem esperava por ela ao cimo de um curto lance de degraus de mármore que conduzia à casa, as duas mãos estendidas num gesto de boas-vindas. Era mais baixo que Sunny, roliço, com um rosto agradável, um bigode hirsuto e um ar de autoridade tranquila.

— Entre, minha querida — convidou. —Chamo-me Jai Lal e vou ajudá-la.

Bombaim

COM RON AOS COMANDOS, o *Citation* pairou por cima da costa verde-água de Bombaim, estabilizando-se, pronto para aterrar. Montes de lixo espreitavam na linha do horizonte por entre as torres modernas e as ruas engarrafadas com trânsito, fervilhando de humanidade, vacas e riquexós, cães, gatos e bandos errantes de caturras selvagens fugidas das gaiolas de casas elegantes para a liberdade dos ninhos entre as palmeiras. Rapazes nos seus fatos brancos jogavam críquete em campos verdes e rapazes de tipo diferente jogavam baseball em vielas poeirentas, usando cabos de vassoura partidos e uma bola roubada. A pista de corridas estava em plena atividade; alazões reluzentes suavam no *paddock* e mulheres de chapéu bebiam champanhe enquanto miúdos da rua roubavam tudo a que podiam deitar as mãos magricelas.

A vida decorria como todos os dias em Bombaim quando Ron aterrou o avião e deslizou ao longo da pista até ao hangar privado.

Dois homens uniformizados esperavam, encostados a um carro da polícia e Mac já se encontrava ao telefone com o respetivo chefe. As notícias sobre o rapto de uma mulher americana tinham sido suspensas enquanto os homens do chefe vasculhavam os bazares e todos os poisos conhecidos. Mas agora tinha novidades.

Tinham encontrado dois corpos na casa de Maha Mondragon. Um guarda e Rahm Singh, o assistente de Maha, o homem que orientava a sua vida e a sua casa na colina de Malabar. O chefe contou a Mac que Singh fora apunhalado no pescoço. Parecia que o assassino fora incapaz de recuperar a arma, que ainda sobressaía na garganta da vítima quando a encontraram por entre uma torrente de sangue. A arma era uma ferramenta para talhar diamantes.

Não haviam encontrado mais ninguém na casa, embora se soubesse que a Mondragon tinha dez empregados.

— Aqui, quando há algum problema, toda a gente desaparece — explicou o chefe. — Voltam às ruas, aos bazares, ao campo, onde quer que tenham vindo.

Qualquer sítio menos o local onde ocorreu o problema. — Fez uma pausa. — Miss Alvarez não estava lá, embora existam indícios que estava hospedada na casa — acrescentou —, roupas ainda penduradas no guarda-fatos do quarto dos hóspedes, a cama fora utilizada.

Infelizmente, Mister Reilly, o quarto está em desordem, poderá ter havido luta.

Mac fez apelo a toda a força da sua energia, atravessou o macadame e entrou no carro da polícia. Ron mancou atrás dele, o mais depressa que conseguiu com as muletas e foram conduzidos a casa de Maha.

Estava guardada pela polícia, mas esperavam-nos. Caminharam pelas salas frias com o seu mobiliário rico nas cores vivas da Índia que imitavam as flores lá fora no jardim.

Ron comentou em tom de admiração: — Bela casa. Melhor do que Bel Air... que cores maravilhosas...

— Cala-te, Ron — retorquiu Mac através de dentes cerrados.

— Desculpa. — Ron calou-se.

Levaram-nos ao quarto dos hóspedes.

Com uma sensação de mau presságio, Ron observou Mac a encaminhar-se para a cama, a tocar na marca superficial que indicava onde o corpo de Sunny estivera deitado, a olhar para o pequeno lance de degraus de madeira, caído para um dos lados, para as cortinas de musselina rasgadas e para o sangue que manchava o lado da cama e que percorria o tapete de seda até às janelas altas abertas.

Mac sabia que a polícia já vasculhara minuciosamente o quarto, mas voltou a fazê-lo. Procurava o telemóvel de Sunny. Não o encontrou. Num impulso, ligou o número dela e, espantado, ouviu-o tocar. Ninguém atendeu.

Telefonou ao chefe da polícia, pediu-lhe para tentar localizar a zona de receção do telemóvel.

Seguiram então pela casa até à cozinha.

— Espera. — Ron parara e estava a olhar para um biombo de madeira insculpido, ao cimo de uma escadaria estreita. — Um bom sítio para espiar.

Mac subiu os degraus e colocou-se por trás do biombo. Via uma cozinha suficientemente grande para abastecer festas de pelo menos cem pessoas.

Vários fornos, micro-ondas, bicos de gás... Maha teria precisado de uma dúzia de *chefs*, não apenas um cozinheiro e um par de assistentes. As grandes portas encontravam-se abertas para a brisa entrar e também, sabia Mac, para remover o odor da morte. Uma laje de mármore branco era usada como mesa.

Havia seis cadeiras em volta, uma tombada no chão, duas outras puxadas para trás à pressa.

Homens de fatos verdes ainda se encontravam a trabalhar na cena do crime, examinando o chão, centímetro a centímetro, recolhendo, com pinça, cabelos, fragmentos de tecidos, algodão, sangue seco, para pequenos sacos de plástico.

O corpo de Rahm Singh fora removido, mas poças de sangue tinham-se coagulado em manchas escuras, à volta das quais zumbiam as eternas moscas. Um turbante meio desenrolado jazia onde caíra quando Singh baqueara para trás daquela cadeira, quase morto, mas ainda não propriamente porque o sangue ainda esguichara.

E não, suspeitava Mac, antes de ver os seus assassinos piscarem-se com o que tinham vindo buscar.

Pensou quem teria estado ali escondido atrás do biombo de madeira insculpida a noite anterior? Quem testemunhara o assassinato? Quem conhecia a identidade dos assassinos?

O telemóvel vibrou; era o chefe a dizer-lhe que tinham localizado a zona onde o telemóvel de Sunny tocara.

Ficava num dos bazares bem conhecido pela sua componente criminosa.

Quando Mac e Ron chegaram ao bazar, a polícia já lá se encontrava em grande força, a carregar sobre a multidão que se dispersava diante deles; a inspecionar as tendas e atrás das tendas; a vasculhar vielas e edifícios antigos porque nada ali era demasiado velho ou destruído para os mais pobres que os habitavam. Só uma casa se achava vazia, de forma agoirenta.

Entraram e subiram os degraus de madeira estilhaçada até uma sala no segundo andar.

Encontraram as cortinas de musselina rasgadas, a fita adesiva abandonada, vestígios de sangue. Mas nada de Sunny.

Os fotógrafos da polícia já documentavam a cena quando o telemóvel de Mac tocou.

— Sou eu — disse Sunny. — Mac, *oooh Mac*, tens de vir buscar-me...

— *Diz-me onde*. — Já corria pelas escadas abaixo e saía a porta.

Ela deu-lhe o endereço.

— Estou bem, estou em segurança agora, um homem amoroso ajudou-me...

está ao telefone a falar com o chefe da polícia, não podia telefonar-te antes, explico-te porquê quando cá chegares, conto à polícia, sei que vão querer interrogar-me...

Mac abriu caminho pela multidão até ao carro da polícia onde Ron esperava, deu o endereço ao motorista, pensou em telefonar ao chefe e decidiu esperar até chegar a Sunny.

Em breve estavam a guiar por um bairro respeitável; casas respeitáveis; crianças respeitáveis a chutar bolas de futebol respeitáveis. Aqui a vida era normal.

O guarda da casa de um azul pálido esperava-os e abriu os portões. Mac viu Sunny nos degraus. Vestia uma camisa branca de algodão, estilo Nehru, que lhe chegava mesmo acima dos joelhos e calçava chinelas de dedo de plástico.

Tinha ligaduras nas pernas. Com o cabelo sedoso acabado de tratar com hena a cair-lhe pelas costas e lágrimas nos olhos, Mac pensou que parecia um anjo dos céus. Um anjo indiano. Um céu indiano.

Sunny estendeu os braços e ele lançou-se neles.

— Porque demoraste tanto? — perguntou ela algures entre o riso e as lágrimas, como já o fizera antes, em Monte Carlo.

Estreitaram-se com força, como se não houvesse amanhã. E, desta vez, quase não houvera.

O seu anfitrião, Mr. Jai Lal, mantinha-se discretamente afastado. Mac fitou-o, cruzaram olhares e o homem fez um gesto para uma pequena sala junto ao vestíbulo.

— Ali estão mais à vontade — disse.

Mac ergueu Sunny nos braços e transportou-a para a sala obscura forrada a livros, beijando-lhe o pescoço. O aroma familiar da pele dela rescendia bem nítido nas suas narinas, o cabelo balançava numa cascata luzidia.

Os chinelos de plástico caíram quando a pousou no sofá. Tinha lágrimas nos olhos.

Ela levantou um dedo, afastando-as.

— Os homens fortes não choram — sussurrou.

— Oh, sim, choram quando descobrem que o amor da sua vida ainda está viva, que não foi assassinada nem o seu corpo atirado para a beira da estrada, que estou aqui com ela e que nunca mais a vou perder de vista outra vez...

— Perdão — retorquiu Sunny. — Mac, sinto muito, foi uma estupidez, só um orgulho estúpido, para me armar, mostrar-te que conseguia ser independente.

— Sunny, Sunny, és uma das mulheres mais independentes que conheço. Não há nada para provar, exceto que ainda me amas.

Ela beijou-o com lentidão, demoradamente, as mãos no cabelo dele, segurando-lhe o rosto junto ao dela.

— Amar-te-ei sempre — declarou, quando o beijo terminou. — Prometo que nunca mais fujo.

— Preciso de saber o que aconteceu.

Ainda tinha o braço passado em volta dela e Sunny apoiou-lhe a cabeça no ombro e falou-lhe de Maha, de agarrar as oportunidades que a vida tinha para oferecer e de ter levado as jóias para a Índia. Não deixou nada por contar e, quando chegou ao fim, concluiu: — Estás a ver, Maha soube que ia ser

traída por Rahm Singh, soube que os homens iriam matar e enviou aquele homem para me arrancar da casa.

— Antes de te matarem também.

Sunny fitou-o com firmeza no olhar.

— Maha salvou-me a vida.

Mac pensou em Danielle Soris e Yvonne Elman e na cigana no apartamento minúsculo em Praga, todo decorado de forma tão corajosa em cor de rosa. Recordou as poças do sangue coagulado de Rahm Singh, de um castanho quase preto, no chão de mármore pálido da cozinha; e o guarda abatido com um golpe na cabeça. Sabe-se lá quantos mais teriam morrido neste rasto de roubos de jóias e assassinatos?

— Ela é culpada — replicou —, apesar de lhe estar grato por te proteger. Maha é culpada.

— A polícia apanhou-a?

Abanou a cabeça.

— Ainda não.

— Jai Lal telefonou ao chefe da polícia. Contou-lhe a história toda e deu-lhe a matrícula do carro do assassino. Vão chegar dentro em breve. Vão encontrá-los. Vou contar-lhes o que sucedeu, responder às perguntas deles.

— Fitou Mac. — Porém, nunca trairei Maha e ela sabia-o. Não sei onde está, para onde foi... o que será dela. E a verdade é essa.

— Eu sei.

Mac entendia também que Maha fora bastante esperta em não contar a Sunny.

Maha sabia exatamente o que tinha a fazer. Beijou Sunny até que se ouviu uma tosse discreta lá fora.

— Mister Reilly, Mistress Alvarez, preciso de lhes oferecer alguma hospitalidade, por favor, antes que sejamos invadidos pela polícia.

Sorrindo, levantaram-se e encaminharam-se, de mãos dadas, para a porta. Mr. Jai Lal abriu-se num grande sorriso.

— Excelente — disse, virando-se e liderando o caminho para a sala de estar. — Excelente. Está tudo bem agora.

Percebo-o.

Mac apertou a mão de Jai Lal, agradeceu-lhe e depois o seu anfitrião escoltou-os até uma sala adorável, onde Ron se encontrava sentado num divã confortável, com a perna partida pousada num banquinho bordado para os pés. Lá fora, uma fonte projetava gotas frescas para o ar; peixinhos precipitavam-se como setas em redor de rochas musguentas e um aviário dourado continha bandos de minúsculos tentilhões das cores de pedras preciosas e canários amarelos que cantavam sem parar. Era, decidiu Mac, como estar num filme de Bollywood.

Até este rotundo e sorridente anfitrião parecia um personagem de um filme.

Estava enganado. Jai Lal não era nenhum ator de cinema de Bollywood.

Era um homem educado e íntegro, que usava a sua riqueza para ajudar os oprimidos e desalojados.

Sunny e Mac sentaram-se lado a lado num sofá de brocado dourado, de mãos dadas, com Ron em frente no divã de seda verde. Serviram-lhes sumo gelado de manga em copos altos e frios e bolinhos doces e picantes, enquanto Mr. Lal, sensível à situação em que se encontravam, preenchia o silêncio embaraçado falando-lhes dele próprio enquanto esperavam que o chefe da polícia chegasse. Mas, logo percebeu Mac, na realidade falava de Maha.

— Tal como Maha — dizia Lal —, fiz pressão para removerem as montanhas de lixo, para que tratassem das crianças; para que lhes arranjassem casas e um vislumbre de educação, para poderem ao menos saber ler e escrever. E depois disso? Ajudámo-las a arranjar emprego.

Mesmo o trabalho como jardineiro é bom, é criativo, é uma expressão de

beleza em vez da degradação que conhecem. Ou como cozinheiro. A comida é uma coisa que dá orgulho para quem nunca teve suficiente. Ou como empregada doméstica, porque encerrar soalhos numa casa segura e calma é melhor do que espremer-se numa viela a rezar para não ser molestada.

Jai Lal fizera ainda mais. Contou que, quando era capaz, Maha e ele ajudavam aquelas crianças especiais que desabrochavam na escola, cujos intelectos e expectativas não eram embotados pelo que as rodeava: os sonhadores, os artistas; os futuros intelectuais, cuja curiosidade os transportava para outro mundo, permitindo-lhes entrarem em universidades com bolsas. Era óbvio que Jai Lal era um homem maravilhoso, mas Mac precisava de saber como conhecia Maha Mondragon.

— Trabalhámos para as mesmas causas de beneficência — explicou Lal. — É uma mulher dedicada. Poderá não saber que Maha conseguiu sair a pulso de um meio semelhante. Admiro a sua coragem, a sua força de espírito e a sua moralidade.

— Mas Maha é uma *designer* de jóias— retorquiu Mac. — Onde arranjou apoio para iniciar esse trabalho?

— Aqui não fazemos esse tipo de perguntas — replicou Lal. — As indiscrições de uma mulher são assuntos dela. Foi difícil para Maha, mas, quando me mostrou os seus primeiros desenhos, consegui arranjar apoio financeiro para a ajudar a realizar o seu trabalho.

— E depois ela teve êxito a nível internacional e tornou-se muito rica.

Mr. Lal assentiu.

— Dei-lhe os parabéns.

E então chegou o chefe da polícia com uma comitiva e uma série de perguntas.

ERA MUITO TARDE quando Maha chegou por fim a casa. Havia estrelas, diamantes num céu noturno de um azul muito escuro e muito mais bonitas, sabia, do que qualquer das gemas de La Fontaine.

Dois polícias montavam guarda ao portão principal, mas Maha tinha a sua própria entrada secreta, esgueirou-se pelo topo da colina, seguindo o regato estreito que cintilava sobre as rochas cheias de musgo, fazendo uma pausa na quietude da noite para apreciar o jasmim que floria na escuridão e que ela própria plantara quando convertera aquela casa no seu lar.

Quando a colina se aplanava, existia uma pequena ponte vermelha, estilo chinês, sobre o regato, onde Maha gostara de observar as minúsculas rãs verdes a brincar à borda de água; e nas árvores estavam penduradas gaiolas de vime branco com os seus potinhos de sementes, convidando os pássaros a entrar no seu domínio. Maha não tinha medo, caminhava com suavidade pela beleza que criara. Já não havia serpentes naquele Jardim do Éden. Tudo era paz.

Agora.

Deu a volta à casa, reparando em janelas abertas que deviam ter sido fechadas; uma luz ainda acesa num corredor, refletida nas vidraças.

Encolheu os ombros, permitindo-se sorrir. Já não era preocupação sua.

Quando chegou à parte da frente da casa, estacou para perscrutar o caminho.

Sabia que não podia ser vista do portão onde os polícias montavam guarda.

O sari de algodão restolhou quando atravessou o terraço em direção ao comprido lago azul-cobalto onde os botões de buganvília flutuavam e Mahalakshmi, deusa da riqueza e prosperidade, estava de vigília; alta, dourada e pintada de tons vivos. À luz soturna da noite, quase parecia viva.

Maha falou à deusa: — Foi bom, no princípio. Saber que era inteligente, mais inteligente até do que a polícia internacional. Lembra-te que quando eu era criança a polícia era o inimigo, expulsava-nos das ruas e dos montes de lixo, fora da vista, fora do pensamento. Mas já sabes isso. Tens seguido todos os meus passos.

Deixou-se cair no chão, contemplando o seu reflexo no lago azul-escuro, recordando quem fora e já não era: o cérebro por trás da vaga de roubos de jóias de alta classe, a mulher com casas e dinheiro, em vias de obter um lugar legítimo na sociedade. Este teria sido o último roubo. Enfeitara as suas ladras com casacos de peles caros e máscaras de Marilyn. Sharon recrutara-as, claro; mulheres jovens que não respeitavam a lei, já em fuga, ansiosas por fazer dinheiro e depois desaparecerem. Maha nunca usava as mesmas mulheres duas vezes e elas nunca sabiam quem ela era.

Sharon mantinha a sucessão de potenciais ladras à espera de serem convocadas de Praga ou de Budapeste.

Conhecera Sharon num evento de moda e reconhecera-lhe de imediato a loucura. Sharon era instável, perigosa e disposta a qualquer coisa que pudesse render dinheiro. E Maha usara-a bem.

Teria corrido tudo bem se Sharon não tivesse por fim perdido o juízo e, na sua raiva e ódio, atacado a mulher em Paris e depois matado a mulher em Monte Carlo. E assassinado a cigana que lhe roubara o casaco de peles, encontrara o diamante no bolso e depois o passara ao mesmo homem que elas empregavam para voltar a lapidar as pedras. Matara-a com aquela pistola *Black Rose*. Muito típico de Sharon. Sempre com estilo.

Tantas mortes, pensou Maha, recordando os bairros de lata a que escapara, onde o assassinato acontecia todos os dias. Pensou que escapara a isso e que agora se encontrava de novo onde começara.

Ajoelhou-se em frente da deusa Mahalakshmi. Baixou a cabeça três vezes até ao chão. Depois, com um empurrão, fez tombar a estátua no lago.

Ouviu-se um grande chape, uma torrente de água, um estampido como o de um canhão.

Maha percebeu os gritos de alarme dos polícias de guarda. Fitou o lago azul-cobalto onde pequenas ondas lambiam a superfície como se houvesse uma tempestade. A estátua da deusa jazia no fundo, partida em duas. Flores de buganvília, em tons coral, fúcsia, laranja e branco flutuavam por cima dela.

As sirenes da polícia uivaram outra vez na noite e Maha virou-se e voltou a subir a colina, silenciosa, esgueirando-se de forma tão dissimulada como viera.

Não olhou para trás.

PRU E EDDIE ESTAVAM COM ALLIE , na *cottage* da Dordogne, sentados à volta da mesa da cozinha com a poinsettia no seu vaso de barro, a beber vinho tinto, a última colheita, e a petiscar patê e queijos. A lenha crepitava na grande lareira antiga de pedra e a *labrador* louca, *Lovely*, esparramava-se de barriga para cima, com os olhos fechados, em frente dela.

Lá fora ainda tremelicavam luzinhas de Natal e o vento de Janeiro uivava. Lá dentro tudo era aconchegante. Exceto que sentiam a falta de algumas pessoas.

O som do telefone sobressaltou-os.

Allie precipitou-se para o ir atender.

— São eles? — perguntou Pru.

Allie virou-se para ela, assentindo.

— Ron, o que aconteceu? Sunny está bem? Onde estás?

— Sunny teve o que se poderia chamar uma pequena «aventura», mas está bem— respondeu Ron. — Depois conta-te a história quando estiver contigo.

— E quando será isso?

— Em breve. Estamos a caminho de Praga.

— Praga? E então a tua perna?

— Dói como tudo, mas está ótima. E a tua?

— Autografei o meu próprio gesso... *As melhores, Allie Ray* — disse. — Depois acrescentei «*Perrin*» entre parênteses. A roxo.

— Fico contente por ter sido incluído —Ron riu-se. — Amor?

Allie sorriu radiante, gostava quando Ron lhe chamava «amor».

— Promete-me uma coisa.

— O que quiseres.

— Bem, isso é um bocado precipitado, não? Nem sequer sabes o que vou

pedir.

— Oh, sei sim. — Allie conhecia muito bem o marido. — Vais pedir-me para prometer nunca te deixar e fugir para a Índia com um saco cheio de rubis e esmeraldas para te provar qualquer coisa.

Ron riu-se.

— Acertaste à primeira.

— Quando voltas?

— Amanhã, talvez depois de amanhã.

Mac tem ainda uns assuntos a resolver em Praga.

— Outro assassinato, aposto. — Allie estava apreensiva.

— Está tudo ligado — retorquiu Ron. — Encontramo-nos em Monte Carlo. Como sabes, há lá também ainda uns assuntos para resolver. Oh, e Mac pede para dizeres a Eddie que está tudo controlado. Telefono-te de Praga.

— Um beijinho para Sunny.

Allie desligou o telefone e olhou para os outros que a fitavam, ansiosos.

— Sunny está bem. É essa a boa notícia. Contam-nos tudo quando nos encontrarmos em Monte Carlo. E, Eddie, Mac manda dizer que podes ficar calmo, tem tudo controlado. Sei que é verdade— acrescentou — porque Lev Orenstein tem estado a tratar das coisas. E Lev é o melhor. Aquela mulher não tem a mínima hipótese com ele.

Percebeu que Eddie não estava convencido, mas, mesmo assim, foi buscar uma garrafa de champanhe à adega, Eddie abriu-a e fizeram um brinde.

— A Sunny e ao seu regresso sã e salva— disse Pru quando ergueram os copos.

Alarmada pelo estrépito da rolha de champanhe, *Lovely* pôs-se de pé pesadamente e veio sentar-se mais perto. Pousou a cabeça no joelho de Eddie, com os olhos emotivos erguidos para ele. Eddie acariciou-lhe a cabeça macia e encantadora.

— Acho que terei de arranjar um *labrador* preto — disse. — Tal e qual como esta.

— Boa ideia.

Pru sorriu radiante. Era a primeira vez que Eddie falava de forma otimista sobre o futuro desde que chegara à *cottage*.

Kitty Ratte agigantava-se ameaçadora sobre ele como a espada de Dâmocles, à espera que o fio fosse cortado e a lâmina lhe caísse na cabeça.

Olharam um para o outro.

— Exatamente como *Lovely* —continuou ele com um sorriso. — Quero um tão pateta como ela.

E todos se riram, aliviados pela provação de Sunny ter terminado e ela se encontrar a salvo.

Praga

SHARON ESTAVA SENTADA ATRÁS DA SUA SECRETÁRIA com a luz por trás.

O fumo azul do seu *Gauloise* rodopiava à volta da cabeça elegantemente rapada.

Levantou os olhos quando Mac Reilly entrou no gabinete sem sequer bater.

Sentou-se e ela fitou-o com o rosto inexpressivo.

Mac pensou que Sharon era uma criatura fria. Não sabia muito bem como ia resolver aquilo porque ainda não possuía qualquer prova direta que a ligasse aos assassinatos.

Porém, apostava que existia uma pistola *Kahr Black Rose* naquele grande cofre antigo de ferro. Bem como algum do dinheiro de sangue de Maha.

— Terminou, Sharon — disse. — Maha desapareceu.

Ela encolheu os ombros.

— Isso para mim não é importante.

— Claro que agora não é. Já tem o que queria.

Sharon soltou aquela pequena risada zombeteira.

— Se me der licença, tenho clientes a chegar. Tenho de lhe pedir para se ir embora.

O telemóvel de Mac tocou. Abriu-o.

— Sim?

Respondeu-lhe uma mulher.

— Mac Reilly, fala Danielle Soris.

Recorda-se de mim?

— Como poderia esquecer? — retorquiu Mac. Ouviu-a rir-se.

— Tenho uma coisa para lhe contar.

Uma coisa de que me lembrei, sobre a mulher... — hesitou outra vez, era óbvio que estava perturbada. — A mulher que me arruinou o rosto.

Fez-se uma longa pausa e Mac pensou que ela parecia estar a tentar controlar as suas emoções. Esperou. Depois Danielle continuou: — A ladra estava a olhar para mim por trás daquela máscara... Só lhe conseguia ver os olhos. Eram muito belos, de uma cor invulgar. Verde-escuros. Fitou-me durante aquele longo momento, aquele *longo, longo* momento, antes de... antes de aquilo acontecer.

— Danielle, não faz ideia de como é maravilhosa. Telefone-lhe mais tarde — retorquiu Mac.

Recostou-se na sua cadeira e olhou para os olhos verde-escuros de Sharon Barnes. Muito invulgares. Muito belos.

Tinha a sua testemunha.

— Sharon, creio que vou pedir à polícia para a prender pelo assassinato de Yvonne Elman e Valeria Vinskaya.

Sharon esmagou o cigarro com animosidade no cinzeiro de porcelana.

Soltou uma resmungadela trocista.

— Claro que não vai. Não estou envolvida com essas mulheres. Nem sequer as conheço.

— Mas uma delas, a que não conseguiu matar, conhece-a. Identificá-la-á.

Chocada, Sharon empurrou a cadeira para trás. Acertou na janela com um som surdo que fez chocalhar o vidro.

— Isto é ridículo. Vou telefonar ao meu advogado. Só lhe posso dizer que trabalhei para Maha Mondragon, arranjei-lhe modelos para mostrarem o trabalho dela.

— Trabalhou para Maha, conseguindo-lhe mulheres dos Balcãs para trabalharem como ladras vestidas com casacos de peles em roubos de jóias organizados por Maha. Quanto lhe pagou ela, Sharon, para ser a sua primeiro-tenente? O suficiente, calculo, para se reformar do negócio a partir deste momento.

Detetou-lhe o medo repentino nos olhos, aqueles olhos verdes, grandes e belos. Tinha agora a sua testemunha.

Estava à vontade.

— Saia do meu escritório — disse Sharon. — Vou falar com o meu advogado.

Lançou-se teatralmente para a porta.

Mac seguiu-a.

Fitaram-se com dureza. Sharon foi a primeira a afastar o olhar, virando-se para trancar a porta do escritório, encolhendo os ombros no seu casaco pesado. Não de peles, mas um bom *Hermès* de caxemira com capuz, solto e fluido. As botas ultrapassavam-lhe os joelhos e tinham saltos muito altos.

Desceu as escadas a bater com as botas, ignorando o elevador. Mac sabia que tinha receio de se ver ali encurralada com ele, à espera que a polícia chegasse.

Na rua, caminhou dois passos atrás dela, falando ao telemóvel, primeiro com o inspetor em Monte Carlo dizendo-lhe que a mulher de Paris podia identificar Sharon e que ia a segui-la nesse momento. O inspetor disse que contactaria de imediato com a polícia de Praga.

Sharon descia a passos largos a rua calcetada, tropeçando de vez em quando nos saltos altos. Sabia que Mac se encontrava mesmo atrás dela. Quando ouviu o gemido das sirenes da polícia começou a correr, desajeitada nas suas botas altas.

Avançou para a ponte, viu que estava apinhada de gente, virou para uma rua secundária. A correr, a correr... Pedacos de gelo flutuavam no rio, dirigindo-se para a ponte na direção oposta à dela.

Ela afastava-se da ponte, afastava-se deles, corria para os subúrbios onde poderia conseguir perder-se e onde o seu dinheiro estava guardado no cofre seguro de um pequeno banco, bem com os diamantes que roubara a Maha.

O caminho junto ao rio tornou-se mais estreito.

Ouvia Mac a correr, perseverante, atrás dela, as sirenes a aproximarem-se. Desesperada, rodopiou para o enfrentar.

Mac enganara-se. A *Black Rose* não estava no cofre. Encontrava-se na mão de Sharon e apontada a ele.

— É demasiado tarde, Sharon —exclamou. — Além disso, está demasiado longe para me atingir.

Sharon sabia que ele tinha razão; a pequena pistola tinha bom alcance, mas ele era um alvo em movimento e agora afastava-se dela. Ouvia as sirenes da polícia desligarem-se, o bater de portas de carros, o som de pés a correr. Rodou sobre si mais uma vez, escorregou, perdeu o equilíbrio naqueles saltos traiçoeiros.

Mac viu-a deslizar do caminho e cair pela margem dentro do rio. Estava meio gelado e mal se ouviu o chape. Correu para onde ela desaparecera. Não

havia sinal dela.

Os policiais já lá se encontravam, armas em riste. Ficaram a olhar para a água preta. De repente, a cabeça dela surgiu junto da ponte. E depois foi arrastada para os trituradores de gelo que mantinham a salvo os arcos que aguentavam a ponte antiga. Mas não Sharon.

Monte Carlo

LEV ORENSTEIN estava mais habituado aos serviços de segurança de alto nível do que a brincar aos detetives, mas quando soube quem era a vítima da tentativa de chantagem concordou em fazer o trabalho. Homens poderosos e ricos como Eddie Johanssen, com famílias que queriam proteger, eram o tipo de cliente a que estava acostumado. Não que tivesse conhecido Eddie, não precisava. Mac dera-lhe todas as informações sobre a história e Lev tinha na sua posse o envelope castanho com as fotografias sexuais de Kitty Ratte e o bilhete de chantagem original.

Alto e magro, com os ombros de um médio de defesa de futebol americano e uns abdominais de ferro, calvo como um galeirão, óculos escuros de avião empoleirados no nariz esculpido e vestindo uma camisa florida *Tommy Bahama*, Lev não passava facilmente despercebido. Com treino das forças especiais israelitas, era o melhor no seu trabalho, como os seus clientes teriam testemunhado, não fosse terem exigido manter as suas identidades em segredo.

Agora, porém, vestia um disfarce: um uniforme de empregado de mesa, calças pretas, casaco branco, camisa branca, laço preto. Lev andava a seguir Kitty há um par de dias, desde que Mac estava na Índia. Já sabia muito bem qual a sua rotina diária.

Saía do pequeno apartamento de rés-do-chão por volta das quatro da tarde, guiava até ao seu café habitual numa rua secundária de Cannes onde a comida era barata, levava o seu tempo a comer o hambúrguer que parecia preferir, comprimindo-o entre as duas mãos como faziam esses sebtos nos anúncios televisivos. Mas tratava-se de uma mulher a fingir que era uma senhora e devia saber que não ficava bem comer assim. Lev chegara à conclusão que sempre que Kitty pensava que ninguém a observava revertia

para o que na realidade era.

E o que era não fora assim tão difícil de descobrir. Lev sabia tudo sobre o passado dela e a identidade do seu «amante», embora, conhecendo a «cena» deles, duvidasse que Jimmy Franklyn fosse na realidade seu «amante». Jimmy era um *voyeur*; excitava-se a ver Kitty ter sexo no chão dos clubes de *swing* com outros tipos. Ou outras mulheres.

Kitty não era esquisita.

Contudo, Lev não apreciara o breve vislumbre que tivera dessas atividades, com homens de máscaras de couro com fendas para os olhos e a boca; com algemas, chicotes e dildos. Kitty e Jimmy pertenciam a esse mundo baixo, gostando dele, cada um à sua maneira, e, embora desagradável para Lev, não era ilegal. Porém, as outras atividades de Kitty eram.

Observara Kitty a frequentar bares ao longo da costa, escolhendo os hotéis mais luxuosos onde ficavam as pessoas ricas, mas com as prostitutas russas, jovens e atraentes, a invadirem a estância já não tinha muita sorte. Na sua maioria, os seus clientes vinham dos anúncios no jornal local... *Ruiva russa sexy pronta para cumprir as suas ordens...* Esse tipo de coisa.

Lev seguira-a até vários hotéis, do tipo grande e anónimo onde ficavam os homens de negócios da classe média que andavam na pândega nos congressos.

Duas vezes num hotel na mesma tarde com parceiros diferentes e três vezes noutra.

Era óbvio que Kitty não percebia que era filmada pelas câmaras de segurança sempre que entrava no vestíbulo de um desses hotéis com a sua malinha para a noite. Não percebia que a câmara a apanhava a entrar no elevador, nem sabia que era apanhada a andar pelo corredor, a verificar os números dos quartos, a parar e a bater a uma porta, depois a entrar. Uma hora ou duas depois, era filmada outra vez a sair do quarto, a entrar de novo no elevador com a sua malinha, a atravessar o vestíbulo e a sair para o parque de estacionamento.

Kitty Ratte era apanhada pelas câmaras dos hotéis, mas Lev precisava de mais do que isso.

Queria provas na sua própria câmara. Já tinha contas do serviço de quartos e empregados que afirmavam terem visto os seus sapatos largados junto à cama enquanto ela esperava na casa de banho.

Os empregados do serviço de quartos tinham olhos vivos, conheciam o

esquema, recordavam-se de coisas.

Nessa noite, Lev subornara o empregado do andar e, vestido com o seu casaco branco, esperava os habituais pedidos para o serviço de quartos. Teve sorte. Chegou um pedido para uma sanduíche de *pastrami* em pão de centeio, uma *Heineken* e um *Red Bull*.

Dez minutos depois, Lev batia à porta.

O homem que abriu vestia calções e um polo turquesa. Era velho e, pensou Lev, parecia cansado.

— Ponha ali — disse o homem, tirando a malinha aberta de Kitty de cima da mesinha de café.

Lá dentro, Lev vislumbrou roupa interior de tecido leopardo, um vibrador azul, frascos de óleos e lubrificantes.

Pousou a bandeja, entregou a conta ao homem e, por trás dele, puxou da sua máquina minúscula e clicou em silêncio: a malinha com o seu conteúdo; a cama desfeita; o par de sapatos *Louboutin* ao lado, para onde ela os atirara.

Conseguiu ouvi-la na casa de banho, não querendo ser vista e, enquanto o homem tentava perceber a conta deliberadamente errada, Lev deslizou até lá sem fazer ruído e, através da nesga da porta meio aberta, conseguiu apanhá-la com nitidez a vestir as suas roupas normais, a fitar-se no espelho. A fotografia ficaria boa.

Lev regressara antes de o tipo ter sequer percebido o que se passara.

— Desculpe a conta ter vindo mal. Vou já tratar disso.

Fechou a porta do quarto, satisfeito.

Muito bem, era coisa pouca, mas agora tinha provas de que Kitty Ratte era também uma prostituta. Lev queria munir-se de tudo o que conseguisse, caso a questão surgisse no tribunal nos casos de chantagem. Não o que envolvia Eddie Johanssen. Lev tratara disso, da câmara de vídeo e das respetivas fotos.

O nome de Eddie nunca apareceria.

Mas, mais importante, conseguira localizar outros dois desgraçados homens envolvidos com Kitty.

De volta ao andar, Lev agradeceu ao empregado, passou-lhe algum dinheiro e desceu as escadas traseiras, evitando as câmaras de segurança. Tinha tudo o que precisava. Seria um caso que se resolveria num abrir e fechar de olhos.

MONTE CARLO era agradável à luz do entardecer, as árvores a sarapintarem os passeios, as luzes a começarem a acender-se nos cafés e butiques, um ventinho aborrecido a despentear cabelos e levantar saias, quando Mac e Sunny passeavam de mãos dadas — como se, pensou Sunny com um baque, alguma vez voltasse a largar a mão de Mac — pelo porto, admirando os grandes iates e os iates ainda maiores ancorados mais ao longe e os navios de cruzeiro ao largo.

— Barcos até ao infinito — comentou Sunny, acertando o passo pela passada dele, mais larga.

— Uma cidade construída sobre barcos — concordou Mac. — Uma aspirante a Veneza.

— Gosto dela.

— Eu também.

O vento levantou-se e viraram para trás, regressando ao hotel onde tinham combinado encontrar-se com Ron no bar. E Lev. E Allie, Pru e Eddie, que chegariam a qualquer minuto. Sunny estava impaciente por as ver. E à sua *chihuahua*.

— Também sinto saudades de *Pirate*.

Mac gemeu.

— Nem sequer fales nisso. — Adorava aquele cão. O seu assistente de longa data, Roddy, estava a tomar conta dele na casa de Malibu e *Pirate* encontrava-se em boas mãos.

O porteiro já os conhecia e sorriu-lhes, cumprimentando-os quando entraram no vestíbulo e se dirigiram ao bar.

Sunny recordava-se daquela primeira noite, a noite do dia de Natal, quando estivera sozinha e conhecera Maha e Kitty Ratte. Tinha sido informada das atividades de Kitty e do esquema da chantagem e sentia-se

sufocar de raiva e repugnância quando pensava naquilo. O pobre Eddie amoroso nunca teria conhecido a mulher se não fosse ela e agora vejam lá a encrenca em que estava metido. Porém, Maha percebera logo o que Kitty era; olhara para Kitty e vira corrupção, vira maldade no seu rosto insípido e sorridente.

Ron já lá estava, sentado numa mesa, com as muletas encostadas a uma cadeira.

— Estou só a controlar a concorrência— disse com um sorriso, indicando o copo de vinho tinto. — E, afinal, onde raio está a minha mulher?

— É um voo comercial. — Mac sorriu em resposta. — É o que acontece, Ron.

Nos voos comerciais chegamos sempre atrasados. Esqueceste como era, só isso.

— Ah! — Ron sabia que era verdade, mas estava ansioso para abraçar a mulher. — Lev Orenstein está ali —continuou quando a figura alta e inconfundível numa camisa *Tommy Bahama* de padrão havaiano e calças de ganga estreitos avançou a passos largos para o balcão do bar e escolheu um lugar. Ron lançou uma olhadela a Mac. —Não falamos com ele?

— Vamos esperar para ver o que acontece.

Mac sentou-se e pediu um *Cosmopolitan* para Sunny, não demasiado doce, com vodca *Grey Goose* e muito frio. Pediu também uma garrafa de rosé, o vinho favorito dela desde o verão passado em Saint-Tropez.

Tinham os olhos fixos em Lev, que estava encostado ao bar, um cotovelo sobre o balcão, os dedos da mão direita passados pelo cinto, um pé cruzado sobre o outro. Calmo, descontraído.

— Cá estão as nossas bebidas — disse Mac, afastando a pequena mala de Sunny, imitação de pele de cobra, para o empregado poder pousar as bebidas sobre a mesa.

— Bem — proferiu Ron, mirando-os aos dois, tão serenos, tão felizes. — Bem —repetiu —, tenho de confessar que houve momentos em que pensei que nunca mais teria a sorte de ver isto outra vez. Vocês os dois juntos. Primeiro quando fugiste, Sunny, e depois quando quase foste assassinada.

Sunny estremeceu.

— Não me lembres isso. — O *Cosmopolitan* estava gelado, delicioso. Era louca por aquela bebida cor de rosa.

— Lev tinha razão — disse Mac, olhando para a entrada. — Lá vem ela.

Kitty Ratte, no seu vestido envelope azul e branco, a saía a abrir-se para mostrar as coxas, trotou, de joelhos a chocarem, para o bar. Os olhos pousaram-se por acaso em Lev, o primeiro homem mesmo atraente que via há imenso tempo. *E* ele estava sozinho.

Perfeito. Sem olhar em volta, subiu para um banquinho ao lado dele.

— Um copo de vinho tinto — disse para o empregado de cabelos grisalhos, que nunca, mas nunca, olhava para ela.

Serviu o vinho e empurrou o copo pelo balcão. Ela suspirou e aventurou um sorriso tímido para Lev, queixo para baixo, olhos erguidos, os dentes a brilharem.

— O serviço aqui costumava ser melhor — observou, dirigindo-se-lhe. — Quando uma mulher pedia uma bebida, ofereciam sempre uma tigela de nozes ou rosquinhas ou azeitonas. Agora — encolheu os ombros e fitou-o, insinuante, cruzando as pernas e permitindo que a saia deslizasse das coxas —, nada.

Lev estava a falar ao telemóvel, mas fechou-o. Chamou o empregado do bar e pediu azeitonas. Quando chegaram, empurrou a tigela na direção de Kitty.

— Como a última ceia — proferiu sem sorrir.

Intrigada, Kitty mordeu uma azeitona, engoliu um gole do vinho. Não era o primeiro do dia; bebia pelo menos uma garrafa e meia, talvez duas todas as noites, mais o que bebia ao almoço.

— A última ceia? O que quer dizer com isso? Não, não me diga, deixe-me adivinhar. — Arqueou as sobrancelhas, sorrindo-lhe. — Está a pensar onde ir jantar, é isso? Posso recomendar alguns bons restaurantes. Mesmo bons.

— Pode? Pensei que talvez me fosse convidar para ir a sua casa, para poder cozinhar para mim. Ouvi dizer que faz umas almôndegas muito boas.

Kitty franziu o sobrolho. O que queria ele dizer com aquilo?

Almôndegas? O que saberia aquele tipo? Olhou em volta, avistou Sunny e Mac numa mesa... *oh, meu Deus...*

— Sunny — chamou, descendo do banquinho do bar. — Oh, Sunny *querida*, estou tão contente por te ver. Onde estiveste?

Estava prestes a correr para ela quando houve alguma agitação à entrada.

Virou-se para ver. Estavam ali três polícias armados, a olhar para ela. E atrás deles encontrava-se Eddie Johanssen, com aquela mulher Pru e Allie

Ray, que trazia a pequena cadelinha de Sunny.

— Allie, Pru — chamou, ignorando os polícias.

Allie virou a cabeça. A mulher, Pru, que aliás Kitty detestava, recuou para o vestíbulo. Eddie virou-se e seguiu-a.

— Eddie — gritou Kitty.

Mas ele desaparecera. Apanhá-lo-ia depois, iria ao quarto dele, desta vez deitava-lhe a unha. Não havia nenhuma ameaça a que não pudesse recorrer.

Olhou para Sunny, mas esta fitava-a com um olhar frio, um rosto frio. Viu os polícias avançarem para ela, virou-se para Lev.

— O que se passa? — gritou, agarrando-lhe o braço.

— Vêm prendê-la, Kitty — retorquiu, calmo. — É melhor deixá-los atuar, afinal, não queremos armar uma cena, pois não?

Os polícias rodeavam-na; tinham-na encurralado contra o bar; um deles pousou-lhe a mão no braço.

— Kitty Ratte — disse em francês —, está presa por chantagem, tentativa de chantagem, prostituição, manuseamento de drogas e administração de drogas a pessoas desconhecedoras o que, como deve saber, constitui crime.

A almôndega era crime? Kitty soltou um arquejo de riso quando empurrou a mão do seu braço. Olhou para o polícia, olhou para Sunny e Mac, virou-se e fitou os olhos escuros e frios de Lev Orenstein.

— Sacanas — berrou. — Seus sacanas. —E depois começou aos gritos.

Era uma cena incrível, pensou Sunny, horrorizada, vendo Kitty ser levada à força pelos polícias. A mulher ia ter o que merecia. O que, disse Mac, seria uma série de anos atrás das grades.

Abaladas, Allie e Pru regressaram com Eddie.

— Que cabra — comentou Allie, estremecendo.

Pru lançou uma olhadela a Eddie e sorriu. Ambos sabiam que ela tinha uma palavra melhor para Kitty.

Todos se beijaram e abraçaram e *Tesoro* afundou-se no colo de Sunny, depois inclinou-se e deu a Mac uma rápida ferradela na mão.

Era como se nunca tivessem estado separados. A vida estava outra vez normal. Sentados no bar em Monte Carlo, onde tudo começara, beberam o vinho *rosé* para comemorar.

OUVIU-SE DE REPENTE um bater de saltos na entrada e, na expectativa de outro conflito, Sunny virou-se para olhar.

Uma jovem entrou a passos largos.

Era a noiva, a do vestido justo de cetim de seda branco, o cabelo loiro apanhado com um raminho de jasmim e um broche de diamantes em forma de crescente.

Trazia um minúsculo ramo de lírios.

A noiva. As sobrancelhas de Sunny ergueram-se e fez sinal a Allie e Pru. Claro que os homens já tinham reparado nela.

A noiva avançou, com os saltos a bater, até ao bar, içou-se para um banquinho, deixou cair os lírios e pediu: – *Martíni*, s’il vous plaît, monsieur.

O empregado de cabelo grisalho misturou, agitou, serviu, colocou a bebida à frente dela. A noiva emborcou-a de um longo gole.

— Bolas — exclamou Pru, assombrada.

Os olhos do empregado cruzaram-se com os de Sunny. As sobrancelhas dela ergueram-se numa pergunta. Ele sorriu.

Era a primeira vez.

— Pensou duas vezes — explicou.

— Ou até três ou quatro — replicou Sunny.

De súbito, soaram trompetes no vestíbulo; o dedilhar de guitarras; cantoria... mais alto à medida que se aproximavam.

Era um grupo qualificado de *mariachis* mexicanos, do tipo que Sunny conhecia desde criança por causa do seu pai mexicano e do rancho com os cobóis latinos.

A cantar «Guadalajara», os músicos aproximaram-se da noiva, que girou no banco e ficou a olhar para eles de olhos arregalados. Os trompetes estrondeavam como se fossem pintar a manta e a noiva colocou as mãos nos ouvidos, a rir-se.

— Ela está a rir-se — disse Sunny para Allie.

Os *mariachis* abriram alas. Viraram-se para a entrada, os trompetistas fizeram soar o toque de trompetas quando um jovem mexicano apareceu na soleira da porta, tão escuro e de pele tão dourada como a sua noiva era clara.

Parou um instante, depois estendeu os braços, fitando-a do outro lado da sala.

Suplicante.

Toda a gente conteve a respiração quando o jovem começou, com lentidão, a encaminhar-se para ela. Os *mariachis* abriam alas à medida que ele se aproximava.

A noiva continuava sentada, de olhos fixos nele. Estava diante dela agora. Olharam-se nos olhos.

Então ela deslizou do banquinho, alisou o vestido branco e curto, pegou no ramo de lírios e fitou-o.

— Estou pronta agora — declarou com um sorriso radioso.

Os *mariachis* desataram a cantar, o jovem pegou-lhe na mão e desapareceram a rir-se na noite.

— *Oh, meu Deus* — disse Allie. — Viram aquilo?

— Claro que vimos. — Pru descobrira um lenço de papel e estava a enxugar as lágrimas. — Não foi a coisa mais maravilhosa de sempre?

— Devias tê-la visto antes — replicou Sunny, recordando as anteriores visitas da noiva sozinha ao bar.

Mac olhou para ela. Pegou-lhe na mão.

— Proponho que brindemos à noiva e aos finais felizes — disse, apertando a mão da mulher que amava.

E foi isso que fizeram.

UM PAR DE DIAS DEPOIS, Eddie ainda se encontrava em Monte Carlo.

Estava a resolver os problemas com a mulher e ia conseguir a custódia conjunta dos filhos. Sentia o coração mais leve.

Foi de carro até Nice, parou na Promenade des Anglais, debruçou-se na vedação, contemplando a praia de seixos. Estava vazia. Sentiu-se atraído pelo seu isolamento, desceu os degraus e caminhou, esmagando os seixos, até ao mar. Algumas barracas de praia ainda se encontravam abertas, embora a maioria tivesse fechado no final da temporada.

Gostou do vazio. Aclarava-lhe a cabeça.

Parou para ver um jovem cão preto e lustroso a saltar para dentro e fora da água, feliz naquele estado de espírito de pura diversão, gozando o momento. Não tinha coleira e Eddie calculou que se calhar não pertencia a ninguém e que não fazia ideia de onde viria a sua próxima refeição. Naquele momento, porém, o cão não queria saber disso para nada.

Era uma filosofia que Eddie decidiu, de súbito, adotar. Mudaria a sua maneira de ver as coisas. O seu trabalho. O seu mundo. A sua vida. Observando o puro prazer apalhaçado do cão, Eddie percebeu como era vulnerável o seu próprio mundo sobrecarregado, acelerado, esforçado.

Assobiou ao cão. Este ergueu a cabeça, olhou para ele.

— Olá, rapaz — disse Eddie e depois viu que era uma fêmea.

De cabeça baixa, a cadela correu para ele num galope rápido e alegre, deslizando até colidir contra as suas pernas. Eddie soltou uma gargalhada e dobrou-se para abraçar a cadela. O pelo estava molhado e cheio de areia e, de repente, a cadela soltou-se e abanou-se furiosamente, fazendo voar areia e água do mar para cima dele.

— Linda cadela — gritou Eddie e a cadela levantou as patas da frente e dançou à volta dele, a ladrar. Podia jurar que sorria.

Eddie tirou o cinto, a cadela ficou quieta enquanto lho passava em redor do pescoço e depois saltitou animada ao lado dele, de volta à promenade. Levou-a ao veterinário mais próximo.

— Não tem *microchip* — disse o veterinário, examinando-lhe as orelhas.

— Nem coleira. Costelas demasiado proeminentes, nenhuma comida no estômago, posso garantir-lhe. É de certeza uma cadela abandonada.

— Já não — retorquiu Eddie.

Com a cadela de banho tomado, vacinada e alimentada, regressou ao hotel. A cadela cansada deixou-se cair aos pés da cama e ele pegou no telefone.

Na *cottage*, Allie e Ron estavam confinados ao sofá, com as pernas engessadas estendidas, a jogar *gin rummy*, por isso Pru atendeu. Usava as calças de ganga e a camisola castanha, bem como rímel e brilho para os lábios.

Sentia que estava com bom aspeto. Uma nova mulher, de facto. Se ao menos soubesse o que ia fazer a seguir, tudo estaria bem. Futuros vazios eram coisas assustadoras.

Atendeu ao quinto toque.

— Residência dos Perrin — disse.

— Pru?

— Eddie?

— Tenho uma coisa para te dizer — declarou ele.

— Espero que seja boa.

— É boa. É maravilhosa. De facto vou levá-la para te conhecer.

— Uma coisa?

— Uma cadela preta pateta, mesmo como *Lovely*. Não é um *labrador* perfeito, mas tem qualquer coisa dele, algures. Encontrei-a na praia e agora está a dormir na minha cama, aqui no hotel. Posso levá-la para te conhecer amanhã?

Com o coração a bater de alegria como o do cão, Pru tapou o bocal do telefone com a mão e gritou: — Allie, Eddie pode trazer a nova cadela dele amanhã para nos conhecer?

— Claro que pode — gritou Allie em resposta. — Quantos mais melhor.

Lançou uma olhadela a Ron. De sobranceiras erguidas, perguntou-lhe: —

Haverá aqui alguma coisa no ar?

Ron sorriu.

— Poderá haver. Quer dizer, quando um tipo traz o cão para conhecer uma mulher...

bem, que mais poderá significar?

Malibu

TUDO COMEÇARA EM MONTE CARLO.

Ou não fora?, pensou Sunny. Não estaria mais perto da verdade dizer que tudo começara em Malibu, quando deixara o anel de noivado do diamante rosa em forma de coração em cima da almofada de Mac, com um bilhete de adeus? Quando mudara a sua vida e a dele?

Agora estavam de volta, sentados em velhas cadeiras vacilantes no deque da pequena casa de Mac com vista para o Pacífico. *Pirate*, querido amigo, achava-se aos pés de Mac e este tinha um copo de vinho tinto na mão e um sorriso no rosto. *Tesoro* estava agachada em posição de aviso ao lado de Sunny, pronta para atacar se necessário... o que significava se Mac lhe pousasse apenas uma mão em cima, o que aliás Sunny esperava com fervor que ele fizesse.

Recordou-se de Maha a dizer-lhe para aproveitar as oportunidades que a vida oferecia. Talvez não se referisse apenas ao trabalho de passar as jóias. Maha tinha um sexto sentido, sabia coisas, compreendia de uma maneira que o comum dos mortais não alcançava.

Talvez o que na realidade quisesse dizer era que Sunny devia aproveitar o que a vida lhe oferecia agora. Aproveitar Mac, a liberdade dos dois, juntos. Sunny desejou sorte a Maha. Sabia que precisaria dela.

Os acontecimentos das duas últimas semanas pareciam muito distantes deste local pacífico; muito distantes dela e de Mac, cuja mão se esticou de mansinho para agarrar a dela. Sunny sorriu com o rosar de aviso de *Tesoro*. Mac olhava para ela, aqueles profundos olhos azul-escuros que a conheciam tão bem...

Como poderia ter pensado em estar com outro homem, mesmo um tão

compreensivo e atraente como Eddie?

Fora apenas um desses momentos, uma dessas coisas; *timing*, tristeza, solidão... a sensação de que perdera o rumo...

Mac ergueu uma sobancelha, ainda a olhar para ela. Ela sorriu. Ele pousou o copo de vinho na mesa de metal branco estalado, levantou-se e estendeu-lhe as duas mãos.

— Vem comigo — disse, puxando-a.

Deitados na cama, despidos, Mac apertou-a com força, corpo contra corpo. Sunny sentiu o coração dele a bater. E depois beijaram-se, beijos intensos que lhe provocaram ondas de prazer. Com a mão no fundo das costas dela, Mac puxou-a ainda mais para si.

Porque seria tão bom quando ele fazia aquilo? Sentia-se tão possuída, tão parte dele... tão juntos...

Muito mais tarde, repousaram com os corpos peganhentos do suor da sessão de amor consumada, eufóricos de serotonina e adrenalina, extasiados de paixão despendida, zonzos de amor pelos corpos um do outro, belos nos seus pensamentos, nas suas cabeças, olhos presos naquele olhar de mil quilómetros enquanto regressavam da sua viagem tumultuosa juntos.

Uma melodia perpassou pela cabeça de Sunny. Que canção era aquela? «All you need is love»? Pensou que era provavelmente verdade.

Epílogo FERDIE E GIORGIO foram apanhados a tentar passar os diamantes para fora da Índia, em Goa. Foram presos e acusados do assassinato de Rahm Singh e do guarda do portão. Foram também acusados de conspiração no caso dos roubos de jóias, incluindo La Fontaine, de roubo e recetação de artigos roubados.

Seriam julgados em Bombaim.

KITTY RATTE foi também julgada, bem com o seu coconspirador, Jimmy Franklyn. Kitty era uma verdadeira psicopata, sem nenhuma preocupação pela devastação que provocava na vida das pessoas. Para ela, a chantagem fora fácil. Não era o ódio pelos homens que instigava Kitty; era o ódio pelas mulheres; mulheres que ofereciam mais do que ela. Mais do que alguma vez poderia. *Verdadeiras* mulheres.

Jimmy e ela foram considerados culpados de chantagem e outras seis acusações de extorsão, prostituição, venda de drogas e administração de drogas a terceiros, o que constituía crime. Kitty foi encarcerada por muitos

anos. Jimmy ligeiramente menos.

MAHA MONDRAGON desapareceu nos populosos bairros de lata de Bombaim, uma mulher inteligente que jogara as cartas erradas. Há sempre um preço a pagar pelo que queremos ser e temos de estar dispostos a pagá-lo. Maha não era uma mulher má; era uma mulher guiada pelas circunstâncias e vencida pela pobreza.

Mac tinha a certeza de que um dia reapareceria, sem dúvida com um aspeto diferente e num negócio diferente. Mas, por agora, estava perdida para o mundo de que tanto desejara fazer parte.

EDDIE E PRU compraram uma casa nos montes da Provença, onde Eddie passa agora a maior parte do seu tempo. O

negócio pode prosseguir sem ele. Está a gozar a vida, a gozar as visitas dos filhos. E, sobretudo, está a apreciar a companhia de uma mulher que, por um estranho capricho do destino, teve a sorte de conhecer. Chamaram *Goofy* à cadela. Ela parece gostar do nome.

A PERNA PARTIDA DE ALLIE curou-se mais depressa do que a de Ron, mas este afirma que isso fora porque andou a viajar pelo globo enquanto ela ficava sentadinha a beber o vinho tinto dos dois. Que, a propósito, já não está tão mau. Será melhor no ano que vem, no entanto, diz Allie, ainda à espera da aprovação daquela *Appellation d'Origine Contrôlée*. Ron não liga nenhuma; gosta do vinho assim.

SUNNY está outra vez a usar o seu anel de noivado com o diamante rosa. Jura que nunca o tira, exceto para lavar as mãos, o que quase redundou em desgraça quando o removeu na casa de banho das senhoras no restaurante Nobu em Malibu e se esqueceu dele. Só se recordou minutos depois, de volta à mesa, quando Mac perguntou: — Sunny, onde está o anel?

Voou para a casa de banho, mesmo a tempo de ver uma mulher pegar nele e admirá-lo.

— É meu — clamou Sunny, enfiando-o outra vez com força no dedo da mão esquerda.

— Sorte a sua — retorquiu a mulher, rindo-se dela.

Pirate está a tolerar *Tesoro* e Mac também. A vida na pequena casa de

madeira na costa de Malibu continua como sempre foi, com Mac absorvido com os seus casos, os seus assassinatos, as suas pessoas necessitadas e Sunny a cuidar do seu negócio de relações públicas. A mobília não melhorou; o sofá cheio de pelos de cão ainda lá está e, jura Mac, é ainda o sofá mais confortável de sempre. *Pirate* também acha. *Tesoro* prefere colos.

A churrasqueira é destapada na maior parte dos fins de semana e a neblina marítima aparece sempre mesmo quando estão prestes a sentar-se para comer. A velha camisola de caxemira de Mac dá jeito e, contemplando Sunny a usá-la sem mais nada, Mac pensa que é a mulher mais bela do mundo.

E talvez tenha razão.

Agradecimentos AGRADEÇO, COMO SEMPRE, À MINHA DEDICADA EQUIPA da St. Martin's, em especial Sally Richardson e, claro, à minha editora, Jen Enderlin, que é simplesmente a melhor. E à minha adorável agente, Anne Sibbald e à maravilhosa equipa do Janklow & Nesbit Associates. E, claro, às minhas amigas que estão sempre disponíveis quando preciso delas e que me fazem rir. Por ordem estritamente alfabética: Lynn Blackwell, Fran-cisca Bowyer, Sandi Phillips e Priscilla Rendino. Por alguma razão somos todas loiras!

FIM